UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA

Petrus Albino de Oliveira

UMA RAÇA ENTRE NAÇÕES

projetos políticos de Alexander Crummell (1853-1897)

Belo Horizonte
2024

Petrus Albino de Oliveira

UMA RAÇA ENTRE NAÇÕES
projetos políticos de Alexander Crummell (1853-1897)

Versão Final

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em História, na Linha de Pesquisa de História Social da Cultura do Programa de Pós-Graduação em História Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Alexandre Almeida Marcussi

Belo Horizonte

2024

907.2
O48r
2024

Oliveira, Petrus Albino de.

Uma raça entre nações [manuscrito] : projetos políticos de Alexander Crummell (1853-1897) / Petrus Albino de Oliveira. - 2024.

225 f.

Orientador: Alexandre Almeida Marcussi.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.História – Teses. 2. Colonias - Teses. 3. Crummell, Alexander, 1819-1898. 4.Raça - Teses. I. Marcussi, Alexandre Almeida. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Uma raça entre nações: projetos políticos de Alexander Crummell (1853-1897)"

Petrus Albino de Oliveira

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Alexandre Almeida Marcussi - Orientador
UFMG

Profa. Dra. Mônica Lima e Souza
UFRJ

Profa. Dra. Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez
USP

Belo Horizonte, 05 de março de 2024.

Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Almeida Marcussi**, **Usuário Externo**, em 06/03/2024, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Monica Lima e Souza**, **Usuário Externo**, em 28/03/2024, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez**, **Usuário Externo**, em 09/04/2024, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2992761** e o código CRC **1A9A7A5D**.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado no período de pouco mais de dois anos, de outubro de 2021 até início de 2024, sob as dificuldades do isolamento ocasionado pela pandemia de COVID-19 e da solidão ainda maior de ser pesquisador e historiador no Brasil diante dos ataques sistêmicos à produção científica nacional. Tendo isso em vista, os leitores futuros deste trabalho devem saber que esta pesquisa somente foi possível pelo acolhimento e pela atenção de todos os mencionados aqui. Portanto, espero ter sido tão cuidadoso ao citá-los quanto eles foram nos cuidados e na paciência comigo ao longo desse tempo.

Primeiramente, agradeço às instituições responsáveis pelo suporte na execução deste trabalho. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agradeço por me financiarem como bolsista nestes longos dois anos, aspecto primordial para toda e qualquer pesquisa. Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais, cujo deslumbre em conhecer seu Campus em 2017, quando era apenas um calouro de graduação em História, jamais sairá da lembrança. Espero, nos meus próximos anos profissionais, levar não apenas essas memórias da instituição, mas sua excelência e qualidade ímpares. Agradeço, finalmente, ao departamento de História da UFMG e ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, por me auxiliarem e guiarem em momentos críticos destes últimos anos, seja como graduando, seja como pós-graduando, bem como por deixarem mais leve as questões mais burocráticas e delicadas da vida acadêmica.

Em segundo lugar, gostaria de jogar uma lupa nesse grande corpo-institucional e agradecer com mais detalhes pessoas e grupos de pessoas fundamentais em todo o processo do mestrado (algumas delas poderiam estar mais abaixo também, na parte em que agradeço amigos queridos). Dessa forma, agradeço aos profissionais dos setores técnicos administrativos de toda a UFMG, os quais diariamente gerem os pormenores e as engrenagens dessa colossal e quase centenária instituição. Agradeço aos professores do departamento de História da UFMG pelas aulas, pelos conselhos e pelos incentivos em minha produção acadêmica. Em especial, um muito obrigado ao Prof. Dr. Eduardo França Paiva e sua paciência ao falar acerca do fazer histórico para um aluno do primeiro período de graduação, em minha primeira experiência de iniciação científica. Também em especial, agradeço à Profª Dr.ª Mariana de Moraes Silveira pelo acolhimento no Grupo de Estudos em História Intelectual e História da Historiografia e pelo convite para ser membro da equipe técnica da revista *Varia Historia*, ambas experiências valiosas em meu crescimento acadêmico – inclusive, em razão do segundo, por ter me obrigado a aprofundar nas centenas de milhares de regras da ABNT. Finalmente, agradeço ao colega

Prof. Dr. Pedro Henrique Barbosa Montandon de Araújo e sua disposição para guiar alunos de graduação em um grupo de estudos sobre clássicos da História Moderna. Agradeço a meu amigo Prof. Dr. Felipe Silveira de Oliveira Malacco, o qual, além do companheirismo desde o primeiro ano de graduação, decidiu em um dia pandêmico me ajudar na criação do projeto que rendeu este trabalho. Meus sinceros agradecimentos aos meus colegas de mestrado e às boas risadas que me proporcionaram nos intervalos das aulas da Pós-Graduação, em especial Yassen, Ana, Roberta, Ygor e Gabriela. Por fim, agradeço a meu amigo e xará Petros, que além de compartilhar o nome, foi um bom companheiro de boas histórias pelos bares de Belo Horizonte. Espero, algum dia destes próximos anos, fazer o mesmo, mas em sua terra natal, Recife.

Em relação à avaliação da qualidade deste trabalho, agradeço à minha banca de qualificação, seus conselhos, e principalmemte, suas críticas e seus apontamentos à minha pesquisa. Desde já, agradeço à Prof. Drª. Leila Maria Gonçalves Leite Hernandes, que além de ter sido parte da banca de qualificação, aceitou também o convite para a defesa final deste trabalho. Por fim, também agradeço à Prof. Drª. Monica Lima e Souza por ter aceitado o convite para a defesa e o desafio de ler o texto pela primeira vez apenas nesta etapa final da defesa.

Abro um parágrafo especial para agradecer à orientação do Prof. Dr. Alexandre Almeida Marcussi. Agradeço, claro, por sua minuciosa análise deste trabalho, em busca de sanar seus defeitos e suas lacunas. Agradeço por ter escutado atenciosamente, em seu gabinete na FAFICH, minhas falas rápidas e algumas vezes desconexas sobre as pesquisas e as ansiedades do mestrado. Agradeço por ter nos guiado em leituras difíceis e enigmáticas no Grupo de Estudos Africanos e Pós-Coloniais e por ter me convidado para fazer parte da equipe do também desafiador e acolhedor Grupo de Pesquisas Itinerâncias, da USP. Além disso, agradeço pela optativa sobre Frantz Fanon, que modificou para sempre minha trajetória acadêmica. E, por fim, agradeço por ter mostrado que é possível a ética, a erudição e o conhecimento acadêmico conviverem juntos em sala de aula.

Em relação aos meus amigos e às minhas amigas, foi difícil pensar uma divisão de como distribuí-los neste texto, mas espero que eles saibam que eu dedicaria a cada um muito mais linhas do que fiz aqui. Agradeço, assim, à companhia pelos corredores da FAFICH de Sady, Lucas, Thaís, Gabriel, Duda, Rossi, Adriel, Sara e Samuel. Também companheiros e amigos de FAFICH e críticos deste trabalho, agradeço a Roberth por ter me cedido um tempo de seus talentos para ler a qualificação e também a Eduardo, que é meu amigo desde muito antes da história e sempre foi um leitor atento das minhas poucas aventuras literárias. Agradeço também a meus amigos de outros departamentos e de outros tempos, como Vitor, Luís e Ícaro (Manaus), principalmente por sua paciência com meus sumiços e minhas ausências nestes tempos de

escrita. Agradeço à minha amiga Paula, por dividir comigo o amor pelo trabalho de pesquisa e, claro, dividir também as angústias e as incertezas que esta atividade pode trazer. Por fim, agradeço minha prima Gabriela e seu entusiasmo com minha trajetória (muito maior do que o meu, em certos momentos) e agradeço ao meu amigo Filipe e por ser inabalavelmente meu amigo nestes longos anos, mesmo com as interferências da distância e do tempo.

Ao fim e ao cabo, como esta dissertação pretende falar de ideias, gostaria de deixar o parágrafo final para aquelas pessoas que, até aqui, me apoiaram incondicionalmente em todas as que busquei e inventei. Agradeço então ao meu pai (poeta e escritor), que desde sempre me lembrou do poder das ideias; à minha mãe (professora), que me inspirou nas melhores ideias que tive e à minha irmã (estudante de letras), que sempre compartilhou comigo as boas e as más (mas ainda tão boas quanto) ideias da vida. E, claro, agradeço ao amor da minha vida, Mariana Loures Morais, a qual poderia estar em outros parágrafos deste texto como amiga e talentosa historiadora, mas que felizmente decidiu, ao longo desse processo de mestrado, construir comigo uma ideia de futuro.

"Há frases assim felizes. Nascem modestamente, como a gente pobre; quando menos pensam, estão governando o mundo, à semelhança das idéias. As próprias idéias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas".

(Machado de Assis,
Esaú e Jacob)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é analisar os modos como Alexander Crummell (1819 – 1898) mobilizou conceitos e palavras para legitimar dois projetos políticos entre 1853 a 1897, especificamente a colonização da Libéria e a reconstrução e integração negra nos EUA no pós-Guerra Civil. Ao longo desse período, o vocabulário de Crummell foi exposto em livros, artigos e sermões, os quais utilizamos para percorrer termos como "raça", "nação", "civilização", "futuro", "passado" e em vista de demonstrar as formas como o autor e pastor buscou interpretar a experiência negra na modernidade. Nesse sentido, mostraremos como Crummell utilizou um léxico semelhante na defesa de ambos os projetos, mas que teve implicações e conteúdos distintos de acordo com os interesses, as instituições e os agentes envolvidos. Ademais, nosso intuito é demonstrar a tensão, as incoerências e as ambiguidades de suas palavras nos textos liberianos e estadunidenses, demonstrando as contradições que percorreram e permearam a construção lexical de suas ideias e seus projetos. Portanto, ao dialogar com uma historiografia que deu ênfase para cada momento específico de sua trajetória – ou a Libéria ou os EUA -, pretendemos metodologicamente unir esses territórios em nossa narrativa e demonstrar que Crummell esteve cindido entre esses dois continentes e essas duas nações, mas que guardaram, em seus escritos e discursos, um destino e futuro comum a um "povo" e a uma "raça".

Palavras-Chave: Colonização liberiana, Reconstrução dos EUA, Alexander Crummell, Raça, Nação, Civilização.

Abstract:

The aim of this work is to analyze how Alexander Crummell (1819 – 1898) mobilized concepts and words to legitimize two political projects between 1853 and 1897, specifically the colonization of Liberia and the reconstruction and integration of Black people in the USA post-Civil War. Throughout this period, Crummell's vocabulary was exposed in books, articles, and sermons, which we use to explore terms such as “race”, “nation”, “civilization”, “future”, “past”, aiming to demonstrate the ways in which the author and pastor sought to interpret the Black experience in modernity. In this sense, we will show how Crummell used a similar lexicon in advocating for both projects, but with implications and distinct contents according to the interests, institutions, and agents involved. Furthermore, our intention is to demonstrate the tension, inconsistencies, and ambiguities of his words in Liberian and American texts, highlighting the contradictions that pervaded the lexical construction of his ideas and projects. Therefore, by engaging with a historiography that emphasized each specific moment of his trajectory – either Liberia or the USA – we methodologically aim to unite these territories in our narrative and demonstrate that Crummell was torn between these two continents and nations, yet his writings and speeches harbored a common destiny and future for a “people” and a “race”.

Keywords: Liberian colonization, US Reconstruction, Alexander Crummell, Race, Nation, Civilization.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Libéria, 1850. Map Draw by the Cartogrophic Unit, University of Unit 44

Figura 2: Libéria – território anexado pelos américo-liberianos, 1822–1874..... 60

Figura 3 - Divisão política dos Estados Unidos ao longo da Guerra Civil (1861 – 1865) 130

TABELAS

Tabela 1 - – Amostragem dos textos de *The Greatness of Christ* 119

Tabela 2 - Amostragem dos textos de *Africa and America*..... 145

Sumário

Introdução 13
Capítulo 1 – Libéria 39
1.1. Primeiros Passos (1853 – 1860) 40
1.1.1. Uma jovem nação 41
1.1.2. A raça humana, uma nação divina 52
1.2. Conexões (1861 – 1863) 63
1.2.1. O passado da raça 65
1.2.2. Do centro à circunferência 79
1.3. Verdades da colonização (1863 – 1872) 93
Quadro I – Mapa semântico de termos das seções e subseções do capítulo 1 109
Capítulo 2 – EUA 114
2.1. Novos Passos (1872 – 1882) 115
2.1.1. O tempo de Cristo 117
2.1.2. O tempo da raça 128
2.2. – Reconstruções (1882 – 1891) 144
2.2.1. A nação condenada 146
2.2.2. O futuro da raça 163
2.3. Trabalhos da civilização (1891 – 1897) 190
Quadro II – Mapa semântico de termos das seções e subseções do capítulo 2 209
Conclusão – Resumos, Realizações e Retornos 213
Referências 219
Anexos 227

Introdução

Apresentação: *Ideias, sonhos e projetos*

"Toda ideia ou sistema ideológico existe em algum lugar, mistura-se a circunstâncias históricas, faz parte daquilo que se pode chamar simplesmente de realidade".[1] A citação anterior, de Edward Said, é como um pequeno aforismo deste trabalho, que pretende em sua essência se preocupar com as ideias, mas as ideias que conformam, se misturam e se tornam tão imbricadas no mundo concreto, que podemos "simplesmente chamar de realidade". Dessa forma, nossa dissertação entende que as palavras e as ideias não simples abstrações, mas aquilo que Marx e Engels nos mostraram em sua crítica aos filósofos que, superficialmente, opunham as ideias ao mundo material e concreto.[2] Para os autores e para esta dissertação, essa oposição nunca existiu, já que as ideias estariam junto à materialidade do mundo, dialeticamente construindo e formando a realidade. Em termos mais metafóricos e literários, foi o que também mostrou Ursula K. Le Guin, em um de seus brilhantes livros, *A curva do sonho*, de 1971.[3] Em suas páginas, o personagem principal, George Orr, busca tratamento psiquiátrico por uma condição física bem peculiar: alguns de seus sonhos não permaneciam no mundo onírico e, sim, transformavam a realidade à sua volta. O mundo, descobrimos, não seria dado, mas era feito de pessoas que o definiram e pensaram, de ideias, de sonhos.

Esta dissertação pretende, nesse sentido, investigar as palavras, as ideias e os conceitos mobilizados pelo pastor, missionário, teólogo e intelectual Alexander Crummell (1819 – 1898), particularmente em dois momentos distintos de sua trajetória: o projeto de colonização liberiana e o de reconstrução estadunidense, entre 1853 a 1897. Inicialmente nos guiaríamos apenas pelos conceitos de "raça" e "nação" em seus escritos, mas com o processo de finalização do trabalho, verificamos que as fontes nos traziam outros termos e demonstravam que nossa preocupação estava menos em termos específicos do autor e mais em como o seu léxico assumia distintas concepções de acordo com os projetos políticos do pastor. Dito de outra forma, "raça" e "nação" continuam palavras centrais de nosso trabalho, mas articuladas a outras também relevantes,

---

[1] SAID, Edward. *A questão da Palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 63.
[2] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2017.
[3] Ursula K. Le Guin. *A curva do sonho*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

como “civilização”, “escravidão”, “futuro”, “passado”, entre outros. Ao fim, o que pretendemos analisar é o modo como Crummell articulou seus conceitos segundo seus projetos e a maneira como a realidade foi entendida segundo os interesses envolvidos no processo colonial liberiano ou na reconstrução e integração das populações negras nos EUA. Assim, se as ideias existem e se assentam em algum lugar, como afirmou Said, veremos que Crummell se dividiu entre dois locais, duas realidades e não somente em sua trajetória de vida, mas também no modo como, posteriormente, a interpretaram na historiografia.

A historiografia

Parte 1 – A integração

“O problema do século XX é o problema da linha de cor”, assim iniciou e finalizou um de seus ensaios W. E. B. Du Bois,[4] cuja obra destrinchou, no início do século XX, os conflitos históricos, sociais e espirituais que aprisionaram o negro estadunidense em um estado desfigurado e cindido no território norte-americano. Esse estado foi intitulado pelo autor de dupla consciência, isto é, ser negro e ser um cidadão dos Estado Unidos, ao final, manifestava-se como algo supostamente inconciliável. Por essa razão, esse era um estado de duplicidade constitutivo não apenas da subjetividade e psique afro-americana, mas da formação histórica e social do país. “A história do negro-norte americano é a história desse conflito - desse desejo de tomar consciência de si mesmo como homem, de fundir esse duplo eu em um único indivíduo, melhor e mais verdadeiro”.[5]

No entanto, encerrar esses conflitos e retomar a consciência era uma tarefa terrível e dolorosa nos EUA, diariamente impedida pelas instituições, práticas e sutilezas cotidianas que renovavam o “véu” do racismo norte-americano e que separava as trajetórias de brancos e negros do país e do mundo. Du Bois sabia disso, tanto que buscou nas memórias de uma brincadeira de criança, entre as “colinas da Nova Inglaterra, onde as águas escuras do Housatonic fazem seu percurso sinuoso”, o momento primário em que se entendeu diferente dos demais. Em um pequeno instante, na troca inocente de selos e cartões entre um grupo de crianças, a sombra do “véu” o cobriu, materializado nos gestos de recusa e no olhar de uma menina branca, alta e esguia. Ao fim, uma garota semelhante a Du Bois “em termos de coração

[4] DU BOIS, W. E. B. *As Almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021, p. 35; p. 59.
[5] *Ibid.*, p. 23.

e de força vital e de aspirações", mas distante, longe e apartada dele por colinas tão altas quanto a da Nova Inglaterra, no qual se escondia o problema do racismo.[6]

As Almas da Gente Negra,[7] obra em que essas reflexões se encontram, foi publicada pela primeira vez em 1903 e procurou então desvencilhar-se dessas altas montanhas de "sombras errantes", rasgar o "véu" do racismo e reconciliar no mesmo país "duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis".[8] Essa forma de integração e reconciliação do negro na sociedade norte-americana de Du Bois era uma solução que se confrontava com outras duas respostas ao problema do racismo estadunidense, bem mais hegemônicas e difundidas no debate público do país. Por um lado, o "nacionalismo negro" e a emigração das populações negras americanas em direção a um território separado e autônomo, em algum outro paraíso terreno do Atlântico e bem afastado das violências e das misérias estadunidenses. Por outro, os princípios de Booker T. Washington[9] e as possibilidades de integração apenas marginal das populações negras. Para Washington, os cidadãos negros devereriam se integrar, mas como força de trabalho e mão de obra barata. Além disso, deveriam se abdicar de suas pretensões políticas e civis, se preocupando apenas com uma ascenção econômica e social por meio da inserção no mercado de trabalho. Ao final, como contraposição a ambas as posições, Du Bois defendeu como solução ao racismo uma integração plena das populações negras no território estadunidense e que priorizasse não apenas aspectos econômicos e materiais, mas também culturais e civilizacionais de seus membros. Por conseguinte, é justamente em razão desse argumento que o personagem principal de nosso trabalho insurge nos escritos de Du Bois: Alexander Crummell.

Escritor, teólogo, pastor e missionário, Crummell era filho de Boston e Sarah Crummell e nascido em 3 de março de 1819, em Nova York — a exata cidade onde, oitenta nove anos depois, em 10 de setembro de 1898, foi enterrado. Ligada justamente a sua morte, segue-se a razão para iniciarmos nossa discussão historiográfica com a obra de Du Bois, pois é em *As Almas da Gente Negra* que aparece um dos primeiros registros historiográficos e memorialísticos acerca do pastor. Na realidade, Du Bois inaugurou uma linha interpretativa

---

[6] *Ibid.*, p. 21.

[7] Optamos por traduzir o termo "folks" para "Gente" e não "Povo", pois o próprio Du Bois utilizou o termo "folks" e não "people", em vista de demonstrar sua desvinculação às propostas nacionalistas negras do período e, no contexto linguístico e histórico em que o autor escrevia, "people" carregava fortemente esse significado.

[8] *Ibid.*, p. 23.

[9] Booker T. Washington (1856-1915) foi um líder e educador afro-americano de enorme influência nos EUA, principalmente na virada do século XIX ao XX. Du Bois criticava Washington sobretudo pelas concepções deste último de que as populações negras não deveriam se preocupar com assuntos políticos ou civis, e sim, apenas com seu desenvolvimento e progresso material, por meio do trabalho e negócios. Washington retorna em nosso trabalho na seção 2.3.

acerca de Crummell que seria dominante até pelo menos os anos cinquenta. Uma interpretação que, ao final, teve como núcleo um contraponto aos ideais materialistas de Booker T. Washington e da sociedade estadunidense daquela virada de século. Desse modo, Du Bois priorizou no décimo primeiro capítulo de sua obra os últimos anos de Crummell nos EUA. De acordo com o autor, se todo sujeito deveria um dia responder à pergunta fundamental da existência, "'Em Nome de Deus, para que estou nesta terra?'', a resposta de Crummell teria sido dada somente nos últimos anos de sua vida na América. Assim, o teólogo passou a lutar pelos desfavorecidos em seu país, "inspirando os jovens, repreendendo os velhos, ajudando os fracos, orientando os fortes" para combater as armadilhas do véu. Crummell seria então um verdadeiro ícone, um sábio contra a ganância e contra o materialismo da América que, naquele período, seria um território dominado por homens como Booker T Washington e de olhos voltados unicamente aos "pomos de ouro de Atalanta".[10]

Anos depois, William H. Ferris[11] deu tom semelhante à figura de Crummell. Primeiramente, sintetizou em pouco menos de uma página a vida do pastor: a formação clássica e religiosa no *Oneida Institute*, de Nova York; o ingresso já na juventude entre os episcopais; a ida, a estadia e os discursos na Inglaterra entre 1848 e 1853; sua vida como missionário na Libéria por quase vinte anos e seu retorno definitivo, em 1872, no qual atuou por quase dois anos como pároco da Igreja de São Filipe,[12] em Nova York, e por vinte e três anos como pároco da Igreja de São Lucas em Washington, D. C.. As semelhanças entre Du Bois e Ferris, porém, estão menos nessa apresentação e mais no significado que a vida de Crummell assumiu para ambos: um defensor singular da emancipação e integração da "raça negra" nos EUA, por meio da educação, cristianização e civilidade. Dessa forma, enquanto Du Bois não se voltou aos planos e projetos do autor, Ferris destacou uma ação, considerada como o auge da carreira do pastor: a criação e o estabelecimento da *American Negro Academy* (ANA), em 1897, "uma organização composta por estudiosos negros, cujos membros deveriam ser limitados a quarenta

[10]Os pomos de ouro de Atalanta aparecem em outro capítulo do livro de Du Bois, denominado "Sobre as asas de Atalanta", no qual o autor explora o mito de Atalanta, "virgem cuja cobiça pelo ouro levou à profanação do templo do Amor", como metáfora para a busca desenfreada pela riqueza e poder da sociedade norte-americana. A escolha da história, aliás, é intencional pelo autor, pois remete ao nome da cidade de Atlanta, capital do Estado da Geórgia, um dos símbolos de prosperidade do período e foco das descrições do capítulo. Du Bois, 2021, *op. cit*., p. 101-115.

[11] FERRIS, William H. Alexander Crummell: *An Apostle of Negro Culture*. Washington: The Academy, 1920.

[12] Seguimos a interpretação de Moses de que, provavelmente, o teólogo não atuou na paróquia por dois anos, mas sim, fez apenas algumas aparições na igreja de São Felipe. C.f. MOSES, W. J.. *Alexander Crummell*: A Study of Civilization and Discontent. Amherst: University of Massachusetts Press, 1989, p. 196.

e cujo objetivo deveria ser promover a erudição e a cultura na raça negra e encorajar o gênio negro em ascensão".[13]

Segundo Ferris, essa reivindicação perdurava nos anos 1920 já que, embora os cidadãos negros americanos tivessem lutado em trincheiras ao lado dos compatriotas brancos — a Primeira Guerra Mundial (1915-1918) —, continuavam confinados a um cenário de constante retirada de direitos e a um projeto de integração submisso como força de trabalho ao mercado estadunidense - menção a Booker T. Washington. A criação e perpetuidade da *American Negro Academy*, nesse sentido, configurava-se como um embate contra essa posição subserviente e uma reivindicação dos direitos iguais entre homens brancos e negros na sociedade estadunidense. Além disso, essa entidade era também o símbolo da procura por uma educação que mergulhasse as populações negras estadunidenses "na literatura, história, filosofia, psicologia, sociologia, ciências, antropologia e etnologia"[14]. Uma educação necessária, em suma, para mantê-las junto da "tendência da ciência moderna e [d]as tendências do pensamento moderno".[15] Nesses tempos, indicava o autor, o tratamento a uma "raça" dependia da consideração da humanidade por ela e essa estima era determinada pelo estado civilizacional de seus indivíduos. A instituição e Crummell, logo, cumpriram e cumpriam um papel fundamental na história negra estadunidense: criar e difundir "pilotos perspicazes, guias sábios",[16] cujas habilidades pudessem "aproveitar e utilizar as oportunidades cívicas, políticas, econômicas e industriais".[17] Ferris, nesse sentido, era um desses guias e pilotos, ainda mais ao lembrar do legado de Crummell no interior da própria instituição que este criara. Isso porque seu texto, eloquentemente intitulado *Alexander Crummell: An Apostle of Negro Culture*, fora um dos vinte dois *ocassional papers*[18] publicados pela entidade entre 1897 a 1924, os quais eram, em suma, textos e produções de "assuntos relacionados à cultura, à história, à religião, aos direitos civis e sociais e às instituições dos negros americanos".[19] Portanto, a imagem e a representação acerca da vida e das ideias de Crummell em inícios do século XX era de um

---

[13] FERRIS, *op. cit.*, p. 9. Trad. livre do autor: "an organization composed of Negro scholars, whose membership should be limited to forty and whose purpose should be to foster scholarship and culture in the Negro race and encourage budding Negro genius".
[14] *Ibid.*, p. 13. Trad. livre do autor: "literature, history, philosophy, psychology, sociology, sciences, anthropology and ethnology".
[15] Trad. livre do autor: "trend of modern science and the tendencies of modern thought".
[16] *Ibid.*, p. 14. Trad. livre do autor: "far-sighted pilots, wise guides".
[17] *Ibid.*, p. 14. Trad. livre do autor: "seize and utilize the civic, political, economic and industrial opportunities".
[18] *Occasional papers* são textos em formatos de ensaios ou relatórios que pretendem contribuir para determinado tema ou debate. Preferimos deixar o termo em inglês, pois acreditamos que não haja uma correspondência próxima dessa tipologia textual no Brasil.
[19] MOSS, Alfred A.. *The American Negro Academy*: Voice of Talented Tenth. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1981, p. 2. Trad. livre do autor: "subjects related to the culture, history, religion, civil and social rights, and the social institutions of black Americans".

homem de propósitos idealistas e preocupado com a integração plena das populações negras na nação estadunidense. Essa linha interpretativa, porém, sofreria certas alterações na segunda metade do século XX e a figura de Crummell seria revisitada e reelaborada em meio aos longos debates do nacionalismo negro estadunidense.

Parte 2 – O nacionalismo negro

Existe um fator principal que explica esse outro modo de representar a trajetória e as ideias de Alexander Crummell, a partir da segunda metade do século XX: a recuperação mais sistemática da atuação missionária, educacional e política de Crummell na Libéria, entre 1853 a 1872, época em que o autor se engajou no processo de colonização e evangelização negra do território africano. Esse processo, aliás, era um dos tantos que ocorriam no Atlântico no período e vale a pena dar um breve panorama histórico geral desses eventos, antes de adentrar propriamente em Crummell.

No discurso britânico, o assentamento e a criação de um Estado negro no continente africano eram entendidos, já desde o final do século XVIII, como uma maneira de dar aos negros a chance de uma vida autônoma e uma forma de civilizar os territórios africanos. Nesse cenário, esses projetos tiveram apoio não somente das elites brancas inglesas, mas de parte da comunidade negra ligada ao país.[20] Como exemplo temos o abolicionista nigeriano Olaudah Equiano (1746 – 1797), que durante seu período de atuação na Inglaterra, publicara sua autobiografia, *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African* (1789), pelo qual incentivava os negros em diáspora, principalmente os negros anglo-saxões, a evangelizarem e civilizarem o continente africano.[21] Assim, já podemos ver na Inglaterra um dos primeiros locais em que o discurso civilizacional do continente africano foi acompanhado pela construção de um Estado exclusivo à "raça negra".

Nesse cenário, antes mesmo da publicação do livro de Equiano, um dos mais antigos reassentamentos negros foi iniciado pelo patrocínio dos britânicos, o assentamento de Serra Leoa. Dessarte, em 1787, "449 passageiros, 344 negros londrinos, 115 esposas brancas e artesãos diversos" aportaram na costa ocidental africana e começaram a povoar uma região que

[20] HOFBAUER, A. Dos retornos à África Ocidental: semelhanças e diferenças. Afro-Ásia, Salvador, n. 67, p. 174-246, 2023.
[21] *Ibid.*, p. 179.

mais tarde teria fronteira ao sul com o Estado liberiano.[22] Nesse cenário, o governo britânico assumiu a administração da Serra Leoa e dentre seus objetivos estava o de, primeiramente, estabelecer comércio e negócios com os grupos nativos africanos. Em segundo lugar, também receber expatriados negros de outros lugares do mundo, como os mais de mil negros estadunidenses que lutaram na Guerra de Independência dos Estados Unidos (1776) ao lado dos ingleses. Ademais, assentar a população de africanos escravizados e libertados pela apreensão de navios negreiros no Atlântico, em contexto da promulgação das primeiras leis abolicionistas na Inglaterra até meados do século XIX.[23] Em síntese, objetivos que demonstravam a cumplicidade e conexão entre o abolicionismo e a expansão colonial britânica, bem como entre as ideias racialistas e os projetos de liberdade e autonomia das populações negras do período.

Já no Brasil, a tese de Monica Lima e Souza, por exemplo, demonstrou o grande fluxo de libertos africanos e crioulos que migraram entre 1830 e 1870 para o continente africano saindo dos portos do Rio de Janeiro e Salvador.[24] A maioria desses movimentos, porém, teve como destino a chamada Costa da África, região ao sul da Serra Leoa e localizada em uma área que se estendia desde Gana, a Costa dos Escravos, até o Golfo do Benin.[25] Ademais, houve também reassentamento para regiões de Angola, como na cidade Luanda e no porto de Cabinda, na África Centro-Ocidental.[26] Entre as justificativas dos projetos brasileiros, estava o entendimento de que o fim da escravidão teria que ser acompanhado pela deportação dos negros, que poderiam ser uma ameaça à estabilidade do Brasil — como evidenciara a Revolta dos Malês em 1835[27] e outras agitações políticas negras do período, caso da formação de quilombos na periferia do Rio de Janeiro.[28] Dentre os porta-vozes desse receio, estava Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui, cientista e diretor do Museu Nacional em meados do século XIX, que defendeu o processo de abolição, mas desde que seguido por um projeto de deportação dos brasileiros negros à África.[29] No entanto, assim como no caso britânico, esse deslocamento teve apoio e adesão de membros da comunidade negra brasileira, como mostra a petição de negros congo moradores do Rio de Janeiro, em 1851. No documento, os negros pediam ajuda ao governo inglês para seu projeto e também justificavam seus planos como uma missão

[22] SOUZA, Tainá Elis Santos. *Redenção da África; a libertação e elevação da raça africana*: Os primeiros discursos de Edward W. Blyden e o estabelecimento da Libéria (1856 - 1871). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2020.
[23] *Ibid*., p. 19-20.
[24] LIMA E SOUZA, Mônica. *Entre margens*: o retorno à África de libertos no Brasil, 1830-1870. 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2008.
[25] *Ibid.*, p. 36.
[26] *Ibid.*, p. 26.
[27] HOFBAUER, *op. cit.*, p. 206.
[28] LIMA E SOUZA, *op. cit.*, p. 23.
[29] *Ibid.*, p. 206.

civilizatória no continente africano.[30] Ao final, as estimativas são que, ao longo dos oitocentos, cerca de oito mil migraram do Brasil e se fixaram em algum ponto da África Ocidental.[31]

Por fim, no cenário estadunidense, Sherwood[32] afirma identificar já em inícios do século XVIII a existência de discussões sobre a expulsão e emigração negra para outros lugares fora do país. Foram intervenções esporádicas, entretanto, pois a questão tomou de fato a cena pública estadunidense em períodos próximos da independência do país, em 1776, anos em que houve o fortalecimento do debate acerca da abolição ou manutenção da escravatura. Figuras ilustres como Thomas Jefferson,[33] mas também reverendos, missionários, intelectuais, senhores de escravos e abolicionistas americanos, na virada entre os séculos, apresentaram argumentações favoráveis à migração e ao realojamento das populações negras livres e libertas em outras regiões do Caribe ou de África.[34] Muitas dessas iniciativas, ao final, foram apoiadas por parte da comunidade negra estadunidense e é nesse ponto que podemos encontrar a figura de Alexander Crummell, que de 1853 até 1872, legitimou e defendeu o projeto colonial estadunidense na Libéria.[35] Ao fim, um projeto de quase duas décadas do pastor, mas que teve ou pouca atenção nos escritos de Ferris ou até mesmo foi definido, por Du Bois, como um momento em que Crummell esteve perdido, isolado "nos insalubres pântanos da África".[36]

No entanto, como já indicado, isso mudaria na segunda metade do século XIX e a Libéria se tornaria parte importante da memória acerca do pastor. Kathleen O' Mara Whale, em um pequeno artigo de 1958, *Alexander Crummell: Black Evangelist and Pan-Negro Nationalist*, nos é então uma das primeiras referências dessa nova perspectiva em relação a Crummell. Das oito páginas do texto, ao menos cinco corresponderam à vivência do pastor na Libéria, dedicando-se a algumas de suas ideias civilizatórias de colonização e civilização em África. Isso posto, Whale retratou Crummell, após seu retorno aos EUA em 1872, como um

[30] *Ibid.*, p. 155-157.
[31] *Ibid.*, p. 207.
[32] SHERWOOD, Henry Noble. The Formation of the American Colonization Society. *The Journal of Negro History*, v. 2, n. 3, p. 209, jul. 1917.
[33] Thomas Jefferson (1743 – 1826) nasceu em Shadwell, no estado da Virgínia e é reconhecido como o principal autor da declaração de independência dos EUA, em 1776, e, por isso, também considerado um dos pais fundadores dos EUA. Além disso, foi o terceiro presidente do país, com mandatos entre 1801 a 1809, período em que, segundo escreveu sua grande obra apologética da colonização e expatriação negra em 1807, *Notes on the State of Virginia*. BURIN, Eric. *Slavery and the Peculiar Solution*: A History of the American Colonization Society. Flórida: University Press of Florida, 2005, p. 9.
[34] *Ibid.*, p. 210.
[35] Ao longo da dissertação, nos deteremos com mais detalhes no projeto liberiano e em outros que ocorreram no período no contexto estadunidense. Por agora, apresentamos este rápido panorama como uma forma de situar Crummell em meio a outros projetos de reassentamento negro e demonstrar que a Libéria era um dos vários itinerários delimitados
[36] DU BOIS, 2021, *op. cit.*, p. 244.

ainda "ardente porta-voz pelo nacionalismo negro",[37] ao vislumbrar em seus discursos um contínuo chamado pela unidade racial entre as populações negras, agora em território americano e na luta pelos direitos civis.[38] Certamente, pode ser complicado indicar uma mudança interpretativa acerca do teólogo apenas pelo vislumbre de menos de dez páginas de Whale, porém, a produção de Wilson J. Moses[39] não deixa dúvida quanto essa nova perspectiva.

Além de ter se aprofundado mais que Whale e se tornado um dos principais biógrafos de Crummell, Moses foi responsável por consagrar o pastor como um dos principais representantes do que denominou de "nacionalismo negro" do século XIX. Para o autor, o nacionalismo negro se diferia de outros nacionalismos porque seus membros não estariam ligados por conta de um local geográfico ou uma língua, "mas pelo conceito nebuloso de unidade racial".[40] Assim, seus integrantes estariam unidos racialmente, o que incluía desde os negros em diáspora nas América até os africanos. Para Moses, essa forma de interpretação da experiência negra já era vislumbrada nos escritos e discursos de Crummell, o que levou o autor a classificá-lo não apenas como um dos pioneiros do nacionalismo negro, mas também do pan-africanismo. Portanto, segundo Moses, o termo "nacionalismo" deveria ser empregado, já que esses intelectuais negros procuravam uma união de "toda a família racial negra, assumindo que toda a raça tem um destino coletivo e uma mensagem para a humanidade comparável à de uma nação. Por esta razão é impossível falar de nacionalismo negro sem falar simultaneamente de pan-africanismo". [41]

Essa busca de Moses pelas raízes e origens do nacionalismo negro faz parte de um debate mais amplo, relevante e complexo dos EUA da segunda metade do século XX. Seus

---

[37] WAHLE, K. O. Alexander Crummell: Black Evangelist and Pan-Negro Nationalist. *Phylon*, v. 29, n.4, 1968, p. 394. Trad. livre do autor: "an ardent spokesman for black nationalism".

[38] Ademais, para o que seria uma surpresa ainda maior para Du Bois ou Ferris - e também nossa -, Whale escrevia na última página de seu ensaio como essas visões de Crummell em seu retorno estavam bem conectadas com outros intelectuais negros da época, entre eles, Booker T. Washington, "na medida em que enfatizava o treinamento industrial e a auto-ajuda" (trad. livre do autor). *Ibid.*, p. 395.

[39] MOSES, W. J.. *The Golden Age of Black Nationalism, 1850-1925*. Hamden, Conn.: Archon, 1978; MOSES, 1989, op. cit.

[40] MOSES, W. J.. *The Golden Age of Black Nationalism, 1850-1925*. Hamden, Conn.: Archon, 1978, p. 17.

[41] *Ibid.*,p. 17. Trad. livre do autor: "But often it has been 'nationalism' only in the sense that it seeks to unite the entire black racial family, assuming that the entire race has a collective destiny and message for humanity comparable to that of a nation. For this reason it is impossible to speak of black nationalism without simultaneously speaking of Pan-Africanism". Moses não define precisamente o que chama de pan-africanismo e parece empregar o termo em suas obras como sinônimo de nacionalismo negro. Assim, Crummell seria um pan-africanista por suas ideias de redenção africana e da procura por uma unidade entre os negros em diáspora e a África. Nossa dissertação, no entanto, não segue neste caminho e entendemos o pan-africanismo como uma retórica própria do século XX. O movimento teve sim influência desses autores do século XIX, mas suas bases políticas e sociais nos parecem mais fruto dos debates intelectuais do século XX. Para mais detalhes acerca do pan-africanismo, ver: REIS, Raissa Brescia dos. *África Imaginada*: História Intelectual, Panafricanismo, Nação E Unidade Africana Na Présence Africaine (1947-1966). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

livros nasceram imediatamente após as lutas pelos direitos civis dos negros estadunidenses, cujas populações do sul reivindicaram em estados segregacionistas do sul - Mississippi, Alabama, Tennessee e Georgia – os mesmos direitos da população branca deste território.[42] Eram também tempos imediatamente posteriores à atuação de grupos e movimentos políticos, sociais e culturais da população afro-americana, como o Partido dos Panteras Negras, que buscavam uma emancipação política e social negra radical nos EUA.[43] Em síntese, movimentos, discussões e embates que impactaram toda a sociedade norte-americana e, claro, também a academia e as interpretações acerca do passado, presente e futuro da população negra afro-americana. Por conseguinte, é nesse contexto que surge um embate pelas definições e pelos significados da experiência negra na América e, consequentemente, determinadas definições do que seria a cultura negra e o nacionalismo negro.

Na década de 1970, Sidney Mintz e Richard Price, no prefácio do influente *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*, lembraram que após esse período efervescente[44] foram instituídos currículos relacionados à história negra em diversas universidades dos EUA.[45] Além disso, os autores também evidenciaram que seu próprio livro e suas interpretações eram uma intervenção no modo de entender a história afro-americana no país, principalmente em um contraponto às investigações que ressaltavam demasiadamente a herança africana nas culturas negras da América.[46] Logo, por um lado, podemos compreender os livros e as análises de Wilson J. Moses como fruto desse período, por

[42] A Lei dos Direitos Civis, que proibiu a discriminação política e civil por base em raça, cor, sexo e religião, seria aprovada em 2 de julho de 1964. ÁVILA, Daiara Suellen Gabriel de. Direitos civis e ativismo negro feminino nas escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone (1950s - 1960s). 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

[43] JOHNSON, Ollie A. Explicando a extinção do partido dos Panteras Negras: O papel dos fatores internos. Caderno CRH, v. 15, n. 36, p. 93 -126, 2002.

[44] Para ilustrar a importância desses anos, seus dias foram posteriormente denominados de Segunda Reconstrução (1960 – 1976), uma referência à Primeira Reconstrução (1865 -1877). No capítulo 2, falaremos mais desta última, mas em vista de demonstrar seu significado e as semelhanças com o contexto das décadas de 1960 e 1970, podemos ressaltar que a Primeira Reconstrução foi um período de enorme debate acerca do modo de inserção e integração não apenas das populações negras do país, mas do sul devastado pela guerra e pelo fim de seu principal sistema econômico: a escravidão.

[45] MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana*: Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas; Universidade Candido Mendes, 2003, p. 7.

[46] Contra essa perspectiva que ressalta uma hegemonia africana nas culturas negras americanas, os autores propuseram a ideia de recriação cultural, concepção que mais tarde seria denominada de "crioulização". Em síntese, a ideia dos autores é que os escravos e escravas não podiam recriar suas instituições sociais tais como em África, e sim, se utilizar de princípios e valores inconscientes do antigo território para fundar novas instituições e novas culturas na América. As culturas africanas eram então uma matéria prima a esses agentes na América, mas o resultado seria algo completamente novo e distinto das sociedades africanas. PRICE, Richard. O milagre da crioulização: restrospectiva. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 3, p. 383-419, dez. 1999; MARCUSSI, Alexandre. Ambiguidades da crioulização. In: *Diagonais do afeto*: teorias do intercâmbio cultural nos estudos da diáspora africana. São Paulo: Intermeios, 2016, p. 73-130.

outro, podemos entender que o autor deu seus significados próprios para a experiência e cultura afro-americana e, consequentemente, o que definiu por nacionalismo negro.

No prefácio à biografia de Crummell, podemos vislumbrar as intervenções e concepções de Moses nessa longa polêmica. Para o autor, primeiramente, os estudos da "cultura negra" – "como Melville Herskovitz" –, nos últimos anos, "foram dominados por modos de pensamento liberais, igualitários e antiestablishmentistas".[47] Dessa forma, esses intelectuais procuraram interpretar a experiência negra como uma cultura oriunda de bases populares e advindas da experiência escrava e em contraponto à cultura letrada europeia e americana branca.[48] Os negros, nessa perspectiva, representariam uma alternativa radical e separada dos princípios ocidentais brancos. Por essa razão, "Crummell, que era conservador, elitista e institucionalista, não se enquadra nem no estereótipo acadêmico nem no estereótipo popular da cultura negra".[49] Por isso, a partir da trajetória, da vida e das ideias Crummell, a proposta de Moses era ampliar as raízes e as bases da cultura e experiência negra para além das "tradições folclóricas africanas preservadas e a cultura escrava".[50] Ao encerrar o prefácio, portanto, deixava claro que seu estudo da vida Crummell era consistente com o modo como definiu a experiência negra em outros trabalhos, já que a vida do pastor simbolizava a vivência dos intelectuais negros estadunidenses, isto é, "as suas emoções conflitantes em relação ao mundo ocidental, o seu descontentamento com a 'civilização' e a sua dependência dela, à medida que trabalharam para impor ordem à sua existência, tanto como seres raciais quanto como indivíduos".[51]

Logo, se Du Bois se utilizou da figura de Crummell como um símbolo da integração cultural e civilização estadunidense, Moses mobilizou o teólogo em outra direção interpretativa: de certa forma, um símbolo da experiência afro-americana ligada ao vocabulário estruturante do nacionalismo negro. Um vocabulário que não se restringia ao pastor, mas segundo Moses, era compartilhado por outros tantos intelectuais do período de Crummell, inclusive seus opositores. Nesse sentido, Frederick Douglass (1818-1895),[52] embora tenha sido ferrenho

---

[47] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 6. Trad. Livre do autor: "Black studies has been dominated by liberal, egalitarian, and antiestablishmentarian modes of thought"

[48] *Ibid.*, p. 6.

[49] *Ibid.*, p. 6-7. Trad. Livre do autor: "Thus Crummell, who was conservative, elitist and establishmentarian, fits neither the academic nor the popular stereotype of black culture".

[50] *Ibid.*, p. 9. Trad. livre do autor: "in places other than retained African folk traditions and slave culture".

[51] *Ibid.*, p. 10. Trad. livre do autor: "My study of the life of Alexander Crummell is, thus, consistent with the position I have developed in earlier works. His life symbolizes the intricacy of the experience of black American intellectuals: their conflicting emotions with respect to the Western world, their discontent with 'Civilization,'and their dependency on it, as they have labored to impose order on their existence both as racial beings and as individuals".

[52] Frederick Douglass foi um abolicionista, estadista e escritor estadunidense e considerado um dos intelectuais negros mais influentes na história dos EUA. Douglass produziu obras, artigos e debateu acerca dos principais problemas norte-americanos no século XIX. Dentro disso, um de seus debates era acerca da expatriação e saída

opositor da colonização e das doutrinas de que a raças deveriam ser perpetuamente separadas, apareceu em Moses[53] como um representante de uma tradição de nacionalistas negros para a qual o fim seria não uma separação completa em relação aos brancos, mas a exigência de direitos para ter uma cidadania estadunidense. Assim, de acordo com Moses, uma outra característica do nacionalismo negro e que também o diferenciava de outras tradições nacionalistas do século XIX, era a não necessidade propriamente da construção de um Estado ou de uma região geográfica específica para sua consagração. Então, um intelectual e suas ideias seriam enquadrados neste conceito somente pelo uso de um léxico moderno e civilizacional que entendesse a experiência negra como uma unidade racial, independente de seus objetivos e contextos.

É por essa razão que o autor entendeu a trajetória do pastor na Libéria e nos EUA como conectadas e semelhantes. Isto é, um autor como Crummell, ao mobilizar o pertencimento e sentimento racial em seus textos, deveria ser enquadrado dentro de uma tradição nacionalista seja em seus projetos na Libéria, seja em seu retorno aos EUA após 1872. Desse modo, ao contrário de Du Bois, que se utilizou de Crummell como uma figura contraposta aos projetos nacionalistas de reassentamento negro, Moses interpretou a trajetória do pastor nos EUA como uma continuidade de seu léxico nacionalista na Libéria. Para isso, demonstrou que o pastor ainda mobilizava termos nacionalistas na experiência negra dos EUA, como em trechos de sermões em que definia a "raça negra" como "uma nação" dentro da nação estadunidense.[54] O autor, por consequência, não teria mudado sua percepção acerca da "raça negra" – uma nação – após deixar a Libéria, e sim, teria determinado novos rumos para essa perspectiva em solo americano, onde os negros continuaram a compartilhar um destino comum como uma raça ou uma nação apartada.

Assim, podemos resumir em pelo menos dois elementos essa outra interpretação historiográfica a partir da segunda metade do século XX. Primeiro, em vez de um homem que buscava uma integração plena das populações negras nos EUA, Crummell seria o elaborador de uma retórica nacionalista que pensava a "raça negra" como uma "nação" dentro da nação. Assim, Moses compreendeu que o vocabulário e a retórica civilizadora, cristã e erudita de Crummell eram então características mais de um discurso essencialmente nacionalista e menos de um representante pela integração dos negros no universo estadunidense. Em segundo lugar

---

das populações negras dos EUA e, cuja posição, em boa parte da vida, foi apenas de revolta e denúncia contra aqueles que apoiavam e legitimavam tais movimentos - entre eles, Crummell.

[53] MOSES, 1978, *op.cit., p.* 38-39.

[54] CRUMMELL, Alex. The Greatness of Christ and other sermons. New York: Thomas Whittaker, 2 and 3 Bible House, 1882, p. 290.

– e talvez a principal mudança -, era a importância da Libéria na trajetória biográfica de Crummell, que certamente tomou o lugar de destaque entre os filósofos, historiadores e outros especialistas que investigaram o pastor. Para estes, a Libéria e os EUA estariam conectados na trajetória do pastor, pois em ambos Crummell mobilizara um vocabulário nacionalista para defini-los. Em outras palavras, para Moses, a unidade racial – princípio maior do nacionalismo negro – era definidor das ideias de Crummell tanto em contexto liberiano quanto estadunidense. Logo, essa atenção e interpretação da Libéria em sua trajetória destoa totalmente das interpretações de Du Bois e Ferris, os quais não somente haviam privilegiado as intervenções de Crummell nos EUA, mas também utilizaram de suas ideias como um contraponto aos projetos emigracionistas negros do final do século XIX e início do XX.

Por fim, nessa bibliografia mais recente, Kwame Anthony Appiah[55] talvez tenha sido o principal responsável pela consolidação dessa percepção de Crummell bem destoante daquela de Du Bois e Ferris. No primeiro ensaio de seu livro, o autor destrinchou a primeira produção mais robusta de Crummell, o livro compilatório de discursos e sermões, *The Future of Africa: Being Adress, Sermons, etc., etc., delivered in the republic of Liberia* (1862). Segundo Appiah, a obra foi responsável por legar ao pan-africanismo do século XX a premissa do destino comum entre a África e o povo negro americano, "não porque partilhassem de uma ecologia comum, nem porque tivessem uma experiência histórica comum ou enfrentassem uma ameaça comum da Europa imperial, mas por pertencerem a essa única raça".[56] Esse pertencimento, consequentemente, levantava uma responsabilidade às populações negras americanas, mais civilizadas e cultas, que deveriam retornar e restituir seus parentes e familiares africanos, homens e mulheres "esquecidos" e "inferiorizados" por anos de alijamento das conquistas e descobertas do mundo moderno, além de violentados pelo tráfico ilegítimo de escravizados. "A África de Crummell", concluía Appiah, era "a pátria da raça negra, e seu direito de agir dentro dela, falar por ela e arquitetar seu futuro decorria – na concepção do autor – do fato de ele também ser negro".[57]A pátria de Crummell, nestes textos de Appiah, era a África. Os problemas do racismo estadunidense não conseguiriam ser resolvidos em seu próprio território, mas sim distante dos EUA, em um retorno civilizatório pelas águas turvas do Atlântico, na terra de seus "antigos pais" e ancestrais e na construção de uma nação negra livre e autônoma.

Pois bem, como articular essas representações tão díspares do mesmo autor, isto é, essa imagem de um "Crummell emigracionista" com aquela figura de um representante da busca por

[55] APPIAH, Kwame A. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
[56] *Ibid.,* p. 22.
[57] *Ibid.,* p. 22.

uma cidadania americana em Ferris? Como compreender essa representação de um colonizador frente ao ícone do capítulo de Du Bois, um homem que era símbolo dos debates para uma solução dos problemas internos raciais da nação estadunidense? Como conciliar Crummell como um símbolo do nacionalismo negro mesmo em terras estadunidenses, mesmo território onde Du Bois o definiu como um contraponto aos projetos nacionalistas? Questionamentos como estes, portanto, nos levaram ao objetivo central das investigações deste trabalho: analisar como Alexander Crummell legitimou diferentes projetos políticos associados à "civilização" das populações negras na Libéria e nos EUA, entre 1853 até 1897.

Objetivos e propostas

Como é possível depreender da exposição anterior, nosso objetivo central é formulado a partir de uma tensão interpretativa e historiográfica que acompanha a figura de Crummell. Sob uma ótica, Crummell seria um símbolo do integracionismo negro nos EUA, sob outra ótica, o teólogo seria uma figura do nacionalismo negro e do entendimento que a "raça negra" era uma nação à parte, seja em seus projetos políticos na Libéria, seja no próprio EUA. Nosso trabalho, no entanto, pretende seguir um caminho diferente e assumir uma postura crítica em relação a ambas as interpretações anteriores, seja a que identificamos ao grupo representado por Du Bois e Ferris, seja ao que agrupamos a partir de Moses e Appiah.

Em relação a Du Bois e Ferris, nosso intuito é mostrar a impossibilidade de entender as ideias de Crummell sem analisar o período liberiano ou o impacto desse período em sua trajetória posterior. Nesse sentido, além do pastor ter dedicado livros, artigos e sermões por quase duas décadas de defesa do território liberiano, o autor republicou muito dessas produções quando retornou aos EUA e nunca deixou de pensar no continente africano e em sua redenção. Por um lado, portanto, concordamos com a historiografia mais recente em dar importância e mostrar continuidades da retórica e do discurso de Crummell em ambos os territórios. No entanto, pretendemos também matizar a ideia de "nacionalismo negro" como definidora da trajetória de Crummell. Desse modo, se o próprio Moses[58] identificou que o "nacionalismo negro" teve marcos fundacionais na década de 1850, em razão de esquemas emigracionistas e da procura por um outro território, um Crummell posteriormente pensando em uma "nação dentro de uma nação"[59] para os negros na América pode ter mesmo sentido e conteúdo histórico? A forma e a retórica, de certa forma, eram semelhantes, mas como a própria nação

[58] MOSES, 1978, *op. cit.*, p. 9.
[59] MOSES, 1989, op. cit., p. 208.

americana era entendida neste contexto? E o próprio continente africano? O que esta mudança pode indicar também sobre os embates dentro dos EUA? Na leitura deste trabalho, Moses parece ter uma conceituação do "nacionalismo negro" semelhante ao que Michel Foucault entenderia como formação discursiva - isto é, por mais que intelectuais e instituições possam discordar no conteúdo, a forma e o modo como fazem seus enunciados seguem regras, princípios e valores comuns de um discurso.[60] Assim, o nacionalismo negro seria uma formação discursiva no interior da qual intelectuais e autores compartilhariam um vocabulário comum para compreender a experiência negra, sobretudo em torno da ideia de unidade racial. Não por acaso, como já dissemos, em seu livro acerca dos pioneiros do nacionalismo negro, Moses aproximou figuras contrastantes como Douglass e Crummell. Nossa leitura, porém, segue caminhos distintos dessa perpectiva.

Compreendemos, que, por mais que noções de civilização, raça, nação tenham aparecido para caracterizar o destino das populações negras na modernidade no espaço americano e africano, Crummell esteve vinculado a instituições, projetos políticos e de poder e atividades distintas em cada território. Petendemos demonstrar então que Crummell esteve ligado a outros discursos para além do "nacionalismo negro" e que a ideia de "unidade racial" assumiu diferentes conotações e sentidos em seus textos - seja em terras liberianas ou estadunidenses. Portanto, este trabalho não é uma história da Libéria ou dos EUA, muito menos uma história da vida pessoal ou profissional de Crummell, mas sim, uma história das ideias e dos modos como o teólogo se utilizou de um léxico e vocabulário da modernidade – raça, nação, civilização, entre outros - em seus projetos políticos e sociais pelos quais se vinculou nos dois territórios.

Assim, nosso objetivo principal é investigar o léxico e o vocabulário de Crummell na defesa do projeto colonial liberiano e, posteriormente, no projeto de integração e reconstrução das populações negras nos EUA. Tentaremos, dessa maneira e em vista desses propósitos, elucidar a trajetória de Crummell como um intelectual afro-diaspórico: as articulações políticas, sociais, culturais e religiosas – tensões, conflitos, alianças, ambições – estabelecidas ao longo do século XIX; investigar como Crummell intervém na formação e ressignificação de um vocabulário moderno construído em fins do século XVIII e consolidado através do século XIX. Desse modo, pretendemos apresentar a vinculação dessa perspectiva às ambições e aos projetos sociais e políticos coloniais, racistas e segregacionistas das elites europeias, americanas e liberianas desse período da modernidade; destrinchar como as produções de Crummell

[60] FOUCAULT, Michel. I – Introdução; II – As regularidades discursivas. In: A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 1-85.

dialogam com a construção e solidificação de termos como "raça", "nação", "civilização" durante a modernidade oitocentista. Por fim, conectado a essas questões, compreender, da melhor forma possível, o processo de editoração de suas obras: objetivos, princípios e projetos almejados com a publicação de cada livro, além do formato, perfil e temática que as constituíram. Portanto, com essas questões e esses objetivos, procuraremos encontrar e analisar outros dos vocabulários e outras das formas de entender o destino e o futuro da raça negra nos escritos de Crummell, para além de uma unidade racial ou destino comum.

Ao final, nosso intuito é mostrar Crummell como uma figura cindida de diferentes modos, em um outro significado da "dupla consciência" de Du Bois: Um homem entre dois continentes e territórios, África e América. Um intelectual dividido assim entre dois projetos nacionais: o processo de colonização liberiana e a construção da nação estadunidense. Dois projetos nacionais, mas de construção e protagonismo de um grupo que Crummell qualificou de um só povo, uma só nação e uma só raça. Uma cisão, mostraremos, que impactou seus conceitos, suas ideias, seus projetos, consciente ou inconscientemente. Uma divisão que o levou mais a contradições que conceitos fechados e mais a ambiguidades que argumentos definitivos. Uma duplicidade, por fim, um estado duplo, que o acompanhou em seus trânsitos, em seus retornos, em seus caminhos, em suas ideias.

Aportes Conceituais e Metodológicos

Para a realização desses objetivos, necessitamos do suporte de uma bibliografia que nos ajude a entender essas dimensões, essas camadas e esses diversos significados assumidos pelas ideias e argumentações de Crummell. Por um lado, em razão dos textos do pastor terem caráter substancialmente religioso, necessitamos de trabalhos que nos auxiliem na compreensão desses sentidos divinos e teológicos mobilizados na construção de seus argumentos. Para isso, temos o trabalho de Tainá Elis de Santos Souza, dissertação de importância não apenas por suas investigações acerca da figura do companheiro de trabalho e de vida de Crummell, Edward W. Blyden (1832-1912), mas por delimitar também as conexões de categorias como raça e nação dentro de um arcabouço teológico e religioso deste último.[61] Ademais, destacamos também a tese de Guilherme A. Navarro Alvarado, que, sobretudo na parte 2, "A consciência Mistificada: da Teologia ao Sujeito Histórico Civilizador (Séculos XVIII-XIX)", indicou as multiplicidades e o processo de metamorfose do conceito de África no período compreendido entre os séculos

[61] SOUZA, 2020, *op. cit.*

XVIII e XIX, em uma análise dos discursos míticos e teológicos sobre o continente em intelectuais negros do período.[62]

Dentro disso, entenderemos nesta pesquisa que foi a partir desses princípios teológicos que Crummell exerceu seus direitos de cobrar aquilo que Paul Gilroy, em *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2001), chamou de "Política da Realização", ao passear entre as categorias controversas e contraditórias da modernidade, e requerer desta o cumprimento de suas promessas. Dito de outra forma, a "Política da Realização", para Gilroy, seria uma das formas dos intelectuais negros se inserirem na modernidade, ao exigir que esta cumprisse a todos, sem distinção, seus valores fundamentais como liberdade e igualdade. A modernidade pode ser compreendida como um fenômeno mundial que começa se formar no século XVI e se consolida no século XIX, sob a hegemonia do capitalismo e de uma soberania de certos grupos europeus e elites brancas americanas no Atlântico. Essa soberania e hierarquia, porém, se organizaram sobre uma contradição central, pois eram legitimadas por um ideário político construído em torno da noção de igualdade e justiça social. Assim, o que Gilroy demonstra é que as culturas negras, desde o século XVI com o processo de escravidão e colonização, apontam e denunciam essa contradição, por meio de manifestações artísticas, literárias ou musicais. Essas manifestações, ao final, se dão justamente pela apropriação desse ideal e de um arcabouço teórico e filosófico moderno – nacionalidade, etnia, integridade cultural.[63] Portanto, entendemos Crummell como um dos intelectuais deste espaço, ao se utilizar de conceitos para ressignificar as experiências vividas neste período – no caso do pastor, o colonialismo liberiano e a reconstrução estadunidense.[64]

Ademais, o *Atlântico Negro* de Gilroy também é importante ao nosso trabalho por suas teorias e concepções dos trânsitos, das travessias e dos caminhos que conformam este espaço. Em sua argumentação, o livro de Gilroy é uma busca imersiva e profunda por espaços que não estejam conformados por fronteiras e demarcações, sobretudo aquelas oriundas da nação e das identidades nacionais. Desse modo, sua busca está atenta às culturas negras que formaram e conformaram a modernidade, que romperam suas delimitações e que inscreveram outros projetos políticos, culturais e sociais modernos. Nosso entendimento é que Alexander

---

[62] ALVARADO, Guilherme A. Navarro. *África deve se unir?*: A formação da teorética da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negristas e pan-africanos (séculos XVIII – XX). Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2018.
[63] GILROY, Paul. *O Atlântico negro*: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 34.
[64] A "Política de realização" está em complementaridade com a "Política da transfiguração", que seria a superação da modernidade e de seus elementos, afastando-se de uma simples apropriação desses aspectos. Na conclusão deste trabalho, encerro dizendo o "porquê" de considerar Crummell mais próximo do primeiro termo do que do segundo.

Crummell está em diálogo e faz parte destes deslocamentos do Atlântico, mas suas ideias reiteraram sim uma busca por uma identidade racial e nacional, seja na Libéria, seja nos EUA. Se o *Atlântico Negro*, ao final, é um espaço de circulação e invenção de indivíduos marginalizados, mas fundamentais para experiência moderna, Alexander Crummell é parte integrante dele, com sua própria trajetória e suas próprias ideias.

Por fim, em vista de conhecer com ainda mais detalhes essas ideias e seus argumentos, mostraremos como Crummell articulou ideias e sentidos de nação, raça, civilização e outros termos em seus textos e discursos. Conceitos que circulavam no século XIX e que foram apropriados para sua interpretação da experiência negra estadunidense e liberiana. Em vista disso, como o autor se utilizou de uma diversidade de sentidos para nação, raça, civilização, não há uma teorização fechada ou definitiva desses conceitos. Entretanto, podemos citar algumas importantes referências utilizadas ao longo do trabalho, que contextualizaram as diversas genealogias e os usos de termos como "raça", "nação", evidenciando seu impacto nas sociedades americanas, europeias e africanas da época. Podemos citar, então, George Stocking Jr e suas investigações em torno da genealogia do termo raça, evidenciando como a partir de início dos oitocentos, sociedades e instituições científicas francesas, inglesas e estadunidenses estavam permeadas pelos debates acerca do conceito - discussões que influenciavam a maneira de ver e representar populações e povos da África e da América.[65] No contexto propriamente estadunidense, podemos citar o livro de Luciana da Cruz Brito, *O Avesso da Raça*, que apresenta um panorama histórico apurado da recepção e adoção ideias racialistas nas academias científicas e na sociedade norte-americana.[66] A raça, portanto, passava a ser um conceito interpretativo fundamental para hierarquizar o mundo em escalas de desenvolvimento civilizacional. Essa forma interpretiva, mostraremos, será fundamental na retórica de Crummell, mas será mobilizada de outra maneira e dentro de objetivos próprios do pastor. Dentro disso, outro conceito mobilizado pelo pastor em sua retórica é o de "nação", bem próximo dos significados investigados por Benedict Anderson em suas pesquisas e conclusões sobre o termo.[67] Assim, a Libéria como nação também seria uma "comunidade imaginada" (nos termos de Anderson) por Crummell e imaginada para reunir os negros estadunidenses e os nativos africanos. No entanto, veremos que Crummell, ao contrário das teorizações de Anderson, não entendia o conceito em termos secularizados. Pelo contrário, nos escritos do

[65] STOCKING JR., George. *Race, culture, and evolution*: essays in the history of Anthropology. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1982.
[66] BRITO, Luciana da Cruz. *O avesso da raça*: Escravidão, racismo e abolicionismo entre os Estados Unidos e o Brasil. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.
[67] ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

pastor, as nações seriam atributos divinos e bíblicos, nos quais a raça humana se dividira desde a antiguidade e aos quais Deus concedera deveres e responsabilidades.[68] Ao fim, perceberemos, por meio dessa bibliografia, o modo como o pastor articulava seus conceitos de acordo com os espaços e objetivos em que estava envolvido, frequentemente permeado por contradições, ambiguidades e incoerências.[69]

***

Reiteramos que nossos esforços se dão com o objetivo de, a partir desse suporte bibliográfico, reelaborar criticamente a historiografia que se dedicou a estudar Crummell, sua vida e sua produção intelectual. Assim, se essa bibliografia historiográfica se atentou em delimitar as filiações, aproximações e tensões de Crummell com a Libéria e com os EUA, este trabalho propõe o mesmo, mas dentro da ótica da história das ideias. Alexander Crummell era um intelectual e, como tal, assumiu diversas posições, ocupou diferentes lugares e interveio de diversas formas em debates públicos onde viveu e por onde passou.[70] Nossa busca, diante disso, se dá pelas maneiras e pelos modos como o pastor articulou essas ideias e reescreveu parte da história não somente das populações negras dos EUA e da Libéria, mas a própria história de formação destes territórios na modernidade.

Inicialmente, para esses objetivos e reflexões, nosso recorte havia sido definido por meio das publicações das obras, entre os marcos de 1862, com a editoração de *The Future of Africa: Being Adress, Sermons, etc., etc., delivered in the republic of Liberia* e 1891, com a publicação de *Africa and America: Adress and Discourses*. Entretanto, com o caminhar da pesquisa e das leituras metodológicas em história intelectual e das ideias, modificamos e ampliamos nossos esforços investigativos. Foucault[71] e seus apontamentos a respeito das arbitrariedades na definição da unidade da obra do autor, por exemplo, nos fizeram perceber que havíamos arbitrariamente escolhido e privilegiado os tomos e as unidades de livros

---

[68] Entre outras das bibliografias utilizadas, podemos citar para o vocabulário racial: MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2001; MARCUSSI, Alexandre A.. *Cativeiro e cura*: experiências religiosas da escravidão atlântica nos calundus de Luzia Pinta, séculos XVII-XVIII. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, USP; SILVA, Angela Fileno da. *Vozes de Lagos*: brasileiros em tempos do Império Britânico. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

[69] Ao final de cada capítulo, em vista de pontuar os diversos sentidos e significados de termos e conceitos analisados em cada seção e subseção, deixamos um mapa semântico com palavras importantes para os projetos de Crummell. Para o capítulo sobre a Libéria, ver anexo I e para o capítulo estadunidense, ver anexo II.

[70] WASSERMAN, Cláudia. 2015. História Intelectual: Origem e abordagens. In.: *Tempos Históricos*, v. 19, p. 63-79, 2015.

[71] FOUCAULT, 2008, *op. cit.*; FOUCAULT, M. O que é um autor?. In: FOUCAULT, M. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

fechados. Com isso, havíamos deixado de fora uma enormidade de outros artigos, discursos em periódicos e panfletos que Crummell publicou desde os primeiros passos no continente africano. Porém, sem dúvida, Quentin Skinner[72] e Homi Bhabha,[73] cada um a seu modo, foram os mais importantes na definição de nosso marco inicial para a pesquisa: 15 de julho de 1853, dia da chegada do *British Mail Steamer* com Crummell e sua família na capital liberiana, Monróvia.

Nosso entendimento é que a partir deste ponto o pastor deu um novo sentido a seus projetos: O teólogo se vinculou de vez à Libéria e à colonização africana, ação até então impensável para alguém que, em seus anos de juventude, havia condenado os diversos movimentos de colonização negra, inclusive o próprio projeto liberiano. Por isso, entendemos que o autor adotou uma nova postura e intenção, a partir de um significado público novo que seus pares e contemporâneos criticaram, elogiaram e ao qual reagiram, pois como nos lembra Skinner,[74] a intencionalidade não faz sentido individualmente, e sim, somente através de um significado que os atores envolvidos consigam identificar e compreender. Sabemos que Quentin Skinner utiliza a intencionalidade em uma dimensão linguística, ou seja, sua mobilização da categoria é estritamente para mostrar como as palavras modificam seus significados em contextos e convenções políticas e sociais específicas. Sua análise da noção de *virtù* é bastante ilustrativa nesse sentido. Assim, em sua investigação recupera todo um corpo de autores e tratadistas que precedem Maquiavel para construir os sentidos possíveis da palavra *virtù* no período das cidades-estados italianos. Portanto, seu trabalho demonstra como Maquiavel, por mais que tenha proposto um novo rumo para a análise, atuou a partir dessa tradição e dos sentidos linguísticos e políticos mobilizados naquele momento e período.[75]

Começamos nosso recorte, no entanto, não pelas palavras, e sim, pelo movimento, pela travessia de Alexander Crummell em maio de 1853. Ação que teve significado bastante polêmico e reconhecido na metade do XIX e nos debates públicos norte-americanos. Entendemos, desse modo, que não havia outra forma de iniciar nosso recorte investigativo e nenhuma obra, nenhuma palavra era tão significativa quanto esse gesto, tão logo já comentado - ou reconhecido - na *Colored National Convention Held*, de Rochester, em julho de 1853. No evento, por exemplo, um abalado Frederick Douglas requisitou, em alto e bom tom, que todos os homens de habilidades superiores — como Crummell —, retornassem aos EUA para ajudar

[72] SKINNER, Quentin. *Visões da política*: sobre os métodos históricos. Algés: DIFEL, 2005.
[73] BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
[74] SKINNER, 2005, *op. cit.*, p. 147-148.
[75] SKINNER, Quentin. *As Fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

e auxiliar na causa abolicionista e negra no país.[76] Junto a isso, a dimensão de tradução de Bhabha nos lembra que o autor, ao expressar-se, se atrela a ideias vinculadas a outros projetos para além do próprio sujeito - e outros grupos que nem o próprio autor teria consciência. Assim, quando Crummell se estabeleceu na Libéria e por mais de vinte anos clamou entre os púlpitos e jornais um destino liberiano às populações negras, sua voz e seus escritos se atrelaram a de outros projetos e instituições do período. Categorias como raça, nação, progresso, civilização permearam-se de outros sentidos, outros significados, traduzidas a um novo espaço, um Terceiro Espaço nas palavras de Bhabha. O autor dá o nome Terceiro Espaço, pois compreende que na comunicação de uma mensagem não existe apenas uma perspectiva dual, isto é, somente o emissor (quem codifica e emite a informação) e o receptor (quem recebe a informação). Nesse processo, existe então um espaço que os conecta e os tensiona, marcado pelas circunstâncias históricas, políticas e culturais nos quais os autores se comunicam. Assim, uma palavra dita em determinado contexto pelo mesmo emissor e pelo mesmo receptor pode assumir conotações distintas quando falada em outro contexto e em outras circunstâncias O Terceiro Espaço nos alerta para isso. É, ao final, um espaço onde a teoria é modificada e o sentido conceitual das palavras pode tomar outro significado, permeado pelos conflitos que estão postos na realidade. Desse modo, mostraremos, Crummell poderia se utilizar dos mesmos conceitos, das mesmas palavras, mas dependendo do espaço – Libéria ou EUA -, dependendo do momento e para quem falava, suas palavras poderiam assumir diferentes significados. O mesmo vocabulário, as mesmas palavras, mas que em espaços e conflitos distintos, assumem implicações totalmente contrárias ou que podem contradizer afirmações anteriores do autor.

Assim, se as palavras e os conceitos nos importam, é por uma busca de seus sentidos que pretendemos construir os caminhos de Alexander Crummell pelo continente africano e americano. Assim, se o autor esteve cindido em dois territórios, dividimos nossa dissertação nessa divisão fundamental para entender a mobilização de suas ideias e seus conceitos. Consoante a isso, começamos nossas investigações pela Libéria (Capítulo 1) e, em uma ordem cronológica, dividimos esse capítulo em três seções.[77] Na primeira seção, "1.1. Primeiros passos (1853 – 1860)", acompanhamos como nação e raça aparecem em seus primeiros textos, momento em que Crummell diviniza a jovem nação liberiana (1.1.1. – Uma jovem nação) e

[76] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 121. O trecho que aparece em Moses é este: "'os Russwurms - os Garnetts - os Wards - os Crummells e outros - todos homens de habilidade e realizações superiores', retornassem aos Estados Unidos, onde sua simples presença poderia fazer muito para remover as nuvens de preconceito e dúvida sobre a capacidade nativa dos negros"

[77] Três seções, também divididas em mais cinco partes, que chamaremos de subseções.

articula a formação do território dentro de uma história bíblica e teológica (1.1.2. A raça humana, uma nação divina).

Já em nossa segunda seção, "1.2. Conexões (1861 – 1863)", voltamo-nos sobretudo para a obra *The Future of Africa*, publicada em período em que o autor retornou temporariamente aos EUA, entre 1861 a 1863, a partir da qual tensionamos os diversos sentidos de raça e nação que conectam a história dos territórios dos EUA e da Libéria nos textos do pastor. "1.2.1. O passado da raça" investiga então a história de provações "raça negra" no regime escravista estadunidense, provações que indicariam um futuro divino e glorioso aos cidadãos e colonos liberianos. "1.2.2. Do centro à circunferência", por outro lado, pontua uma relação mais complexa e ambígua entre os dois países, onde a história de ambos se conecta mais pelos seus atributos civilizatórios e menos por seus atributos raciais. É, certamente, a seção mais robusta deste capítulo, mas em razão de apresentarmos uma outra camada de Crummell pouco explorada pela historiografia acerca do pastor. Ao fim, voltamos à Libéria e aos últimos anos e textos de Crummell no país com "1.3. Verdades da colonização (1863 – 1872)", para mostrar como o pastor legitimou, por outros vocabulários e outras ideias, a colonização e o projeto liberiano. Assim, por mais que houvesse nuances e restrições no dever de civilizar a África pelos negros estadunidenses, demonstramos nesta seção que estas se perderam diante das palavras e verdades anunciadas por Crummell em seus últimos anos na Libéria.

Nossa análise não se encerrará na Libéria, pelo contrário, como nosso trabalho é herdeiro crítico da bibliografia de Crummell, nosso marco final de pesquisa adentra também nos futuros rumos do pastor na América. Como mencionamos, primeiramente havíamos delimitado o recorte por meio das obras mais robustas do teólogo, o que encerraria nosso trabalho em *Africa and America (1891)*, mas assim como no período liberiano, modificamos e ampliamos nossos recortes cronológicos. Por isso, nossa proposta atual é encerrar no ano de 1897, período de publicação de dois textos de Crummell que inauguram seu derradeiro projeto: a *American Negro Academy*. Essa escolha é menos pelos textos e mais por entender que, com a criação dessa entidade, Crummell deixou consolidados e explícitos seus vínculos com projetos políticos e sociais estadunidenses internos. O pastor, ao tomar frente dessa instituição, deixou claro que seu olhar não estava mais voltado à colonização africana. Ou melhor, por mais que a Libéria e África ainda pudessem existir em seu horizonte, seus vínculos, seus discursos e suas ações, desde seu retorno em 1872, tomaram um novo sentido e a criação da academia é um ponto culminante disso. Acreditamos assim que sua inauguração é um ponto de referência e, de determinada maneira, uma síntese dos embates dos quais o teólogo participou após sua volta à nação estadunidense.

Desse modo, nosso segundo capítulo também leva o nome do território em que Crummell havia se assentado permanentemente, EUA, e também está dividido em três seções por ordem cronológica - um espelho do primeiro capítulo. Na primeira seção deste segundo capítulo, "Novos Passos (1872 – 1882)", evidenciamos os modos como o autor continuou a se utilizar dos conceitos e categorias interpretativas da Libéria, mas transplantados a seus novos passos na realidade estadunidense. "2.1.1. O tempo de Cristo" e o "2.2.2. Tempo da raça", portanto, focam na obra *The Greatness of Christ* e em como Crummell se utilizou da categoria de "imitação" para construir um futuro civilizado aos cidadãos negros estadunidenses, agora no próprio território em que nasceram.

Em seguida, "2.2. Reconstruções" (1882 – 1891) continua a investigar os problemas e os desafios deste território e nação, "(2.2.1) A nação condenada", principalmente focado no problema central desse período estadunidense conhecido como pós-Reconstrução: a questão racial entre negros e brancos. Questão, veremos, que poderia fazer ruir e condenar para sempre a nação estadunidense. Nesse sentido, "2.2.2. o futuro da raça" encerra esta seção com as maneiras como Crummell tentou solucionar esse problema, agora não mais legitimando uma emigração negra ao território liberiano. Seus projetos se voltaram, na verdade, para a restituição de elementos civilizatórios entre os negros estadunidenses – família, moral e trabalho -, todos destruídos pela escravidão. Junto a isso, mostraremos como os argumentos de Crummell incidiram não apenas em novas representações do regime escravista e do futuro da raça, mas também nos modos de compreender a Libéria e o continente africano. Não por acaso, o foco desta seção se dá no livro *Africa and America* (1891), um título da cisão que acompanhará para sempre os passos de Crummell. Ao final, o projeto de regeneração das condições trabalhistas dos negros americanos recebe uma atenção especial na derradeira seção "2.3. Os trabalhos que importam (1891 – 1897), pela qual apresentamos a criação da *American Negro Academy* em 1897. O intuito, ao final, é não apenas conhecer a institucionalização dessa entidade, mas verificar como seus objetivos resumem bem os projetos políticos hierárquicos do pastor pela reconstrução da "raça" em fins do século XIX.

Fontes

Para realizar esses objetivos, nossas fontes, assim como os marcos, também se modificaram. No início desta investigação, três fontes principais foram citadas e seus textos continuam relevantes para as investigações: *The Future of Africa: Being Adress, Sermons, etc., etc., delivered in the republic of Liberia* (1862), *The Greatness of Christ and other sermons*

(1882) e *Africa and America: Adress and Discourses (1891)*.[78] Primeiramente, em aspectos mais gerais, é importante dizer que todas se conformam em uma mesma disposição formal. Dessa maneira, constituem obras de compilação de sermões e discursos (com certas exceções) produzidos por Alexander Crummell em anos anteriores à publicação do livro, de diferentes lugares e origens dependendo de onde este se apresentou – celebrações cívicas e religiosas, palestras universitárias e discursos em associações civis e assembleias parlamentares.

Já mais especificamente, podemos nos deter na composição de cada uma, iniciando por *The Future of Africa*: ordenada em cinco sermões apresentados na Libéria entre 1854 e 1861, além de uma carta escrita também no país africano; dois discursos declamados no ano de 1861 nos EUA e outros dois proferidos na Inglaterra em 1850 e 1852. *The Greatness of Christ*, apesar de sua característica similar e possuindo mais discursos – vinte textos -, não nos oferece datas e localizações específicas, somente uma observação de Crummell de que foram declamados tanto em África quanto na América. Por fim, *Africa and America* nos conduz por quinze sermões – três declamados na Libéria e doze nos EUA, junto a dois eulógios publicados também neste último país – com a grande maioria exposta nas décadas de 1880 e 1890.[79]

Ao final, porém, o que havíamos em um primeiro momento deixado em nota de rodapé do projeto, se tornou, com mais uma filtragem de fontes realizadas durante a pesquisa, um razoável acervo de informações e de outros escritos de Crummell. Para o período liberiano, temos acesso acesso à publicação de ao menos seis textos de sua autoria: *The duty of a rising Christian state* (1856), *The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa* (1861), *The Responsability of the First Fathers of a Country for Its Future Life and Character* (1863), *God's Dealing with the African Race" (1867), How Shall the Regeneration of Africa be Effected?* (1868) e *The Obligation of American Black Men for the Redemption of Africa* (1872). Ao final, já para o período estadunidense, temos acesso a outros panfletos e textos do período de 1880 até 1897: *Marriage and Divorce: a Sermon Preached in St. Luke's Church, Washington (1881), A defence of the Negro Race in America from the Assaults and Charges of Rev. J.L. Tucker, D.D.* (1882), *The Race-Problem in America* (1889) e *Civilization the primal need of the race : the inaugural address* (1897).[80]

***

[78] CRUMMELL, Alexander. *The Future of Africa*: Being Adress, Sermons, etc., etc., delivered in the republic of Liberia. Nova York: Charles Scribner, 1862; CRUMMELL, 1882, *op. cit.*; CRUMMELL, Alex. *Africa and America*: Adress and Discourses. Springfield: Willey & Co., 1891.

[79] Além dessas obras mais robustas, podemos citar o pequeno livro de memórias do pastor, *The Shades and the lights of a fifty years ministry*, desenvolvido já ao final da vida do pastor.

[80] Cf. Anexo IV para mais informações sobre os textos de Crummell.

Em minha trajetória acadêmica, há um texto que me marcou profundamente e que, desde então, balizou minhas perguntas e investigações em artigos, trabalhos e, agora, também nesta dissertação. Se a citação de Edward Said que iniciou esta introdução é um aforismo deste trabalho, as reflexões de Frantz Fanon, na obra *Sociología de Una Revolución* (1959), no capítulo intitulado "Aqui La Voz de Argelia", é quase um paradigma existencial nos meus interesses e na minha trajetória de pesquisa.

No texto citado, Fanon preocupa-se em demonstrar a relação dos sujeitos envolvidos na situação colonial francesa na Argélia – tanto colono como colonizado – em relação à rádio. "Os europeus na Argélia, em geral, possuem aparelhos de rádio. Antes de 1945, 95% dos receptores de rádio pertenciam a europeus".[81] De propriedade inicialmente apenas da minoria europeia branca, a rádio representou em um primeiro momento, no processo de colonização da França, um instrumento exclusivo de coletividade e de reafirmação dos valores de classe e raça dos colonos. Assim, para o europeu, possuir um aparelho de rádio simbolizava estar próximo e reafirmar o mundo burguês-ocidental e colonial.[82] Entretanto, esse símbolo de dominação e ratificação da situação colonial francesa sofreu uma virada de significado. Se antes de 1945 era objeto do colono, com o acirramento das lutas coloniais, tornou- se instrumento revolucionário dos argelinos subjugados e perdeu seu componente de objeto do inimigo.[83] A rádio, que antes somente falava de franceses para e sobre os próprios franceses, reconstituiu-se e se colocou como instrumento de fala e de escuta dos próprios argelinos. Portanto, o instrumento se tornou um veículo de notícias e informações sobre a situação da luta, dos embates dos guerrilheiros, das derrotas francesas e dos próximos passos para a descolonização e libertação.[84]

Ao fim, o que Fanon nos evidencia é que dominação e liberdade podem conviver juntos ou se expressar no mesmo objeto. Em limites estreitos, seus sentidos são determinados pelo modo como entendemos essas palavras e seus caminhos e pelo uso que a elas são dados pelo autor. Fanon nos mostrou isso anos atrás com o paradigma da rádio e se tornou, como dissemos, um paradigma de nosso trabalho. Por isso, esta dissertação busca mostrar esses estreitos

---

[81] FANON, Frantz. *Sociología de una revolución*. Cidade do México: Ediciones Era, 1968, p. 50. Trad. livre do autor: "Los europeus de Argelia, em general, poseen aparatos de radio. Antes de 1945, los radiorreceptores pertenciam em 95%, a los europeos".
[82] *Ibid.*, p. 50-51.
[83] *Ibid.*, p. 51.
[84] Esse mesmo raciocínio foi utilizado em artigo do próprio autor acerca do futebol e sua ressignificação nas lutas anticoloniais angolanas contra o colonialismo português. Antes um instrumento do colono português, o esporte e os clubes angolanos foram transformados em entidades organizativas e de luta para os africanos. Ver: OLIVEIRA, Petrus A.. Contra-ataque em Angola: o futebol contra a situação colonial. *Revista Espacialidades*, v. 17, n. 2, p. 79–93, 2021.

sentidos das ideias, sugerindo que foi por meio das mesmas palavras que Crummell expressou a legitimidade de dois projetos distintos: a colonização liberiana e o processo de reconstrução negra estadunidense. Dois projetos, dois territórios, conformado sob o mesmo vocabulário, mas que muitas vezes tomaram sentidos distintos, contraditórios, a depender dos objetivos e propósitos do autor. Portanto, sob essa perpectiva, entendemos Crummell, como um ponto fulcral de nossas reflexões iniciadas desde nosso primeiro contato com esse texto fanoniano. Assim, o pastor, suas ideias, seus projetos e suas cisões seria então a essência desse paradigma de Fanon e dessa dicotomia entre liberdade e dominação que atravessaram e ainda atravessam os vocabulários e as retóricas da modernidade.

Capítulo 1 – Libéria

Ao historiador, talvez o mais difícil seja recuperar não as palavras, mas seus sentidos. As palavras, seus parágrafos, podem permanecer intactos, no entanto, mesmo que assim permaneçam, seus significados podem já estar perdidos, ocultados, destruídos pela ação do tempo e do espaço. Na realidade, não deixemos somente na conta da distância do tempo e do espaço essa destruição, mas também na própria realização do texto, da junção hesitante de suas palavras e, principalmente, nos elementos, nas referências culturais, sociais, políticas e religiosas diversas que o autor pode utilizar na construção de um texto. O texto, por isso, é do autor, mas também do mundo que o cerca - de palavras e ideias que o percorrem e de outros lugares, projetos e agentes que o envolvem.

Neste capítulo, buscaremos investigar justamente essas ideias e esses sentidos que Crummell mobilizou para legitimar e justificar o projeto liberiano em meados do século XIX. Na seção "1.1. - Primeiro Passos", iremos nos deter nos textos entre 1853 a 1860, em que o teólogo apresenta, em seus primeiros passos no continente africano, os desafios da jovem nação liberiana (Subseção 1.1.1. Uma jovem nação) e como esses desafios fazem parte da própria história de formação teológica e divina da Libéria, uma nação entre tantas da "raça humana" (Subseção 1.1.2. Nação divina, raça humana). Em seguida, pretendemos mostrar as ambiguidades e contradições de Crummell em *The Future of Africa*, obra publicada em 1862 e em contexto de viagem temporária aos EUA, entre 1861 e 1863. Se a nação continuava divinizada nesses escritos, mostraremos por quais meios as populações negras estadunidenses poderiam cumprir esses desígnios. Diante disso, evidenciaremos que essa missão civilizatória estava inscrita na história de provação durante a escravidão (1.2.1. O passado da raça) e também nas circunstâncias singulares adquiridas em sua formação histórica nos EUA (1.2.2. Do centro à circunferência). Já na última e derradeira seção, mostraremos outras faces e verdades de seus projetos, pela qual descobrimos outros rumos e sentidos que Crummell deu à Libéria e a outros usos que Deus poderia ter para seu povo e sua raça (1.3.1. As verdades que importam).

Por fim, acreditamos que este capítulo pode matizar algumas questões colocadas pela historiografia acerca do pastor. Em relação à historiografia mais antiga – Du Bois e Ferris –, esse capítulo demonstra como Crummell se engajou de forma incisiva em um projeto colonial e de reassentamento negro em África. Logo, vamos demonstrar que o pastor não estava "perdido nos pântanos"[85] africanos, pelo contrário, o pastor legitimou ao longo de duas décadas um projeto de não integração dos cidadãos negros nos EUA e sua consequente saída do território.

[85] DU BOIS, *op. cit.*, p. 244.

Simultaneamente, discutiremos e demonstraremos as nuances do "nacionalista negro" ressaltado pela historiografia mais recente sobre o pastor – principalmente na figura de Wilson J. Moses e Appiah. Nosso intuito é também demonstrar como o vocabulário de Crummell para legitimar o projeto colonial liberiano foi diverso e contraditório e dependente do contexto, dos intuitos e dos objetivos de seus artigos, sermões e livros. Portanto, como mostraremos, seu léxico e seus termos deslizaram em sentidos e significados de acordo com os interesses e propósitos envolvidos, ora aproximando Crummell como um representante do "nacionalismo negro" de Moses (seção 1.3.1.), ora introduzindo outros sentidos quase inesperados em sua interpretação da experiência negra no Atlântico (seção 1.2.2.).

1.1. Primeiros Passos (1853 – 1860)

"Eu presumo que você esteja bem familiarizado com os relatórios comuns sobre a Libéria, seu clima e produtos, que são apresentados pela *colonization society*".[86] Essas palavras são de abril de 1854 e são as primeiras de Crummell a que temos acesso, quase um ano após sua chegada ao continente africano.[87] Seu conteúdo fazia parte de uma pequena carta sem destinatário e sua publicação ocorreu nas páginas do *African Repository and Colonial Journal*. Com um período de publicação aproximado de setenta anos (1825 – 1892), o *African Repository* consistiu em um periódico da *American Colonization Society (ACS)*[88] e serviu como uma forma de divulgação e difusão de notícias políticas, sociais, culturais e religiosas da Libéria. Além disso, foi suporte para publicação de textos, sermões, cartas e artigos de apoiadores, missionários, figuras políticas e uma gama de outros agentes envolvidos no projeto liberiano. Dentro disso, Crummell tanto foi objeto de notícias ao periódico, como também forneceu a este uma série de discursos, cartas e artigos.

Ao nos determos brevemente nesse trecho de 1854, as menções a relatórios tão "familiares" possivelmente eram uma referência às reuniões anuais da ACS (ou como ele se referiu, *colonization society)*. Nessas reuniões, uma série de aspectos e elementos da colonização liberiana eram discutidos e apresentados pelas lideranças da organização e, depois,

[86] CRUMMEL, Alexander. Extract from a letter from the Rev. Alex. Crummell. *African Repository,* Washington, v. 30, n. 4, p. 125, abr. 1854. Trad. livre do autor: "I presume you are well acquainted with the he common reports concerning Liberia, its climate and products, which are set forth by the colonization society".
[87] Alexander Crummell não saiu diretamente da América para a África, mas sim, se deslocou de Nova York para Inglaterra, em 1848 e se estabeleceu lá até 1853, onde além de fazer discursos e realizar trabalhos pastorais, se graduou como *Bachelor Arts (B.A.)* em Cambridge.
[88] Adiante, falaremos do papel da organização na Libéria.

publicados no próprio periódico da associação.[89] De acordo com Crummell, essa representação da Libéria realizada pela ACS estava "bastante correta".[90] O país era lindo e "abundante em belas paisagens",[91] não havia exageros quanto a sua "capacidade agrícola e riqueza do solo"[92] e, com uma população inteligente e enérgica, poderia "se tornar uma das maiores nações comerciais do mundo".[93] Junto a isso, o pequeno trecho encerrava com outro aceno tanto à nação quanto ao seu futuro, "pois, em outros acidentes providenciais, o fato de que o clima não é extremo - que o calor nunca é imoderado - garante a suposição de que não há obstáculo intransponível no caminho para impedir que o povo se torne uma nação ativa, agitada e empreendedora".[94]

A Libéria, por essas palavras, era uma promessa e, naqueles idos da década de 1850, dava apenas seus primeiros passos. Seu povo já era inteligente e enérgico, mas ainda precisava completar a obra, tornar aquele território uma realidade entre os grandes do mundo – uma nação "ativa, agitada e empreendedora". Na seção "1.1.1. – Uma jovem Nação", veremos como essa ideia reaparece em outros momentos de Crummell e quais camadas e sentidos o teólogo deu ao conceito e à categoria de nação para legitimar o projeto colonial liberiano, em seus primeiros passos e escritos no continente africano. Por fim, "1.1.2. Raça humana, nação divina" complementa a última seção, ao mostrar como o autor divinizou a nação liberiana, que, embora ainda jovem, poderia já saber de seus destinos e deveres como um dos membros da família humana, ou como Crummell mobilizou, de toda a "raça humana".

1.1.1. Uma jovem nação

O *African Repository* era uma publicação mensal da *American Colonization Society* e, desde a primeira aparição do trecho de Crummell de 1854, o pastor continuou a aparecer na revista até o ano de 1772, quando deixaria definitivamente a Libéria. Aliás, um mês antes do aparecimento dessa carta, na edição de março de 1854,[95] o periódico replicou partes do *Liberia*

[89] Há poucas informações da circulação do *African Repository* em nossas bibliografias consultadas e mesmo naquelas que tem um foco maior no periódico. O que nos parece, ao verificar de maneira pouco minuciosa seus assinantes, que grande parte dos assinantes e apoiadores era dos EUA e do norte do país.
[90] *Ibid.*, p. 126. O trecho completo e de trad. livre do autor é: "These representations are quite correct".
[91] *Ibid.*, p. 126. Trad. livre do autor: "abounding in fine scenery".
[92] *Ibid.*, p. 126. Trad. livre do autor: "agricultural capacity and richness of soil".
[93] *Ibid.*, p. 126. Trad. livre do autor: "it might become one of the greatest commercial nations in the world".
[94] *Ibid.*, p. 126. Trad. livre do autor: "for, in other providential accidents, the fact that the climate is not extreme one - that the heat is never immoderate - warrants the assumption that there is no insurmountable hindrance in the way to prevent the people becoming an active, stirring, enterprising nation".
[95] ITEMS, *op. cit.*, p. 90.

Herald[96] para informar que o pastor chegara com sua família a bordo do *British Mail Steamer*, vindo da Inglaterra[97] e aportara na Libéria no dia 15 de julho de 1853.[98] De acordo com Moses,[99] dos vinte cinco pregadores e diáconos episcopais negros ordenados nos EUA entre 1795 e 1865, pelo menos dezessete migraram para lugares fora de seu país natal. Crummell era um deles e é difícil e mesmo arriscado generalizar uma motivação coletiva e única a essas saídas – ou, no caso do teólogo, a decisão de não retornar em terras americanas, pois já estava na Inglaterra desde 1848. No entanto, podemos delinear certas causas quando analisamos o debate público estadunidense acerca do destino de suas populações negras naqueles idos do XIX, e desse modo, entender também a razão da recorrência de Crummell no periódico da *American Colonizatin Society* e a importância da figura e das ideias do pastor afro-americano para esta última.

Como evidenciamos na introdução, os EUA do século XIX foram envolvidos por uma série de planos para expulsar e reassentar em outro lugar as populações negras de seu território.[100] Dentro disso, embora seja difícil delinear uma única razão para esses projetos - o medo das populações negras livres em ocasionar e estimular revoltas entre os escravizados ou mesmo supostos propósitos religiosos e morais como de elevação dos afro-americanos -, o objetivo comum era bem claro: o futuro e funcionamento da democracia estadunidense dependia da resolução do problema racial e, no caso deste período, um determinado projeto preconizava uma América ocupada e construída somente entre e para os brancos. Não por acaso escreveu Alecquis Tocqueville após sua visita aos EUA, na década de 1830:

> O mais temível de todos os males que ameaçam o futuro dos Estados Unidos vem da presença dos negros em seu solo. Quando se busca a causa dos embaraços presentes e dos perigos futuros da União, chega-se quase sempre a esse primeiro fato, qualquer que seja o ponto de partida.[101]

---

[96] Jornal fundado por Charles Force em 1826 e refundado por John B. Russwurm, o *Liberia Herald* constituiu-se o primeiro jornal em território liberiano.

[97] Os biógrafos de Crummell já bem trataram das motivações da saída do pastor da América (Ver MOSES, 1989 *op.cit.*, p. 34-51; p. 52-67), mas podemos destacar, entre os principais, o racismo de membros da *Episcopal Church* (para mais informações desta denominação, ver nota 7), que impedia uma ascensão de Crummell dentro da organização, bem como uma busca do pregador por fundos e recursos para a paróquia pela qual era responsável: a *Church of the Messiah*, congregação negra episcopal de Nova York.

[98] Essa prática de republicação de outros jornais ou revistas era comum do *African Repository* e o próprio extrato da carta de abril de 1854 era originariamente de um jornal britânico chamado *The Calendar.*

[99] MOSES, *op. cit.*, p. 85.

[100] *Ver página* 16.

[101] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 394.

Esses perigos e medos eram compartilhados por outros muitos homens brancos bem antes da publicação de Tocqueville, como Charles Fenton Mercer, Henry Clay e Daniel Webster que, amedrontados e alarmados com o rápido crescimento da população negra livre, criaram em 1816 a *American Colonization Society*. Durante muito tempo lida na historiografia como uma organização conservadora abolicionista, historiadores e especialistas mais recentes[102] reavaliaram o papel e a função da entidade nesse processo de reassentamento negro. Em outras palavras, evidenciaram funções bem menos nobres na associação, "enfatizando os motivos ocultos dos colonizadores para se opor à escravidão, o racismo raivoso do grupo e as atitudes amplamente negativas dos afro-americanos em relação ao empreendimento".[103]

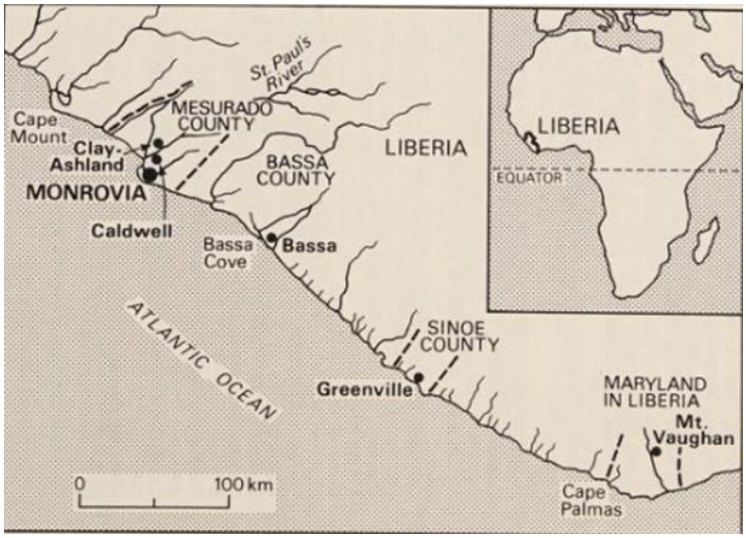
"Em tese, o objetivo da ACS era, através dessas expatriações, cristianizar e civilizar as populações nativas africanas a fim de prepará-las para o estabelecimento de acordos comerciais com os Estados Unidos".[104] Assim, quando Crummell aportou na Libéria em 1853, os planos da ACS já estavam há mais de três décadas em curso. No ano de 1822, sobre um território ao sul de Serra Leoa,[105] essa associação, com a ajuda do governo norte-americano, iniciou um processo de colonização e instituição de um país denominado "Terra dos Livres", onde as populações negras estadunidenses deveriam ser assentadas nos próximos anos. Quando fechou seus escritórios nos EUA em 1912, a ACS "havia transportado cerca de 17.000 negros para a Libéria. Além disso, cerca de 2.000 pessoas foram transportadas por várias sociedades estatais de colonização; A Sociedade de Colonização de Maryland foi a mais bem-sucedida".[106] Ademais, a Marinha estadunidense garantia não apenas proteção da costa contra outras potências e também em lutas internas do país, como também auxiliava no transporte de produtos manufaturados e outros alimentos enviados dos EUA.[107] Abaixo, deixamos um mapa da Libéria, em épocas próximas da chegada de Crummell, para ilustrar os territórios que seriam delimitados por esse projeto colonial da ACS.

---

[102] Cf. EGERTON, D. R. "Its Origin Is Not a Little Curious": A New Look at the American Colonization Society. *Journal of the Early Republic*, v. 5, n. 4, p. 463-480, 1985.
[103] BURIN, *op. cit.*, p. 2. Trad livre do autor: "emphasizing colonizationists' ulterior motives for opposing slavery, the group's rabid racism, and African-Americans' largely negative attitudes toward the enterprise".
[104] SOUZA, Tainá Elis Santos. Os desafios dos expatriados: O estabelecimento do ex-escravo William Douglas e sua família na Libéri (1857 - 1866). *Sankofa*, v. 10, n. 19, p. 131, ago. 2017.
[105] Colônia britânica com objetivos similares, cujo breve panorama histórico explicitamos na introdução.
[106] ALLEN, William E. Liberia and the Atlantic World in the Nineteenth Century: Convergences and Effects. *History in Africa*, v. 37, p. 22, 2010. Trad. Livre do autor: "had transported an estimated 17,000 blacks to Liberia. Additionally, 2,000 or so persons were transported by various state colonization societies; Maryland Colonization Society was the most successful". A figura 1 também mostra a localização do território, bem ao sul do país, onde foram assentados esses colonos negros de Maryland.
[107] SOUZA, 2017, *op. cit.*, p. 132.

.

Figura 1 - Libéria, 1850. Map Draw by the Cartogrophic Unit, University of Unit



Fonte: OLDFIELD, J. R. Alexander Crummell (1819–1898) and the Creation of an African-American Church in Liberia, Wales: Edwin Mellen Press, 1990, p. 58.

Nesse processo, Eric Burin aponta que a legitimidade da ACS e da Libéria era contestada tanto pelos escravagistas quanto pelos antiescravagistas estadunidenses. Os primeiros argumentavam que ACS visava, a partir de manumissões dos negros escravizados, definhar a escravidão dos estados do sul dos EUA. Já os últimos argumentavam, entre outros pontos, exatamente o contrário e que adotar uma postura colonialista era admitir a impossibilidade de solução do racismo no próprio território americano. Nesse sentido, a colonização da Libéria seria um suporte aos argumentos dos senhores de escravos sulistas.[108] Entre os afro-americanos especificamente, como o abolicionista David Walker,[109] a rejeição acontecia desde os primeiros anos da organização e de forma ainda mais profunda. Em seu *An Appeal to the Colored Citizens of the World (1830),* Walker observou que os negros americanos deveriam estar felizes com seus compatriotas que estão deixando o país, pois se eram ignorantes os suficientes para acreditarem nos brancos e deixarem suas casas e rumar para África, pouco podiam ajudar na causa antiescravista em seu país.[110] Ademais, os dados das condições de vida desses expatriados também ajudavam a descredibilizar a instituição nos EUA. Dos 2887 migrantes transportados para a Libéria entre 1831 a 1843, mais de 40% morreram por conta de

[108] BURIN, *op. cit.*, p. 16.
[109] David Walker (1796 - 1830) era um afro-americano nascido livre na Carolina do Norte, que além de ser um reconhecido abolicionista pelas suas atividades na *Massachusetts General Colored Association (MGCA)*, era membro da maçonaria de Boston e agente do relevante jornal negro *Freedom's Journal.*
[110] *Ibid*., p. 16.

doenças, confrontos com os nativos africanos e outros perigos da vida de assentamento. Outros 12% abandonaram a colônia antes de ter o mesmo destino.[111] Consoante a isso, os ataques contra ACS levantavam uma outra questão relativa às conexões desta com a noção da "migração involuntária",[112] ou seja, de que as famílias negras americanas eram obrigadas a deixar os EUA – sem qualquer outra alternativa –, para evitar assim perseguições e uma guerra racial e civil entre negros e brancos na América. A ACS estava a par dessas denúncias e críticas e sabia da importância de homens como Crummell para limpar a imagem da entidade. Dessa forma, não despretensiosamente mostrou, desde os primeiros anos do teólogo em território liberiano, a estadia do pastor através de informações e textos do autor.

Por isso, também em abril, mas agora de 1855, outra republicação de partes do *Liberia Herald* informou que uma multidão reunida se encantou com um discurso claro, audível e impressionante de Crummell. A razão dessa declamação era pela inauguração de um edifício para congregação da *Trinity Church*, localizada na capital liberiana, Monróvia.[113] Já na publicação de novembro do mesmo ano, outro trecho republicado do *Liberia Herald* trouxe notícias diretas de Crummell, mas em tons de tragédia. Um incêndio destruiu sua casa e reduziu quase tudo a ruínas. De acordo com o periódico, porém, a sorte do pregador e de sua família é que a Libéria era formada por cidadãos de enorme magnanimidade (*magnanimity*) e muitos se solidarizaram com as perdas do pastor. "A generosidade e bravura manifestada por nossos cidadãos naquela ocasião angustiante são dignas de alta recomendação", escreveu em tons elogiosos a notícia antes de colocar também os elogios de Crummell, o qual destacou os jovens da cidade e do país:

> Aos 'jovens da cidade; generosos, galantes, não egoístas, abnegados - eles realizaram prodígios!' 'que o Senhor se lembre deles para sempre.' 'Nunca vimos uma ousadia mais nobre, heroísmo mais real, entusiasmo mais generoso. Os jovens desta cidade são feitos do material que, se usado corretamente, os tornará Patriotas de seu país e Heróis de CRISTO'. (grifo do original)[114]

Nesta seção, não deixaremos de lado esta ideia de "Heróis de Cristo", mas por agora basta ver mais uma vez a noção de uma Libéria em construção e, neste trecho, uma Libéria em construção dependente da boa formação e do bom direcionamento das qualidades de seus

---

[111] *Ibid*., p. 27.
[112] OLDFIELD, *op. cit.*, p. 68.
[113] ITEMS from the Liberia Herald. *African Repository*, Washington, v. 31, n. 4, p. 90, abr. 1855.
[114] ITEMS from the Liberia Herald. *African Repository*, Washington, v. 31, n. 11, p. 250, nov. 1855. Trad. livre do autor: "To the "Young men of the town; generous, gallant, self-forgetting, self-sacrificing - they performed prodigies!" "may the Lord remember them for good forever". Never have we witnessed more noble daring, more real heroism, more generous enthusiam. The young men of this town are made of the stuff, which, if rightly used, will make them Patriots for their country and Heroes for CHRIST".

jovens patriotas. Uma nação, ao final, necessitava disso e, principalmente, a Libéria: uma também jovem nação. Foi exatamente nestes últimos termos que Crummell qualificou o país quase um ano depois, em agosto de 1856 e em outra carta republicada do autor.[115] Diferente do trecho de 1854, porém, sabemos o interlocutor desta: Benjamin Coates (1808-1887). Coates era um quaker e abolicionista branco dos EUA e a favor da colonização da África pelas populações afro-americanas.[116] Também distintamente das cartas anteriores, a republicação deste trecho não era original do *Liberia Herald*, e sim, do *New York Colonial Journal*, periódico mensal de uma outra associação vinculada à *ACS*: *The New-York State Colonization Society*, fundada em 1829.

É importante pensar que essas profusões de agentes ligados à produção e circulação dos textos de Crummell - *ACS*, Coates - nos indicam como as ideias, os sentidos e os significados das palavras, frequentemente, escapam de seus autores - e dos caminhos e passos que estes últimos quiseram dar a estas. Homi Bhabha[117] mobilizou a categoria de tradução para entender esses tortuosos caminhos e demonstrou como uma mesma palavra toma outros significados nos terrenos de um novo local, que ele bem denominou de Terceiro Espaço. Neste local, não existe propriamente o indivíduo, o sujeito, a instituição, mas um embate de projetos ideológicos, políticos, culturais particulares que atribuem um inédito sentido para aquilo que uma vez nos pareceu estático, único, eterno. Apesar de não desprezarmos por completo a ação do sujeito individual como instância de atribuição de sentido, compreendemos que Crummell estava permeado e atravessado de projetos, planos, propostas políticas para muito além de sua própria individualidade e de estreitas relações com outros agentes interessados na Libéria. Por isso, os conceitos e os sentidos que Crummell mobilizou para a nação liberiana, em meados do século XIX, não devem ser lidos separados destes outros atores concorrentes da Libéria – seja em conformidade ou aproximação; seja em tensões e rupturas, como veremos em outros momentos deste capítulo.

Voltemos então para 1856 e para o início da carta. Nela, Crummell agradeceu a Coates o envio de dois livros, *Evidences*, do bispo Mcllvaine[118] e uma outra "brochura petulante"

---

[115] CRUMMELL, Alexander. Rev. Alexander Crummell's Letter. *African Repository*, Washington, v. 32, n. 8, p. 246-248, ago. 1856.

[116]Coates foi grande apoiador dos empreendimentos de Crummell e ajudou a, por exemplo, a difundir sua obra *The Future of Africa* entre membros influentes dos EUA.

[117] BHABHA, *op. cit*.

[118] CRUMMELL, ago. 1856, *op. cit.*, p. 246. Possivelmente, o livro *The Evidences of Christianity, in Their External Division, Exhibited in a Course of Lectures Delivered in Clinton Hall, in the Winter of 1831-2, under the Appointment of the University of the City of New York*, de Charles P. Mcllvaine (1799-1873). Mcllvaine foi um bispo e duas vezes eleito capelão (*chaplain)* do senado americano.

(*petulante brochure)* de "Mr. Nesbit, o emigrante retornado"[119]. Diz que ambos eram importantes, mas foca mais no segundo volume, "que me ensina, mais do que antes, a fraqueza e a fragilidade de nossa natureza comum"[120] e ao mesmo tempo, "devo confessar, me mostra de muitas maneiras, meu dever de contribuir mais amplamente, como indivíduo, naquelas coisas que tornarão esta jovem nação mais real e substancial do que ela realmente é".[121] Nesse sentido, cidadãos como Crummell precisavam contribuir e saber de seus deveres em vista de tornar a jovem e promissora nação liberiana uma realidade. O país estava em construção e possuía necessidades, como angariar livros e criar o hábito de leitura: "os livros revelam a vasta riqueza do intelecto humano e exibem a glória maravilhosa e transcendente da alma"[122] e "são uma grande necessidade na principal cidade do nosso país".[123] Também havia a necessidade de prédios e edifícios permanentes para resguardar e cuidar desses livros enviados, particularmente as bibliotecas, cuja função aos jovens daquele país se estenderia para bem mais do que um simples local de leitura:

> Se uma filantropia grande e generosa fornecesse a Monróvia um edifício de pedra ou tijolo no valor de quatrocentos ou quinhentos dólares, com arranjos tais que os jovens da cidade pudessem organizar noites para debates, conversas e leituras, haveria uma mudança aqui em doze meses, cujo relato vos surpreenderia.[124]

Mas não existia lugar semelhante àquele no país e, consequentemente, "o jovem" não tinha "recurso intelectual".[125] Pior, a Libéria estava em uma guerra naquele momento, que drenava suas riquezas, parava a atividade industrial, neutralizava os ensinamentos cristãos e inflamava "as mentes e a imaginação de sua juventude".[126] É difícil saber a qual guerra se referia Crummell, mas sabemos pelo parágrafo que ocorreu na região de *Sinoe Country* (ver figura 1), mais ao sul do país. Mais importante que saber as circunstâncias do conflito, porém, é

---

[119] *Ibid.*, p. 246. Trad. livre do autor: "Mr. Nesbit, the returned emigrant". Não conseguimos encontrar informações sobre o autor ou a obra, mas pelo tom de Crummell na carta, parece um livro crítico aos projetos de emigração negra nos EUA.
[120] *Ibid.*, p. 247. Trad. livre do autor: "which learns me, more than heretofore, the weakness and the frailty of our commom nature".
[121] *Ibid.*, p. 247. Trad. livre do autor: "I must confess, shows me in many ways, my duty to contribute more largely, as individual, in those things which will make this young nation more real and substantial than she really is".
[122] *Ibid.*, p. 247. Trad. livre do autor: "os livros revelam a vasta riqueza do intelecto humano e exibem a glória maravilhosa e transcendente da alma".
[123] *Ibid.*, p. 247. Trad. livre do autor: "are a great need in the chief town of our country".
[124] *Ibid.*, p. 247. Trad. livre do autor: "If a large and generous philanthropy would provide Monrovia with a building of stone or brick worth four or five hundred dollars, with such arrangements that the young men of the town could assemble evenings for debates conversation, and reading, there would be a change here in twelve months, the report of which would astonish you".
[125] *Ibid.*, p. 247. Trad. livre do autor: '"the young man have no intellectual resort".
[126] *Ibid.*, p. 247. Trad. livre do autor: "the minds and the imagination of our youth".

entendermos o que essa pequena menção de Crummell oculta entre suas palavras, suas ideias e seus projetos. Na realidade, essa digressão é importante para todo nosso primeiro capítulo, pois, como mostramos com a epígrafe de Edward Said que abre este trabalho, as ideias podem se entrelaçar de tal forma na realidade que suas fronteiras se tornam indistinguíves. A consequência disso é que as ideias podem construir e edificar novas realidades, mas destruir e negar outras que não estejam em seu horizonte ou seu interesse.

No caso específico da Libéria, a "jovem nação" que Crummell legitimava era assentada em um território já ocupado muitos anos antes de qualquer projeto colonial liberiano. Como demonstrou Roberth Daylon, parte da região da atual Libéria, nos relatos de viagem de europeus e cabo-verdianos, era englobada dentro de uma macrorregião denominada de Serra Leoa.[127] Esse território então correspondia, no século XVI e XVII, o que hoje é a República da Serra Leoa, além de regiões dos territórios atuais de Guiné-Conacri e, como mencionamos, da Libéria. Essa delimitação maior do território nas fontes tinha uma razão principal: faziam referência aos povos e grupos que habitavam e viviam na região, sem menção alguma ao território liberiano moderno.[128] Nas fontes, esses povos foram descritos de modo geral como "Sapes", uma possível variação do termo fulani "Tyape", mas dentro desse termo se escondiam uma miríade de povos, "como os limbas, temnes, cocolis, bolões, bagas, dentre outros". Portanto, vários grupos sociais e culturas distintas habitavam a região muito antes da Libéria e de Crummell e, mesmo quando o projeto da ACS e de reassentamento negro começou, muitos deles resistiram e guerreram contra ações dos agentes liberianos.

No século XIX, segundo Boahen,[129] existiam ainda diversos grupos nativos no território, que eram identificados e reconhecidos pelas autoridades da colônia liberiana. Na costa, eram encontrados os Vai, os Dei, os Basa, os Kru e os Grebo, enquanto no interior, habitavam os Gola, os Bandi, os Kissi, os Kpele, os Loma e os Mandinga. Entretanto, na retórica de Crummell, seus nomes desapareceram ou foram minimizados, já que os interesses de Crummell, como veremos, incluíram de forma subordinada essas populações e esses povos que por anos habitaram a região. Edward Said, no mesmo livro em que retiramos a citação que inicia nosso trabalho, *A Questão da Palestina*, pode ser interessante para encerrarmos esse momento, antes de passarmos às ideias e à retórica de Crummell nesses primeiros anos. No livro, não em um capítulo em específico, mas em parte da obra, Said se propõe a analisar o movimento

[127] DAYLON, Roberth. *Desenterrando os mortos e enterrando os vivos em suas entranhas*: Uma história social dos sapes na Serra Leoa (1506-1615). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022, p. 18.
[128] *Ibid.*, p. 17.
[129] BOAHEN, *op. cit.*, p. 284.

sionista[130] como um sistema ideológico que impulsionou a criação do Estado de Israel em território palestino. “Em outras palavras, devemos compreender a luta entre palestinos e sionistas como uma luta entre uma presença e uma interpretação, em que a primeira parece ser constantemente subjugada e erradicada pela segunda”[131] Para Said, o sionismo seria uma ideia que desejava erradicar por completo a legitimidade e a vida dos palestinos, em um Estado formado e edificado em cima da destruição, obstrução e confinamento da Palestina.[132] Seu livro, por conseguinte, era uma forma de lutar diante dessa realidade e afirmar a presença e os direitos dos árabes-palestinos da região.[133] Ao fim, o projeto colonial estudado por Said é uma batalha “para arrancar dos nativos [palestinos] o controle da terra, mas essa luta é dignificada por uma ideia, e a ideia era tudo”.[134]

As ideias eram também de suma importância à Crummell e a seu projeto liberiano, consequentemente, a este trabalho e a nossas argumentações do capítulo. Nossa análise pretende então se focar nos modos como as ideias e os projetos do pastor construíram um determinado projeto nacional, sob um território que seria chamado de Libéria e envolveria interesses de variados grupos e instituições, seja em África, seja na América. Assim, nosso intuito é encerrar a discussão desta subseção pensando os sentidos e significados assumidos pela categoria e ideia de “nação” nesses primeiros e pequenos textos de Crummell. As ideias, ao final, são “tudo” não apenas por apagar os nativos africanos ou submetê-los a um regime colonial, mas também por legitimar e edificar os agentes do projeto nacional liberiano.

***

Em primeiro lugar, nesses textos do pastor, a ideia de um recente empreendimento e de uma jovem nação provavelmente se conectava com o fato de Crummell entender que o Estado liberiano havia conquistado sua independência em 1847, período não muito distante da publicação desses textos. O próprio Crummell nos indica isso em um sermão cujo argumento central exploraremos com mais detalhes na próxima seção, mas ao qual já podemos nos deter neste instante, sobretudo em sua rápida introdução. “O dever de um estado Cristão em

[130] O sionismo é um movimento político, cultural e social datado de finais do século XIX, cujo propósito central era criar um Estado próprio aos judeus. ‘Sionismo’ é uma derivação de ‘Sião’, uma colina em Jerusalém mencionada na Bíblia e símbolo da identidade judaica. Embora inicialmente tenha havido debates entre os sionistas sobre o local de assentamento do país, o território da Palestina se consolidou já em início do século XX como principal região para o assentamento judaico. Nesse cenário, o Estado de Israel seria proclamado e oficializado em 1948, concretizando os objetivos sionistas na região palestina. SAID, 2012, *op. cit.*, p. 63-04.
[131] SAID, *op. cit.*, 2012, p 10.
[132] *Ibid.*, p. 64.
[133] *Ibid.*, p. 7.
[134] *Ibid.*, p. 33.

ascensão" (*The duty of a rising Christian state)*[135] foi apresentado no dia 26 de julho de 1855 diante do Conselho Comum da Monróvia e seu foco principal era esclarecer quais os deveres e as obrigações que o "Estado Cristão" liberiano deveria ter com o bem-estar e a civilização do mundo. Nossa edição em panfleto é de um ano depois de sua declamação, 1856, e sua publicação foi um pedido do próprio conselho, como mostra uma resolução da assembleia nas primeiras páginas do impresso: "Que o rev. Alex. Crummell é solicitado a publicar, em forma de panfleto, seu Discurso perante os cidadãos de Monróvia, no dia do Oitavo Aniversário da Independência da Libéria".[136] Exatamente, 26 de julho de 1855 era o dia da comemoração de oito anos de uma Libéria independente, como o próprio teólogo indicou no primeiro parágrafo do sermão:

> Este dia é o festival da nossa independência nacional; o dia de todo o ano dedicado à alegria, à ação de graças, ao pensamento sóbrio da responsabilidade nacional e à reflexão sincera sobre os destinos futuros. Acolhamos as delícias e privilégios que ela [a data da independência] nos oferece; temperando a alegria elástica da juventude com o reflexo mais calmo dos anos mais maduros e a sabedoria da idade.[137]

De novo a ideia de juventude retorna para definir e representar a Libéria, bem como a preocupação com a nação e seu futuro. Porém, atrelado a isso, agora o país do futuro aparece já mais amadurecido, pronto para refletir melhor acerca de suas ações e seus passos posteriores. Neste ponto introdutório, Crummell não elenca tanto as ações necessárias a um futuro grandioso – o tema do discurso –, e sim, o próprio ato reflexivo de pensar as responsabilidades nacionais, proporcionado por aquele dia comemorativo e de rememoração. De toda forma, ainda estava em jogo os "destinos futuros" do país e seu sucesso dependia dos deveres e das obrigações que tornar-se um Estado ou República trouxe aos liberianos em 1847.

> Pois vocês se lembrarão que os primeiros aniversários desta República passaram: e a exuberância calorosa da nacionalidade recém-nascida deu lugar ao cuidado, ao pensamento, à consciência do dever pesado, ao peso da responsabilidade nacional e aos pesados cuidados da cidadania e do governo.[138]

---

[135] CRUMMELL, Alexander. *The duty of a rising Christian state to contribute to the world's well-being and civilization, and the means by which it may perform the same*. Londres: Wertheim & Macintosh, 1856.
[136] *Ibid.*, p. 3. Trad. livre do autor: "That the Rev . Alex . Crummell is hereby requested to publish, in pamphlet form, his Address before the citizens of Monrovia, on the day of the Eighth Anniversary of Liberian Independence".
[137] *Ibid.*, p. 6. Trad. livre do autor: "This day is the festival of our national independence ; the day of all the year dedicated to joy, thanksgiving, the sober thought of national responsibility, and the earnest pondering upon future destinies. Let us accept the delights and privileges it proffers us ; tempering the elastic joy of youth with the calmer reflection of maturer years, and the sage wisdom of age".
[138] *Ibid.*, p. 6. Trad. livre do autor: "For you will remember that the first anniversaries of this Republic have passed away : and the warm exuberance of new-born nationality has given place to care, to thought, to the consciousness of burdened duty, the weight of national responsibility, and the heavy cares of citizenship and government".

Em síntese, essas concepções inicias de Crummell adentravam em um vocabulário bem comum acerca das relações entre a nação e o Estado moderno no século XIX. Como alguns autores que se detiveram na história do termo mostraram,[139] as relações entre o nacionalismo e a formação de um Estado surgiram e se consolidaram somente entre os séculos XVIII e XIX. Antes disso, "nação" poderia ter outros sentidos que não a formação de um território ou de um Estado para um povo. Por exemplo, no período colonial brasileiro (XVI a XVIII), "nação" era um termo utilizado para nomear os lugares de onde provinham escravos e escravas vindos da África, como "nação mina", "nação benguela". Assim, como apontou Eduardo França Paiva, devemos historicizar os conceitos e léxicos ao longo do tempo, reconhecendo que seus usos e significados podem passar por mudanças ao longo do tempo.[140] É o que ocorreu com o significado de "nação", que recebeu uma conotação hegemônica a partir do século XIX e ligada à formação de um Estado político e representativo da soberania de um povo. Para Homi Bhabha, esse conceito moderno de nação se sustenta a partir de dois pilares, denominados de "tempo pedagógico" e "tempo performático". A autoridade e legitimidade do corpo nacional, diz o autor, está sempre em uma dupla inscrição temporal: o "tempo pedagógico" (a busca por um passado distante, mítico e comum) – e o "tempo performático" (a necessidade de produzir consensos e acordos no presente).[141] Nesse sentido, a Libéria, pelos poucos anos de independência ou em processo de "amadurecimento", aparece em Crummell como um Estado que ainda não possuía um passado tão glorioso (o tempo pedagógico), mas que ainda assim poderia refletir acerca dos seus deveres presentes para o sucesso e consolidação de sua nacionalidade. Por conseguinte, a condição dupla da independência da Libéria em seu texto: uma data de vitória, de consagração de um passado mesmo que recente, de festas pelo novo estado de autonomia, mas também de reconhecimento, de "pensar em nossos deveres e nossas obrigações, como um Estado cristão, e ponderar o futuro responsável que agora se aproxima rapidamente".[142]

Dessa forma, Crummell articulou o conceito de nação, nesses primeiros textos, pelo menos em três instâncias: uma nação jovem (1) em busca de consolidar sua "República" e seu "Estado recém-independente" (2) e, por este último trecho, uma nação que deveria encarar as

---

[139] Cf. GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Lisboa: Gradiva, 1993; HOBSBAWM, E. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; ANDERSON, *op.cit.*

[140] PAIVA, Eduardo Franca. *Dar nome ao novo*: uma historia lexical da Ibero-America, entre os seculos XVI e XVIII (as dinamicas de mesticagens e o mundo do trabalho). Belo Horizonte: Autentica, 2015.

[141] Bhabha, *op. cit.*, p. 237.

[142] *Ibid.*, p. 7. Trad. Live do autor: think about our duties and our obligations, as a Christian State, and ponder the responsible future now coming quickly upon us".

incertezas e os encargos do futuro (3). Três significados, ao final, bastante interligados, como mostra o próprio Crummell, em último parágrafo de sua reveladora introdução:

> Os encargos do Estado aumentam a cada dia. Perguntas profundas e pesadas estão constantemente surgindo. Cada vez mais nos relacionamos com terras estrangeiras. E jovens como somos, o futuro começa a se aproximar de nós com importância e solenidade.[143]

O futuro então se aproximava para uma nação jovem e o Estado-Nação liberiana possuía deveres, responsabilidades, encargos e obstáculos. Desse modo, como garantir o sucesso deste projeto liberiano? Como uma nação tão jovem poderia compreender com exatidão seus deveres? Refletir e pensar sobre os deveres e encargos era o bastante? Para responder essas perguntas, devemos avançar no discurso *The Duty of a Rising Christian Church* e adentrar no argumento central de Crummell. Argumentos em que encontraremos outros sentidos para o a nação liberiana, bem como os primeiros significados de nossa outra palavra importante, mas que ainda não apareceu em nossos textos: a "raça". Ao fim, não esqueceremos das definições abordadas nesta seção, e sim, as colocaremos dentro de outros sentidos, de outros processos de legitimidade que já apareciam timidamente nestes primeiros textos do pastor, mas que serão explicitados neste discurso da independência do país. É momentos de refletirmos como Crummell teologizou o futuro desta jovem nação.

1.1.2. A raça humana, uma nação divina

Na notícia de 1855, em trecho destacado já anteriormente, indicamos que não deixaríamos de lado a expressão que encerrou a fala de Crummell acerca dos jovens patriotas da nação liberiana, isto é, sua capacidade de se tornaram também "Heróis de CRISTO". Em síntese, aqueles jovens "generosos, galantes, abnegados" e formados de outros materiais da maior nobreza, caso tivessem um direcionamento correto, poderiam se tornar cidadãos relevantes para a nação liberiana e, simultaneamente, heróis do mundo cristão. Nesse sentido, ocorria uma conexão intrínseca entre essas duas esferas, em que os mesmos valores poderiam servir para formar o ser humano tanto como servidor de seu país, quanto como servidor (ou herói) de Deus. Uma conexão e ligação que seria constante em toda trajetória de Crummell, na Libéria ou nos EUA.

---

[143] *Ibid.*, p. 7. Trad. livre do autor: "The burdens of State are increasing every day. Deep and weighty questions are constantly arising. More and more are we brought into relation with foreign lands. And young as we are, the future begins to loom upon us with import and solemnity".

Obviamente, sabemos os perigos de generalizar essa ideia através de um minúsculo trecho e de um pequeno fragmento de uma notícia informativa ligada mais à vida pessoal de Crummell do que propriamente às suas ideias. Mas as palavras e os seus significados podem retornar em outros lugares, em novas circunstâncias e é assim que entendemos, nesta seção, o conteúdo e argumento central do já citado discurso de 1856: *The duty of a rising Christian state*. Nele, pontos já investigados podem reaparecer, como a própria ideia de uma jovem nação, mas em conexão com novas palavras – a raça, por exemplo – ou outros sentidos para os mesmos termos, principalmente a ideia de uma nação assentada em princípios teológicos e religiosos. Ao final, esperamos, com isso, aprofundar e delinear ainda mais esses primeiros passos da defesa e do compromisso de Crummell por um determinado projeto de construção política da Libéria.

Com esse intuito, lembremos que o foco principal de *The Duty of a Rising Christian State* era esclarecer quais os deveres e as obrigações que o "Estado Cristão" liberiano possuía com a humanidade e como o país poderia cumprir essas responsabilidades. A primeira parte do sermão era das mais importantes, em que o pastor não apenas evidenciava as razões das nações terem essas obrigações e deveres com a humanidade, mas também como isso se conectava com o modo como Crummell entendia a própria história humana e a formação das nações no mundo: "Começo este argumento, para o qual sei que sou impróprio e assim me sinto, com a observação de que as relações que as nações mantêm com toda a família do homem como um todo atestam essa obrigação e impõem esse dever".[144]

Como escreveu – ou discursou – Crummell, uma nação era uma coleção de homens, não de anjos, nem de semideuses; mas homens de carne e osso. Homens da terra, terrenos. Homens da mesma forma e natureza, dos mesmos apetites e mesmo destino, "como nós mesmos, e os homens de todas as outras nações".[145] Melhor, uma nação era somente uma fração da grande comunidade da humanidade, como "fragmentos, separados, quebrados, destacados de alguma grande forma-mãe, ela própria de uma origem única, que se espalhou por todos os lados, a mãe comum das nações e raças".[146] Essa origem única seria bíblica e Crummell, através de um arcabouço teológico e religioso, demonstrou que a formação dessas raças e nações se deu após

[144] *Ibid.*, p. 6. Trad. livre do autor: "I commence this argument, for which I feel and know myself unfitted, with the remark that, The re- lations which nations bear to the wholefamily of man in the aggregate, attest this obligation, and press this duty".
[145] *Ibid.*, p. 6. Trad. livre do autor: "as ourselves, and the men of all other nations".
[146] *Ibid.*, p. 6. Trad. livre do autor: "detached, from some large parent form, itself of like origin, which has spread itself out, on every side, the common mother of nations and races".

o dilúvio divino[147]. Dilúvio em que três "raças" e famílias descendentes de Noé[148] brotaram e insurgiram e cuja influência e nome atravessariam todas as faixas do tempo.[149] O termo "raça", finalmente, aparece pela primeira vez em nossas argumentações e sem uma definição muito clara: no primeiro momento, como uma das partes e filhas da grande comunidade humana e em relação de proximidade com o termo "nação" e, no segundo, ao caracterizar os descendentes de Noé e suas respectivas famílias que migraram e se espalharam pelo mundo, levando vida e nacionalidades "através de todas as faixas do tempo". Entretanto, antes de nos determos detalhadamente nos sentidos da "raça" em seu texto, continuemos a argumentação do pastor e vejamos como o autor finalizou e articulou essa definição de nação com a obrigação liberiana de contribuir com os destinos da humanidade.

Para isso, Crummell retomou de novo seu olhar à história, agora não apenas à religiosa, mas também à secular e clássica, pelo qual mostrou a "interdependência mútua das nações".[150] Voltou, primeiramente, quatro mil anos no tempo, às margens do Nilo e trouxe a imagem de um pequeno menino, que das águas turvas do rio se tornou "o líder daquela raça imortal tão distinta nos destinos do homem e na economia de Deus".[151] O homem era Moisés, líder e libertador dos judeus, que aqui foram descritos como uma "raça", a mais proeminente e singular, "que desde então influenciou os destinos do homem em todos os sentidos, mais do que qualquer outra causa na história humana".[152] Semelhante aos judeus, para Crummell, foram aqueles que circundaram o mar Egeu muitos anos depois, cuja contribuição esteve menos no campo da moralidade, e sim, em matéria de refinamento artístico, nos gostos, na intelectualidade. Eram os gregos – não qualificados como uma "raça" ou "nação" no texto –, cujas características artísticas passaram de geração em geração com a expansão europeia e encontraram os americanos, indígenas e africanos regenerados, todos preocupados em

[147] Na tradição cristã, a primeira aliança de Deus, capítulo 6 do Gênesis, com os homens se deu na figura de Noé, homem íntegro e justo entre seus contemporâneos. Em vista disso, perante as maldades e o pecado que cresciam entre os seres humanos, Deus decidiu mandar um dilúvio para inundar toda a Terra, mas poupou um entre eles, melhor, poupou Noé, seus parentes - sua mulher, seus filhos e as mulheres de seus filhos - e um casal de cada ser vivo, símbolos da misericórdia divina e da salvação da humanidade. GÊNESIS 6. In: *Bíbliaon*. Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_6/. Acesso em: 27 dez. 2022.

[148] Crummell não específica neste trecho, mas o que ele chama de três raças e famílias certamente se refere aos três filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé. Na tradição cristã, foram seus descendentes os responsáveis por se espalhar e ocupar a Terra.

[149] *Ibid.*, p. 6. Trad. livre do autor, o trecho complete é: "From the deluge, three distinct forms of race and family, which have again budded into life and energy divers nationalities, of immortal renown, of boundless influence, and commanding name, through all the tracks of time".

[150] *Ibid.*, p. 7. Trad. livre do autor: "mutual interdependence of nations".

[151] *Ibid.*, p. 7. Trad. livre do autor: "the leader of that immortal race so distinguished in the destinies of man, and in the economy of God".

[152] *Ibid.*, p. 8. Trad. livre do autor: "which has ever since influenced the destinies of man in every way more than any other cause in human history".

apreender e dominar as criações "da mente grega, como os grandes mestres do pensamento e do gênio".[153] Já os romanos – também não qualificados como raça ou nação–, últimos nessa lista de história clássica de Crummell, apesar de toda uma série de abusos e uso massivo de força bruta, transmitiram ao mundo "dois princípios valiosos para o homem – A ENERGIA invencível, E O DA LEI E DO GOVERNO" (grifos do original).[154] Desse modo, "O judeu, o grego, o romano – tipos de religião, de intelecto e poder; eles desapareceram e partiram",[155] mas seus espíritos permaneceram e perduraram no tempo. Mais do que isso, esse espírito estruturou a fé, a cultura e o governo nacional liberianos: a religião que professavam; os raciocínios e métodos intelectuais empregados; os modos de governo, autoridade e lei; a arquitetura; edificava a Libéria e conectava seu presente ao passado, demonstração clara da "unidade da raça"[156] ou da humanidade. O Todo–Poderoso, ao final, deu à raça humana o destino de apenas se aprimorar, mesmo com as falhas ou a destruição de suas partes fracionadas, de suas nações e raças. Em uma metáfora, Crummell as definiu como:

> a queda das folhas em um outono estrangeiro, em consequência do qual, na primavera, a floresta aparece, vestida de beleza e maravilhosamente carregada de massas de folhagem. E a este avanço todas as seções da raça devem somar suas contribuições e enviar sua cota de presentes e influência.[157]

Em síntese, não havia isolamento, nenhuma absoluta nação individual, todas se conectavam em sangue, linhagens e costumes antigos. Todas eram uma só, a raça humana, e não era exagero dizer "que nossa vida, nossa cultura e nossa civilização"[158] eram "apenas o resultado da energia incessante da mente e do corpo de todas as nações".[159] Desse modo, ao entender todas as unidades nacionais do presente e do passado como uma pequena fração da família e comunidade humana, cada uma tinha o dever de contribuir para algum elemento social, cultural e político dessa história familiar conjunta e conectada.

***

[153] *Ibid.*, p. 8. Trad. livre do autor: "of the Grecian mind, as the great teachers of thought and genius".
[154] *Ibid.*, p. 8. Trad. livre do autor: "two valuable principles to man invincible ENERGY, AND THAT OF LAW AND GOVERNMENT".
[155] *Ibid.*, p. 8. Trad. livre do autor: "The Jew, The Greek, the Roman—types of religion, of intellect, and power ; they have vanished and departed".
[156] *Ibid.*, p. 8. Trad. livre do autor: "unity of the race".
[157] *Ibid.*, p. 8. Trad. livre do autor: "They are as the falling of the leaves in a foreign autumn, in consequence of which, in spring-time, the forest appears, apparelled in beauty, and gorgeously laden with masses of foliage. And to this advancement all the sections of the race are to add their contributions, and to send in their quota of gift and influence".
[158] *Ibid.*, p. 9. Trad. livre do autor: "our life, our culture, and our civilization".
[159] *Ibid.*, p. 9. Trad. livre do autor: "the result of the ceaseless energy of mind and body of all past nations".

Uma das tentações de se fazer história intelectual é procurar, de toda forma, a coerência e enxergar, em quaisquer resquícios de contradição, uma simples fatalidade ou tropeço de um caminho certo e inevitável da coesão. Quentin Skinner[160] alertou para esse risco em seu mais famoso ensaio, "Significação e compreensão da história das ideias", ao orientar o pesquisador a tomar cuidado com mitologias e interpretações equivocadas na investigação dos caminhos labirínticos das ideias. Uma destas configura–se pela "mitologia da coerência", no qual um estudioso das ideias considera que um autor pretensamente falhou ou foi inconsistente em sistematizar certa ideia ou determinado plano ou projeto. Como resultado, alguns historiadores podem cair na tentação ou de minimizar a importância de afirmações que possam manchar a coerência interna de uma obra ou de um texto, ou de criticar o autor por ter se equivocado na construção de um sistema coerente e fixo. Não cairemos nesta última, pelo contrário, este trabalho busca minuciosamente as contradições, as ambivalências, os sentidos inesperados que as ideias de Crummell assumiram em seus textos.

Contradições ou ambiguidades que aparecem de novo em um dos sentidos mobilizados para a ideia de "raça", por exemplo, quando o pastor indicou que iniciaria uma discussão acerca da "interdependência mútua das nações" e, logo em seguida, listou os judeus como uma "proeminente e singular raça" e nem ao menos qualificou diretamente os gregos ou romanos. Raça e nação, nesse sentido, teriam o mesmo caráter qualificativo para esses povos? Seriam termos sinônimos para nomear os judeus, os gregos, os romanos e até mesmo os liberianos? Nesses excertos, possivelmente nunca saberemos e as ambiguidades permanecerão, como é próprio da história e dos caminhos tomados pelas ideias. Mas nem todos os significados estão perdidos. Na realidade, a discussão de um outro sentido mobilizado pelo autor – a noção de raça humana –, nos faz não apenas avançar em nossa análise, como também nos lança em uma discussão bastante proeminente no século XIX: a escala civilizatória entre os povos.

É George Stocking Jr que nos dá um bom panorama desses debates e das instituições científicas – em França, Inglaterra e nos EUA – responsáveis por fazer circular paradigmas e argumentos em torno dos diferentes tons e graus civilizatórios entre os povos do mundo. Dentro disso, o autor procurou identificar as mudanças interpretativas em relação à vida humana e sua diversidade, na passagem do século XVIII para o XIX, e como essas modificações impactaram o modo de classificar e hierarquizar as distinções entre os seres humanos. No centro dessa discussão, o autor identificou a distensão entre duas correntes de pensamento que, basicamente, responderam de formas opostas à pergunta: a civilização é universal ou restrita a algumas raças

[160] SKINNER, *op. cit.*, p. 81-127.

privilegiadas? Assim, no século XIX, surgiram, de um lado, os poligenistas e a crença de que Deus criara várias raças, vários Édens e a descendência de Adão como escolhida para dominar e, do outro, os monogenistas e a defesa da "posição ortodoxa de que toda a humanidade descende de um único par".[161] Nos EUA, o poligenismo teria bastante adesão no debate acadêmico e nas elites escravistas do sul do país.[162] É o caso do médico Josiah C. Nott (1804 – 1873), um dos principais divulgadores do poligenismo do país, cujas teses reforçavam uma ideia de superioridade branca desde o início dos tempos e uma visão dos negros como historicamente criados para a obediência e tutela.[163] Ao mesmo tempo, o monogenismo tinha também seu espaço nos EUA, sobretudo em ciclos abolicionistas, os quais combatiam essa tese de inferioridade negra e demonstravam que todos provinham de uma mesma espécie e eram parte da raça humana.[164]

Por isso, não havia isolamento, nenhuma absoluta nação individual, todas se conectavam em sangue, linhagens e costumes antigos. Todas eram uma só, a raça humana, "nossa vida, nossa cultura e nossa civilização" eram "apenas o resultado da energia incessante da mente e do corpo de todas as nações". Assim retomamos Crummell e um dos modos como este intervinha e se filiava ao monogenismo do século XIX. O próprio objetivo de *The Duty of a Rising Christian State* confirmava essa proximidade com essa teoria. Com o texto, sua intervenção era pensar como este Estado Cristão, em ascensão e jovem, poderia retribuir a esta humanidade que tanto lhe concedeu em elementos políticos, sociais e culturais, por meio de suas antigas raças e nacionalidades. Em outras palavras, era possível ao Estado negro liberiano tanto ser civilizado quanto deixar suas humildes contribuições a esse mundo que tanto lhe havia cedido em graças e elementos civilizatórios.

Crummell, então, retomou a jovialidade nacional liberiana e citou, dentro disso, contribuições possíveis para uma nação de pouco nome no cenário internacional. Por isso, conclamou os cidadãos liberianos a aproveitar suas condições favoráveis e divinas (um Estado Cristão) e cultivar (*cultivate*) um novo homem e uma nova raça por meio de instrumentos como a língua inglesa, o cristianismo, a civilização, de forma a cumprir seu destino. "Os homens cultivam os campos; eles cultivam gado, árvores, pássaros e peixes; assim, também, eles podem cultivar os homens".[165] Obviamente, este cuidado com os homens era bem raro na história

[161] Trad. livre do autor: "in defending the orthodox position that all mankind descended from a single pair".
[162] BRITO, *op. cit.*, p. 24.
[163] *Ibid.*, p. 25.
[164] *Ibid.*, p. 25 e 26.
[165] CRUMMEL, 1856, *op. cit.*, p. 14. Trad. livre do autor: "Men cultivate fields ; they cultivate cattle, and trees, and birds, and fish ; so, too, they can cultivate men".

humana, concordava o pastor, que lembrou apenas algumas exceções nas figuras dos espartanos e romanos. No entanto, esse cultivo era fundamental na construção de qualquer país triunfante, pois não eram elementos externos – vegetação, relevo, clima – que indicavam a grandeza deste, e sim, a capacidade de seus membros de trabalharem com e sobre esses elementos. Junto a isso, Crummell também retomou a importância dos jovens e como eles eram a grande matéria prima a partir da qual esses elementos deveriam ser preparados e cultivados:

> Neste cultivo da *manhood*[166] em uma nação, meninos e meninas devem ser nosso principal material para agir. E eu diria que eles deveriam ter todos os itens de cultura, todos os elementos de instrução, todos os tesouros da ciência e do aprendizado que possamos dominar.[167]

Todos os itens "da cultura", "da instrução", "dos tesouros" da ciência. Por este trecho, podemos retornar às questões dos diversos valores que os liberianos deveriam ter e de como esses elementos de cultivo estavam para muito além do seu papel como cidadãos. Muito além, pois o cidadão era também agente em um mundo cristão e civilizado. Assim, primeiramente, o que vemos aparecer neste trecho é um dos pêndulos que acompanham Crummell em seu conceito de "civilização" ao longo do tempo, ao oscilar entre uma concepção clássica-humanística europeia (adquirir "tesouros da cultura", "da ciência") e uma concepção moral-religiosa (a civilização como adoção do cristianismo). Em segundo lugar, vemos surgir aqui também uma outra perspectiva fundamental em Crummell: sua perpectiva em entender as dimensões terrenas e celestiais em conexão e, no caso específico deste trecho, as nações (as famílias dos homens) compartilhando características e uma história em comum desde a criação e a origem do mundo pela obra de Deus. Consequentemente, para o autor, pensar na nação era também refletir tanto nas outras experiências nacionais que já haviam contribuído para a humanidade quanto nas missões e deveres divinos que Deus havia distribuído aos seus filhos e às próprias nações. Finalmente, essa ligação entre a nação e seus aspectos divinos também adiciona um outro olhar para os jovens da Libéria, que podem ser entendidos tanto como os futuros cidadãos, mas também como os futuros guardiões da cristandade. Dentro da tradição cristã, alguns trechos referenciam essa questão da importância da juventude, por exemplo, o primeiro livro de João: "Filhinhos, eu escrevi a vocês porque conhecem o Pai. Pais, eu escrevi a vocês porque conhecem aquele que é desde o princípio. Jovens, eu escrevi a vocês, porque

[166] O termo *manhood* pode ser traduzido tanto como "masculinidade" e "virilidade" ou um indicativo que um menino ou jovem se tornou um homem e que agora estaria na fase adulta (manhood).
[167] *Ibid*., p. 17. Trad. livre do autor: "In this cultivation of manhood in a nation, boys and girls are to be our main material to act upon. And I would say that they should have every item of culture, every element of instruction, all the treasures of science and learning which we can possibly command".

são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece, e vocês venceram o Maligno".[168]Como bem sintetizou o próprio pastor, eram, portanto, responsabilidades em todas as esferas da vida: "Com prudência, com assiduidade, sob um profundo senso de responsabilidade para com Deus, o homem e o Estado, podemos todos determinar usar nossa influência e dar o exemplo, que pode tender a cultivar homens e *manhood* em nosso país".[169]

"Dentro de um espírito antropológico", uma vez definiu Benedict Anderson,[170] a nação pode ser entendida como uma comunidade política imaginada – "e imaginada como sendo intrinsecamente limitada, e ao mesmo tempo, soberana". Em uma das definições mais clássicas da categoria, parte desse conceito nasceu realmente de seu espírito antropológico. Isto é, surgiu da percepção do autor de que vastos sistemas culturais de se entender coletivamente no mundo, embora não completamente desgastados, não mais respondiam completamente os anseios profundos das pessoas.[171] Anderson referia–se propriamente aos povos do mundo reunidos sob cabeças e famílias dinásticas – os impérios europeus dos séculos XVI, XVII e XVIII. Seus argumentos também diziam respeito àquelas ainda maiores comunidades religiosas – cristãos, mulçumanos – que, mesmo separadas por oceanos distantes, sabiam antes que encontrariam cada irmão após a vida passageira e terrena. Para o autor, por consequência, a nação herdou sua base desses sistemas imaginados, e não de alguma proposta política racional e consciente. Desse modo, a nação substituiu o sentimento da fé e da religião e se aproveitou de uma modernidade que esgotou essas formas antigas de experiência e existência dos seres, mas deixou a seus membros uma outra, aquela de um tempo "vazio e homogêneo": a soberana, política e secular nação.[172]

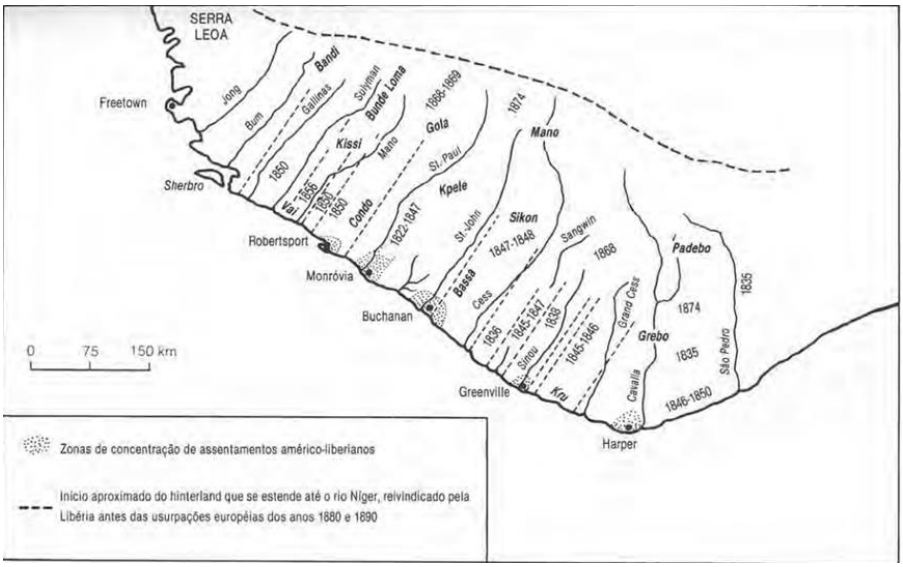
Em suma, por um lado, nossa análise de Crummell pode confirmar o argumento de Anderson, ao mostrar como os nacionalismos e sua simbologia herdaram muito desses antigos sistemas, por exemplo, quando evidenciamos a concepção de "cultivar novos homens", em um renascimento e uma regeneração em formas extremamente religiosas, mas focadas em criar sujeitos fortes, capazes e civilizados para seu Estado. Por outro, pode matizar aspectos das comunidades imaginadas de Anderson, principalmente no seu ponto de secularização do mundo, pois para Crummell seria impensável uma nação sem uma base religiosa.

---

[168] 1 João 2:14. In: Bíbliaon. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/1_joao_2_14/. Acesso em: 04 set. 2023. Devo a Roberth Daylon a lembrança deste trecho e deste sentido cristão da categoria de juventude em Crummell.
[169] *Ibid*., p. 18. Trad. Livre do autor: ""In prudence, with assiduousness, under a deep sense of responsibility to God, and man, and the state, may we all determine to use our influence, and to set tin,' example, which may tend to cultivate men and manhood in our country".
[170] ANDERSON, *op. cit.*, p. 32.
[171] *Ibid.*, p. 39.
[172] *Ibid.*, p. 39.

Pode fazer certo sentido, à primeira vista, relacionar essa concepção nacional religiosa de Crummell apenas ao fato de sua formação teológica e religiosa. Ora, por mais de um mês, o pastor navegou junto da mulher e dos filhos pela costa africana, a bordo do *British Mail Steamer*, quando desembarcou na capital liberiana, Monróvia. Viajou – e continuou ao longo dos próximos anos – sob os auspícios dos episcopais, que começavam um projeto expansionista na África Ocidental.[173] Uma política não desinteressada, é bom dizer, pois desde a independência do país, em 1847, o governo da Libéria buscava expandir seus domínios para o interior e agregar terras aos américo–liberianos,[174] detentores de uma hegemonia política e social no país desde a fundação da colônia em 1822.[175] Os episcopais, portanto, procuravam estabelecer sua autoridade e seus postos de poder neste processo, ainda bastante parcos em 1850 e sem um ponto consolidado no território.[176] Assim, uma nação religiosa certamente atenderia os interesses de sua denominação e ajudaria a legitimar uma busca pelo poder religioso no território.

Figura 2: Libéria – território anexado pelos américo–liberianos, 1822–1874.



Fonte: AKPAN, Monday B.. Libéria e Etiópia, 1880 –1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In.: BOAHEN, Albert Adu. (Ed.). *História Geral da África VII*: África sob dominação colonial. Brasília: UNESCO, 2010, p. 281–318.

[173] OLDFIELD, op. cit, p. 61.
[174] Designação dada aos colonos africanos vindos do Novo Mundo e a seus descendentes. A figura 2 dá um bom panorama desta expansão, em período próximo em que Crummell esteve na Libéria.
[175] AKPAN, Monday B.. Libéria e Etiópia, 1880 -1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In.: BOAHEN, Albert Adu. (Ed.). *História Geral da África VII*: África sob dominação colonial. Brasília: UNESCO, 2010, p. 281-318.
[176] Sua primeira missão, em Mount Vaughan, como demonstra a figura 1, era território já mencionado da colônia do estado de Maryland, denominada *Maryland Colony*. A Libéria incorporou a colônia somente em 1857.

Entretanto, como já mostramos, as ideias percorrem seus próprios caminhos e, frequentemente, fogem a seus autores. Em um novo espaço – para lembrar a expressão de Homi Bhabha, em um Terceiro espaço –, podem assumir novos contornos, distintos significados e outros objetivos. Dessa forma, seria um erro restringir o caráter teológico de Crummell somente a um simples fator de filiação religiosa do autor. Seria um erro, primeiramente, se lembrarmos que o sermão foi declamado diante do Conselho Comum da Monróvia e como uma forma de celebrar a independência do país e a autonomia política conquistada a partir de 1847. Ou seja, no mínimo, o conteúdo era inteligível e ressoava coerentemente na vida política liberiana, como a própria carta constitucional de 1847 pode corroborar, ao pensar em conjunto o cidadão da nação e de Deus.

> Portanto, nós, o Povo da Comunidade da Libéria, na África, reconhecendo com devota gratidão, a bondade de Deus, ao conceder–nos as bênçãos da religião cristã e a liberdade política, religiosa e civil, a fim de assegurar essas bênçãos para nós mesmos e nossa posteridade, e para estabelecer a justiça, assegurar a paz doméstica e promover o bem–estar geral, solenemente nos associamos e constituímos para nós um Estado Livre, Soberano e Independente, em nome da REPÚBLICA DA LIBÉRIA, e ordenamos e estabelecer esta Constituição para o governo da mesma (grifos do original).[177]

Seria um equívoco também por não notarmos que a própria *ACS* mobilizou este sermão de Crummell em suas atividades. Por exemplo, na introdução do discurso avulso, podemos verificar que suas páginas circularam nos EUA, pela editoração e pelo financiamento da *Massachuscettes Colonization Society*, outro braço da *ACS* e com sede na cidade de Boston.[178] Não somente isso, seguindo o que a *ACS* fazia com os passos de Crummell, *The Duty of a Rising Christian Church* teve trechos publicados no periódico *African Repository*, um ano depois, em 1857. Nessa publicação, logo após uma rápida biografia do autor, as páginas da revista apresentaram o que seria o grande mérito de Crummell no sermão:

> Esta produção é de real e grande mérito, e admiravelmente adaptada para despertar as mentes dos liberianos para o sentido de suas altas responsabilidades. Ele primeiro mostra em linguagem casta, mas eloquente, 'a obrigação das nações de contribuir para o bem–estar do mundo; e que, como um membro humilde da grande irmandade das

[177] CONSTITUTION apud ALLEN, William E. Liberia and the Atlantic World in the Nineteenth Century: Convergences and Effects. History in Africa, v. 37, p. 7 - 49, 2010. Trad. Livre do autor: "Therefore, we the People of the Commonwealth of Liberia, in Africa, acknowledging with devout gratitude, the goodness of God, in granting to us the blessings of the Christian religion, and political, religious, and civil liberty, do, in order to secure these blessings for ourselves and our posterity, and to establish justice, insure domestic peace, and promote the general welfare, hereby solemnly associate, and constitute ourselves a Free, Sovereign and Independent State, by the name of the REPUBLIC of LIBERIA , and do ordain and establish this Constitution for the government of the same".
[178] CRUMMELL, 1856, *op. cit.*, p. 1.

> nações, essa obrigação recai sobre a Libéria'; e então passa a mostrar como o povo daquele jovem estado deve responder ao chamado deste dever.[179]

Portanto, o que queremos demonstrar é que suas ideias e seus sentidos de uma nação ainda jovial, de deveres difíceis e divinos passeavam entre muitos lugares e agentes do projeto liberiano. O teólogo, por isso, cumpriu certas expectativas e esteve permeado de determinados desejos de grupos da sociedade liberiana ou estadunidense, consciente ou inconscientemente. Não surpreendentemente Crummell teve não apenas público e plateias para seus discursos e sermões imponentes, como também financiamento e suporte para deixar registrado em livros e artigos suas ideias e seus propósitos. Ao final do sermão, entre esses propósitos estava a Libéria, e Crummell não poupou seus leitores, ouvintes, financiadores e quaisquer outros interessados no Estado divino e nacional liberiano. O teólogo ditou que o não cumprimento das responsabilidades e a não realização dos planos, papéis e deveres concedidos por Deus a seus irmãos tornava a Libéria fadada a um só destino: perecer diante do "anjo vingador de Deus"[180] e sangrar no solo, sob "a espada reluzente de Jeová".[181] Rocha e Santos apontam que um sermão constitui um diálogo entre aquele que o profere e aqueles que escutam, a audiência, cujo orador deve captar e persuadir.[182] Obviamente, podemos apenas conhecer e imaginar – pelos relatos daqueles que em outro dia o escutaram, amigos ou inimigos, e descreveram a eloquência de seus discursos e sermões[183] – os sons das palavras imponentes do pastor, mas a persuasão neste trecho era inequívoca e mesmo na leitura, invocava ao leitor e pecador uma imagem terrível e de uma estética consagrada pelo medo e pela angústia, por meio de um dever teológico a uma nação encarregada de uma missão divina e religiosa.

Nas próximas partes, veremos que esta carga teológica não desapareceu dos textos de Crummell; na verdade, ela surgiu em outros aspectos e termos, particularmente no passado dos cidadãos que teriam que construir e compor esta nação: os membros da "raça negra". Se nestes primeiros textos, o foco teve uma proeminência na nação e seu futuro, veremos como esse último também estava inscrito na história de uma raça, destinada a se levantar e consolidar no

---

[179] CRUMMELL, Alexander. Oration on the Duty of a Rising Christian Church.. *African Repository*, Washington, v. 33, n. 10, p. 311, out. 1857. Trad. livre do autor: "This production is one of real and great merit, and admirably adapted to awaken the minds of the Liberians to a sense of their high responsabilities. He first show in chaste but eloquent language, "the obligation of nations to contribute to the world's well being; and that, as an humble member of the great sisterhood of nations, this obligation rests upon Liberia;" and then proceeds to show how the people of that young state shall answer the call of this duty".

[180] CRUMMELL, 1856, *op. cit.*, p. 30. Trad. livre do autor: "the avenging angel of God".

[181] *Ibid.*, p. 30. Trad. livre do autor: "the Jehovah's glittering sword".

[182] ROCHA, Max Silva da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Análise retórica do gênero discursivo sermão oral. *Polifonia*, v. 25, n.37.1, p.88-106, jan./abr. de 2018.

[183] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 222.

Atlântico e na modernidade. Nas palavras do próprio Crummell, em um dos poucos momentos em que mobilizou o termo "raça" como sinônimo de "raça negra", em *The Duty of a Rising Christian Church*:

> Levantaremos nestas praias uma raça de homens, um tronco da humanidade e um crescimento de costumes, que confundirão e mistificarão todas as crônicas passadas do tempo pertencentes à nossa raça. Falsearemos todas as declarações mentirosas das etnografias especulativas e das pseudofilosofias que surgiram da pressão dos dias modernos contra nós.[184]

1.2. Conexões (1861 – 1863)

A nação liberiana, nos textos de Crummell, era então jovem e divina. Seu futuro não estava concretizado, mas pela benção e graça de Deus, o sucesso e o cumprimento de seu destino nacional eram mais claros e mais fáceis. Mais do que isso, seu destino estava conectado com a rigidez dos cidadãos do país em identificar seus encargos e deveres e reconhecer suas responsabilidades e ações. Pelo trecho que encerrou nossa última seção, eram estes uma "raça de homens" e um "tronco da humanidade", que haveria de se levantar e desmistificar tudo aquilo que o mundo moderno uma vez escreveu sobre a capacidade e competência desses homens.

Como descobriremos nesta seção, foi à procura de falar aos e pelos membros da "raça negra" que Alexander Crummell partiu em viagem aos EUA, na primavera de 1861. Após atuar na Monróvia, como pastor da *Trinity Church*, de 1853 a 1858, o pastor seria designado para o sul do país, em julho deste último ano, como professor em um outro assentamento missionário dos episcopais, em *Mt. Vaughan*.[185] Dois anos e meio se estabeleceu ali com certo sucesso, até que mais problemas internos levaram os líderes de sua denominação a não apenas pedirem sua demissão, mas também a propor novos horizontes para seus serviços – o outro lado do Atlântico.[186] Crummell, assim, retornou à América e à sua terra natal, onde realizou discursos e sermões em diversas cidades dos EUA, além de publicar sua grande antologia de textos, *The Future of Africa: Being Adress, Sermons, etc., etc., delivered in the republic*, propriamente na cidade de Nova York, em 1862. Neste ano, também atuou como um dos membros de uma comissão importante para o governo liberiano, que elegeu emissários para propagandear nos

---

[184] CRUMMELL, 1856, *op. cit.*, p. 19. Trad. livre do autor: "We shall raise up on these shores a race of men, a stock of manhood, and a growth of manners, which shall confuse and mystify all the past chronicles of time pertaining to our race. We shall falsify all the lying utterances of the speculative ethnographies and the pseudo-philosophies which have spawned from the press of modern days against us".

[185] Ver anexo III para mais informações da trajetória de Crummell e figura 1 para a localização de *Mt. Vaughan*.

[186]. OLDFIELD, *op. cit.*, p. 62-66.

EUA a causa do país e as vantagens que os negros americanos teriam em partir ao continente africano.

Edward Said mostrou que as histórias coloniais e metropolitanas, uma vez em contato, devem ser entendidas sempre como sobrepostas e entrelaçadas. Como já mencionamos em outros momentos, este trabalho não é uma história da Libéria, nem de sua colonização pelos EUA, mas das formas como Crummell mobilizou argumentos e termos para os projetos políticos, sociais e religiosos aos quais se vinculou e dos quais se aproximou. Como também evidenciamos, Crummell, em sua trajetória e em suas ideias, esteve cindido entre dois territórios e seus modos de elaborar e mobilizar esses conceitos, argumentos e projetos sofreram o impacto dessa cisão. Por isso, nesta seção, nosso objetivo é, ao analisar a obra compilatória *The Future of Africa*, demonstrar como Crummell conectou, por um lado, a história da Libéria e dos EUA em termos teológicos, raciais e históricos. Conexões que estariam inscritas no passado de provações e escravidão das populações negras da América, que deveriam retornar para cumprir uma missão divina para uma nação divina – um Estado moderno negro (1.2.1. O passado da raça). Por outro lado, "1.2.2. do centro à circunferência" complexifica essa ideia, ao adicionar outras camadas aos sentidos de nação e raça de Crummell, bem como a própria conexão entre os dois países, que também poderia ser entendida a partir de elementos civilizacionais e de uma formação histórica em comum.

Desse modo, nesta seção, nossa busca é entender as ideias e os sentidos dos textos de Crummell dentro do que Paul Gilroy trabalha e define como o "Atlântico negro". Dentre as diversas dimensões dessa categoria, como mostrou Mariana Abreu,[187] nos apropriamos, primeiramente, da ideia central do livro: evidenciar a não marginalidade das culturas negras da América e da África na formação da modernidade, mas sim, como essas culturas são constitutivas e fundamentais do processo moderno. Assim, se o Atlântico negro se faz através dos movimentos, das travessias e das ambiguidades de seus sujeitos e agentes, nossa seção busca identificar, em instante de movimento e viagem de Crummell, as ideias, os significados e as contradições de seus projetos modernos e fundamentais para uma população que supostamente viveu em (e construiu) ambas as margens do Atlântico. Ao fim e ao cabo, por meio dessa abordagem, continuaremos em diálogo com a historiografia de Crummell, mas buscando delinear outras interpretações e visões acerca do autor, principalmente para além dos escritos de Wilson J. Moses, cujas interpretações delimitaram o teólogo como um símbolo do nacionalismo negro oitocentista.

[187] ABREU, Mariana. Dimensões metodológicas do Atlântico Negro: revisitando a obra de Paul Gilroy. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 37, n. 109, p. 1-15, 2022.

1.2.1. O passado da raça

The Future of Africa consistiu em uma compilação de dez textos produzidos por Crummell em anos anteriores. São cinco sermões apresentados na Libéria entre 1854 e 1861, além de uma carta escrita também no país africano; dois discursos declamados no ano de 1861 nos EUA e outros dois textos ligados à Inglaterra (um artigo de 1850 e um discurso de 1852). No volume 38 do *African Repository*, na edição de abril de 1862, nos é possível identificar notícias do documento, informando sobre a editoração em breve do livro e como o "Sr. Crummell tem se empenhado seriamente, desde sua chegada a este país [EUA], em difundir muitas informações valiosas sobre a África em várias de nossas principais cidades".[188] No mesmo volume, mas na edição de maio, é mencionada a publicação por meio da editora de Charles Scribner, com um comentário sobre como o livro mostrava a reputação literária de seu autor, "bem como de sua preocupação com seu país e sua raça".[189]

Outras reações do período podemos vislumbrar ao acessar as cartas privadas de Benjamin Coates, como a resposta do quaker ortodoxo William Foster Mitchell (189– –1892). Nessa resposta, em meados de 1862, Mitchell agradeceu o envio da obra por Coates e saudou a mente cultivada de Crummell e os esforços do próprio remetente por acreditar "no avanço intelectual e religioso desta raça ferida".[190] Thomas Chase (1827–1892), também em 1862, agradeceu Coates pelo exemplar e reverenciou seu título: significativo e cheio de esperança para o continente africano. No entanto, talvez tenha sido o próprio Benjamin Coates um dos mais elogiosos da obra. Assim, em carta a Crummell logo em 4 de abril de 1862, Coates disse não conhecer até ali, nos mais de trintas anos pelos quais se dedicou à causa liberiana, trabalho que expressasse tanto seu interesse:

> Não é necessário, portanto, para mim expressar a grande satisfação que tenho ao descobrir que seus pontos de vista + princípios concordam tão inteiramente com os meus, + vindo de um de sangue africano puro, exemplificando ao mesmo tempo a capacidade da raça negra.[191]

---

[188] REV. ALEXANDER Crummell, of Liberia; Trade, treaty, etc. *The Africa Repository*, Washington, v. 38, n. 4, p. 127, abr. 1862. Trad. Livre do autor: "Mr. Crummell has been earnestly engaged, since his arrival in this country, in diffusing much valuable information about Africa in several of our principal cities".

[189]LIBERIA. *The Africa Repository*, Washington, v. 38, n. 5, p. 158, maio 1862. Trad. Livre do autor: "as well as for his concern for his country and his race".

[190] BACON, M. H.; LAPSANSKY-WERNER, E. Back to Africa: Benjamin Coates and the colonization movement in America. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press, 2005, p. 161.

[191] *Ibid.*, p. 63. Trad. livre do autor: "It is hardly necessary therefore for me to express the great satisfaction that I take in finding that your views + principles accord so entirely with my own, + coming from one of pure African blood exemplifying at the same time the capacity of the Negro race".

Diante disso, o biógrafo de Crummell, Wilson J. Moses,[192] bem afirmou que *The Future of Africa* constituiu um dos livros de grande impacto de seu período e uma das mais relevantes e representativas obras apologéticas do projeto liberiano. No entanto, para entendermos melhor as ideias contidas em *The Future of Africa*, precisamos compreender que esse projeto liberiano não era dado, nem único e muito menos consensual no Atlântico. Por isso, em primeiro lugar, necessitamos conhecer um pouco mais do projeto e contexto liberiano de meados do século XIX.

***

Por um ângulo, aqueles eram anos favoráveis à Libéria, pois os anos cinquenta e sessenta do século XIX talvez tenham sido o período de maior adesão aos movimentos colonizadores e de emigração negra dos EUA e, mais importante, de maior aceitação entre os afro–americanos.[193] De acordo com Souza,[194] 1850 foi o ano do *Fugitive Slave Act*, ato que determinou a obrigação dos cidadãos na recaptura de escravos fugitivos e um julgamento sem júri para estes, impedindo–os de argumentar em seu próprio favor ao longo do processo. Dois anos depois, com o acirramento ainda maior dessas tensões, não surpreendentemente apareceu uma das obras mais lidas e famosas do século XIX, da escritora Harriet Beecher Stowe (1811–1896), *A Cabana do Pai Tomás*. O livro, entre outros assuntos, tinha como ponto central mostrar o protagonista George Harris, um mulato fugitivo e convertido ao cristianismo",[195] que emigrava para a Libéria no período. Por fim, Eric Burin[196] também mostrou essa maior adesão aos movimentos de expatriação negra pelos números de expatriações da própria *ACS*, ao evidenciar que entre 1848 a 1860, seiscentos e quarenta e nove afro–americanos do Norte migraram através da organização – dois terços a mais quando comparado com os trinta anos anteriores.

Isso aumentou ainda mais após o veredito de Dred Scott de 1857. Dred Scott era filho de escravos e nasceu no condado de Southampton, Virgínia, em 1795, mas ao longo da vida, se mudou e morou com seu proprietário em outros estados da federação, particularmente em Illinois e Wisconsin. Após a morte de seu senhor, entrou com uma ação judicial para angariar sua liberdade, alegando que há pelo menos dez anos já vivia em regiões em que a escravidão era proibida. Após passar por diversas instâncias judiciais, o caso chegou à Suprema Corte, o

[192] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 139.
[193] Na introdução, fizemos um apanhado de movimentos semelhantes em outros países, propriamente na Inglaterra e no Brasil. Neste capítulo, porém, nosso foco é interno aos EUA.
[194] SOUZA, 2020, *op. cit.*, p. 44.
[195] BURIN, *op. cit.*, p. 27. Trad. livre do autor: "a novel in which the protagonist George Harris, a mulatto runaway and Christian convert".
[196] *Ibid.*, p. 30.

qual decretou que o congresso do país não poderia impedir ou interferir em território federais da União. A corte também considerou que os negros estadunidenses, escravizados ou livres, não poderiam ser considerados cidadãos americanos e, por isso, não possuíam direito de abrir processos judiciais. Como demonstrou Guilherme Amorin Montenegro,[197] atos como este eram o prenúncio de uma tempestade que romperia os "diques irrepresáveis" de uma nação dividida, cujos principais envolvidos – os afro–americanos livres e escravizados – procurariam outras opções de liberdade, mesmo que fora dos EUA.

Em outro ângulo, porém, não necessariamente estas opções se dariam em direção à Libéria. A maior parte das emigrações em seu auge, por exemplo, se deram para lugares como Canadá e Inglaterra, ou para outras ilhas do Caribe. [198] O próprio Crummell[199] mencionou isso em *The Future of Africa*, ao identificar uma emigração negra para lugares díspares no mundo: Haiti, Índias Ocidentais, outras regiões da África Ocidental como Abeocutá[200] e, até mesmo, Califórnia e Austrália. Dentre estas opções, uma das menções importantes no livro do pastor foi uma expedição de 1859, de Martin Robinson Delany (1812 – 1885). Afro–americano, Martin Delany, "'jornalista, editor, médico, cientista, juiz, soldado, inventor, fiscal da alfândega, orador, político e romancista'",[201] se juntou com o afro–jamaicano Robert Campbell (1832–1912), em 1859 e, juntos, fizeram parte de uma expedição idealizada pelo *Niger Valley Exploring Party*, instituição de recursos de estadunidenses e ingleses.[202] Em síntese, o objetivo central da viagem era firmar uma aliança com a liderança de Abeocutá, Okukenu, "a fim de que libertos vindos da América do Norte pudessem se fixar em seu território".[203] A expedição, embora sem sucesso efetivo,[204] posteriormente rendeu um livro a Delany em que seriam relatadas "as experiências vividas ao longo da expedição de Abeokuta"[205] e com objetivos de mostrar os cenários favoráveis a uma ocupação negra americana no continente africano, intitulado *Official Report of the Nigger Valley* (1861). Anos antes deste, cabe falar, Delany já havia publicado um outro livro importante sob a temática da emigração, *The Condition,*

---

[197] MONTENEGRO, Guilherme Amorim. Enquanto a tempestade não vem: o caso Dred Scott e os diques e os diques rompidos de um conflito irrepresentável. *Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates*, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2007.
[198] BURIN, *op. cit.*, p. 30.
[199] CRUMMELL, 1852, *op. cit,*, p. 145-146.
[200] Abeocutá é uma região localizada no sudoeste do atual país da Nigéria.
[201] GILROY apud SILVA, Ângela Fileno da. Vozes de Lagos: brasileiros em tempos do Império Britânico. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 49.
[202] Ibid., p. 48.
[203] *Ibid.*, p. 50.
[204] Okekunu, alake de Abeokuta, contestou a validade do acordo firmado com Campbell e Delany, que cederiam terras no território aos negros norte-americanos livres. Ibid., p. 185.
[205] *Ibid.*, p. 50.

Elevation, Emigration, and Destiny of the Colored People of the United State (1852), "que sinalizou o movimento de Delany na vanguarda do movimento nacionalista–emigracionista".[206]

Em Crummell, o nome de Delany foi citado no oitavo texto de *The Future*, em uma carta intitulada *The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa* e primeiramente publicada como um panfleto em 1861. Segundo o pastor, a coragem para publicar esse panfleto somente se deu pelos encorajamentos de "Mr. Campbell and Dr. Delany",[207] que chegaram a não apenas fazer uma parada na Libéria, em 1859, no caminho para expedição, mas passaram uns bons dias em estadia no país. Delany, aliás, parece ter visitado lugares da Libéria em companhia do próprio pastor.[208]

Para resumir nosso argumento, eram tempos realmente favoráveis aos movimentos colonizadores e migratórios negros – publicação de livros, viagens, encontros –, no entanto, isso não necessariamente favorecia os planos dos agentes da colonização liberiana, que deveriam juntar esforços, recursos e pessoas para propagandear as vantagens que o país possuía perante os outros projetos. Diante desse cenário, no início de 1860, Crummell, seus discursos e *The Future of Africa* se tornaram de suma importância.

***

Entre os dez textos que compuseram *The Future of Africa*, possivelmente o único ponto comum entre todos era o caráter teológico de suas temáticas. Como já mencionamos, a maioria dos textos constituíam–se em sermões: Pelo menos oito textos, mas nem todos, o que os diferenciava em tipologias textuais, como a carta "The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa" e o artigo "The Negro Race Not Under a Curse", último texto do livro. A disposição dos textos ajuda a aumentar essa sensação de heterogeneidade, em uma exibição não cronológica na qual o último, o artigo, configurava–se como o mais antigo de todos, de 1850, enquanto os mais recentes ocuparam a terceira e a quarta colocação, ambos discursos declamados nos EUA: "The Progress of Civilization Along The West Coast of Africa" e "The Progress and the prospects of the Republic of Liberia", de 1861. Nem precisamos, diante disso, mencionar a questão das três localidades diferentes da produção inicial desses textos. Não só três localidades, como países de continentes diferentes: Libéria, EUA e Inglaterra. Desse modo, a escolha de como e por onde entender a ordem e colocação dos textos parte mais do trabalho do próprio historiador e de suas próprias buscas na análise

[206] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 120. Trad. livre do autor: "which signaled Delany's movement into the forefront of the nationalist-emigrationist movement".
[207] *Ibid.*, p. 116.
[208] *Ibid.*, p. 118; CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 269.

produção intelectual de Crummell. Neste capítulo, assim, buscamos os projetos em que se envolveu e que envolveram Crummell no século XIX e por quais meios, argumentos e categorias buscou a legitimidade de seus planos.

Dentro disso, neste momento de 1860, seus projetos eram para a Libéria e eram para os responsáveis pela criação e construção daquele Estado–nação divino que *The Future of Africa* se dirigia. Na carta de "The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa", por exemplo, Crummell foi enfático em dizer para quem se destinavam seus escritos: "desejo chamar a atenção dos filhos da África na América para suas RELAÇÕES E DEVERES COM A TERRA DE SEUS PAIS" (grifos do original).[209] Se o termo raça antes apareceu mais como uma designação da raça humana ou da humanidade, sem dúvidas seu uso majoritário em todo o livro apareceu para designar ou delimitar as frações raciais da humanidade. No caso específico dos responsáveis por reerguer a Libéria, seu chamado era para a "raça negra" do Novo Mundo.

Contra os argumentos daqueles afro–americanos contrários às suas responsabilidades, Crummell apelou, primeiramente, ao sangue que corria em suas veias. O mesmo sangue de seus pais, que durante muito tempo habitaram um continente esquecido em suas próprias ideologias, vítima do "paganismo" e de "licenciosidade" que o cercaram durante muitos anos. Além disso, observou que para outras raças, como os alemães, os ingleses e entre outras já civilizadas, não era necessário relembrá–los de seus deveres sobre a "terra de seus pais" ou da herança que estes deixaram, devido ao fato que no mundo moderno colhiam os frutos da civilização que estes lhes deixaram.[210] Mas em África, completava Crummell, não havia Deus e Evangelho e isso devia ser suficiente para convencer os "filhos da África" que a "terra de seus pais" estavam em grande necessidade espiritual.[211]

Filhos, pais e outros termos não eram exclusivos do pastor na legitimidade do projeto liberiano, mas apareciam em outros de seus contemporâneos, propriamente em Edward Wilmont Blyden (1832 – 1912) e sua ideia de nacionalidade africana: um sentimento familiar ou racial compartilhado entre todos os negros e os nativos africanos.[212] Nascido na ilha caribenha de São Tomás, Blyden emigrou para os Estados Unidos, em 1850, mas ao ser rejeitado em instituições norte–americanas na tentativa de se tornar um ministro protestante, "embarcou para a Libéria, em dezembro daquele ano, com o objetivo de ajudar na construção de uma nação negra na África". Semelhante a Crummell, publicou artigos e sermões para

[209] *Ibid.*, p. 218. Trad. livre do autor: "I wish to call the attention of the sons of Africa in America to their "RELATIONS AND DUTY TO THE LAND OF THEIR FATHERS".
[210] *Ibid.*, p. 219.
[211] *Ibid.*, p. 220.
[212] SOUZA, 2020, *op. cit.*, p. 16.

defender seus propósitos e um dos seus argumentos era que a Libéria se formava a partir de um "sentimento racial" ou "familiar", "compartilhado entre todos os negros, emigrados e nativos".[213]

A Libéria de Crummell, nesse sentido, também se constituiu em torno desse paradigma familiar, como também explicitado no primeiro discurso de *The Future of Africa*: *The English Language in Liberia*. Declamado em 26 de julho de 1860 (data da independência da Libéria), no condado de Maryland, Cape Palmas e em fevereiro de 1861, no Hall of Representatives, na Monrovia, tinha como propósito demonstrar a força e relevância da língua inglesa no futuro nacional liberiano, primordial para a continuidade do crescimento do país e sua consequente expansão para o interior. Para o autor, aquele território era "uma comunidade negra organizada, republicana na forma e no nome; um povo possuidor de instituições cristãs e hábitos civilizados, com esta peculiaridade marcante, ou seja, que em cor, raça e origem, são idênticos às massas de nativos rudes ao seu redor".[214] No analisado *The Duty of a Rising Christian State* – agora segundo discurso do livro e republicado sem nenhuma modificação substancial –, o pregador já havia finalizado em termos semelhantes. Assim sendo, o teólogo disse categoricamente no texto sobre a possibilidade de populações negras herdarem características civilizadas dos principais homens da terra naquele período (os ingleses), apesar de terem "sangue e raça" (no caso, as populações negras do novo mundo e os africanos) bem distintos destes últimos.[215]

O sangue e a raça eram os mesmos, mas dentro desta semelhança, Crummell estabeleceu uma das hierarquias fundamentais dos processos de formação da nação liberiana: a diferença entre os negros estadunidenses civilizados e cristianizados e os povos e grupos africanos diversos do território, etiquetados em adjetivos inferiorizantes, como "pagãos" ou "rudes".[216] Essa segregação apontou dois caminhos ao autor e foi argumento central de "The Progress of Civilization Along The West Coast of Africa" – também em *The Future*. Por um caminho, o teológo combateu a noção de uma inferioridade negra natural e deu uma justificativa histórico–civilizacional para a distinção entre o americo–liberiano e o nativo africano, calcada na ideia de que o cristianismo teria sido apartado das populações negras ao sul do deserto do Saara. Por outro, com o decorrer dos séculos e mesmo por meio da escravidão, Deus começou a preparar uma verdadeira religião e civilização (junto a outros aspectos como comércio legítimo, língua

[213] *Ibid*., p. 142.
[214] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 11. Trad. Livre "an organized negro community, republican in form and name; a people possessed of Christian institutions and civilized habits, with this one marked peculiarity, that is, that in color, race, and origin, they are identical with the masses of rude natives around them".
[215] CRUMMELL, 1862, *op. cit*, p. 101.
[216] Blyden também se utilizou desta hierarquia e diferença para construir para legitimar seus planos para a Libéria. Ver Souza, 2020, op. cit., p. 29.

inglesa) para marchar contra a "longa noite de barbarismo e rudeza do continente". A Libéria e seus cidadãos civilizados cumpriam, assim, uma verdadeira missão divina.

Em "Hope for África", essa missão e nova era africana foi simbolizada por uma ideia bastante utilizada entre os intelectuais negros estadunidenses e africanos do período: "Ethiopia shall soon stretch out her hands unto God"[217] ("Etiópia em breve estenderá as mãos para Deus"). Era o salmo bíblico 68:31 e seus usos por esses intelectuais – Blyden também entre estes – expressou o que se denominou "etiopianismo". Para Mudimbe, seus princípios estavam em uma visão redentora e cristã do continente, ao acreditar que os africanos apenas poderiam evoluir a partir de uma conversão espiritual e cultural.[218] Souza também evidenciou que essa interpretação se deu por um descontentamento dos clérigos e missionários negros com outras missões estrangeiras em África, em que os primeiros buscavam, com essa reapropriação, alavancar seu protagonismo e suas vanguarda nestas missões.[219] A passagem bíblica, assim, seria uma promessa de redenção de um povo que foi preparado por Deus por meio do sofrimento, da provação e da escravidão dos últimos séculos.

> Depois de afligidos, por quase três séculos de servidão, Deus chama homens escolhidos desta raça, de todas as terras de sua servidão – homens carregados de dons, inteligência e piedade – para a grande e nobre missão, que só eles podem cumprir , até mesmo para plantar colônias, estabelecer Igrejas, fundar Missões e lançar as bases de Universidades pelo litoral e ao longo das margens dos grandes rios da África da África.[220]

Apesar do trecho anterior, as afirmações de Crummell acerca da importância da escravidão são bastante ambíguas. Assim, por um lado, o teólogo evidenciou as crueldades e os enormes males do sistema escravista, assinalando como este regime teria retirado o respeito próprio e qualquer resquício de orgulho dos negros por suas origens ou terras ancestrais em África. Como o passado era sinônimo somente de opressão e miséria, Crummell alegava que os negros se envergonhavam de suas relações com o continente. "Ai de nós, como raça! fomos tão profundamente prejudicados pela opressão que perdemos a força dos intensos princípios nativos e das primeiras afeições naturais".[221] Em "The Duty of a Rising Christian Church", por

---

[217] CRUMMELL, 1862, op. cit, p. 285.
[218] MUDIMBE, Valentin-Yves. A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Luanda; Mangualde (Portugal): Edições Mulemba; Edições Pedago, 2013.
[219] SOUZA, 2020, *op. cit.*, p. 105-106.
[220] CRUMMELL, 1862, *op. cit*, p. 126. Trad. livre do autor: "After being afflicted, by nigh three centuries of servitude, God calls chosen men of this race, from all the lands of their thraldom—men laden with gifts, and intelligence, and piety—to the grand and noble mission, which they only can fulfil, even to plant colonies, establish Churches, found Missions, and lay the foundations of Universities along the shores, and beside the banks of the great rivers of Africa".
[221] *Ibid.*, p. 218-219. Trad. livre do autor: "Alas for us, as a race! so deeply harmed have we been by oppression that we have lost the force of strong, native principles, and prime natural affections".

exemplos, Crummell se perguntava e perguntava a seus leitores (ou seus ouvintes) se não sentiam a incompletude do ser, a perda de parte importante de seu interior, ocasionada por anos de escravidão desumana e cruel. Contra aqueles que diziam que pelo menos esse regime de trabalho os havia treinado para a liberdade (o governo livre), por se aproximarem de uma "raça superior" (os ingleses), o pastor não era hesitante em apontar as tolices dessas conclusões. Logo, para ele, essas afirmações eram legitimadoras de um sistema perverso e sistematizadas por um raciocínio na qual a morte deve ser o originador da vida, a poluição deve gerar a pureza e o pecado deve ser o autor e agente direto da salvação.

Entretanto, o teólogo contraditoriamente mostrou logo no próximo sermão, "The Progress of Civilization Along the West Coast of Africa", que era possível encontrar vantagens na servidão enfrentada pelos membros da "raça negra". Era uma lei divina, proclamou Crummell, o chamado daqueles que sofreram e resistiram às provações para a realização de deveres nobres e grandes, "em qualquer raça ou povo que Ele elegeu para a grandeza, e força, e futuro império".[222] No caso da escravidão, as populações negras escravizadas entraram em contato com os caucasianos e, ao contrário dos indígenas americanas (*Indians)* e os habitantes das Ilhas Sandwich, não pereceram, e sim, se tornaram civilizados.[223] "Ele eleva este povo da humilde degradação, à grande obra de evangelização do vasto continente africano, para que a grandeza e dignidade de seus deveres possam neutralizar todas as memórias longas e tristes da então servidão e dos lamentos de outrora".[224]

Por essas afirmações, não há como deixar de lembrar das análises de McClintock[225] e dos diários e cartas de Hannah Cullwick e Arthur Munby. A partir desse casal vitoriano do século XIX, a autora demonstrou a busca pelo reconhecimento de Hannah Cullwick por seu trabalho árduo de doméstica. Nesse sentido, McClintok demonstra que essa busca passava por uma ética cristã de rebaixamento em vista de uma futura redenção, de acumulação de capital divino após terríveis labutas e miséria. Dito de outro modo, Cullwick acreditava que seu enorme labor e sofrimento, seu profundo abandono, seria recompensado por um futuro pleno e redimido.[226]

---

[222] *Ibid*., p. 126-127.

[223] As Ilhas Sandwich são hoje o que conhecemos como Havaí, um estado dos EUA e arquipélago localizado no Pacífico Central. Seu antigo nome foi dado pelo comandante James Cook (1728-1789), quando aportou na ilha em 1778.

[224] *Ibid*., p 127. Trad. livre do autor: "He lifts up this people from lowly degradation, to the great work of evangelizing the vast continent of Africa, so that the grandeur and dignity of their duties may neutralize all the long, sad, memories of then' servitude and sorrows".

[225] MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. Campinas: Cadernos Pagu, 2003, p. 237.

[226]Um detalhe interessante da autora e de sua análise é a comparação do cristianismo com práticas sadomasoquistas. Nesse sentido, McClintok iguala as práticas do sadomasoquismo (S/M) realizadas pelo casal a

Mbembe também faz paralelos semelhantes acerca do sofrimento, desejo e prazer no mundo das religiões monoteístas. Seu argumento se divide em pelo menos três partes e a partir de características que o autor aponta às religiões moneístas. Assim, primeiramente, Mbembe define como um dos princípios centrais do monoteísmo a supremacia de um único deus, sem espaço para relativismos ou outras criaturas divinas. "Todo sistema monoteísta é baseado em uma noção de exclusividade e condensação da soberania, em contraste com uma pluralidade de deuses, bem como sua dispersão em uma multiplicidade de formas".[227] Em "God and Nation", quinto sermão de *The Future of Africa*, Crummell demonstrou exatamente essa ideia. Nesse sentido, argumentou que, naqueles novos tempos, as únicas grandes nações eram as que não separavam suas relações com o cristianismo e com Deus, obtendo, assim, as maiores vantagens em seus projetos. Dentro disso, a questão não era apenas a impossibilidade de separar as ideias religiosas das questões terrenas e políticas. Era maior que isso, o sucesso das nações dependia totalmente da ideia de Deus que os cidadãos possuíam e adoravam. A nação não era, portanto, somente um agregado de indivíduos, mas também a "sociedade, em um estado organizado, sob a influência e controle de princípios amplos e ideias superiores"[228] Dessa forma, o cristianismo era a religião que expressava em maior grau essas ideias e era a partir desta e de seu poder divino que a Libéria poderia ser regenerada. A divinização da nação retornava neste trecho agora com ainda mais poder, pois não seria qualquer Estado e, sim, um Estado cristão de um Deus singular, soberano e onipotente, bem como afirmou Mbembe em sua análise: "Essa radicalidade é o que dá ao deus único parte de seu caráter ciumento, possessivo, colérico, violento e incondicional. Pressupõe que o deus único, precisamente porque único, é incompatível com a adoração de outros deuses".[229]

Os cidadãos negros estadunidenses, portanto, deveriam ser alertados e avisados sobre esses princípios, esses valores fundamentais constitutivos do Estado liberiano. Ademais, a raça negra havia sido escolhida, como também divinizada e deveria cumprir a missão única que Deus havia lhes dado:

> homens que se sentem obrigados à filantropia, que estão **sobrecarregados** com um senso de dever, que têm o mais apurado e sensível sentimento de raça, que amam a África, que estão ansiosos pelo bem–estar de toda a família negra, que trabalham com

certos princípios do cristianismo e seus significados de um espírito que se liberta de um abandono profundo para o êxtase da plenitude do espírito.

[227] MBEMBE, *op. cit.*, p. 212. Trad. livre do autor: "Every monotheistic system is based on a notion of exclusivity and condensation of sovereignty, in contrast to a plurality of gods, as well as their dispersion into a multiplicity of form".

[228] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 161.

[229] MBEMBE, 2001, *op. cit.*, p. 214.

> todas as suas forças para o progresso da indústria e da civilização, que de bom grado glorificariam Deus.[230] (grifo nosso)

Não nos deve passar despercebidos, neste trecho, a ideia de um povo sobrecarregado (burdened). Essa ideia, além de ser a segunda parte do argumento de Mbembe acerca de uma das características do monoteísmo,[231] é também uma ideia que tem paralelos interessantes com a ideia do poeta inglês Rudyard Kipling (1865 – 1936), particularmente sua expressão "fardo do homem branco", mais tarde utilizada para legitimar o imperialismo europeu e estadunidense nas partes "esquecidas" do mundo:

> Assuma o fardo do Homem Branco –
> Envie o melhor que você cria –
> Vá amarrar seus filhos ao exílio
> Para atender às necessidades de seus cativos[232]

Crummell, como mostramos, não negou os efeitos reais do escravismo, de mais de três séculos de degradação a um continente e "uma raça". No entanto, interpretou esses anos como uma preparação, como a prova que Deus haveria de ter escolhido a "raça" para grandes deveres, responsabilidades e realizações no mundo moderno. Em outras palavras, um Deus exclusivo e onipotente (primeira parte da análise de Mbembe acerca de características do monoteísmo), que concedia ao mesmo tempo um fardo e também um presente ao homem negro civilizado (segunda parte da análise de Mbembe) sujeito erguido após anos de sofrimento e de miséria ocasionada pela escravidão. Estes pontos reunídos concluíam a última parte da argumentação de Mbembe, isto é, ao demonstrar que o cristianismo pode recompensar um estado de dor e infelicidade que, ao livrar o sujeito de diversas formas de inibição, permitiam–lhe "alcançar uma capacidade de êxtase inatingível em condições ordinárias".[233] Portanto, sofrimento, desejo e prazer no mundo das religiões monoteístas e, consequentemente, nos modos como Alexander Crummell entendeu a experiência liberiana e o papel dos cidadãos negros estadunidenses,

---

[230] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 249. Trad. livre do autor: "men who feel obligated to philanthropy, -who are burdened with a sense of duty, who have the keenest, most sensitive feeling of race, who love Africa, who are anxious for the welfare of the whole negro family, who labor with all their might for the advancement of industry and civilization, who would fain glorify God".

[231] *Ibid.*, p. 214.

[232] KIPLING, Rudyard. The White Man's Burden: The United States and the Philippine Islands. *McClure's Magazine*, n. 12, fev. 1899. Trad. livre do autor: "Take up the White Man's burden–/Send forth the best ye breed–/Go bind your sons to exile/To serve your captives' need.

[233] MBEMBE, *op. cit*, p. 212. Trad. livre do autor: "In other words, there are transfigurations of pain, suffering and unhappiness that, by freeing the subject from various kinds of inhibition, allow him or her to achieve a capacity for ecstasy inachievable under ordinary conditions. "

subjugados por anos de sofrimento sob a escravidão, mas agora caminhando rumo a um destino de glória e prazer.

As ideias realmente escapam, atravessam fronteiras e o próprio tempo. Como demonstra Marcussi, entre as várias justificativas e formas de legitimidade da escravidão nos séculos anteriores, a que era mais recorrente no império português se dava na possibilidade de ver a escravidão como uma forma de expiação dos pecados e da salvação da alma do cativo.[234] Para demonstrar isso, um dos exemplos do autor foi o Padre Antônio Vieira (1608 – 1697), no qual podemos encontrar ideias semelhantes às mobilizadas por Crummell posteriormente. No espaço americano, estabelecia o padre, os africanos levados à América foram poupados pela misericórdia divina, ao contrário de seus antepassados e pais africanos, que desafiaram Deus ao viver no paganismo. Os escravizados, nesse sentido, seriam resgatados e privilegiados, em um "princípio universalista e salvífico sobre o qual se assentava o império [português] [...] legitimando, por meio dele, a escravidão africana".[235]

Crummell, no entanto, falava nestes termos não para legitimar o regime escravista, mas sim, dar algum sentido teológico para o passado de longa miséria enfrentada pelas populações negras. Este, porém, não era o único argumento que ele combatia, pois, também segundo Marcussi, havia uma justificativa ainda mais forte no mundo anglófono acerca da legitimidade da escravidão contra os africanos: a interpretação bíblica pela qual as populações negras e africanas descenderiam de Cam, o filho amaldiçoado de Noé.[236]

> 18 – Os filhos de Noé que saíram da arca eram Sem, Cam e Jafet. Cam era o pai de Canaã. /19 – Estes eram os três filhos de Noé. É por eles que foi povoada toda a terra./20 – Noé, que era agricultor, plantou uma vinha./21 – Tendo bebido vinho, embriagou–se, e apareceu nu no meio de sua tenda./22 – Cam, o pai de Canaã, vendo a nudez de seu pai, saiu e foi contá–lo aos seus irmãos./23 – Mas, Sem e Jafet, tomando uma capa, puseram–na sobre os seus ombros e foram cobrir a nudez de seu pai, andando de costas e não viram a nudez de seu pai, pois que tinham os seus rostos voltados./24 – Quando Noé despertou de sua embriaguez, soube o que lhe tinha feito o seu filho mais novo./25 – "Maldito seja Canaã, disse ele que ele seja o último dos escravos de seus irmãos!"/26 – E acrescentou : "Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo!/27 – Que Deus dilate a Jafet e este habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo![237]

Por este trecho, somos lembrados da seção em que Crummell discutiu a origem comum de todas as "raças" e os povos e como as nacionalidades e "frações raciais" humanas nasceram

---

[234] MARCUSSI, *op. cit.*, p. 303.
[235] *Ibid.*, p. 306-307.
[236] *Ibid.*, p. 302.
[237] Gênesis, capítulo 9, versículos 19-27. GÊNESIS 9. In: *Bíbliaon*. Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_9/. Acesso em: 27 dez. 2022.

dos três filhos de Noé: Sem, Cam e Jafet. Dentro disso, concordamos com Marcussi em relação às várias leituras possíveis do texto do texto, que não discrimina sobre quem teria recaído a maldição de Noé (Cam ou Canaã) e nem explicita se a maldição passaria também a seus descendentes.[238] O argumento escravista, porém, entendia que o amaldiçoado era Cam, e, assim, justificava o sistema escravista como uma punição aos membros e descendentes de sua família, ou seja, as populações negras do mundo.

"The Negro Race Not Under a Curse" encerrou *The Future of Africa* justamente intervindo nesse debate, ao mostrar a falsidade da opinião de que os sofrimentos e a escravidão da "raça negra" eram consequência da maldição de Noé, conforme registrado no trecho anterior. Dentro disso, Crummell desenvolveu sua linha de raciocínio a partir do trecho do Gênesis, rebatendo cada afirmação que fora criada a partir deste. Entre os principais argumentos, podemos citar como ele refez a cosmogonia bíblica e mostrou que a "raça negra" descendia de Cush e não Canaã, o filho, segundo o autor, que teve a maldição de Noé pronunciada. "Ao considerar este assunto, há um ponto material que deve ser cuidadosamente observado – um ponto sobre o qual quase todos os escritores sobre o assunto erraram grandemente: A MALDIÇÃO FOI PRONUNCIADA SOBRE CANAÃ, NÃO SOBRE CAM" (grifos do original).[239] Poderia existir dúvidas, interpretações, em outros pontos, "mas no que diz respeito à pessoa que é amaldiçoada, a palavra de Deus é específica e apontada: 'Maldito seja Canaã'; e nisso temos a maldição, direta".[240] Dito isso, ao tirar a maldição de Cam, o autor passou para a questão de qual filho deste teria dado origem à "raça negra", para refutar as conclusões que aproximavam essa "raça" do verdadeiro amaldiçoado, Canaã.

> A África foi originalmente colonizada pelos descendentes de Ham, com exceção de seu filho Canaã. O próprio Ham supostamente emigrou para o Egito; e o Egito, nas Escrituras, é chamado de 'terra de Ham'. Lá ele alcançou estado e eminência; e depois de sua morte, diz–se, foi deificado por seus descendentes. A divindade suprema Am dos egípcios, afirma–se, significa seu nome: e. g., (H) ahi; e o Júpiter Amon, em homenagem a quem um templo foi erguido, deve indicar Ham.[241]

---

[238] *Ibid.*, p. 302.

[239] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 332-333. Trad. livre do autor: "In considering this subject, there is one material point which should be carefully noticed—a point upon which nearly all writers upon the subject have greatly erred : THE CURSE WAS PRONOUNCED UPON CANAAN, NOT UPON HAM".

[240] *Ibid.*, p. 333. Trad. livre do autor: "There may be differences of opinion as to the cause, the nature, the extent, the justice, and the influence of this judgment ; but as it respects the person who is cursed, the word of God is specific and pointed : 'Cursed be Canaan' ; and in this we have the curse, direct".

[241] *Ibid.*, p. 342. Trad. livre do autor: "Africa was originally settled by the descendants of Ham, excepting his son Canaan. Ham himself is supposed to have emigrated to Egypt ; and Egypt, in Scripture, is called the " land of Ham". * There he attained to state and eminence ; and after his death, it is said, was deified by his descendants. The supreme deity Am of the Egyptians, it is stated, signifies his name : e. g., (H)ahi ; and the Jupiter Ammon, in honor of whom a temple was erected, is supposed to indicate Ham". Somente neste trecho traduzido, em vista das etimologias propostas por Crummell, deixamos a grafia Ham. No entanto, no corpo do texto optamos por manter a grafia Cam, pois é a maneira como o nome é escrito na língua portuguesa.

Crummell mobilizou assim, seu arcabouço de história clássica, bem como de mais argumentos teológicos, pois o asterisco do trecho referenciava o salmo 106, em que a letra claramente afirmava "21 – Esqueceram–se de Deus, seu salvador, que fizera grandes coisas no Egito –22; Obras maravilhosas na terra de Cam e coisas terríveis junto ao mar Vermelho".[242] Junto a isso, demonstrava que, dos filhos de Cam, o único que não havia pisado em África era justamente Canaã. "A África foi povoada por Cam na linha de seus três filhos, Cuxe, Mizraim e Pute. 1. Cuxe, o mais velho e, sem dúvida, o mais distinto de todos os filhos de Cam, parece ter sido o grande progenitor da raça negra".[243]

Por fim, um último argumento nos serve de grande interesse e nos ajuda a reunir as questões que discutimos nesta seção, propriamente a divinização da "raça" por meio das "provações" e do passado escravista da "raça". Crummell retomava essa discussão ao objetar aqueles que, mesmo diante dos fatos apresentados anteriormente, ousavam dizer que os horrores pelos quais passaram as populações escravizadas negras no mundo moderno comprovaram que alguma maldição havia sido pronunciada. Pois bem, em pouco mais de uma página, Crummell colocou três pequenos argumentos contra essa concepção: 1. que a severidade do tráfico de escravos africanos era inteiramente moderna e recente; 2. que a escravidão existiu não apenas em África, mas "tem sido a condição geral da sociedade, em todas as nações, em todos os países, em todos os períodos de tempo e não são peculiares a raça negra"[244] e 3. que se a escravidão a um povo devia ser tomada como uma indicação de alguma condição maldita, "então a massa dos turcos, poloneses, russos, circassianos" eram "descendentes diretos de Canaã e, portanto, 'raças condenadas'", no qual também os anglo–saxões se colocavam , já que não há pouco tempo "uma multidão de bretões eram absolutamente 'bens e bens móveis', sob o nome de 'vilões'".[245] A escravidão, assim, infelizmente configurava–se uma constante na história e no passado humano, em uma triste história de servidão e miséria universal.

---

[242] Salmo 106. SALMO 106. In: *Bíbliaon*. Disponível em: https://www.bibliaon.com/salmos_106/. Acesso em: 27 dez. 2022.
[243] *Ibid.*, p. 342. Trad. livre do autor: "Africa was peopled by Ham in the line of his three sons, Cush, Mizraim, and Phut. 1. Cush, the eldest, and undoubtedly the most distinguished of all the sons of Ham, appears to have been the great progenitor of the Negro race".
[244] *Ibid.*, p. 344. Trad. livre do autor: "have been the general condition of society, in all nations, in all countries, at all periods of time, and are not in any manner peculiar to the black man, or the Negro race".
[245] *Ibid.* p. 344. Trad livre do autor: "then the mass of the Turks, Poles, Russians, Circassians, are lineal descendants of Canaan, and therefore 'doomed races.' And in the same category the larger portion of even Anglo-Saxons must be placed ; for, but a short time since, a multitude of Britons were absolutely 'goods and chattels,' under the name of 'villeins'".

> À luz desses fatos, quão ignorante e ocioso é considerar os filhos da África como sujeitos de uma maldição peculiar, porque, na misteriosa providência de Deus, eles participaram das misérias e sofrimentos de um sistema cruel, que existe desde o início da história, em todos os quadrantes do globo, entre todos os povos sob o sol.[246]

O argumento acerca da escravidão e da raça, em *The Future of Africa,* pendia então para dois caminhos. Por um lado, o sistema escravista não poderia ser considerado algo inerente à "raça negra" ou justificado em razão de alguma maldição inscrita em sua história, devido ao fato que, na realidade, a escravização dos homens pelos homens era parte da história da vida humana – encontrada em "todos os quadrantes do globo, entre todos os povos sob o sol". Por outro lado, a escravidão moderna também era singular para a história e passado das populações negras do mundo, pois era essa preparação de dor e miséria que indicava os tempos de júbilo e alegria a esta raça nos tempos modernos. O passado e a escravidão na "raça" eram ambíguos: cheios de dor, mas também inscritos de êxtase e glória ao futuro.

Era por isso que Crummell estava nos EUA, em busca de levar esta missão, de lembrar aos negros estadunidenses civilizados seu passado, mas também seus deveres, suas responsabilidades, seus encargos divinos com uma nação também divina, cujo território se localizava do outro lado do Atlântico, na "terra de seus pais". Para isso, o autor se utilizou de argumentos e ideias que, como vimos, já eram recorrentes em outras partes do mundo, mas que foram redefinidas, elaboradas e traduzidas para seu contexto, seus planos e seus projetos. Por conseguinte, Alexander Crummell demonstrava uma retórica bem próxima daquilo que Wilson J. Moses definiu como "nacionalismo negro", principalmente ao determinar uma unidade racial entre os negros estadunidenses e seus "parentes", "ancestrais pagãos" em África. Uma unidade que, junto do passado de sofrimento da raça, era providencial na criação do Estado nacional liberiano.

No entanto, *The Future of Africa* ainda não foi esgotado em nossas análises, pelo contrário, há algumas camadas que devemos percorrer, mais escondidas, mas que apareceram e definiram outros modos como o pastor pensou a ideia de nação, de raça e do destino das populações negras da terra. Sob uma ótica, veremos que o futuro e passado não estava, talvez, apenas inscrito em África, mas na própria nação que já era estadia e lar de milhares de pessoas trazidas à força do continente africano. Sob outra análise, vislumbraremos também que as conexões entre Libéria e EUA se deram não somente pelo passado e história divinos da raça,

[246] *Ibid.* p. 346. Trad. livre do autor: "In the light of these facts, how ignorant and idle is it to regard the children of Africa as the subjects of a peculiar curse, because, in the mysterious providence of God, they have participated in the miseries and the sufferings of a cruel system, which has existed from the dawn of history, in every quarter of the globe, among every people under the sun".

mas também pelas condições e circunstâncias civilizacionais e históricas enfrentadas em ambos os territórios.

1.2.2. Do centro à circunferência

Como observamos na introdução, um dos principais responsáveis, além de Moses, por consolidar Crummell como um apologista dos projetos de um Estado negro em África foi Kwame Anthony Appiah e suas reflexões por meio da análise de *The Future of Africa*. Segundo ele, Crummell teria sido responsável por legar ao pan–africanismo do século XX a convergência entre a África e o povo negro americano em um destino comum, "não porque partilhassem de uma ecologia comum, nem porque tivessem uma experiência histórica comum ou enfrentassem uma ameaça comum da Europa imperial, mas por pertencerem a essa única raça". Mais do que isso, Appiah afirmou que a África de Crummell era "a pátria da raça negra, e seu direito de agir dentro dela, falar por ela e arquitetar seu futuro decorria – na concepção do autor – do fato de ele também ser negro".[247]

Appiah está correto quando voltamos, por exemplo, no já analisado "The Negro Race Not Under a Curse", em que o pastor argumentou que a "raça negra" não descendia de Canaã, verdadeiro amaldiçoado e um dos filhos de Cam, mas dos outros três filhos deste último: Cuxe, Mizraim e Pute, que nada sofreram. Dentro disso, evidenciou que os descendentes amaldiçoados de Canaã não ocuparam o território africano e foram os únicos a não entrarem de todos os descendentes de Noé. "Os cananeus de outrora eram asiáticos, isto é, no que diz respeito à residência; e a massa de seus descendentes, se existir em algum lugar, são os sírios modernos".[248] Em relação aos outros filhos, Crummell observou que o mais ilustre e proeminente era Cuxe, o responsável por povoar a África e gerar a "raça negra". Desse modo, refaz a história de povoamento deste grupo, de sua travessia e passagem pelo Mar Vermelho e Oceano Índico, até chegar às fontes do Nilo e se assentar sob as Montanhas da Lua.[249] Em suma, trechos que confirmam as ideias e reflexões de Appiah acerca do sinônimo entre a raça negra e a África subsaariana.

---

[247] APPIAH, *op. cit.*, p. 22

[248] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 339. Trad. livre do autor: "The Canaanites of old were Asiatics, that is, so far as residence is concerned ; and the mass of their descendants, if existing anywhere, are the modern Syrians"

[249]"Montanhas da Lua" parece se referir a uma cordilheira "literária" nomeada por Ptolomeu (120 - 170) e onde se acreditava estar a nascente do rio Nilo. Por isso, nas viagens de exploração do século XIX em que se tentou determinar as nascentes do Nilo, a cordilheira de Ruwenzori, localizada na atual Uganda, foi chamada por alguns exploradores de "Montanhas da Lua".

Além disso, mostramos que essa ligação seria não apenas sanguínea, como também espiritual. Dessa forma, raça e nação possuiriam um fundo religioso em Alexander Crummell e essa busca por argumentos teológicos fazia parte de todo um arcabouço teológico para justificar uma missão cristã e civilizatória em África. Para Alvarado, esses conceitos teológicos na verdade seriam a primeira forma de construção de uma unidade africana determinante dos discursos ideológicos do pan-africanismo. Assim, a África seria representada por meio de uma série de mitos e uma hermenêutica teológica e historicista com relação ao continente, "que é acompanhada por grandes fluxos migratórios de 'voltas à África', principalmente organizados desde América por libertos".[250] Crummell era um destes e, embora já nascido livre, justificou a missão divina e nacional da Libéria em termos espirituais e civilizacionais, na procura por um território de autonomia e liberdade negra. Não por qualquer razão era a partir de sua figura que Moses se dedicou e delineou aspectos e elementos do nacionalismo negro do século XIX.[251]

Nesta seção, no entanto, buscaremos mostrar outras faces e concepções dos argumentos de Crummell e como um outro significado mobilização de "nação", contraditoriamente, poderia justificar não mais os trabalhos e projetos liberianos, mas sim, a legitimidade daqueles que preferiam viver e construir suas vidas na própria América. Como veremos, o Atlântico negro de Crummell era complexo, cheio de alternativas e vivo em possibilidades de "redenção" e "regeneração" das populações negras na modernidade.

***

Para desvelar e compreender outros significados das categorias e termos de Alexander Crummell, pode ser interessante retomarmos o contexto de publicação de *The Future of Africa.* Primeiramente, iremos nos aprofundar ainda mais na imagem bastante descredibilizada da *ACS* e da colonização liberiana que tratamos na primeira seção deste capítulo.

Por exemplo, em 1817, concomitantemente ao momento em que a Libéria era a criada, uma manifestação de 3000 pessoas na Filadélfia protestou contra aqueles que partiam ao continente africano e clamou para que estes lutassem por seus direitos nos EUA.[252] Além disso, no mesmo ano em que Alexander Crummell desembarcou na Libéria, em 1853, uma reunião da *Colored National Convention*, em Nova York, denunciou e comparou os américo–liberianos aos mais brutais colonizadores brancos do continente africano, em comparação direta com a atuação inglesa na África do Sul no mesmo período.[253] Mesmo homens como Delany, que

[250] ALVARADO, *op. cit.*, p. 69-70.
[251] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 3-11.
[252] SOUZA, Mônica Lima e. Histórias entre margens: Retornos de libertos para a África partindo do Rio de Janeiro no século XIX. *Revista de História Comparada*, v. 7, n. 1, 2013, p. 71.
[253] *Ibid.*, p. 119.

Crummell diz ter sido um dos responsáveis por lhe encorajar a publicar a carta de 1861 e um dos grandes proponentes de projetos colonizadores do período, condenaram e denunciaram a Libéria.[254] O próprio Crummell, quando estava na Inglaterra, fez vigorosas falas contra a *American Colonization Society* e, na primavera de 1849, denunciou o Rev. John Miller, apologista da *American Colonization Society* que estava em Liverpool como porta–voz da instituição. Não satisfeito, o pastor escreveu para abolicionistas nos Estados Unidos, os quais responderam com a organização de um escontro em Nova York, no dia 23 de abril de 1849. Nessa reunião, Frederick Douglass expressou sua gratidão por " 'um Alexander Crummell, que todos vocês conhecem'"[255] e apresentou uma resolução, "creditando Crummell como a fonte da informação que levou ao comício, e expressando a 'aversão e desprezo de nosso povo' para a "*American Colonization Society* ou qualquer outro esquema perverso semelhante".[256]

Os problemas da Libéria, porém, estavam também na própria história de formação do país e se estendiam para bem mais que uma imagem ruim no cenário internacional. Como a colonização do país e a expatriação dos migrantes eram de responsabilidade da ACS, uma entidade privada, havia uma enorme dependência de doações de seus colaboradores e, sobretudo, de recursos públicos. Tanto é que já nos primeiros anos da criação da associação em 1816, um dos fundadores, Robert Finley (1772 – 1817), percorreu inúmeras cidades estadunidenses buscando apoiadores e nomes influentes, como o primeiro presidente da organização, Bushrod Washington (1762 – 1829), sobrinho de ninguém menos que George Washington (1732 -1799), o primeiro presidente dos EUA.

Dentro disso, a organização teve certos sucessos em 1820, sob o nome do presidente James Monroe (1758 -1831), grande apoiador da *ACS*, na aprovação de uma verba de financiamento de 100 mil dólares para o ano e a garantia de proteção da marinha norte–americana nos processos migratórios. Como relata Souza, essas intervenções das forças bélicas americanas foram fundamentais neste início, em que "podemos destacar a mobilização da fragata USS John Adams para ajudar o governo liberiano na repressão de uma revolta nativa em Grand Bassa ocorrida em 1852".[257] Apesar disso, os fundos não foram constantes e com outros movimentos de colonização surgindo, as tensões raciais dos EUA ainda maiores e a

[254] *Ibid.*, p. 118.
[255] *Ibid., p. 69*. Trad. livre do autor: "that 'one Alexander Crummell, whom you all know'".
[256] *Ibid., p. 69.* Trad. livre do autor: "crediting Crummell as the source of the information that had led to the rally, and expressing the "abhorrence and contempt of our people" for the "American Colonization Society or any other similar wicked scheme".
[257] SOUZA, 2020, *op. cit.*, p. 160.

iminente Guerra Civil (1861–1865), a entidade sofreu para continuar tendo algum apoio governamental.

Junto a isso, a relação da ACS com os próprios emigrados e a futura elite américo–liberiana não era fácil. Pelo contrário, as duas primeiras expedições para os assentamentos realizadas pela entidade, em 1820 para a *Malagueta Coast*[258] e a outra em janeiro de 1821, para a capital da Serra Leoa, Freetown, renderam críticas dos emigrados à pouca autonomia dada pela organização e provocaram um cenário de morte e destruição. Meses após esses incidentes, decidiu–se enviar um outro representante da ACS junto de um membro da marinha norte–americana para comprar terras dos nativos, mas agora em Cape Mesurado, "que era um conhecido entreposto comercial de escravizados e outros bens de consumo entre africanos e europeus". Assim, após negociações favoráveis aos migrantes, a administração da região se dividiu entre um oficial indicado pela *American Colonization Society* e um conselho consultivo de seis membros escolhidos pelos colonos. Este último, cabe dizer, somente incorporado por pressão e imposição dos próprios migrantes. Essa dupla soberania ou esses interesses distintos, por fim, dariam o pano de fundo para a independência da Libéria anos depois.[259]

Souza mostra que a independência se deu nessa conjunção de fatores externos e internos que desde o início conformaram a existência da colonização liberiana. No ano de 1830, o governo americano, do presidente Andrew Jackson (1767 – 1845), não continuou com a política de Monroe e acabou com o aporte financeiro à ACS, que passou a sobreviver apenas de investimentos privados. Nesse sentido, a sorte inicial de ter um aumento elevado no número de interessados na década de 30, repleta de revoltas e rebeliões como de Nat Turner,[260] foi também o azar da entidade. Esse elevado aumento gerou prognósticos otimistas pela organização, que geraram dívidas que a fizeram mergulhar em problemas econômicos e financeiros. Mesmo em 1939, quando o poder da associação foi diluído em jurisdições e financiamentos diferentes entre os Estados e territórios,[261] a ACS prosseguiu enviando seu agente local ao país, mas agora com

[258]O nome da região entre a Libéria e Serra Leoa foi dado em razão do local de crescimento da pimenta-da-Guiné (Aframomum melegueta). Dentro disso, não confundir com "pimenta malagueta", que é original do Brasil. *Ibid.*, p. 160.

[259] *Ibid.*, p. 161 162.

[260] Também conhecida como *Southampton Insurrection*, em razão de seu início em Southampton, no estado da Virgínia, Nat Turner - pregador e intitulado de "O profeta" -, em 21 de agosto de 1831, conduziu por meio de profecias e visões centenas de homens e mulheres a se rebelarem contra os senhores de escravos e suas famílias, levando a morte de cerca de 51 brancos em poucos dias. Como reação, houve ataques de milícias brancas que mataram cerca de pelo menos 120 afro-americanos, muito dos quais não estavam envolvidos, além do julgamento e da execução das pessoas envolvidas no esquema, como seu próprio líder.

[261] Em 1838, A ACS adotou uma nova constituição, na qual a organização seria gerida por um conselho administrativo e em cuja mesa diretora estariam todos os estados norte-americanos que possuíam uma sede da entidade. Além disso, a representação de cada estado seria proporcional às suas contribuições financeiras e ao tamanho de seu assentamento na Libéria. BURIN, *op. cit.*, p. 24.

poderes menores e subordinado ao conselho local eleito pelos colonos liberianos, que também enfrentavam seus próprios desafios internos no fim da década 1840.[262]

Entre estes desafios, estava o enfrentamento com os grupos africanos comerciantes locais, que burlavam o monopólio dos emigrados e faziam negócios diretos com os britânicos. Sem ajuda da endividada e distante *ACS* no combate contra esses grupos, a impotência entre os américo–liberianos se tornou inevitável, aumentada pela sensação de pouca autonomia para resolver suas próprias questões, que estavam nas mãos de homens brancos enviados pela associação que nada sabiam do futuro daquele Estado moderno negro.[263] Assim, os caminhos para a independência demoraram, mas finalmente chegaram em 25 de julho de 1847. A *ACS*, ao perceber que autonomia seria um alívio aos seus cofres, pouco fez oposição ao movimento e pôde voltar seus olhos apenas para a questão migratória e a contínua propaganda do projeto liberiano nos EUA. Este último, bom dizer, apenas reconheceu a independência da Libéria em fevereiro de 1862, o mesmo ano que três homens foram eleitos para uma comissão responsável por falar, em plena Guerra Civil americana, dos horizontes plenos aos afro–americanos do outro lado do Atlântico.

Ao final, é difícil colocar assertivamente que a comissão de 1862, composta por E. Blyden, o rico comerciante J. D. Johnson e Alexander Crummell, se formou como uma reação a esse reconhecimento americano da independência da Libéria. O que podemos afirmar, pelo histórico que traçamos do país africano, é que a nomeação desses três homens era, ao menos, uma forma de tentar melhorar a imagem desgastada do país; angariar recursos e apoiadores em momento de escassez ocasionada pela Guerra Civil americana e se colocar como uma das alternativas possíveis e efetivas dentre os vários projetos de emigração do período. Desse modo, como mostramos anteriormente, homens como Crummell eram de enorme interesse para os agentes envolvidos na colonização liberiana e, como vimos também por essa história de formação do país, as relações entre esses agentes poderiam ser conflituosas, de rupturas ou aproximações. Tudo dependia do momento histórico e de onde e para quem falavam. Diante disso, nosso argumento nesta seção pretende mostrar como Crummell, perante esses interesses e conflitos atravessados no território e em sua busca por angariar públicos e fomentar o projeto liberiano, mobilizou em seus escritos e discursos uma outra ideia de nação, de nacionalismo e de futuro para a "raça negra" no mundo moderno

***

[262]SOUZA, 2020, *op. cit.*., p. 162

[263] Visando acabar com essas tensões, Joseph Jenkins Roberts foi eleito pela ACS o primeiro governador negro do território, em 1841. *Ibid.*, p. 165.

Descobrimos por Moses[264] que Alexander Crummell não foi aos EUA, na primeira metade de 1861, já eleito comissário do governo liberiano e que até mesmo foi surpreendido pela nomeação. O pastor, na realidade, chegou em terras americanas sob o suporte da *Episcopal Church of America* e, ao contrário do que pode parecer, a publicação de *The Future of Africa* não seria uma consequência de sua nomeação ou de algum investimento direto do Estado liberiano. Em uma carta de resposta de Benjamin Coates ao pastor, por exemplo, em 13 de janeiro de 1862, tomamos consciência de que Crummell já tinha mil assinaturas de possíveis compradores de sua publicação de *The Future of Africa*.[265] Apesar disso, Crummell não recusou ou ocultou a nomeação, ao contrário das relações e dos auxílios que o pastor estabeleceu com a ACS. Isso é revelado por esta mesma carta de janeiro e pelas descrições de Coates de um Crummell receoso em conceder um discurso na reunião anual da *American Colonization Society*. De acordo com Coates, este receio era justificável, pois "seus amigos de cor no Norte"[266] consideravam a *ACS* "uma organização muito desagradável".[267] Dentro disso, em *The Future of Africa*, esse receio ou essa preocupação em parecer distante da organização apareceu de algumas formas.

Primeiro, pela mínima ou quase nenhuma menção da *ACS* em *The Future of Africa*, que quando apareceu em seu livro, foi apenas uma vez e em caráter meramente informativo – sem contar a introdução da obra.[268] Um contraste grande com seu companheiro de comissão, Edward Blyden, que sempre teve uma relação mais próxima e explícita com *ACS*. Blyden não apenas emigrou em dezembro de 1850 com a ajuda da instituição, como possuía prestígio dentro da organização. Ilustrativo disso foi uma de suas principais obras e também publicada em 1862, intitulada de *Liberia's Offering*. A obra era semelhante à de Crummell por reunir sermões e discursos, mas possuía uma introdução que revelava um tom mais elogioso à ACS e a outros possíveis financiadores da instituição.[269]

Além disso, Blyden participou e estimulou projetos da associação, por exemplo, a busca do governo liberiano por migrantes de outras partes do mundo, depois do declínio das migrações no contexto do início da Guerra Civil americana. "Nós os convocamos destes

[264] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 135.
[265] BACON; LAPSANSKY-WERNER, *op. cit*, p. 156.
[266] BACON; LAPSANSKY-WERNER, *op. cit*, p. 156. Trad. livre do autor: "your colored friends in the North".
[267] *Ibid.*, p. 156. Trad. livre do autor: "a very obnoxious organization".
[268] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 119. Não contamos a introdução por um problema prático: a edição que usamos possui apenas uma página da introdução, pois está cortada. Talvez existam menções da ACS, mas acredito por indícios de outros documentos e seus biógrafos, não em tons semelhantes ou elogiosos como estará em Blyden. Na carta de Coates, que citamos anteriormente, já vemos o que buscamos mostrar: o medo de Crummell de se vincular à *American Colonization Society* e como isso era parte de sua reputação, impactando os modos em como expressar suas ideias acerca da Libéria e da expatriação.
[269] SOUZA, 2020, *op. cit.*, p. 16.

Estados, do Canadá, das Índias Orientais e Ocidentais, da América do Sul, de todos os lugares, para vir e participar conosco do nosso excelente trabalho".[270] Blyden foi além das palavras e auxiliou no estabelecimento de uma migração vinda da ilha de São Tomás, no Caribe. "De acordo com Lynch (1967), Blyden conseguiu o apoio e financiamento de dez mil dólares da ACS para este projeto e, em 1865, os emigrantes de Barbados chegaram na Libéria e foram assentados em Careysburgh no interior".[271]

Alexander Crummell, em contrapartida, teve um olhar mais cauteloso e distante – ou sempre procurou se mostrar distante – da organização acusada de estimular o que Frederick Douglass chamou de um extermínio compulsório da população negra americana.[272] O teólogo, bom lembrar, diferentemente de Blyden não migrou sob auxílio da ACS e como também já mencionamos, continuou vinculado às missões estrangeiras episcopais. Esses vínculos, consequentemente, eram uma de suas vantagens, pois "como missionário enviado à África Ocidental pela Igreja Episcopal Protestante, ele não tinha nenhuma óbvia ligação com a *American Colonization Society*".[273]

Nenhuma óbvia ligação, porém, não significava nenhuma conexão. Quando pensamos no periódico da organização, o *African Repository*, entendemos que essas relações eram mais complexas, pois boa parte de nossas fontes encontramos nas páginas do periódico, em que a voz de Crummell foi utilizada mensalmente para dar legitimidade aos programas do país e aos planos da *ACS*. Outro caso exemplar é sua própria ida aos EUA em 1862, onde o pastor discursou em associações pela emigração negra de New Hampshire, Connecticut, Massachusetts e Nova York e, nesta última, um documento pediu à ACS que o nomeasse agente oficial da organização. Com medo da repercussão e de sua credibilidade diminuir, o pastor não assumiu o cargo, mas através de um esquema feito pela ACS, conseguiu ser remunerado por seus serviços.[274]

Em síntese, a questão aqui é menos mostrar o grau dessas conexões e mais pensar como isso impactou no modo como Crummell estruturou algumas de suas argumentações em *The Future of Africa*. A categoria de "intencionalidade" de Skinner, para a história das ideias, visa justamente avaliar como um livro, um texto, uma palavra foi entendida publicamente em seu contexto. Longe de uma procura psicologizante dos caminhos da mente do autor ou do

[270] BLYDEN apud *Ibid*., p. 50.
[271] Ibid., p. 51.
[272] MOSES, 2020, *op. cit.*, p. 121.
[273] OLDFIELD, *op. cit.*, p. 66-67. Trad. livre do autor: "as a missionary sent out to West Africa by the Protestant Episcopal Church he had no obvious connection with the American Colonization Society".
[274] *Ibid.*, p. 67

intelectual, na análise contextualista de Skinner, a intencionalidade não faz sentido individualmente, e sim, a partir de um significado público que os envolvidos conseguem identificar e compreender. Crummell, nesse sentido, se esforçou por se desvincular de argumentos que o aproximavam da *ACS* e teve seu esforço reconhecido, como demonstra Coates em outra carta – agora de 4 de abril de 1862. Para Coates, [275] a grande vantagem e credibilidade de T*he Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa* era demonstrar justamente que o pregador não compartilhava da opinião polêmica da organização acerca da migração forçada e obrigatória das populações negras dos EUA. Crummell deixou explícito isso na carta já de início:

> E ainda agora é com dúvida e desconfiança que concluo enviar–lhe esta comunicação. Minha relutância surgiu principalmente de uma consideração da alegação feita pelos principais homens de cor nos Estados Unidos, no sentido de 'que é injusto perturbar sua residência na terra de seu nascimento por um chamado contínuo para ir à África'. Esta afirmação é, na minha opinião, a mais justa. Três séculos de residência em um país parecem claramente dar a qualquer povo o direito à sua nacionalidade no seu território sem perturbação.[276]

Seus irmãos na América, acrescentou logo depois, tinham outras reivindicações para a América. Ademais, não eram obrigados a sair de um país pelo qual tanto contribuíram através do suor, da labuta, do aumento da riqueza daquela terra e onde muitos derramaram sangue para a conquista de sua liberdade. Ademais, eram cristãos e "será preciso encontrar alguma nova página e apêndice da Bíblia, para obter a autorização para os cristãos repelirem e expatriarem cristãos, por causa de sangue, raça ou cor".[277] Sua carta não pretendia irritar ninguém com argumentos que clamavam que todos deveriam vir à Libéria, por mais que quisesse ver todos os homens negros mais inteligentes nesta causa, e muito menos afirmar a "falsidade de que a América não é seu lar".[278]

Obviamente, podemos pensar neste trecho como um artifício retórico pelos espaços onde circularia nos EUA e entre aqueles cidadãos desconfiados dos projetos liberianos. Ainda mais porque Crummell sabia dos problemas em dar entender que legitimava uma saída forçada dos negros da América. Por isso, seu texto era feito com cuidado, melindroso nas frases e

---

[275] BACON; LAPSANSKY-WERNER, *op. cit*, p. 162-165.
[276] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 216. Trad. livre do autor: "And even now it is with doubt and diffidence that I conclude to send you this communication. Mv reluctancy has arisen chiefly from a consideration of the claim put forth by leading colored men in the United States, to the effect 'that it is unjust to disturb their residence in the land of their birth by a continual call to go to Africa.' This claim is, in my opinion, a most just one. Three centuries' residence in a country seems clearly to give any people a right to their nationality therein without disturbance".
[277] *Ibid.*, p. 217. Trad. livre do autor: "and one will have to find some new page and appendage to the Bible, to get the warrant for Christians to repel and expatriate Christians, on account of blood, or race, or color".
[278] *Ibid.*, p. 217. Trad. livre do autor: "falsehood that America is not their home".

minucioso nas palavras. Talvez, sabendo, como nós, a importância das palavras e dos seus significados, de seus truncados caminhos e de seus inesperados sentidos. Inesperado, então, era ver o direito à nacionalidade estadunidense reivindicado sem justificativa no sangue, na raça ou em alguma missão divina – diferentemente de seus textos anteriores e da nacionalidade liberiana. Neste caso, direito legítimo dos negros estadunidenses no território estava seu trabalho e seu papel na formação do país. Em termos mais profundos, não havia nacionalidade estadunidense sem a ação das populações negras em seu território, como apontou no final do já mencionado sermão "God and Nation":

> Sessenta anos atrás, as sábios da Europa e da América estavam debatendo a questão – 'Se o negro é um homem?' e agora não há interesse moral no mundo que comanda tanta atenção e consideração como a do homem negro; agitando mesmo a Europa desinteressada mas generosa, da Grã–Bretanha aos domínios do Czar; e sacudindo, do centro à circunferência, o tecido da nacionalidade americana.[279]

"Do centro à circunferência", transformaram a nacionalidade dos EUA e, simultaneamente, ao voltarmos para o início da carta, também foram transformados: "Posso acrescentar aqui que eu me dirijo aos 'Homens de Cor Livres da América' porque me identifico com eles; e não porque eu sinta que eles sejam particularmente convocados para zelar e cuidar da África, em detrimento de outros filhos do continente em terras distantes".[280] Sua carta, portanto, não era uma admissão de uma suposta singularidade dos negros estadunidenses em relação ao continente africano; o oposto disso, já que entendia que essa concepção afastou do continente outros dos "filhos" (children) da África que poderiam também ajudar em seu futuro.

> Seus deveres, a esse respeito, não são maiores do que os de nossos irmãos das Índias Ocidentais, haitianos e, eventualmente, nossos irmãos brasileiros. O que quer que nesta carta se aplique a nossos irmãos nos Estados Unidos, se aplica em igual grau a eles. Mas eu não sou o homem para me dirigir a eles.[281]

Ou seja, ele não era o homem certo por uma simples razão: que por mais que as populações negras tenham se espalhado por toda a América, o processo de cada nação desse território foi diferente. Dessa maneira, o pastor se identificava com os negros estadunidenses, pois havia particularidades concretas de nascer, crescer e viver nos EUA. Isso era tão

---

[279] *Ibid.*, p. 170. Trad. livre do autor: "Sixty years ago the savans of Europe and America were debating the question i. "Whether the Negro is a man ? " and now there is no moral interest in the world which commands so much attention and regard as that of the black man ; agitating even disinterested but generous Europe, from Britain to the domains of the Czar ; and shaking, from centre to circumference, the fabric of American nationality".

[280] *Ibid.*, p. 216. Trad. livre do autor: "I may add here that I address the "Free Colored Men of America", because I am identified with them; and not because I feel that they, especially, and above all the other sons of Africa, in distant lands, are called upon for zeal and interest in her behalf".

[281] *Ibid*, p. 216. Trad. livre do autor: "Your duties, in this respect, are no greater than those of our West Indian, Haytian, and eventually our Brazilian brethren. Whatever in this letter applies to our brethren in the United States, applies in an equal degree to them. But I am not the man to address them".

determinante, que impactava até mesmo os processos de colonização negra americana no continente africano.

Dentro disso, além da Libéria, o assentamento negro em África mais comentado por Crummell em *The Future of Africa*, até mesmo pela proximidade, foi a colônia britânica da Serra Leoa.[282] O pastor se deteve pouco na história da colônia e apenas mobilizou o território em vista de uma simples, mas importante comparação para os propósitos dos nossos argumentos: as diferenças entre Serra Leoa e Libéria se davam justamente pela ligação civilizacional entre os dois países, ou seja, o primeiro era apropriado à colonização inglesa e o segundo à estadunidense. No final de "The Progress and the prospects of the Republic of Liberia", essa ideia apareceu e Crummell foi enfático em dizer que os "*Black Yankees*" se encaixavam melhor às peculiaridades, instituições e aos costumes da nação liberiano Já a Serra Leoa, ao se confrontar com outras nações fortes e poderosas do interior africano, se adaptava melhor às características dos negros britânicos ou em contato com os ingleses. Às tendências democráticas nos EUA, "seria muito melhor que os homens" que "deixassem este país (os EUA) para a África juntassem suas fortunas conosco na Libéria"[283] Embora os negros estadunidenses fossem próximos e privilegiados pelas heranças da raça anglo–saxã, Crummell compartilhava da impressão que os campos em Serra Leoa e no Vale do Níger foram preparados pela Providência Divina aos negros ingleses. "E tenho a convicção de que nós dos Estados Unidos, com nossa formação peculiar, e com nossas tendências democráticas, nos encontraremos deslocados, bem como em elemento incompatível, nos fortes governos do interior da África".[284]

Em *The Future of Africa*, essas concepções reapareceram na carta e descobrimos que os povos fortes do interior da África Ocidental eram os Ashanti e o reino do Daomé..[285] Crummell indicava que não era seu papel desencorajar aqueles negros estadunidenses que se voltavam às margens do Níger, mas dizia que somente na Libéria era possível fazer uma evangelização sem sangue e sem luta, devido ao fato que "na África Ocidental, as tribos universalmente, exceto na Libéria, são fortes, independentes, guerreiras".[286] Mesmo os britânicos sucumbiam perante o

[282] Para mais informações de Serra Leoa, página 14-15.
[283] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 147.
[284] *Ibid.*, p. 147. Trad. livre do autor: "And I have the conviction that we of the United States, with our peculiar training, and with our democratic tendencies, will find ourselves out of place, as well as in an uncongenial element, in the strong governments of interior Africa".
[285] Os Ashanti, neste período do século XIX, se localizavam no que atualmente conhecemos como Gana e somente foram derrotados pelos britânicos na virada para o século XX. Já o reino do Daomé ocupava o que hoje é o atual Benin e foi derrotado mais cedo, ao fim do século XIX, mas pelas campanhas militares francesas.
[286] *Ibid*, p. 250. Trad. livre do autor: "In Western Africa the tribes universally, save in Liberia, are strong, independent, warlike".

indomável espírito desses grupos. “E assim vocês vêem que, para o estabelecimento de uma forte civilização negra na África Central, uma mão forte e sangrenta deve ser usada. A cor não é nada em qualquer lugar. A condição civilizada diferencia os homens em todo o mundo”.[287] E a condição e o modo de civilização variavam de acordo com os contatos entre as raças e os povos do mundo. Crummell finalizava este trecho exatamente como no parágrafo anterior, com a convicção que as circunstâncias da Libéria se encaixavam prontamente nos modos e nas instituições com as quais os negros estadunidenses tiveram contato e em meio às quais cresceram na América.

***

Vale a pena, antes de encerrar esta seção, tentar sistematizar e organizar, principalmente por esses últimos parágrafos, os meandros dos argumentos mobilizados por Crummell em *The Future of Africa.* Na primeira subseção, “O Futuro da África”, mostramos como o pregador criou e desenvolveu uma narrativa redentora da “raça negra” e como Deus havia preparado o território liberiano para esta redenção, após tantos anos de provação e miséria sob o jugo cruel da escravidão. A Libéria, neste cenário, era o palco desse futuro, no qual a parte civilizada e cristianizada das populações negras voltaria para redimir seus parentes “pagãos”. Não haveria dúvida, nesse cenário, Crummell era um representante claro do nacionalismo negro oitocentista.

Com esta última seção, porém, essas questões tomam caminhos diferentes. Primeiramente, pelo pastor mostrar que não havia obrigatoriedade das populações negras estadunidenses deixarem seu país, já que a nacionalidade e cidadania dos EUA eram seu direito, conquistada pelos anos de trabalho, labuta e sangue dedicados à construção do país. Este argumento, como analisado, estava na carta *The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa*, cuja primeira versão apareceu em 1861. A ACS seguiu o que já estava fazendo com o teólogo desde 1853 e publicou trechos da carta em *African Repository*, mas significativamente, este outro sentido de nação não apareceu entre os extratos publicados no periódico da ACS. Pelo contrário, os editores abriram o número de abril de 1861 do jornal com trechos bastante apologistas da carta Crummell[288]e que mostravam, de certa forma, os deveres

[287] *Ibid*, p. 250. Trad. livre do autor: “Trad. livre do autor: “And thus you see that, for the establishment of a strong black civil- ization in Central Africa, a strong and a bloody hand must be used. Color is nothing anywhere. Civilized condition differences men all over the globe”.

[288] CRUMMELL, Alexander. The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa. *African repository*, v. 37, n. 4, p. 97-107, abr. 1861. O trecho a seguir, que abre a sequência de excertos publicados, é bastante ilustrativo desse cotejamento não desinteressado da ACS e é de trad. livre do autor: “Quando esses homens de cor questionam o dever de interesse na África porque não são africanos, imploro para lembrá-los do dever semelhante de auto-respeito. E minha resposta às questões que mencionei acima é esta: Que não há necessidade de pedir o interesse de ingleses, alemães, holandeses e outros, na terra de seus pais, porque eles têm esse interesse e estão sempre orgulho de apreciá-lo. E 2d, observo que o estado abjeto da África é um apelo muito real e tocante

e a verdadeira obrigação dos negros americanos no regenerar do continente africano. Nesse sentido, a ausência desses excertos, podem nos revelar, por um lado, as intencionalidades da ACS para o projeto liberiano e, simultaneamente, por outro, iluminar de novo os atritos e os conflitos entre os agentes colonizadores do período – seja os EUA, seja o governo liberiano, Blyden ou, em nosso caso, Alexander Crummell.

Já que mencionamos Blyden, podemos voltar a ele para aprofundar esses outros sentidos de nação de Crummell. Ao encerrar sua tese, Souza,[289] por exemplo, nos mostrou que, por um lado, o sentido de nação de Blyden era baseado no pertencimento de todos à "raça negra" e de uma irmandade compartilhada entre os emigrados e nativos – os "filhos da África" disse Crummell. Além dessa irmandade familiar, a experiência histórico–teológica da degradação, fundada no trauma da escravidão, ajudava a complementar os laços e, como também justificou Crummell, fora uma provação importante para os desígnios posteriores divinos. Para Blyden, desígnios que somente poderiam ser cumpridos pela parte civilizada da "raça negra", os cristãos, em seu trabalho em prol do progresso do território, juntos a formar uma nacionalidade africana entendida como um império, que deveria começar da Libéria e se estender aos outros cantos e países da África.

O Atlântico negro de Crummell, no entanto, era diferente. Apesar de suas conexões espirituais e do pregador também preconizar a civilização do continente, nunca falou em termos de império e, caso tenha pensado em uma liderança da Libéria para a civilização do continente, sabia que nem em todos os lugares de África, as condições específicas de formação da "raça negra" estadunidense poderiam suprir. Essa importância para as diferenças civilizacionais e a relevância da formação histórica na formação das sociedades e dos homens não eram exclusivas de Crummell. Pelo contrário, nos parece que, por sua formação acadêmica na Inglaterra entre 1848 a 1853, o pastor possivelmente entrou em contato com certas concepções e ideias do pensamento político britânico – assim, como ocorreu, por exemplo, no debate sobre a maldição de Cam que exploramos anteriormente.

O filósofo Edmund Burke (1729 – 1797) pode ser ilustrativo disso.[290] Nascido na Irlanda, Burke se tornou no século XVIII um dos principais políticos e filósofos do parlamento

---

a qualquer coração por simpatia e ajuda. É um apelo, no entanto, que chega com força dupla a todo homem civilizado que tem sangue negro correndo em suas veias".

[289] SOUZA, 2020, *op. cit.*, p. 207-208.

[290] O motivo de utilizar o Burke é não somente pela sua relevância no pensamento britânico do século XVIII e XIX, mas também pela familiaridade de termos trabalhado com suas ideias políticas em etapas anteriores da pesquisa. Esses estudos, ao final, resultaram em apresentações e publicação de anais de evento. Cf. OLIVEIRA, Petrus A.. Homem, Sociedade e Governo. In.: VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA, 2019, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: UFMG, 2019, p. 1287-1297. Além disso, como veremos, Crummell teve contato e utilizou de suas ideias na elaboração de suas argumentações.

inglês, por meio de discursos e livros que marcaram o debate público e político europeu. Seu mais famoso livro certamente foi *Reflections on the Revolution in France*,[291] escrito em 1790, em que o autor analisa e critica os eventos e as decisões tomadas pelos jacobinos durante a Revolução Francesa (1789 – 1799). Dentro do livro, o significativo para nossos objetivos é entender que parte de suas críticas aos franceses nasceu da concepção que as medidas tomadas na Revolução desconsideravam os costumes e tradições que formaram e constituíram a nação francesa. Em outras palavras, pensaram que poderiam modificar ou estruturar uma sociedade sem levar em conta a experiência, a história de séculos do país. Segundo o autor, obviamente estavam errados, pois "não há nome, poder, função, instituição artificial que possa fazer os homens, que compõem um sistema de autoridade, diferentes daquilo que Deus, a natureza, a educação e os hábitos de vida lhe fizeram".[292]

Burke foi citado em *The Future of Africa* como uma das figuras representativas do pensamento inglês[293] – nas próximas seções e no capítulo seguinte, veremos que Crummell conhecia bem seus livros e compartilhava muitas outras ideias do pensamento britânico. No entanto, é sempre complicado dizer que o pastor trouxe essa ideia civilizacional e da experiência histórica propriamente de alguma obra específica, já que nenhuma foi citada diretamente. O que sabemos é que o pastor se utilizou de ideias semelhantes que percorriam e atravessavam o Atlântico e, no caso específico de seus projetos políticos para a Libéria, as utilizou para argumentar que as circunstâncias de formação e construção do país africano estava mais próximo das condições civilizacionais e institucionais dos EUA. Nesse ponto, não havia propriamente um argumento evolucionista, no sentido que a civilização europeia ou estadunidense seria melhor. Logo, seu argumento era outro e que, na verdade, deveria–se considerar em um processo colonizador a formação da nacionalidade, das instituições e da espiritualidade que melhor se encaixavam em um território e em um povo.

Por um lado, esse argumento serviria para evidenciar que existiram outros processos, outras colonizações de regeneração da "raça negra" pelo Atlântico, mas não era Crummell que deveria escrever ou se dirigir a eles. Por outro, esses argumentos legitimavam os interesses específicos estadunidenses, principalmente em contexto no qual o país não era uma potência imperial quando comparada à França ou à Inglaterra. Dessa forma, podemos entender que essa suposta valorização de um singularismo estadunidense era uma forma de afastar outros rivais

[291] BURKE, Edmund. Reflexões sobre a Revolução em França. Brasília, Ed. Da UNB, 1997.
[292] Ibid., p. 75. Veja que aqui, assim como Crummell, Burke não separava as esferas do religioso, do político e do social, pois Deus também está junto dos hábitos e da formação histórica de um povo ou de um país.
[293] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 9.

imperiais, demonstrando que outros territórios supostamente serviriam às características e instituições dos respectivos países. Além disso, cabe novamente ressaltar que essa colonização singular sem resistência dos EUA era um argumento ideológico de Crummell que encobria resistências e conflitos dos grupos africanos no território. Como afirmamos desde o início deste capítulo, o pastor era um ideólogo da colonização liberiana e seus argumentos continuavam a encobrir, ocultar ou desmerecer os processos de resistência africana ao projeto colonial liberiano. Assim, mesmo neste trecho com retóricas distintas e até conflituosas com outros momentos de seu livro, seu argumento continuava a servir aos interesses estadunidenses no território e, principalmente, às elites americo–liberianas herdeiras de uma tradição civilizacional norte–americana.

Nesse sentido, podemos sintetizar as formulações de Crummell em *The Future of Africa* do seguinte modo*:* por um lado, o teólogo deveria se dirigir unicamente à Libéria e àqueles que seriam os cidadãos de seu país, as populações negras estadunidenses. Estas, por um lado, possuíam uma história divina, de redenção e deveriam retornar, cumprir os deveres da civilização e da cristianização em África. Por outro, estes mesmos sujeitos possuíam seus direitos e deveres nos EUA assegurados, devido ao fato de terem participado da construção e da formação do país americano. Ao mesmo tempo, era por esta própria história de formação dos negros estadunidenses que residia a legitimidade para atuar no processo de colonização estadunidense na Libéria. Ao fim, em contradições e ambiguidades, foi assim que Crummell mobilizou sua retórica e se apropriou de termos e conceitos nas conexões coloniais entre a Libéria e os EUA. Crummell, portanto, se inseriu no Atlântico negro e foi parte dele. Ainda mais quando lembramos da interpretação de Mariana Abreu sobre o termo e das características mais centrais dos sujeitos que atravessaram suas águas: pessoas que importaram, modificaram, reinventaram e criaram outras formações culturais, outras ideias e outros projetos. Projetos contraditórios, claro, mas isso é inevitável para aqueles que construíram textos sob a égide de termos como raça, nação, civilização, colonialismo. Projetos, ao final, que não se findaram em *The Future of Africa,* mas que continuaram, em nossa próxima seção, a serem usados em seus textos e sermões, nos últimos anos de Crummell na Libéria.

1.3. Verdades da colonização (1863 – 1872)

Em julho de 1862, poucos meses depois do lançamento de *The Future of Africa*, Frederick Douglass realizou uma pequena crítica ao livro em seu jornal *Douglass Monthly*:

> Este livro é totalmente do interesse da colonização africana e bem calculado para despertar um espírito africano geral entre as pessoas de cor da América. É com esta característica do livro que temos principalmente a ver. Não é o Sr. Crummell como clérigo, mas o Sr. Crummell como colonizador que o torna importante agora.[294]

Por este trecho, alguns dos outros sentidos e significados mobilizados por Crummell, que exploramos na seção anterior, foram praticamente anulados e apagados. Crummell acabou designado a partir do que seria realmente "importante" de seu livro: sua defesa da colonização. A crítica, além disso, não deixava também de ser uma resposta direta de Douglass, pois este fora citado no livro, em momento que Crummell explicou que sua apologia por um comércio e negócios na costa africana nada teria haver com colonialismo ou emigracionismo.[295] Mais adiante, ele retornou a esta temática e parece de novo se referir a homens como Douglass, "cristãos bons e zelosos"[296], que diziam que o missionarismo em Libéria servia somente aos processos de colonização. Porém, o pastor rebateu em dois argumentos, contraditórios entre si de certa forma: primeiro, que a história da Igreja mostrava que ela não necessariamente carregava consigo a colonização, mas mesmo que isso acontecesse, somente um cristão cego não poderia ver a providência beneficente de Deus na colonização e o reconhecimento do bem e da misericórdia "em sua obra, civil e religiosa, na costa da África!".[297]

No entanto, Douglass não vislumbrava essas benesses em sua crítica. E mesmo quando ele reconheceu o esforço do pastor em negar "sabiamente" a velha suposição dos colonizadores de que os homens negros não teriam lugar no Estados Unidos – "Ele [Crummell] não nos diz dentre suas tantas palavras que este não é e nunca poderá ser o nosso país" –, afirmou que essas considerações eram apagadas ao longo do livro, em outros trechos em que o pastor insinuava as verdades dos colonizadores.[298] Como veremos nesta seção, cujo foco são os textos

---

[294] Trad. livre do autor: "This book is thoroughly in the interest of African Colonization, and well calculated to stir up a general African spirit among the colored people of America. It is with this feature of the book, we have mainly to do. It is not Mr. Crummell as a clergyman, but Mr. Crummell as colonizationist that makes him important just now".

[295] CRUMMELL, 1862, *op. cit.*, p. 245.

[296] *Ibid.*, p. 277. Trad. livre do autor: "good and zealous Christians".

[297] *Ibid.*, p. 277. Trad. livre do autor: "in its work, civil and religious, on the coast of Africa !".

[298] Trad. livre do autor, o trecho todo é: "Cabe ao Sr. Crummell dizer que sabiamente nega em seu livro, a velha suposição ofensiva dos colonizadores, de que o homem negro está condenado à degradação inalterável nos Estados Unidos. Ele não nos diz com tantas palavras que este não é e nunca poderá ser o nosso país. Ele nega ambas as

produzidos de 1863 a 1872, essas verdades voltaram a ser enunciadas em argumentos já destacados anteriormente, como as "obrigações" de uma raça ou os problemas de uma "jovem nação" liberiana, entretanto, outros elementos apareceram, e, sobretudo, outros significados e usos da "raça" na construção e edificação da República da Libéria.

***

Em inícios de 1863, após retornar dos EUA, Crummell continuou seus trabalhos educacionais e evangelizadores na Libéria. Por três anos, atuou na recém-inaugurada *Liberia College*, sob cargo de professor em filosofia moral, literatura e língua inglesa, lógica, retórica e história. Junto a isso, participou em outras frentes como, por exemplo, secretário correspondente de outro edifício inaugurado em Monróvia, intitulado *The Monrovia Athaeneum*, espaço de leituras e difusão intelectual na capital. Em maio de 1867, porém, se retirou do cargo de professor e passou a atuar em um assentamento religioso em Nova Geórgia – município no noroeste do país –, onde trabalhou como líder paroquial, missionário e pregador, entre uma população de américo–liberianos pobres e congoleses e fundou uma escola de ensino para meninos nativos da região.[299] O projeto liberiano, assim, continuava, não apenas nas questões mais práticas de Crummell, mas também em sua produção intelectual e literária. Dentre os textos que temos acesso deste período, podemos citar *The Responsability of the First Fathers of a Country for Its Future Life and Character* (1864), *God's Dealing with the African Race* (1867), *How Shall the Regeneration of Africa be Effected?* (1868) e *The Obligation of American Black Men for the Redemption of Africa* (1872) – todos publicados no *African Repository*.

Isso é importante sublinhar, pois como já demonstramos, certos significados de raça, nação e outros dos projetos de Crummell podem não mais aparecer aos nossos olhos, devido aos interesses e aos agentes responsáveis por publicar o *African Repository*. Um exemplo disso é o discurso não publicado no *African Repository*, Our *National Mistakes and Their Remedy*, de 1870. Neste sermão, de acordo com Moses,[300] o pastor denunciava as políticas de poder dos américo–liberianos sobre os nativos africanos, em uma posição bem paternalista e de admissão da inferioridade destes últimos. Ao mesmo tempo, reconhecia que a civilidade e a superioridade dos cidadãos estadunidenses não poderiam justificar um processo de dominação e coerção

suposições ofensivas e, no entanto, ao longo de seu livro, insinuou a verdade delas". Trad. livre do autor: "It is due to Mr. Crummell to say that he wisely disclaims in his book, the old offensive assumption of colonizationists, that the black man is doomed to unalterable degradation in th United Stares. He does not in so many words tell us that this is not and can never be our country. He disclaims both theses offensive assumptions, and yet he throughout his book implied their truth".

[299] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 146.

[300] *Ibid.*, p. 187.

violenta.[301] Trechos como este, porém, não tiveram espaço no *African Repository* e o que veremos são temas e sentidos já conhecidos, mas elaborados em outros argumentos e atrelados a aspectos e elementos diferentes. Ilustrativo disso é *The Responsability of the first fathers of a country for its future life and character*, declamado em dezembro de 1863 na Monróvia e publicado, em duas partes, nas edições de setembro e outubro de 1864:

> Vocês me pediram para ajudá–los hoje na celebração de um evento que é interessante para todo o país, mas que se tornou sagrado, de maneira especial, para o povo desta cidade; pois é comemorativo de um incidente na história desta jovem nação, que ajudou, pela misericórdia de Deus, a assegurar um ponto de apoio permanente aos primeiros emigrantes nesta costa; e ao mesmo tempo a convencer a mente nativa, através de toda esta região, que havia uma presença e um poder aqui como nunca antes haviam sido conhecidos por eles ou seus pais.[302]

A "jovem nação" de novo foi mobilizada (vide subseção 1.1.1), junto com o fato que Crummell discursou esse sermão para também "jovens cavalheiros" (young gentlemen) da Monróvia, o que foi reconhecido pelo próprio pregador ao final do sermão: "E agora, jovens, tenho me esforçado para cumprir o dever que vocês me impuseram para este dia, falando da juventude da Nação, e dirigindo–me a vocês, os jovens da Nação".[303] O pregador, de certa forma, continuava vendo na juventude o futuro de uma nação ainda jovem, até por isso o tema e objetivo do sermão: pensar os deveres e as responsabilidades dos pais da nação e como eles poderiam fazer ações e compartilhar características a serem herdadas e aproveitadas pelas futuras gerações do país.

Ao pensar sobre este futuro, porém, o evento mencionado para incitar reflexões não era agora a independência, mas um fato de anos mais distantes, em momento de formação histórica do território. O evento ocorrera no dia 1º de dezembro, mesma data da declamação do discurso de Crummell, mas do ano de 1822, e estava relacionado com a figura de Matilda Newport (1795–1837). Newport supostamente era uma emigrante estadunidense que, ao longo de uma batalha entre reassentados americanos e africanos nativos do grupo cultural Dei, na região de *Cape Mensurado*, "ao ver a posição perigosa dos colonos, pega um fósforo e o aplica a um

---

[301] Cabe dizer que este sermão será alvo de nossa análise posteriormente, quando Crummell o publica em contexto bastante diferente e distinto, no seu último livro compilatório de sermões, o *Africa and America* (1891).

[302] CRUMMELL, Alexander. The Responsability of the first fathers of a country for its future life and character. *African Repository*, v. 40, n. 9, p. 257, set. 1864. Trad. livre do autor: "You have asked me to aid you to - day in the celebration of an event which is interesting to the whole country, but which has become sacred, in an especial manner , to the people of this city; for it is commemorative of an incident in the history of this young nation, which helped, through God ' s mercy, to secure a permanent foothold to the first emigrants to this coast; and at the same time to convince the native mind, through all this region, that there was a presence and a power here such as never before had been known by them or their fathers".

[303] *Ibid*., p. 257. Trad. livre do autor: "And now, young men, I have endeavored to fulfil the duty you have imposed upon me for this day, by speaking of the Nation's youth, and addressing you, the youth of the Nation".

canhão agora em posse do inimigo, e espalha a morte entre centenas de inimigos nativos".[304] Crummell então complementava, dizendo que este ato se tornava importante não por si mesmo, mas porque posteriormente pôde ser lido como fundamental para a formação da nação, de sua civilidade. "Vocês mantêm essa celebração, então, porque ela está fortemente relacionada, como evento, à existência da nação. Vocês fizeram disso um feriado, pois conta poderosamente sobre a vida da República, nos lembra de eventos importantes e sugere um princípio dominante".[305] Para descobrir esse princípio, concluía Crummell, todos deveriam se perguntar acerca da razão daqueles homens ou de Matilda Newport terem lutado naquele dia: Dinheiro? Propriedade? Por eles mesmos? Nenhum desses pontos, "Foi nada menos do que estabelecer aqui uma nacionalidade civilizada, em meio às relíquias da barbárie, e estender as bênçãos do esclarecimento cristão entre esse povo rude, seus e nossos próprios parentes".[306]

Liberdade e dominação conviveram explicitamente nos projetos políticos de Alexander Crummell. Essa recuperação de eventos como Matilda Newport era somente um dos símbolos disso e símbolos também do projeto nacional liberiano do século XIX.[307] Um projeto colonial justificado pela liberdade dos negros estadunidenses civilizados, mas construído pela dominação de um território habitado há séculos por diversos grupos africanos. Desse modo, ao mobilizar os eventos de Matilda Newport, Crummell retomava a ideia de uma hierarquia civilizatória e cristã, base do projeto nacional dos américo-liberianos. Se na primeira subseção deste capítulo mostramos como a violência poderia ser apagada ou ocultada dos escritos de Crummell, evidenciamos com este trecho de Newport que a violência poderia também ser ressignificada e utilizada para dar sentido ao projeto liberiano. Em outras palavras, Matilda Newport assassinara dezenas de nativos africanos, mas para garantir a "existência da nação", em busca de "estender as bençãos do esclarecimento cristão" entre um "povo rude". A Libéria, consequentemente, aparecia com uma dupla dimensão em Crummell, bem nos termos do paradigma de Frantz Fanon explicitado na introdução. Fanon nos deixou de aviso que objetos,

---

[304] *Ibid.*, p. 258. Trad. livre do autor: "seeing the perilous position of the settlers , snatches a match and applies it to a cannon now held by the enemy , and scatters death among hundreds of the native foe".
[305] *Ibid.*, p. 258. Trad. livre do autor: "You keep up this celebration, then, because it is strongly related, as an event, to the nation ' s existence. You have made it a holiday, since it tells powerfully upon the life of the Republic, reminds us of important events, and suggests a commanding principle".
[306] *Ibid.*, p. 258. Trad. livre do autor: "It was no less than to set up a civilized nationality here , amid the relics of barbarism , and to extend the blessings of Christian enlightenment among these rude people , their , and our own kinsmen".
[307] Em 1980, o feriado deixou de ser comemorado, em razão das discussões da comemoração de um evento tão violento e de repercussões delicadas em um país dividido entre os descendentes da elite américo-liberiana e das populações africanas. Ainda assim, o nome de Matilda Newport continua estampado em ruas, praças e monumentos até hoje na capital liberiana. HOCHMAN, Jordana. Liberia Dispatches 2: Matilda Newport. In: *National Public Radio (NPR)*. Disponível em: https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2010/11/09/131186142/liberia-dispatches-2-matilda-newport. Acesso em: 22 dez. 2022.

intrumentos e palavras podem conter um duplo sentido, bem como aconteceu com a rádio argelina em contexto colonial: um símbolo da dominação francesa, mas depois um símbolo para a resistência argelina. Discursos de liberdade e dominação no mesmo objeto, como ocorria nos escritos, nas palavras e na interpretação da nação liberiana por Alexander Crummell.

Ao fim, complementava o pastor: "nós, homens, mulheres, sim, e até mesmo jovens e criancinhas, somos, em virtude de nossa posição, os fundadores e os pais de uma nação em ascensão".[308] Assim, eles deveriam saber que, embora os homens sejam mortais, sua influência se estende além de suas vidas, legando para a posteridade questões, objetos, valores. Esse princípio é a lei do ser, aquele que conecta os homens, que faz com que estes possam herdar não apenas os sangues de seus ancestrais, mas suas características, seus talentos, suas maneiras e peculiaridades.[309] Finalmente, a garantia do sucesso desses deveres e responsabilidades estava inscrito, como já sabemos, na história divina da raça negra:

> Pois grande e pesada é a responsabilidade desta jovem nação para com Deus e o homem. Grande sofrimento tem sido a porção deste povo, mas misericórdia misturada e dons providenciais o acompanharam, da mão de Deus. Dolorido e doloroso foi o a provação de seus pais na terra escura da servidão; mas foi–lhes permitido, em mãos humildes, carregar dali, através dos mares, a cruz de fogo de Jesus e a tocha da civilização.[310]

***

Entretanto, justamente nesses últimos textos de Crummell, veremos também outros elementos surgirem em sua retórica e termos e palavras assumirem novas e distintas conotações. É caso de *God's Dealing with the African Race* (1867), em que o autor, primeiro, retomou argumentações anteriores e relembrou logo de início aos leitores que enquanto Deus preservava certos povos e lhes concedia missões divinas, decretava outros à destruição e à ruína do tempo. Posto isso, o objetivo do sermão era mostrar as evidências de que a raça negra era parte dos primeiros e quais eram, portanto, os deveres destes na construção da Libéria.[311] Apesar de termos apenas a conclusão do discurso no periódico, é possível vislumbrar concepções familiares da linha argumentativa e retórica do pastor. De novo, aparecem os exemplos daqueles que sucumbiram em partes da América, de África e das Ilhas do Pacífico, ao entrar em contato

---

[308] CRUMMELL, Alexander. The Responsibility of the first fathers of a country for its future life and character. *African Repository*, v. 40, n. 10, p. 294, out. 1864.
[309] CRUMMELL, set. 1864, *op. cit.*, p. 265.
[310] CRUMMELL, out. 1864, *op. cit.*, p. 295. Trad. livre do autor: "For great and weighty is the responsibility of this young nation to God and man. Great suffering has been the portion of this people , but mingled mercy and Providential gifts accompanied it, from the hand of God. Sore and grievous was the trial of your fathers in the dark land of thraldom ; but they were permitted , in humble hands , to bear from thence , across the seas , the fiery cross of Jesus , and the torch of civilization".
[311] CRUMMELL, Alexander. God 's Dealing with the African Race. *The African Repository*, Washington, v. 43, n. 9, set. 1867, p. 257.

com o mundo civilizado e, claro, outra vez a singularidade da história e do passado dos negros americanos e africanos em razão da provação enorme pela qual passaram diante dos horrores da escravidão.

Porém, exatamente neste ponto da singularidade, Crummell formulou algo a mais e trouxe a questão do que chamou de "qualidade das raças". Ao demonstrar que os negros americanos haviam sobrevivido à escravidão, complementou a questão divina com o fato que em "alguns aspectos, o negro, em certas localidades, é hoje um homem superior ao que era há trezentos anos".[312] Entre os exemplos dessas localidades, curiosamente Crummell trouxe o continente africano, que agora não seria um continente perdido ou em trevas, mas um lugar em que as populações de seu território ainda detinham direitos de nascimento; onde o solo não estava em posse de pessoas estrangeiras; onde muito dos reinos nativos asseguravam uma base de poder há séculos e no interior e onde existiam "cidades populosas, pessoas superiores e vastos reinos, sujeitos à lei e ao governo, dedicados à iniciativa e engajados em manufaturas, agricultura e comércio".[313]

É bem interessante, dentro disso, perceber essa ambiguidade das representações do continente africano em seus escritos, uma das características centrais de territórios sob o jugo do poder colonial. Como nos lembra Bhabha, o discurso colonial é ambivalente, contraditório e ansioso em suas afirmações. A realidade concreta é, nesses contextos, rígida e imutável, mas também permeada de "desordem, degeneração e repetição demoníaca".[314] Dito de modo mais claro, quando é interessante ao discurso de Crummell, o continente africano seria um território esquecido, sem religião, sem lei, sem governo e, por essa razão, a legitimidade da Libéria e da colonização em levar esses aspectos ao território e seus habitantes. Em outros momentos, a África seria um lugar onde é possível já encontrar leis, direitos, comércio, o que também poderia justificar o projeto colonial liberiano, pois isso demonstrava que os povos africanos tinham capacidade e potencialidade de atingir um estado civilizacional elevado, ou seja, o projeto liberiano tinha uma espécie de garantia de sucesso para seus objetivos em civilizar esses povos. Dentro disso, para a "raça negra", havia ainda um outro elemento que ajudava na continuidade da colonização da Libéria:

---

[312] *Ibid.*, p. 258. Trad. livre do autor: "in some respects, the Negro, in certain localities, is a superior man to day, to what he was three hundred years ago".
[313] *Ibid.*, p. 258. O trecho completo e de trad. livre do autor: "the Negro races of Africa still retain their birthright ; their soil has not passed into the possession of foreign people ; many of the native kingdoms stand this day upon the same basis of power which they held centuries ago ; and the adventurous traveller , as he presses further and further into the in terior , sends us the report of populous cities , superior people , and vast king doms , subject to law and government , given to enterprise , and engaged in manufactures , agriculture , and commerce"
[314] BHABHA, *op. cit.*, p. 105.

> Com uma elasticidade que tem apenas um paralelo em toda a história humana, ele [o negro] se elevou acima da terrível imposição de uma servidão prolongada e permanece até hoje, em todas as terras de sua dolorosa servidão; mais alto, mais ereto, mais inteligente, mais ambicioso do que qualquer um de seus ancestrais por mais de dois mil anos de uma era anterior.[315]

Provavelmente, o paralelo histórico era com os anos de servidão judaica sob os egípcios, mas Crummell não elaborou muito essa afirmação. Também não elaborou neste trecho o que seria a "elasticidade", que sabemos apenas ser o responsável pelo sucesso dessas populações em sobreviver aos anos de servidão. Na realidade, suas formulações começam em seguida, quando o pastor se faz a pergunta se era realmente possível afirmar que teria

> o negro alguma dessas outras qualidades,[316] e tantas delas, como garantia de expectativa de superioridade no futuro? A plasticidade, ou receptividade, ou imitação, são elementos primordiais de sua natureza? De todos os seres humanos, o negro é de longe o mais plástico.[317]

Estes últimos, segundo o pastor, possuíam uma natureza flácida, mais moldável do que qualquer outra raça do mundo e, por isso, conseguiam se adaptar às condições mais adversas e violentas. Além disso, sua maleabilidade lhes permitia, ao mesmo tempo, não perder seus traços, mas em contato com outras pessoas e personalidades, também adquirir facilmente as características destes, graças a uma paixão humana específica e primordial: a imitação.[318] Paixão mais importante ao ser humano, Crummell retirou essa concepção de Edmund Burke – agora, diretamente citado no texto –, particularmente do livro *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*,[319] publicado em 1757 e no qual o filósofo britânico apresentava suas ideias acerca da arte e estética na natureza humana. Para Crummell, essa qualidade era imprescindível para o progresso civilizacional humano, em que gerações aprendiam com seus antepassados ou um indivíduo ou um povo inferior conseguia adquirir

---

[315] CRUMMELL, 1867, *op. cit.*, p. 258. Trad. livre do autor: "With an elasticity which has but one parallel in all human history, he has risen superior to the dread infliction of a prolonged servitude, and stands this day, in all the lands of his painful thraldom; taller, more erect, more intelligent, more aspiring than any of his ancestors for more than two thousand years of a previous era".

[316] Cabe falar que Crummell somente falou da "plasticidade" até então, mas parece que já colocou no plural, pois logo na frase a seguir, insere mais dois nomes: imitação e receptividade. Além disso, é bom dizer que Crummell insere essas três "qualidades" em proximidade, mas não fica claro no texto se querem dizer uma mesma função. A única que será definida no trecho é realmente a imitação, como ficará claro com andamento de nossas investigações.

[317] Trad. livre do autor: "But has the Negro any of those other qualities, and, such a number of them, as warrants expectation of superiority in the future? Are plasticity, or receptivity, or imitation, prime elements of his nature? Of all human beings the Negro is by far the most plastic"

[318] *Ibid*, p. 259.

[319] Burke, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1993.

características de grupos superiores.[320] Além disso, na "raça negra" isso era ainda mais exacerbado, já que

> sua natureza maleável e plástica, com uma ganância de absorção, que na verdade é o princípio da RECEPTIVIDADE (grifo no original); apodera–se e transfere para si, por imitação, as qualidades dos outros. Em primeiro lugar, observe que, por uma assimilação espontânea e nativa, ele se duplica, tornando–se semelhante ao povo a quem está sujeito.[321]

O discurso colonial atribui aos sujeitos colonizados, nos recorda Homi Bhabha ao analisar o imperialismo e colonialismo, uma mímica do homem europeu e branco. O desejo é que o nativo seja semelhante ao branco civilizado, mas nunca exatamente igual – por isso, a noção de mimetismo e de uma imitação.[322] O raciocínio é semelhante ao que apresentamos anteriormente com o continente africano: é necessário que o colonizado consiga adquirir a civilização – a justificativa do colonialismo é construir um sujeito civilizado –, mas nunca inteiramente, já que caso a missão seja concluída, não existiria mais o porquê da ação civilizatória do colonizador. Nesse discurso, Crummell era um dos agentes colonizadores da Libéria e sua missão no país africano era levar a civilização e o cristianismo aos nativos africanos – os colonizados. No entanto, na concepção de Crummell, ambos eram de uma mesma raça e ambos possuíam a capacidade de imitação, de duplicação. Os negros estadunidenses haviam mostrado isso nos anos de servidão, ao adquirirem as características anglo–saxãs e, agora, era a vez das populações africanas tornarem–se semelhante a seus "irmãos civilizados", duplicar–se. Esse era o caminho ideal para a "raça negra", e por consequência, para a Libéria, pois "essa qualidade de imitação, com aquela de receptividade, à qual é um pouco semelhante, promete uma grande adequação à civilização e ao processo de evangelização na fé de Jesus".[323] Desse modo, absorver os elementos civilizatórios e cristãos – comércio, instituições liberais, civilização, arte, um Estado Nacional – era determinante e, ao mesmo tempo, tarefa mais afeita às populações negras do mundo moderno, legitimada teologicamente tanto por uma história de provação e infortúnios quanto pela constituição de seu próprio ser.

Havia, junto a isso, uma outra vantagem clara no empreendimento liberiano e que também podia ser explicada pelo componente racial da colonização. Em *How Shall the*

---

[320] CRUMMELL, 1867, *op. cit.*, p. 259.
[321] *Ibid.*, p. 259. Trad. livre do autor: "his pliable and plastic nature , with a greed of absorption, which in fact is the principle of RECEPTIVITY; seizes upon, and makes over to himself, by imitation, the qualities of others. First of all observe, that by a spontaneous, native assimilation, he reduplicates himself by becoming the like of the people to whom he is subject".
[322] BHABHA, *op. cit*, p. 130.
[323] CRUMMELL, 1867, *op. cit.*, p. 259. Trad. livre do autor: "that this quality of imitation , with that of receptivity, to which it is somewhat akin, give promise of great fitness for civilization, and the process of evangelization in the faith of Jesus".

regeneration of Africa be effected?, um ano depois deste último sermão, em 1868, Crummell demonstrou isso e começou seu argumento de que a África, obviamente, não poderia se regenerar por seus próprios meios, ou seja, "suas populações pagãs nunca poderão se tornar espiritualmente iluminadas".[324] Aqui, ao contrário de passagens anteriores, a ambivalência das representações de África pendeu para um olhar pessimista e degeneração, pois "Você não pode encontrar uma única instância em que um povo rude e pagão tenha se elevado por sua própria energia espontânea de um estado de paganismo para um estado de superioridade espiritual".[325] Entretanto, também não era por agência exclusiva de missionários estrangeiros que isso poderia acontecer:

> Os povos superiores e mais esclarecidos são sempre os fundadores de uma nova fé, ou os pioneiros de uma nova civilização, em países rudes e pagãos. Mas, embora os primeiros começos e o início acelerado venha deles, o trabalho permanente é sempre concluído por agências indígenas.[326]

À primeira vista, pode parecer contraditório ao próprio empreendimento liberiano, já que Crummell e outros negros estadunidenses eram nada mais que recentes estrangeiros no território africano. No entanto, "estrangeiros" e "agências indígenas" tinham significados próprios na economia argumentativa do pastor. Desse modo, primeiramente, a narrativa do pastor demonstrou a ineficácia de anos de missionarismo europeu em África, principalmente pelo exemplo do Congo[327] e dos cristãos que se estabeleceram na região por duzentos anos, mas sem conseguir nada.[328] Em segundo lugar, voltou a reforçar que o "grande princípio que está na base de toda propagação bem–sucedida do Evangelho é este, ou seja, o emprego de toda agência nativa".[329] Desse modo, complementou o pastor:

---

[324] CRUMMELL, Alexander. How Shall the regeneration of Africa be effected?. *African Repository*, v. 44, n. 6, p. 162, jun. 1868. Trad. livre do autor: "her pagan populations can never become spiritually enlightened".
[325] *Ibid.*, p. 162. Trad. livre do autor: "You cannot find one single instance where a rude , heathen people, bave raised themselves by their own spontaneous energy from a state of paganism to one of spiritual superiority".
[326] *Ibid.*, p. 163. Trad. livre do autor: "The superior and more enlightened peoples are always the founders of a new faith, or the pioneers of a fresh civilization, in rude and pagan countries. But though the first beginnings, and the quickening start come from them, the permanent work is always com pleted by indigenous agencies".
[327] O reino do Congo se estabeleceu no que hoje é o noroeste da Angola, partes da República do Congo, o oeste da República Democrática do Congo e o centro-sul do Gabão. Ao longo de sua história, desde pelo menos finais do século XV, o território conviveu e teve contato com missionários, viajantes e comerciantes, principalmente os portugueses. Na historiografia atual da região, as formas e o modo como instituições cristãs se fixaram no território implicam discussões e debates, como a perspectiva de John Thornton, cuja compreensão se dá que os congueseses apropriaram-se do cristianismo de forma própria e singular. Além disso, na historiografia recente, os historiadores consideram a cristianização do Congo bem-sucedida, sobretudo porque contou com pregadores e clérigos africanos. Para Crummell, entretanto, sob a influência de um pensamento civilizacional e marcado por termos e conceitos como "imitação", o cristianismo falhou em se estabelecer na região e, principalmente, em razão de um missionário "não indígena". Cf. THORNTON, John K. The Development of an African Catholic Church in the Kingdom of Kongo, 1491– 1750. *Journal of African History*, v. 25, n. 2, p. 147– 167, 1984.
[328] CRUMMELL, 1868, *op. cit.*, p. 163.
[329] *Ibid.*, p. 163. Trad. livre do autor: "The great principle which lies at the basis of all successful propagation of the Gospel is this, namely, the employment of all indigenous agency".

> que para a evangelização de qualquer país, a principal instrumentalidade a ser posta em ação é a de homens de sentimentos, sangue e linhagem semelhantes aos do povo cuja evangelização se deseja. A fé, por assim dizer, deve necessariamente se incorporar à constituição mental, moral e até física de um povo – vitalizar seu ser e correr pelos canais de seu sangue.[330]

E neste momento, começamos por entender o que Crummell estava nomeando por "agência indígena" na região. Já discutimos anteriormente que, em sua retórica, a raça negra era original de África, mas a escravidão levara muito de seus membros forçadamente para a América. Era uma preparação, retomou o pastor, e agora muitos desses homens retornavam "não raramente para os mesmos locais de onde seus pais foram roubados pela primeira vez".[331] Também discutimos como Crummell se aproximava do "etiopinismo" do século XIX e como seus princípios advogavam por missões religiosas em África realizadas por clérigos e missionários negros. Junto a isso, neste texto de 1865, descobrimos então que, para Crummell, o negro americano emigrado era, em África,

> indígena, no sangue, na constituição e na adaptabilidade. Dois séculos de ausência do continente africano não destruíram sua adaptação física à terra de seus ancestrais. Existe uma aptidão tropical, inerente à nossa constituição, que nos permite, quando deixamos este país, sentar–nos sob o sol africano; e logo, e com relativa facilidade, nos sentiremos em casa e nos moveremos na terra como se sempre tivéssemos morado lá. [332] Crianças também nascem para nós em nosso país adotivo, que têm tanta força e vitalidade quanto as crianças nativas, e logo nos encontramos estabelecendo famílias ao lado de nossos parentes pagãos.[333]

Appiah certamente poderia utilizar este trecho em suas argumentações. Crummell não somente usou de um vocabulário racial para tornar sinônimos as populações negras e África,

---

[330] *Ibid.*, p. 164. Trad. livre do autor: "that for the evangelization of any country, the main instrumentality to be set to work is that of men of like sentiments, feelings, blood and ancestry, with the people whose evangelization is desired. The faith, so to speak, must needs become incorporated with a people ' s mental, moral, and even physical constitution — vitalize their being , and run along the channels of their blood…"

[331] *Ibid.*, p. 165. Trad. livre do autor: "not unfrequently to the very spots whence their parents were first stolen".

[332] Como podemos vislumbrar no trecho, Crummell também se utilizava de argumentos de determinação climática das "raças" para justificar essa agência indígena. Esse discurso era e seria comum em muitos dos projetos coloniais do período, até mesmo para dizer que era justamente nisso que residia um dos empecilhos e problemas aos europeus em África (STOCKING JR., op.cit. p. 48-62). Para o projeto liberiano, esse argumento foi utilizado pelos agentes e pelas instituições coloniais - como a ACS ou o próprio Crummell - por um longo tempo. Utilizado, ao final, mesmo após o número de mortos por doenças e enfermidades dos emigrados contradizerem completamente esse raciocínio.

[333] *Ibid*, p. 166. Trad. livre do autor: "indigenous, in blood, constitution, and adaptability. Two centuries of absence from the continent of Africa, has not destroyed his physical adaptation to the land of his ancestors. There is a tropical fitness, which inheres in our constitution, whereby we are enabled, when we leave this country, to sit down under an African sun; and soon, and with comparative ease, feel ourselves at home, and move about in the land as though we had always lived there. Children, too, are born to us in our adopted country, who have as much strength and vitality as native children, and soon we find ourselves establishing fami lies right beside those of our heathen kinsfolk".

mas, respondendo ao título deste sermão, mostrou que era pela agência única desses homens – "indígenas" – que a África poderia ser regenerada. Desse modo, não teríamos como negar ou discordar de Appiah: nesses textos do *African Repository*, Alexander Crummell era um apologista claro e um membro importante do processo colonizador e nacionalista liberiano. Ademais, por estes trechos, Crummell se enquadrava na retórica nacionalista negra de Wilson J. Moses, que entende o nacionalismo negro tendo como base fundamental a ideia de uma "unidade racial" da experiência negra. Crummell não apenas afirma isso neste trecho, como justificava a ação dos negros estadunidenses no território por sua ligação racial. Assim, se iniciamos esta seção com uma crítica de Douglass e sua denúncia de que Crummell insinuava "as verdades" da colonização em *The Future of Africa*, o que não diria Douglass ao ver um sermão como *The Obligation of American Black Men for the Redemption of Africa* (1772), em que o pastor anunciava um dos propósitos divinos da criação da raça: a regeneração do continente africano.

Para isso, o pregador se perguntou: com que propósito Deus criou as raças? Quais eram seus usos para o progresso da civilização humana? Crummell então retornou ao momento da criação, quando Deus no alto da sabedoria criou certas unidades para o homem, relações que obrigaram partes antes separadas a se juntarem e reunirem para um determinado fim. Dentre estas, "As mais aparentes" eram "a FAMÍLIA, a IGREJA, o ESTADO ou NAÇÃO"[334] e enfatizou mais, ao declamara que estas relações não eram criadas após a vida humana, e sim, vieram ao mundo junto a esta e estavam inscritas na constituição original do homem. As raças, portanto, eram outras destas unidades, destes sentimentos e virtudes, que uniram os homens desde os primeiros tempos e em grupos separados e de afinidades comuns. Dito de outra forma, existia um *race–feeling* que conectava o ser em seu presente e o ligava no passado e futuro a um determinado braço ou conjunto específico da humanidade.

Desde as mais ilustradas raças do mundo moderno até as mais "rudes", era possível identificar essas virtudes que não se relacionavam a um campo intelectual ou civilizacional. Deus concedeu a todos estes dons, um laço impossível de ser negado, e concedeu a cada família racial um papel, um trabalho, um dever na humanidade. A enormidade da sua obra justificava este ato, pois uma nação ou uma raça nunca poderiam realizar sozinha todos os seus planos e, sabiamente, o Todo–Poderoso decidiu dividir seus desígnios entre elas, em uma "missão adaptada às suas qualidades e inclinações".[335] As grandes questões da humanidade ainda não

[334] CRUMMELL, Alexander. The Obligation of American Black Men for the Redemption of Africa. *The African Repository*, Washington, v. 48, n. 6, p. 166, jun. 1872.
[335] *Ibid.*, p. 166. Trad. Livre do autor: "energies and mission adapted to their qualities and inclinations".

estavam resolvidas, nos lembra Crummell, e as diferentes linhagens dos homens estiveram preocupadas nos últimos anos em trabalhos apenas intelectuais. Nesse cenário, sinais divinos surgiam no horizonte e esse desenvolvimento unilateral da humanidade "será, doravante, contrabalançado por uma explosão moral e espiritual do ser interior do homem".[336] E caso seja essa questão, uma nova raça entrava em cena para cumprir esses projetos. Nos escritos finais do autor:

> A raça negra está destinada a preencher a medida da civilização do mundo, dando à África esclarecimento, letras, lei, comércio e o Evangelho. A civilidade do mundo está incompleta até que este braço destroçado da família humana seja restaurado e se torne vital e poderoso. Na providência de Deus a obra de restauração é muito considerável e graciosamente dada aos próprios filhos da África.[337]

A raça, estes trechos nos relembram, era parte fundamental deste projeto liberiano. Veja que neste último excerto, Crummell se equilibrou entre as contradições da categoria de raça para defini–la, pois simultaneamente em que estabeleceu a possibilidade de uma regeneração do continente africano por um agenciamento cultural, político e religioso negro, também afirmou que Deus concedeu o trabalho intelectual a outros grupos, legando à "raça negra" características conectadas ao campo moral e espiritual do homem. À Grécia deu a beleza, a Roma o poder, na raça anglo–saxã uniu estas últimas e misturou em novos princípios, mas na África, disse Crummell através da citação de um "Dr. Randolph, de Londres",[338] "'existe uma grande e abundante riqueza de amor, que desenvolverá maravilhas para o mundo".[339] Quando voltamos também em poucas páginas de *God's Dealing with the African Race*, outros autores e teorias racialistas já haviam aparecido para completar esse quadro de características inatas da raça negra: o pastor unitarista estadunidense William Ellery Channing (1780–1829) e seus elogios de uma das melhores raças da família humana, gentil e branda em seus costumes; o professor estadunidense Alexander Kinmont (1729 – 18–) e o entendimento de que a religião cristã se adequava mais às raças tropicais do que às mentes caucasianas do norte; o poeta, filósofo e escritor Ralph Waldo Emerson (1803 – 1882), segundo o qual a civilização do mundo

---

[336] *Ibid.*, p. 168. Trad. Livre do autor: "this partial development is henceforth to be balanced by an outburst of the moral and spiritual of man ' s inner being".
[337] *Ibid*., p. 168. Trad. livre do autor: ""The Negro race is destined to fill up the measure of the world's civilization, by giving to Africa enlightenment, letters, law, commerce, and the Gospel. The civility of the world is incomplete until this withered arm of the human family is restored, and made vital and powerful. In the providence of God the work of restoration is very considerably and most graciously given to the sons of Africa themselves".
[338] Não encontramos o suposto autor desta frase ou quem seria "Dr. Randolph, of London".
[339] *Ibid.*, p. 261. Trad. livre do autor: "there is the great gushing wealth of love , which will develop wonders for the world".

chegara a tão grande ponto, que o gênio moral das populações negras era indispensável e a qualidade da raça devia "'ser honrada por si mesma'",[340] vestida agora "'em sua própria forma'".[341] "Vestir em sua própria forma", finalmente, é uma boa metáfora para compreender as mobilizações da categoria de raça em Alexander Crummell. Ambígua, ambivalente, sua noção do termo apontou uma essencialidade baseada tanto na capacidade dos sujeitos negros em se recriar ou vestir os elementos e os presentes divinos ao mundo – a civilização, a cultura, o progresso, entre outros – , mas também em uma essencialidade de características próprias e específicas, repleta de amor, de gentilidade e felicidade e afeito às camadas espirituais do mundo.

Ao fim, podemos delimitar algumas conclusões do vocabulário de Crummell entre os anos de 1863 a 1872. Primeiro, o pastor mobilizou significados para seus conceitos de outros períodos, como "jovem nação", o passado redentor da "raça negra", em busca de enunciar as "verdades" da colonização liberiana. Ao mesmo tempo, nestes sermões do *African Repository*, sentidos e significados dados para o termo nação desapareceram, principalmente aqueles que analisados na subseção 1.2.2 Do centro à circunferência", em que vislumbramos outras retóricas de Crummell para entender a experiência negra no Atlântico. Junto a isso, a nação e a raça nestes artigos de 1863 em diante parecem se adequar a uma retórica muito mais eloquentemente nacionalista e racialista. Crummell, nesse sentido, interpretou a Libéria em termos raciais ao exigir uma evangelização negra do continente, englobando africanos e negros estadunidenses dentro do termo "indígena". Além do mais, demonstrou que cada raça possuía características singulares e que os negros detinham uma das mais fundamentais para o processo colonial e civilizador liberiano: a "imitação". A raça, nesses termos, além de determinar características aos homens e mulheres para os objetivos e propósitos de sua existência, também foi entendida como um atributo divino e constitutivo do corpo humano. Deus havia criado os homens com certos tipos de afeições e relações e, dentre elas, uma força interior que os reunia em torno de uma família, uma raça, uma igreja e uma nação. Portanto, o projeto liberiano poderia ser entendido não apenas como um projeto providencial de Deus em sua obra para a humanidade, mas um projeto inscrito nas relações dos membros da raça negra.

***

Entretanto, seus projetos políticos e suas "verdades' para uma nação divina, sob a direção de uma "raça" escolhida por Deus e civilizada por meio de uma história de provações

[340] CRUMMELL, 1867, *op. cit*., p. 261*Ibid*., p. 261. Trad. livre do autor: "'is to be honored for itself'".
[341] *Ibid.*, p. 261. Trad. livre do autor: "'clothed, and in their own form".

nos EUA, sucumbiram diante de uma realidade conflituosa do país africano, particularmente no ano de 1872. Esses eventos culminantes giraram em torno das eleições presidenciais de 1870 e da vitória de um amigo pessoal de Crummell: Edward James Roy (1815 – 1872), o quinto presidente da Libéria.[342] Além da amizade, os dois compartilhavam propostas semelhantes em relação ao futuro liberiano e o teólogo, consequentemente, se tornou um dos grandes apoiadores da candidatura. O triunfo do amigo simbolizou o fim da hegemonia do *Republican Party*, partido que elegeu todos os presidentes do país até 1870. Em camadas mais profundas, a vitória era também a tomada de poder de um grupo político e social que apregoava por uma Libéria interiorizada (*True Whig Party*) frente às propostas dos republicanos, cujas ações eram direcionadas à costa do país e focadas na capital Monróvia.[343]

Roy conseguiu governar durante os dois anos de seu mandato (neste período, as eleições aconteciam a cada biênio), mas sua reeleição em 1871 catalisou embates generalizados e sangrentos no território. Desse modo, na segunda metade daquele ano, Blyden, também apoiador de Roy e da interiorização liberiana, já havia fugido para Londres. Edward Roy, após ser deposto e preso por seus opositores, provavelmente morreu afogado ao tentar escapar da prisão.[344] Crummell, por sua vez, recebeu agressões, ameaças de morte e viu sua igreja ser invadida. Diante disso, alegando problemas de saúde, fugiu para Serra Leoa e, em março de 1872, escreveu: "'No atual estado sanguinário da Libéria', ele não pôde fazer nada. A vida de ninguém estava segura e 'todas as pessoas decentes e inteligentes [estavam] se preparando para partir'".[345] Crummell partiu então aos EUA e, em maio de 1872, foi noticiado que o pastor desembarcara em Nova York.[346]

Em números gerais, Alexander Crummell residiu na Libéria entre 1853 até 1872, porém, ao analisar detalhadamente, o tempo de estadia no continente africano está mais próximo dos quase dezesseis anos: "Ele esteve fora da Libéria por quase dois anos, de fevereiro de 1861 a fevereiro de 1863, e novamente por oito meses, de abril a novembro de 1865".[347] De certa forma, quando lembramos de seus planos para a Libéria, essa ausência era totalmente compreensível, já que evidenciamos que os EUA eram parte fundamental de seus projetos. Na

[342] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 189.
[343] Como mostrou Souza, 2020, *op. cit.*, p. 65, essa questão foi uma das razões dos conflitos de Crummell e Blyden (proponentes da interiorização liberiana) contra o ex-presidente Joseph Jenkins Roberts (proponente do desenvolvimento da costa) em relação à localização da *Liberia College*. Ao final, a disputa foi vencida pelo grupo simbolizado por Roberts, que construiu a universidade na capital Monróvia.
[344] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 192.
[345] *Ibid.*, p. 194.
[346] *Ibid.*, p. 194.
[347] *Ibid.*, p. 194. Trad. livre do autor: "He was away from Liberia for almost two years, from February 1861 to February 1863, and again for eight months, from April to November, in 1865".

primeira ida, o autor publicou *The Future of Africa* e, na segunda, apesar de nenhuma publicação tão robusta, declamou um discurso que posteriormente apareceu no *African Repository*, em 1868*: How Shall the regeneration of Africa be effected?*. Ambas produções eram um diálogo bastante direto com os responsáveis pela colonização liberiana, os negros estadunidenses civilizados e cristianizados (os "indígenas" do discurso publicado no *African Repository*),[348] os quais deveriam retornar e regenerar o continente africano. Ao mesmo tempo, Alexander Crummell se esforçou para demonstrar que não havia uma obrigatoriedade nessa missão e que os EUA era também um lugar legítimo de luta aos negros norte–americanos. Afinal, "Três séculos de residência em um país parecem claramente dar a qualquer povo o direito à sua nacionalidade no seu território sem perturbação".[349]

No sermão publicado em 1868, essa retórica semelhante reapareceu. Em meio aos argumentos de um missionarismo "indígena" dos negros americanos, Crummell questionava aqueles que estimulavam a colonização liberiana como uma solução aos males da escravidão ou como uma forma de evitar uma guerra racial iminente entre negros e brancos nos EUA. A escravidão, exclamou o pastor, já havia acabado[350] e o negro seria para sempre um elemento permanente nas terras de sua servidão.

> Tais idéias me parecem estreitas demais para a grande mente de nosso Deus, isto é, como base de um de Seus esquemas mais majestosos; e também o são, para as grandes mentes que há muito conduzem este grande empreendimento para o bem da África; e que, por meio de sociedade cultivada e nacionalidade regulada, ajudariam a recuperar e elevar um continente inteiro! **E, de fato, a deportação de toda a raça negra, nesta terra, não é uma necessidade, nem um requisito, considerado com respeito ao fim que acabamos de referir.** Deus não realiza Seus grandes fins dessa maneira. É pelos "remanescentes" que Ele realiza as maravilhas de Sua providência e Sua graça (grifo nosso).[351]

A deportação não era um requisito, nem uma necessidade. A colonização liberiana, assim, seria realizada pelo que Crummell chama no trecho de "remanescentes", "'os chamados', 'os eleitos', 'os escolhidos', poucos, de fato, eles podem ser, a quem Ele seleciona e coloca em lugares adequados, e coloca em seu devido trabalho, para Sua própria glória". Em mais um

---

[348] CRUMMELL, 1868, op. cit., p. 163.
[349] CRUMMELL, 1862, op. cit., p. 216.
[350] Alexander Crummell foi aos EUA em maio de 1865, pouco menos de um mês após o término da Guerra de Secessão, e consequentemente, pouco tempo após a abolição em todo o território estadunidense.
[351] CRUMMELL, 1868, op. cit., p. 16. Trad. livre do autor: "Such ideas seem to me too narrow for the large mind of our God, that is, as the basis of one of His most majestic schemes ; and so are they too, for the great minds who have been long carrying on this grand enterprise for the good ofAfrica ; and who, through cultivated society and regulated nationality, would help to reclaim and elevate a whole continent ! And, indeed, the deportation of the whole Negro race, in this land, is not a necessity, nor a requirement, considered with respect to the end just referred to. God does not work out His great ends in this manner. It is by " remnants" that He achieves the marvels of His providence and His grace.

discurso perante uma plateia estadunidense, Alexander Crummell deixava claro novamente que a Libéria não era uma missão obrigatória de toda a população afro–americana – "um elemento permanente" da América –" e adicionava ainda que eram poucos os "escolhidos" para esse trabalho de regeneração. Seria somente mais um artifício retórico justamente em razão dos ouvintes do sermão? Mesmo assim, como explicar a publicação integral desse trecho no *African Repository,* já que analisamos anteriormente o recorte interessado e minucioso da entidade dos textos e dos discursos de Crummell? Seria um outro momento da American Colonization Society, em que não havia mais interesse na deportação de todos os negros estadunidenses? Ou era aquilo que já pontuou Douglass em sua crítica ao *The Future of Africa*: não importava o modo como Crummell falava, pois, se suas obras estavam em veículos como o *African Repository*, eram lidas como de total interesse da colonização africana e do projeto deportação dos negros estadunidenses da América? Em outras palavras, o pastor seria, apesar de suas nuances, lido como um dos "escolhidos" do projeto liberiano? Perguntas que talvez nunca tenhamos uma resposta ou verdades satisfatórias, como é típico das ideias e da história intelectual.

O que podemos afirmar, ao chegar no fim deste capítulo, é que Crummell sempre esteve conectado entre dois territórios. África e América, a Libéria e os EUA, os dois exibiram uma configuração de lares possíveis à "raça negra". A Libéria justificada por sua jovialidade nacional, por seu futuro iminente e, claro, por seu passado ligado a um povo que deveria retornar após anos de servidão. Um povo civilizado pelo regime escravista, um regime penoso e miserável em seus meios, mas glorioso em seus fins. Ademais, o sucesso do país africano era condicionado por uma das qualidades essenciais da "raça", a imitação, que facilitaria a passagem da civilização aos nativos africanos. A ascensão desta raça, deste Estado, desta República era, portanto, um dos trabalhos aos planos de Deus, uma explosão espiritual que determinaria os rumos da humanidade. Simultaneamente, segundo o autor, a América também não seria nem deveria ser descartada, pois sua construção tinha a labuta e o suor de muitos anos da "raça". A nação e nacionalidade americana, do centro à circunferência, fora para sempre modificada pelos membros do "povo negro". Assim, nem todos precisavam "retornar", habitar "de novo" o continente africano, mas somente aqueles escolhidos, remanescentes que Deus colocaria nos caminhos africanos. A "raça", consequentemente, tinha legitimidade nos dois territórios, nas duas nações.

Alexander Crummell, inconscientemente, demonstrou isso, pois deixou a Libéria em 1872 e nunca mais retornou. Seus caminhos, seus projetos tomaram uma nova realidade, um novo contexto. O missionário, pastor e teólogo, que durante quase duas décadas construiu

verdades e ideias para o contexto de colonização liberiana, se voltava para aos EUA. Sua realidade era agora com as verdades, questões, perguntas, respostas e projetos que circulavam em um país que tentava se reconstruir pós–Guerra Civil e pós–Abolição. Assim, em nosso segundo capítulo, nosso propósito não será fazer uma história do contexto estadunidense de meados do século XIX, mas investigar os modos como Crummell representou e entendeu este momento, esta nova realidade em que teria reconhecimento por atividades pastorais e civis na luta e no ativismo negro estadunidense. Ao fim, o pastor, teólogo, missionário, que uma vez se colocou entre os "eleitos" do projeto liberiano, partiu do continente africano em 1872 e nunca mais retornou. Bem diferente, veremos, do retorno de suas palavras, seus conceitos e suas ideias.

Quadro I – Mapa semântico de termos das seções e subseções do capítulo 1

Palavras	**1.1.1 - Uma jovem nação**	**1.1.2. - A raça humana, uma nação divina**	**1.2.1. - O passado da raça**	**1.2.2. - Do centro à circunferência**	**1.3 - Verdadas da colonização**
Raça	------	O termo, de forma majoritária, aparece como sinônimo de "humanidade" (a raça humana), mas também qualifica, de forma ambígua, povos antigos (gregos, romanos) e as três linhagens familiares de Noé.	Raça aparece para definir a ligação entre os negros na diáspora (parte civilizada) e os nativos africanos (os pagãos e bárbaros), que foram separados em razão do processo de escravização. Nesse sentido, os negros. estadunidenses seriam a parte civilizada e os africanos a parte	------	A raça aparece com qualidades e características peculiares e a "raça negra" teria a capacidade de imitar os povos civilizados do mundo. Além disso, a raça seria um atributo constitutivo do ser humano e cada raça cumpriria uma missão divina.

			“bárbara da raça.		
Nação	O termo aparece para qualificar a Libéria como uma nação jovem, mas de um futuro promissor.	Aparece como uma das formas que Deus dividiu a raça humana, dando deveres e obrigações a cada uma.	A nação liberiana recebe um componente familiar, pela ligação entre seus cidadãos: negros norte-americanos nativos africanos	A nação estaduniden se aparece como um lar possível aos negros estaduniden se, ao mesmo tempo a Libéria é definida como uma nação apropriada para a colonização dos EUA, devido a suas semelhança s civilizacion ais.	A nação, além de ser um atributo humano, recebe ainda mais um componente racialista, pois o negro estadunidense seria o mais apropriado a civilizar o país, por sua ligação sanguínea com os africanos.
Civilização	-----	Aparece sob uma duplicidade conceitual característica em Crummell: uma dimensão eurocêntrica-clássica (adoção de hábitos	Os negros estadunidenses teriam a missão de civilizar (em ambas as dimensões) seus “parentes” “pagãos” e “bárbaros” africanos.	A civilização ganha um significado bem próximo de um iluminismo britânico, pois civilização se aproxima de costumes	Civilizar a África é um dos trabalhos divinos que faltam no mundo e apenas os negros estadunidenses poderiam realizar.

		culturais europeus) e uma dimensão moral-religiosa.		e hábitos dos povos. Nesse sentido, a civilização liberiana teria semelhanças com a civilização estaduniden se, justificando o projeto colonial liberiano.	
Futuro	A nação liberiana teria um futuro promissor	Caso os liberianos falhassem em sua missão, o futuro poderia ser de condenação por Deus.	O futuro de redenção dos liberianos inscrito no passado de provações e misérias da "raça negra"	-----	O futuro de uma jovem nação e as responsabilidades os encargos de seus cidadãos.
Passado	-----	-----	Um passado singular, de miséria e servidão, mas que indicava os planos de Deus para o futuro.	Um passado comum entre os negros estaduniden ses e as instituições liberianas, já que ambos se formaram em aspectos civilizatório s comuns e compartilha dos	Um passado singular, de miséria e servidão, mas que indicava os planos de Deus para o futuro.

Escravidão	-----	-----	A escravidão aparece de forma ambígua, ora como um sistema perverso e cruel, ora como um veículo de civilização aos negros americanos.	-----	De novo, um sistema que civilizou os negros estadunidenses.
“Imitação”	-----	-----	-----	-----	Característica forte e relevante na “raça negra”, essa qualidade garantiria a adoção de hábitos civilizados dos colonos pelos africanos.
África/ Libéria	-----	-----	A África como um lugar “bárbaro” e “pagão”, que deveria ser civilizada e cristianizada.	Cada lugar da África deveria ter um agente ou um país próprio para civiliza-la, de acordo com as circunstâncias históricas mais adequadas.	Existem ambiguidades na representação do continente, ora terra de pessoas com potencial civilizatório, ora território de bárbaros e pagãos.
Família	-----	-----	A Libéria como um paradigma familiar, pois os negros americanos teriam parentesco	-----	A ligação familiar entre os negros americanos e africanos é tão grande, que Crummell chama o missionarismo negro

			sanguíneo com os africanos.		estadunidense de “índigena”

Capítulo 2 – EUA

Ao historiador, talvez o mais difícil seja recuperar não as palavras, mas seus sentidos. As palavras, seus parágrafos, podem permanecer intactos, no entanto, mesmo que assim permaneçam, seus significados podem já estar perdidos, ocultados, destruídos pela ação do tempo e do espaço. Na realidade, não deixemos somente na conta da distância do tempo e do espaço essa destruição, mas também na própria realização do texto, da junção hesitante de suas palavras e, principalmente, nos elementos, nas referências culturais, sociais, políticas e religiosas diversas que o autor pode utilizar na construção de um texto. O texto, por isso, é do autor, mas também do mundo que o cerca – de palavras e ideias que o percorrem e de outros lugares, projetos e agentes que o envolvem.

O parágrafo anterior constitui–se das mesmas palavras que iniciaram nosso primeiro capítulo, mas seus significados tomam outra proporção nesta segunda parte. Na verdade, os desafios daqui em diante aumentam consideravelmente. Em primeiro lugar, porque Alexander Crummell mobilizou conceitos, categorias, palavras bem semelhantes àquelas dos seus tempos na Libéria, mas agora em projetos políticos distintos. Na primeira seção, "2.1. Novos passos", evidenciaremos essas mudanças de contexto e de sentidos por meio da categoria de "imitação", no período entre 1872 a 1882. No caso agora de seu retorno aos EUA, veremos que essa categoria assumiu outros sentidos – um completamente teológico e cristão (2.1.1 – O Tempo de Cristo) e, principalmente, deu outros significados a conceitos chaves deste trabalho, propriamente raça e nação (2.1.2. – Tempo da Raça). Em suma, a "imitação", palavra e categoria que um dia legitimou as verdades da nação liberiana, era agora empregada em um contexto do retorno de Crummell aos EUA.

Em segundo lugar, o desafio não é apenas pelo retorno dessas palavras e categorias, mas pela própria republicação de textos dos tempos liberianos, exatamente com a mesma estrutura e argumentos. Isso ocorre propriamente em *Africa and America*, a obra foco de nossa segunda seção, na qual sermões publicados no país africano reaparecem junto a textos bastante voltados ao contexto estadunidense. Mais que isso, mostraremos que seu olhar ao continente africano foi modificado não porque o autor tenha desistido da colonização e evangelização do continente, mas em razão dos modos como articulou seus textos em torno da reconstrução estadunidense. De certa forma, como ocorreu na segunda seção do primeiro capítulo, esta segunda seção pretende demonstrar que Crummell continuava cindido, dividido e conectado entre dois territórios. "2.2. Reconstruções (1882 – 1891)" é, por isso, a seção em que evidenciamos o teólogo mais vinculado aos projetos de reconstrução das populações negras estadunidenses e,

ao mesmo tempo, mostramos as novas representações da Libéria e a de África no contexto de seus planos. Por consequência, na primeira subseção, "2.2.1. A nação condenada", verificamos como nação e raça são articulados para delimitar um problema moral e central dos EUA: o conflito racial entre negros e brancos no período pós–Reconstrução. Já na segunda subseção, "2.2.2. O futuro da raça", delimitamos as propostas e as ideias de Crummell para a resolução desse problema (a questão da família negra e da moral) e finalizamos com possíveis sentidos da publicação de textos liberianos em obra tão vinculada ao contexto estadunidense. Em síntese, mostraremos como o passado, o presente e o futuro da Libéria, do continente africano e americano, da própria "raça" foram reconstruídos para seus textos e seus projetos desse período.

Por fim, nossas investigações se encerram com as intervenções de Crummell em um dos pontos mais discutidos à época nos EUA: a questão do trabalho entre os negros estadunidenses. Particularmente, abrimos uma nova seção, "2.3. Os trabalhos que importam (1891 – 1897)", para mostrar o conteúdo hierárquico e elitista do pastor para a regeneração da "raça" nesse período, formalizada na *American Negro Academy* (ANA), seu último e derradeiro projeto em 1897. Nesta seção, concepções de *Africa and America* reaparecem, bem como conceitos e categorias, mas nosso foco é demonstrar como essas perspectivas culminaram na criação da ANA pelo pastor. Assim, este final pretende responder a uma pergunta que acompanha indiretamente todo este capítulo: se a civilização dos negros estadunidenses continuava primordial nesse contexto estadunidense, quem seriam os responsáveis por sua difusão?

Em suma, Crummell não voltaria mais à Libéria, mas o país retornaria em seus textos de outro modo. Retornariam também conceitos, palavras, um vocabulário político e social de outrora, mas agora utilizado para construir um projeto voltado à realidade estadunidense. Os EUA eram agora o fim, não mais o meio de onde sairiam os negros estadunidenses civilizados para a evangelização de África. Os projetos e destinos de Crummell mudavam. Também mudariam, mesmo que sutilmente, conceitos, palavras e perspectivas. O Atlântico negro de Crummell, veremos então, continuava complexo, cheio de alternativas e vivo em possibilidades de "redenção" e "regeneração" das populações negras na modernidade.

2.1. Novos Passos (1872 – 1882)

Apesar de Crummell ter desembarcado no ano de 1872 em Nova York, sua cidade natal, os anos de maior estabilidade ministerial e clerical do pastor ocorreram em Washington D. C., propriamente na congregação de *St. Mary Chapel*. Em maio de 1873, Alexander Crummell se tornou encarregado da paróquia, que era frequentada pelas famílias episcopais negras da capital.

Antes dessa experiência em Washington, o cargo sacerdotal em que o pastor teve maior longevidade fora ou nos quadros da *Church of the Messiah*, em Nova York, entre 1845 a 1851 ou na congregação da Nova Geórgia, noroeste da Libéria, de 1866 a 1872. Já na *St. Mary Chapel*, Alexander Crummell entrou como diácono em 1873 e saiu como líder e *rector* somente em 1894, quando se aposentou definitivamente dos serviços ministeriais. Ademais, ao longo de sua liderança, houve um aumento exorbitante de frequentadores, que passou de algumas poucas dezenas de pessoas para quase setenta famílias e trezentos fiéis.[352] Esse aumento exorbitante em tão pouco tempo levou o pastor também a se encarregar dos projetos para um novo prédio de maior capacidade, cuja inauguração aconteceu em 1879. Portanto, *St. Luke's Episcopal Church* – o nome do novo edifício – se tornou um símbolo da cidade e é ilustrativo do momento vivido pelo pastor como líder reconhecido da mais antiga congregação episcopal negra da cidade.[353]

Os livros, panfletos e artigos da maior parte desse período surgiram na esteira desses anos e *The Greatness of Christ and other sermon.* é o mais significativo nessa primeira década de seu retorno.[354] O livro foi publicado em 1882, na cidade de Nova York, do mesmo modo como havia ocorrido com *The Future of Africa*, exatamente vinte anos antes. Suas páginas, parágrafos e palavras serão de suma importância para entendermos dois pontos principais que pretendemos levantar nesta seção: primeiro, esse novo momento de Crummell nos EUA como líder paroquial em Washington; segundo, o modo como o pastor reelaborou conceitos e palavras utilizados em contextos anteriores, particularmente na Libéria, como "raça", "nação", "civilização", "imitação". Dito isso, na primeira subseção, "2.1.1. O tempo de Cristo", nos deteremos nas camadas religiosa e teológica do livro, principalmente a partir do retorno da concepção de "imitação", categoria essencial para o entendimento da obra como um ponto de inserção em uma tradição cristã. Já na segunda subseção, "2.1.2. O tempo da raça", nem essa camada teológica e cristã, nem a "imitação" desaparecem de nossas análises, pelo contrário, nossas investigações desse primeiro momento são determinantes aos modos como Alexander Crummell mobilizou seus conceitos de "raça" e "nação", que reaparecem em seus escritos, mas agora articulados para entender a realidade estadunidense e o contexto civilizacional dos negros

[352] Moses, 1989, *op. cit.*, p. 198.
[353] Em 1976, o edifício se tornou um marco histórico nacional dos EUA, principalmente por sua associação com Crummell (1819–1898), reconhecido em meados do século XX como uma figura ícone do antirracismo oitocentista. ST. LUKE'S Episcopal Church. In.: *National Park Service*. Disponível em: https://www.nps.gov/places/st-lukes-episcopal-church.htm . Acesso em: 12 out. 2023.
[354] Antes de *The Greatness of Christ*, neste período, temos acesso a somente um panfleto avulso do autor, publicado em 1881 e intitulado *Marriage and Divorce: a sermon preached in St. Luke's Church, Washington*. Como a temática é parecida com textos do livro de 1882, decidimos passar logo ao livro, no qual conseguiremos encontrar com mais substância nossos conceitos e termos.

do país. Os projetos políticos de Crummell, veremos, não desapareceram, e sim, rumaram para novos passos, caminhos e tempos.

2.1.1. O tempo de Cristo

"É uma coisa rara, em meio à multidão de sermões com os quais o mundo está inundado, ter um volume oferecido a nós por um clérigo de ascendência africana".[355] Thomas March Clark (1812 – 1903), bispo episcopal de Rhode Island, abriu com essas palavras o prefácio de *The Greatness of Christ*. Se um de nossos objetivos nesta seção é estabelecer uma relação com o período anterior do pastor na Libéria, podemos começar com uma pequena comparação entre o livro de 1882 e seu predecessor, *The Future of Africa*. Nesse sentido, além da publicação de ambos ter ocorrido na mesma cidade, Nova York, a outra única grande proximidade é que o novo livro também era uma compilação de textos antigos do pastor. No entanto, o que nos é mais importante para nossa argumentação são as diferenças entre os dois. Primeiramente, o número de textos de *The Greatness* é bem maior: vinte, e a maior parte deles propriamente sermões – uma segunda distinção. A terceira diferença é que não sabemos as datas nem os lugares específicos em que originalmente foram declamados esses textos. O próprio Crummell ressaltou esse tom de generalidade dos textos em uma nota prefatória ao livro:

> Esses sermões são publicados a pedido de muitos paroquianos e outros amigos, feitos de tempos em tempos, durante muitos anos e em diversos lugares, tanto em casa quanto no exterior; e, da mesma forma, em cumprimento de repetidas promessas de atendimento a essas solicitações.[356]

Mas a principal distinção em relação a *The Future of Africa* está justamente em nosso acesso ao prefácio e à introdução do próprio autor ao livro. Em *The Future*, como apontamos anteriormente, esses textos, que são verdadeiros instrumentos de guia para a leitura, estão cortados, mas na obra de 1882 aparecem em sua integralidade. Por isso, guiaremos nossas investigações por meio das camadas apresentadas nessas introduções e pelos apontamentos que consciente ou inconscientemente suas linhas e suas palavras indicaram. Voltando então à nota introdutória de Crummell para *The Greatness*, vislumbramos que ela possui apenas dois parágrafos. O primeiro expomos no último trecho, o outro apresenta além de aspectos

[355] CRUMMELL, 1882, *op. cit.*, p. V. Trad. livre do autor: "It is a rare thing, amid the multitude of sermons with which the world is flooded, to have a volume offered to us by a Clergyman of African descent".
[356] *Ibid*., p. IX. Trad. livre do autor: Trad. livre do autor: "These sermons are published at the request of many parishioners and other friends, made from time to time, during many years and in divers quarters, both at homeand abroad; and, likewise, in fulfilment of repeated promises to comply with those requests".

semelhantes, outros detalhes pequenos, mas essenciais em nosso caminho para o entendimento do livro:

> Eles [sermões] agora são dados ao público, após quase quarenta anos de serviço no ministério, como um memorial de um pastorado para várias congregações, tanto na África quanto nos Estados Unidos; e com a esperança de que possam acrescentar algo à Glória de Cristo.[357]

O tom de generalidade reaparece (sabemos apenas que foi declamado para "várias congregações" e em dois continentes distintos), mas conjugado agora com outras duas informações. Primeiro que existe uma motivação memorialística na publicação desses sermões, como uma amostra daquilo que Crummell fez "após quase quarenta anos" – o que nos indica que saber as datas e as localidades exatas do sermão realmente não é o mais importante ao leitor. Dentro disso, o prefácio realizado pelo bispo episcopal de Rhode Island, Thomas Clark, amplifica ainda mais o elemento memorial do livro, em função de que foi Clark o responsável por acolher e aceitar a entrada de Crummell nos quadros episcopais no ano de 1841.

> Cerca de quarenta anos atrás, fui nomeado com o falecido Rev. Dr. William Croswell, pelo Bispo Griswold, para examinar o jovem Crummell, quando ele se inscreveu para Ordens de Diácono na Diocese de Massachusetts; e eu me lembro que o Dr. Croswell depois comentou comigo, que nenhum candidato para o ministério que já tenha passado por suas mãos lhe deu mais completa satisfação.[358]

A satisfação fora ainda maior de Crummell, já que antes de 1841 ele havia tentado ingressar nos quadros episcopais, mas fora recusado devido ao racismo de Benjamin T. Onderdonk (1791–1861), bispo da diocese de Nova York. A justificativa era que o bispo não deixaria um negro americano se formar em teologia sob sua liderança. Crummell, resiliente e com a ajuda de homens como Clark, conseguiu adentrar os espaços rígidos e segregacionistas dos episcopais e *The Greatness of Christ* se tornava então uma forma de comemorar o triunfo desses quase quarenta anos no sacerdócio. Quarenta anos de trabalhos, atividades e publicações, que poderiam esperançosamente servir à "Glória de cristo", ou seja, à segunda informação

---

[357] *Ibid.*, p. XIX. Trad. Livre do autor: "These sermons are published at the request of manyparishioners and other friends, made from time to time, during many years and in divers quarters, both at homeand abroad; and, likewise, in fulfilment of repeated promises to comply with those requests."

[358] *Ibid.*, p. V. Trad. livre do autor: "About forty years ago, I was appointed with the late Rev. Dr. William Croswell, by Bishop Griswold, to examine young Crummell, when he applied for Deacon's Orders in the Diocese of Massachusetts ; and I remember that Dr. Croswell after- ward remarked to me, that no candidate for the ministry had ever passed through his hands who had given him more entire satisfaction".

relevante da nota e que finalmente nos impulsiona aos discursos do livro e aos aspectos religiosos, políticos e filosóficos da obra.

Lembremos, *The Future of Africa* e outros de seus sermões liberianos eram enormemente teológicos também e, de certa forma, não há separação e fronteiras entre as esferas políticas e religiosas em Crummell. No entanto, *The Greatness of Christ* exibe uma configuração majoritariamente distinta de sua primeira obra compilatória e mesmo de seus outros sermões avulsos do período liberiano, isto é, essas relações entre os mundos celestiais e terrenos se deram de formas diferentes e com outros objetivos em 1882. A começar pelos títulos de ao menos dezessete dos primeiros discursos, cujos nomes remetem a lições, mandamentos ou exortações estritamente cristãs.

Tabela 1 - – Amostragem dos textos de *The Greatness of Christ*

Gênero	Título	Ano de apresentação	Local de apresentação	Páginas no Livro
Sermão 1	The Greatness of Christ - (Christmas)	Ausente	Sem Informações	1-19
Sermão 2	The Family - (The First Sunday after the Epiphany)	Ausente	Sem Informações	20-36
Sermão 3	Marriage - (The Second Sunday after the Epiphany)	Ausente	Sem Informações	37-54
Sermão 4	The Lamb of God - (Passion Sunday)	Ausente	Sem Informações	55-70
Sermão 5	Rising with Christ - (Easter)	Ausente	Sem Informações	71-85
Sermão 6	Glorifying God - (The fifth Sunday after the Epiphany)	Ausente	Sem Informações	86-99
Sermão 7	Unbelieving Nazareth - (Quinquagesima Sunday)	Ausente	Sem Informações	100-115
Sermão 8	The Rejection of Christ	Ausente	Howard University, Washington D.C.	116-133
Sermão 9	The Motive of Discipleship - (The nineteenth Sunday after Trinity)	Ausente	Sem Informações	134-149
Sermão 10	The Agencies to saintly santification - (The Twenty-fourth Sunday after Trinity)	Ausente	Sem Informações	150-164
Sermão 11	Affluence and Receptivity - (The Third Sunday in Lent)	Ausente	Sem Informações	165-180
Sermão 12	Christ Receiving and Eating With Sinners - (The eighteenth Sunday after Trinity)	Ausente	Sem Informações	181-196
Sermão 13	The Discipline of Human Powers - (The Twenty-first Sunday after Trinity)	Ausente	Sem Informações	197-215
Sermão 14	Joseph - (The Fifth Sunday after Trinity)	Ausente	Sem Informações	216-232
Sermão 15	Influence - (The sixteenth Sunday after Trinity)	Ausente	Sem Informações	233-249
Sermão 16	Building Men - (The Thirteenth Sunday after Trinity)	Ausente	Sem Informações	250-266
Sermão 17	Christian Conversation	Ausente	Sem Informações	267-284
Sermão 18	The Social Principle Among a People	1875	Estados Unidos	285-311
Sermão 19	The Assassination of President Garfield	Ausente	Sem Informações	312 - 331
Sermão 20	The Destined Superiority of the Negro	1877	Estados Unidos	332 - 352

Fonte: produção do próprio autor.

Como é possível observar, grande parte dos nomes – pelo menos até o décimo sétimo sermão – remetem ou a uma ação cristã (“Rising with Christ” – “Ressuscitar com Cristo”; “Glorifyng God” – “Glorificar a Deus”) ou a uma imagem consagrada do cristianismo (“The Lamb of God” – “Cordeiro de Deus”; “Christ Receiving and Eating With Sinners” – “Cristo recebendo e comendo com pecadores”) ou mesmo a uma estrutura importante de sua vivência espiritual (“The Family” – “A Família”; “Marriage” – “O Casamento”). Em síntese, são quase trezentas páginas apenas de textos com títulos que parecem indicar passos, modos de vida ou lições aos leitores que pretendem seguir os caminhos divinos. Um verdadeiro guia para o comportamento do bom cristão. A ausência de datas e localidades específicas de suas declamações pode ser interpretada agora também como uma forma de atemporalidade dos

discursos, nos quais os conteúdos ajudariam o cristão e fiel em qualquer momento de sua vida. Simultaneamente, existe sim uma outra temporalidade dos discursos, um outro tempo e explicitado por meio dos subtítulos que acompanham cada título. É o tempo das celebrações e do calendário religioso episcopal, o tempo divino.

E esse tempo, bem como a obra de Alexander Crummell, se inicia com o nascimento de Cristo. "The Greatness of Christ", sermão homônimo ao título do livro, inaugura a obra com os propósitos de demonstrar como, desde a entrada de Cristo nos domínios terrenos há dois mil anos, os homens e o mundo começaram a se transformar. Em outras palavras, os tempos se transformaram e a conexão dos homens com os anjos, os astros e o universo celestial nunca mais se desligou. O nascimento de Jesus Cristo, comemorado através da celebração do natal, (*christmas*) é inaugural então dessas relações:

> Foi uma criancinha, ou melhor, uma criança débil e indefesa, a quem toda esta reverência e devoção foram prestadas. E é, por imaginação, o mesmo bebezinho para quem toda a cristandade hoje se volta e se aproxima com alegria, saudações e profunda adoração. O ponto de interesse nesta criança não é simplesmente que seu corpo era pequeno e fraco, mas que Sua pessoa, diminuta como era, era o germe de um poder maravilhoso, era a fonte de um oceano mundial, era a raiz de realidade prodigiosa que vai desde o tempo até a mais profunda eternidade.[359]

Este é o primeiro parágrafo do primeiro sermão do livro e é a descrição dos primeiros momentos de Jesus Cristo. Diferentemente daqueles passos iniciais da Libéria, em 1853, *The Greatness of Christ* abria com uma exortação de um novo tempo com a figura do filho de Deus. Nada poderia causar, ano após ano e século após século, um aniversário comemorado de forma tão fervorosa e universal:

> Nada além de majestade, augusta e profunda, reprimindo o orgulho da razão e suas dúvidas céticas, poderia assim acender a imaginação dos homens, iniciar suas afeições unidas e, em um dia do ano, afundando suas nacionalidades separadas no esquecimento, juntar seus sentimentos comuns em adoração unida diante da manjedoura de Belém![360]

---

[359] *Ibid.*, p. 1. Trad. livre do autor: "It was a little child, nay, a feeble, helpless infant, to Whom all this reverence and devotion were given. And it is, by imagination, the same little babe that all Christendom to-day turns back to and approaches with joy, and salutations, and profoundest worship. The point of interest in this little child is not simply that its body was small and weak, but that His person, diminutive as it was, was the germ of wondrous power, was the fountain-head of a world-wide ocean, was the root of prodigious reality which reaches from time over into deepest eternity".

[360] *Ibid.*, p. 2. Trad. livre do autor: "Nothing but this greatness of Christ could cause, from year to year, from century to century, this worldwide anniversary. Nothing but majesty, most august and profound, repressing the pride of reason and its sceptic doubts, could thus kindle the imaginations of men, start their united affections, and, on one day in the year, sinking their separate nationalities into oblivion, join their common sentiment into united adoration before the manger of Bethlehem!

Deus juntou os homens em oração e adoração. Desde o primeiro momento do seu nascimento, aquela singela criança declarou uma união em torno de sua glória. Na própria epígrafe para este sermão (absolutamente todos os discursos de *The Greatness of Christ* possuem epígrafes e todas são bíblicas, o que aumenta a carga religiosa do livro), isso já estava posto. Em suas linhas, a chegada dos três reis magos na manjedoura de Cristo é descrita e a adoração prostrada dos três é evidenciada.[361] É o reconhecimento da grandeza do espírito de Deus, esse "espírito de benevolência, e mesmo de evangelização" que não se limitava "mais à Igreja de Deus". Era o "espírito da época".[362] Esse espírito, por exemplo, edificou as grandes ideias dos homens, os grandes atos de civilização e os grandes atos de bondade do mundo. "Nenhum sistema, por si só, produz resultados. (...) . Existe uma personalidade por trás de cada instituição organizada, por trás de cada banco, por trás de cada companhia de seguros, todas as casas mercantis, todas as fábricas".[363] É assim que é necessário compreender o cristianismo, complementa Crummell. "Ele não funciona sozinho. Não é obra de homens e ministros. É um resultado, em todas as nações, sociedades, famílias e pessoas, um resultado produzido por Jesus Cristo, presente neste mundo pelo poder e energia do Espírito Santo".[364]

Esse é apenas o início do livro de Alexander Crummell, porém, em certo sentido, é por meio desses termos que as camadas dos seus sermões são reveladas nas próximas longas páginas do livro. A partir desse reconhecimento de uma era celestial e cristã entre os homens, estes devem saber que seus caminhos são guiados em significados para Deus e para Cristo. Assim, em cada discurso – acompanhado de uma epígrafe bíblica e uma data do calendário litúrgico –, Crummell desenvolve uma temática, um assunto importante ao fiel atento. "Family" (segundo sermão) e "Marriage" (terceiro sermão), por exemplo, proclamam ao leitor a importância dessas estruturas ao cristianismo e à sociedade. "A família é um governo. É o governo rudimentar, do qual brotam todas as organizações da sociedade, sejam elas nações, impérios, escolas ou associações. Todos eles, rastreados até sua fonte original, encontram sua

[361] *Ibid.*, p. 1. A epígrafe é de Mateus 2:11:"And when they were come into the house, they saw the young child with Mary, his mother, and fell down and worshipped him : and when they had opened their treasures, they presented unto him gifts ; gold, and frankincense, and myrrh".
[362] *Ibid*., p. 16. O trecho completo e de trad. livre do autor é: "The spirit of benevolence, and even of evangelization, is no longer confined to the Church of God. It is the spirit of the age".
[363] *Ibid.*, p. 3. Trad. livre do autor: "No system, of itself, produces results. It is, in its results, the work of either devils, or of angels, or of men, or of God. There is a personality behind every organized institution, behind every bank, behind every insurance company, every mercantile house, every manufactory".
[364] *Ibid.*, p. 3. Trad. livre do autor: "It does not workitself. It is not the work of men and ministers. It is a result, in all nations, societies, families, and persons, a result that is produced by Jesus Christ, present in this world by the power and energy of the Holy Ghost."

raiz nessa empresa simples, a família".[365] Tanto é um governo que os pais, unidos em matrimônio, deveriam ensinar aos filhos lições, deveres, responsabilidades. No fim do discurso acerca do casamento, o pastor listou três dessas obrigações e responsabilidades dos pais com seus filhos: ensinamentos morais, treinamento para o trabalho, disciplina e retidão.[366] O livro era, consequentemente, um aprendizado religioso e celestial, mas para os homens da terra, aqueles que estavam vivos e buscavam uma conexão intensa com Deus no mundo espiritual.

Para buscar essa conexão, os homens deveriam cumprir deveres, assumir responsabilidades e adotar determinados hábitos. Esse é um dos argumentos centrais do quinto sermão, *Rising with Christ (Páscoa)*, cujo propósito é discutir a necessidade da elevação aos céus, por parte dos homens. Os homens, clama o pastor, passam a vida procurando nas coisas terrenas um modo de evitar a degenerescência do seu ser e um modo de estar bem consigo mesmo, mas nenhuma dessas coisas lhes serve. O sujeito, nessas condições, é como um pássaro de asa quebrada que tenta voar, mas acaba caindo com a força do vento e das coisas.[367] "Precisamos então ascender. Há uma paralisia constitucional, da qual cabe a nós, como agentes morais, escapar; e, por outro lado, há uma integridade divina, para a qual é nosso dever e vantagem de todas as maneiras estender a mão".[368] Essa é a obrigação e ocupação de todo cristão, quando foi batizado e negou as coisas terrenas. Com o batismo, ele se declarou membro das coisas do céu, da sociedade celestial, sob o controle de ideias sobrenaturais. "Se o Senhor Jesus Cristo, pelo poder do Espírito, fez algo eficaz em nossas almas, então, pelo poder de Sua ressurreição, Ele nos elevou a um plano de ser mais elevado do que aquele que tínhamos por natureza".[369] Não era necessário morrer então para buscar a conexão com Deus, e sim, que os homens na terra cumprissem seus deveres, assumissem responsabilidades e adotassem uma nova postura . Assim fizeram muito dos apóstolos de Deus, que na terra e em carne e osso, **imitaram** a vida emocional de Cristo" (grifo nosso).[370]

---

[365] *Ibid.*, p. 23. Trad. livre do autor: "The family is a government. It is the rudimental government, out of which spring all the organizations of society, whether they be nations, or empires, or schools, or associations. All of them, traced back to their original source, find their root in that simple company, the family".
[366] *Ibid.*, p. 49 - 52.
[367] *Ibid.*, p. 75. O trecho completo e de trad. livre do autor é: "I saw, last spring, a little bird escaped from its cage, lying about in La Fayette Park. It was unused to long ventures of flight, and one wing was broken ; so that, every time it attempted an upward rise, it was beaten back by the strong currents of the breeze ; and the little thing would fall upon the grass, and pant and moanwith its unusual exertions, and at last settled down onthe earth to die".
[368] *Ibid.*, p. 75. Trad. livre do autor: "We have need then to rise. There is a constitutional paralysis, from which it becomes us, as moral agents, to escape ; and, on the other hand, there is a divine integrity, to which it is every way our duty andour advantage to reach forward".
[369] *Ibid.*, p. 76. Trad. livre do autor: ". If the Lord Jesus Christ, by the power of the Spirit, has done anything effectual in our souls, then, by the power of His resurrection, He has raised us to a higher plane of being than that we had by nature".
[370] *Ibid.*, p. 82. O trecho completo e trad. livre do autor é: "Hence, thirdly, it must be noted that successful **imitations** of the emotional life of the Lord have been seen in the lives and characters of godly men in the flesh".

As ideias podem reaparecer, retornar e, no caso de *The Greatness of Christ,* nos poucos momentos que voltam, aparecem com outras camadas essenciais para se entender o livro de 1882. Assim, apesar de não haver neste momento uma nação jovem e santificada liberiana, Alexander Crummell não esqueceu que as esferas religiosas e terrenas são camadas não separadas, mas conectadas. Nesse sentido, seus pedidos em *The Greatness of Christ* não eram mais por um cidadão patriota e "herói de cristo", pelo menos não nestes trechos, mas sim, para que os cristãos e fiéis imitassem os passos de Cristo na terra. A imitação assumia, por isso, um outro sentido em seus escritos.

Na Libéria, precisamente quinze anos antes da publicação de *The Greatness*, evidenciamos como Crummell utilizou a palavra para demonstrar a capacidade da "raça negra" de se tornar civilizada, de apreender os aspectos e elementos civilizatórios em busca da regeneração no mundo moderno. Além disso, essa regeneração era ideia central no plano de colonização liberiana e a "imitação" surge como um conceito operativo fundamental, pois essa capacidade intrínseca da raça legitimava a continuidade e progressão dos colonizadores e da nação liberiana. Já em *The Greatness of Christ*, esse conceito reapareceu com mais camadas e um dos sentidos mais evidentes e estruturantes do livro em sua composição é o da imitação cristã. Imitação das boas obras do cristianismo, imitação de seus apóstolos e discípulos, imitação da grandeza de Cristo.

***

Antes desse quinto sermão, "imitação" aparecera apenas uma vez na obra e com sentido bastante próximo do sermão "Rising with Christ". Alexander Crummell descrevia a cena da epifania de Jesus Cristo, em "The Family", no qual Jesus revela sua sabedoria aos doutores da lei no templo. Nesta cena, sua mãe Maria e seu pai José o olham espantados, tanto por encontrarem Cristo em lugar inusitado depois de três dias à sua procura, quanto pela sabedoria de uma criança diante dos mais sábios da região. É essa imagem dos três, dessa família, que Crummell utiliza como exemplo para estabelecer os fundamentos basilares para uma convivência e uma construção familiar sagrados. No fim do sermão, ele reitera isso com a palavra que acreditamos ser basilar em *The Greatness of Christ*: "Essa santidade, meus amigos, essa santidade familiar é o seu exemplo. É dado nas Escrituras de Deus para sua **imitação**" (grifo nosso).[371]

[371] Ibid., p. 35. Trad. livre do autor: "That holiness, my friends, that family holiness is your example. It is given in the Scriptures of God for your imitation".

No entanto, é no décimo sermão que esse significado é explicitado e trabalhado pelo pastor em sua integralidade. *The Agencies to Santify Santification* (O vigésimo quarto domingo depois da Trindade) discute as formas pela qual o fiel pode se tornar santo e cristão. Nesse sentido, Crummell lembra ao leitor que é necessário entender que Deus é o modelo e os homens um retrato deste. O ser humano é, em sua essência, imagem e semelhança de Deus, ainda que o pecado tenda a afastá–lo de sua presença. Por isso, "Deus enviou Seu Filho abençoado ao mundo para nos redimir do mal, para que possamos ser 'transformados pela renovação de nossas mentes', para que 'provemos qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus'".[372]

> Nesse processo, o Espírito Santo é o agente divino. Mas a vontade humana também é um fator importante. A santificação de nossa natureza à semelhança divina não é um mero processo mecânico. Temos que nos moldar, com a ajuda divina, à imagem de Deus. O processo pelo qual faremos isso é a **imitação**. Essa é a grande faculdade pela qual os homens são capazes de produzir em si mesmos aquela graciosa congruência, pela qual devem assegurar uma semelhança com seu criador (grifo nosso).[373]

E os sentidos de imitação retornam, bem como Edmund Burke e sua definição da categoria. "O grande Edmund Burke diz: 'A segunda paixão da sociedade é a imitação ou o hábito de imitar'. Este é o método pelo qual os homens alcançam a civilização. Eles veem superioridade e a copiam. É precisamente o mesmo no domínio da graça".[374] No domínio da graça, então, é necessário imitar os homens de fé, os santos, os anjos, Jesus Cristo. Por isso,

> Ande, então, digno do Senhor; esforce–se, antes de tudo, para ser participante da natureza divina. Pois, para mostrar Deus em sua vida, você deve ter Deus em você. Vá até Ele, viva Nele. 'Tire água das fontes da salvação.' Livre–se de você mesmo. '**Dê tudo por tudo; não procure nada, não exija nada de volta; permaneça puro e com firme confiança em Cristo, e você O possuirá. * * * Para que, sendo despojado de todo egoísmo, você possa com inteira simplicidade seguir Jesus, e morrer para si mesmo possa viver eternamente para Ele.** (grifo nosso)[375]

---

[372] Ibid., p. 154. Trad. livre do autor: "God sent His blessed Son into the world to redeem us fromevil, that we may be " transformed by the renewing of our minds ; " that " we may prove what is that good and acceptable and perfect will of God".

[373] Ibid, p. 154. Trad. livre do autor: "In this process the Holy Ghost is the divine agent. But the human will is also an important factor. The sanctification of our nature into the divine likeness is no mere mechanical process. We have to shape and mould ourselves, with divine help, into the image of God. The process by which we shall do this is imitation. That is the grand faculty by which men are enabled to produce in themselves that gracious congruity, whereby they shall secure a likeness to their mak

[374] *Ibid*., p. 154. Trad. livre do autor: "The great Edmund Burke says : " The second passionbelonging to society is imitation or the habit of imitating." This is the method by which men reach to civilization. They see superiority, and they copy it".

[375] *Ibid*., p. 155. Trad. livre do autor: "Walk, then, worthy of the Lord; strive, first of all, to be partakers of the divine nature. For, to show forth God in your life, you must have God in you. Go to Him, live in Him. 'Draw water from the wells of salvation'. Get rid of yourself. 'Give all for all; seek nothing, require back nothing; abide purely and with firm confidence in Christ, and thou shalt possess Him. * * * That being stript of all selfishness, thou mayest with entire simplicity follow Jesus, and dying to thyself mayest live eternally to Him".

A parte grifada no trecho não é de Edmund Burke, mas é ainda mais significativa para as conclusões dos sentidos divinos da imitação e de *The Greatness of Christ.* O trecho é da obra *De Imitatione Christi*, provavelmente escrita entre os anos de 1418 a 1427 e, por muitos anos, considerada sem autoria reconhecida, já que a publicação se deu de forma anônima no período.[376] O consenso atual entre os especialistas e teólogos é que o responsável foi Thomas à Kempis (1380 – 1471), um monge da ordem dos Cônegos Regulares – e seguidor da Regra de Santo Agostinho –, que lançou nas terras onde hoje são os Países Baixos um dos livros mais influentes do cristianismo na era moderna.[377] Ao fim do século XV, já havia mais de cem publicações nas regiões da Itália, Espanha e França.[378] Ademais, originalmente publicada em latim, centenas de traduções já eram encontradas a partir do século XVI na Inglaterra. O importante filósofo Thomas More (1478 – 1535),[379] por exemplo, já o recomendava como um dos três livros que todo o cristão deveria ler naqueles tempos.[380] Ao fim, podemos dizer que o conselho de More foi seguido nos anos posteriores e denominações diversas do cristianismo incorporaram em seu cânone o livro de Kempis. A pesquisa de Maximilian Von Habsburg ilustra bem isso ao identificar traduções do livro por autores protestantes e católicos do século XV até o século XVII.[381] Dessa forma, mesmo que tenha surgido em meios católicos, clérigos e leigos protestantes adotaram o conteúdo de *De Imitatione Christi* em seus dogmas e ensinamentos.[382] Alexander Crummell não foi diferente e não apenas a citação anterior é um exemplo disso, mas a obra *The Greatness of Christ* como um todo.

Primeiramente, os livros se assemelham de maneira estrutural, pois *De Imitatione Christi* foi concebido como uma série de textos que ensinam ao leitor lições, deveres e responsabilidades. Nesse sentido, a obra de Kempis é divida em quatro grandes partes (Livro 1 – Avisos úteis para a vida espiritual; Livro 2 – Exortações à vida interior; Livro 3 – Da consolação anterior e Livro 4 – Do sacramento do Altar), subdivididas em centenas de capítulos, cujos títulos indicam e resumem bem a temática dos textos. No livro 1, por exemplo,

---

376 ESPÍN, Orlando O; NICKOLOFF, James B.. *An Introductory Dictionary of Theology and Religious Studies*. Minessota: Liturgical Press, 2007.
377 CREASY, William C.. *The Imitation of Christ by Thomas a Kempis*: A New Reading of the 1441 Latin Autograph Manuscript. Macon: Mercer University Press, 2015, p. XIII.
378 *Ibid.*, p. XIII.
379 Thomas More, Thomas Morus ou Tomás Moro foi um dos mais renomados filósofos britânicos de sua época e hoje é considerado um dos nomes do renascentismo europeu. Sua obra mais influente é, sem dúvidas, a Utopia (1516).
380 *Ibid.*, p. XIII.
381 HABSBURG, Maximilian Von. *Catholic and Protestant Translations of the Imitatio Christi, 1425-1650*: From Late Medieval Classic to Early Modern Bestseller. Abingdon: Routledge, 2011.
382 *Ibid.* p. 145 - 179.

encontramos o primeiro capítulo denominado de “Da imitação de Cristo e do desprezo do mundo e de todas as vaidades do mundo” (“Of the imitation of Christ, and of contempt of the world and all its vanities”) ou o segundo intitulado de “De pensar humildemente de si mesmo” (Of thinking humbly of oneself).[383] Em síntese, capítulos que indicam assuntos relevantes ao cristão e fiel que deseja, bem como citou Crummell, “ ‘seguir a Jesus com toda a simplicidade, e morrendo para [si] mesmo’ ”, poder “ ‘viver eternamente para Ele’”.

A generalidade de ambas as obras é então uma segunda semelhança, que ocorreu em *The Greatness of Christ* sobretudo pelo caráter memorialístico dos anos ministeriais da vida de Crummell. No entanto, ao comparar os livros, essa generalidade dos sermões pode ser entendida também como uma maneira de Crummell se inserir dentro dessa tradição cristã de longa duração, cuja a obra de Kempis é um dos fios condutores. Ilustrativo disso é a já citada anonimidade da autoria de *De Imitatione Christi*, a qual por muitos anos era entendida como um conjunto de textos e de ensinamentos que foram reunidos ao longo do tempo e publicados.[384] Ainda mais exemplificativo dessa inserção é o próprio conceito central da obra, “imitação”, que era discutido por antigos nomes e doutores do cristianismo desde seus primeiros séculos. Aurélio Ambrósio (340 – 397), venerado hoje como Santo Ambrósio, já argumentara no século IV que Cristo era o grande transformador e recriador das imagens humanas de Deus. Isso posto, o verdadeiro cristão e o mais engajado era aquele que se esforçava por seguir os caminhos de Cristo e imitá–lo. Com isso, o fiel atingia um estado de impecabilidade e moralidade, no qual afastava os vícios e desenvolvia apenas as virtudes. “Tornar–se cada vez mais semelhante a Cristo implica atingir um estado de impecabilidade, portanto, um imperativo moral para purificar a alma desenvolvendo virtudes e reduzindo o vício”.[385] Ambrósio, ao final, teria grande influência em Santo Agostinho de Hipona (354 – 430) e, desse debate, o autor também desenvolveria a ideia que a proximidade e a imitação de Cristo era um modo de se afastar dos pecados de Adão.[386]

Alexander Crummell, centenas de anos depois, se apresentava com *The Greatness of Christ* nesse diálogo religioso com ideias, palavras e conceitos dessa longa tradição teológica do cristianismo. Seu texto, sua voz não se juntavam agora a um projeto institucional específico,

---

[383] KEMPIS, Tomás de. Imitação de Cristo: com reflexões e orações de São Francisco de Sales. Petrópoles: Vozes, 2014.

[384] ZWOLLO, L.. Ambrose's Teaching of the Image of God and the Plotinian Influence. In: *Tilburg University*. Disponível em: https://research.tilburguniversity.edu/en/publications/ambroses-teaching-of-the-image-of-god-and-the-plotinian-influence. Acesso em: 12 out. 2023.

[385] *Ibid.* Trad. Livre do autor: Becoming more and more like Christ entails attaining a state of sinlessness, thus a moral imperative to cleanse the soul by developing virtues and reducing vice”.

[386] BOERSMA, Gerald P.. *Augustine’s early theology of image*: A study in the development of pro-Nicene theology. Nova York: Oxford University Press, 2016, p. 89 - 99; p. 218.

mas era veículo de um conjunto de premissas e princípios que ele reelaborava em seus propósitos naquele período. Entendemos o conceito de tradição, neste momento, em termos bem próximos ao de Gadamer, principalmente quando o autor a define como um elemento dinâmico e criador. O passado é recriado a cada momento, a cada intervenção do presente e a cada projeto de futuro.[387] Alexander Crummell, ao dialogar com um conceito tão longínquo em *The Greatness of Christ* como "imitação", realizava exatamente esse processo. Inconscientemente ou não, o autor utilizava da obra para dar vida a uma tradição, ao utilizar um conceito de longa tradição interpretativa no cristianismo. Logo, a "imitação" retornava em seus escritos nesse contexto estadunidense, mas agora em um sentido diferente do contexto do contexto colonial liberiano e mais conectado à vida do fiel cristão na terra.

No entanto, esse significado de "imitação" não esgota o sentido do termo na totalidade de *The Greatness of Christ*. Isso se dá, pois, as obras, as palavras e as ideias estão sempre conformadas por um espaço de conflitos, o Terceiro Espaço de Homi Bhabha. O Terceiro Espaço nos lembra que, quando uma palavra é dita, em um novo contexto, outros projetos e outras instituições aparecem, nos conflitos que agora conformam a palavra e o conceito. Assim, a "imitação" possuía um determinado sentido ao ser mobilizado na Libéria; um outro significado ao se inserir nessa tradição cristã que analisamos nesta seção e, consequenetemente, também outro quando direcionado a indivíduos em particular, a projetos singulares e aos novos passos que o pastor dava no contexto estadunidense. Assim, os cristãos agora não eram mais os colonos da Libéria, mas as populações negras residentes nos EUA. Thomas March Clark, no último parágrafo de seu prefácio ao livro, nos lembra disso ao pontuar para o leitor que o pastor agora trabalhava em Washington, "em trabalhos entre seus próprios compatriotas" e que o pastor tinha esperanças em "alcançar uma congregação maior do que poderia ser reunida ao som de sua voz viva (...)".[388] O autor procurava a América, os EUA e seria procurado de novo pelas palavras e pelos sentidos que o ajudariam a interpretar um país recém–saído de uma guerra civil e do regime escravista. Na próxima seção, finalmente, começaremos a entender os meandros desses projetos, que fizeram Alexander Crummell a se ver mais uma vez diante dos dilemas civilizacionais diversos de um povo, de uma nação e de uma raça.

---

[387] GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método I. Vozes, Petrópolis, 2011; LAWN, Chris. Compreender Gadamer. Petrópolis: Vozes, 2011.

[388] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. VIII. O trecho completo e de trad. livre do autor é: "After passing the bloom of his days in Liberia, our friend returned to the United States, and has since been employed at the Capitol of the nation, in labors among his own countrymen ; and now, in his more advanced years, he has ventured to give to the general public this volume of sermons, hoping that he may thus reach a larger congregation than could be gathered within sound of his living voice, and also add something to his not over-generous income".

2.1.2. O tempo da raça

"É uma coisa rara, em meio à multidão de sermões com os quais o mundo está inundado, ter um volume oferecido a nós por um clérigo de ascendência africana". É importante retomarmos o início do prefácio de Clark, pois o modo como as palavras se articulam para caracterizar Crummell no trecho é de uma clareza das mais simples e determinantes. De um lado, o bispo chama atenção para o que nos debruçamos na subseção anterior, isto é, a inserção e intervenção do pastor em um campo majoritariamente religioso, moral e teológico. Utilizamos para demonstrar isso o conceito de "imitação" e o modo como o pastor estruturou seu livro para demonstrar os caminhos, ensinamentos e lições do fiel em direção a uma espiritualidade. Dessa maneira, Crummell se colocou entre uma fileira de outros teólogos e intelectuais cristãos, ou nas palavras de Clark, "em meio à multidão de sermões com os quais o mundo está inundado".

Entretanto, essa não é a única definição do trecho. Na verdade, para aquele que abria *The Greatness of Christ*, se deparava, nas palavras do bispo, com uma peça bem rara. Uma singularidade causada não pela obra em si, mas pelo autor. Afinal, era "um volume oferecido a nós por um clérigo de **ascendência africana**" (grifo nosso). Nenhum elemento teológico, religioso poderia esconder esse fato. Alexander Crummell era o *rector* de uma congregação negra em Washington, nos EUA do século XIX, após uma guerra que dividiu o país e que acabou de vez com o que havia sido o principal sistema econômico do país por mais de trezentos anos, a escravidão. Seu livro, nesse sentido, também deve ser lido nesse contexto e inserido entre projetos políticos e sociais que permearam suas ideias. Desse modo, cindido entre o mundo terreno e celestial desde os tempos liberianos, Crummell interviu e interpretou a realidade estadunidense, reposicionando seus conceitos em outros desafios e problemas desse novo contexto.

Nesta segunda parte da seção "Novos Passos", portanto, começamos a compreender essas novas interpretações do pastor, bem como as mudanças que as categorias de raça e nação sofrem em seus significados e sentidos. Junto a isso, veremos como essas modificações influem no modo como o autor entende o papel e anseios dos negros estadunidenses, em um deslocamento interpretativo diferente dos tempos liberianos, mas definidor para seus projetos nos EUA. Ao fim, isso tem toda a relação com o conceito central que estamos explorando com *The Greatness of Christ*: a categoria de imitação.

***

É no quarto sermão do livro, bem sutilmente, que a realidade estadunidense apareceu pela primeira vez no livro. “The Lamb of God – The Passion Sunday” (“O Cordeiro de Deus – O Domingo da Paixão) tem como propósito central apresentar a ideia de sacrifício para remissão dos pecados, semelhante ao que Jesus Cristo realizara junto aos homens. Basicamente, demonstrar ao fiel a necessidade de imitar cristo – o cordeiro de Deus – em um dos momentos mais simbólicos da teologia cristã. Dentro disso, para se atingir uma virtude humana em sua excelência e a própria salvação da alma, o pastor exortava aos cristãos a reconhecerem que sem o sacrifício e o sofrimento não se poderia alcançar a graça divina. Nenhuma especulação filosófica ou racional, acrescentou o pastor, teria esse poder e a própria história humana era uma evidência disso. Deus, afirmou o teólogo, sempre pediu retribuição e sacrifício para a remissão dos pecados dos homens. O autor então relembrou Noé e o dilúvio para limpar os pecados da humanidade; rememorou também as revoluções na França para redimir os pecados dos nobres franceses (A Revolução Francesa); apontou ainda a destruição egípcia em razão da escravidão judaica e finalizou esses marcos históricos com o evento mais próximo de Crummell: a Guerra Civil americana.

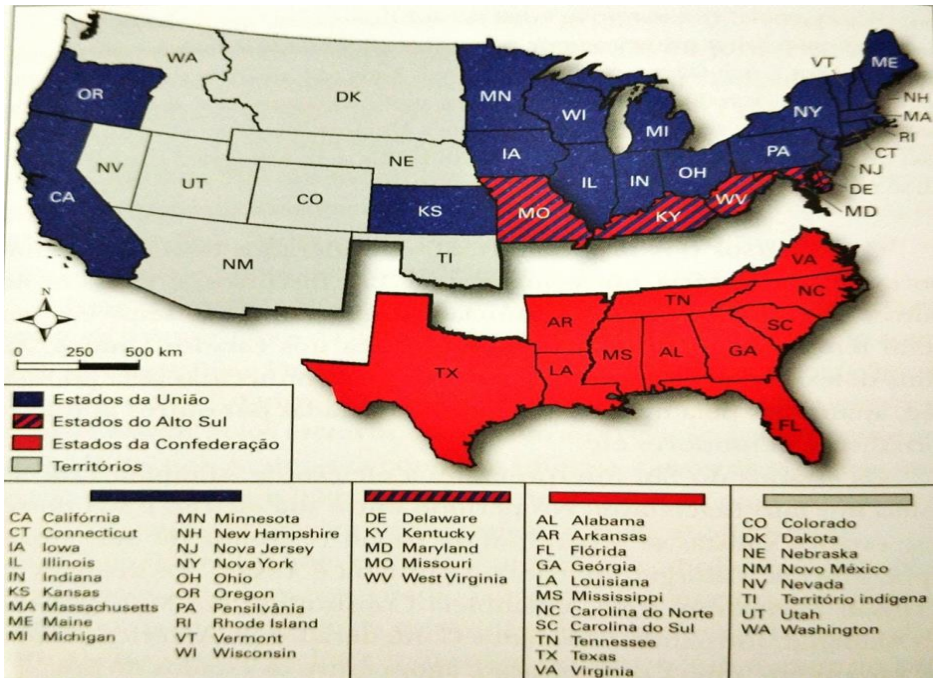
> Por mais de duzentos anos, o povo desta terra manteve a tirania mais opressiva que já existiu sob o sol, determinado até o fim a sustentá–la, por lei e interesse, por filosofia e poder e, adicionado a isso, pela autoridade das Escrituras. Mas finalmente chegou a hora de seu fim, e tudo foi feito para fechá–lo, se possível, sem sofrimento ou desastre. Mas nem a razão nem a filosofia, a lei ou o estadismo, o compromisso ou a política poderiam valer. A hora havia chegado! ‘Sem derramamento de sangue não há remissão’ do pecado. O pecado da terra exigia sangue, e sangue tinha que correr para apagar suas manchas mortais. Nos campos de batalha do Sul, o melhor e mais seleto sangue de cada lugar encharcou durante anos, a própria relva que, durante séculos, foi umedecida pelo sangue do homem negro e tingiu de vermelho seus córregos e rios. (...) E assim o pecado deste país saiu em agonia e sangue! E então Deus fechou o livro da expiação nacional pela mais terrível tragédia conhecida em toda a sua história.[389]

“Expiação nacional”, “terrível tragédia”, por alguns desses termos o pastor definiu um dos eventos mais relevantes do século XIX no continente americano. A Guerra Civil americana, também conhecida como “Guerra de Secessão”, aconteceu entre os anos de 1861 a 1865 e quase

[389] CRUMMELL, 1882, *op. cit*., p. 63 e 64. Trad. livre do autor: “For more than two hundred years the people of this land maintained the most grinding tyranny that everexisted beneath the sun, determined to the last to uphold it, by law and interest, by philosophy and power, and, added thereto, by the authority of Scripture. But at last the time of its end came, and everything wasdone to close it up, if it were possible, without suffering or disaster. But neither reason nor philosophy, law nor statesmanship, compromise nor policy, could avail. The time had come ! ‘Without shedding of blood there is no remission’ of sin. The sin of the land called for blood, and blood had to flow for the wiping out its deadly stains. On the battle fields of the South the best and choicest blood of every section drenched,for years, the very sod which, for centuries, had been moistened by the black man's blood, and crimsoned its streams and rivers. (...). And so the sin of this country went out in agony and blood ! And then God closed up the book of national expiation by the most terrible tragedy known in all its history.

terminou com a divisão completa do país em dois territórios.[390] O motivo do conflito foi exatamente a escravidão que, como evidenciou Crummell, "umedeceu" por "duzentos anos" o solo dos EUA com o "sangue do homem negro". Melhor dizendo, a razão foi o impasse acerca da manutenção desse "tirânico" regime de trabalho. Sua manutenção tinha o suporte dos Estados do sul, onde o trabalho escravo era fundamental à economia exportadora da região, produtora de algodão sobretudo para as máquinas e fábricas inglesas.[391] Em lado oposto, estavam os Estados do norte, cuja produção industrial já era tão relevante quanto a agropecuária no início dos anos sessenta.[392] Além disso, o trabalho escravo era bastante reduzido e os serviços, mesmo na agricultura, eram frequentemente ocupados por trabalhadores migrantes como irlandeses, alemães e ingleses. O mapa abaixo demonstra com clareza essa divisão, que culminou na guerra entre esses dois territórios do país.

Figura 3 - Divisão política dos Estados Unidos ao longo da Guerra Civil (1861 – 1865)



Fonte: JUNQUEIRA, Mary Anne. Estados Unidos: Estado nacional e narrativa da nação (1776 – 1900). São Paulo: Edusp, 2018, p. 110.

[390] JUNQUEIRA, Mary Anne. Estados Unidos: Estado nacional e narrativa da nação (1776 – 1900). São Paulo: Edusp, 2018, p. 97.
[391] *Ibid*., p. 101.
[392] *Ibid*., p. 100.

Veja que no período da guerra, os EUA já estavam praticamente com seu território atual, devido à expansão ao oeste ocorrida entre 1783 e 1848.[393] Como é possível ver também, essa expansão acompanhou a divisão fundamental que permeava o país desde sua independência em 1876 e que dividia os Estados do sul (Estados da Confederação e escravistas) e Estados do norte (Estados da União e denominado "Estados Livres"). Resumidamente, esses fatores juntos – a expansão do país e essa separação entre regiões econômicas díspares – podem ser listados como a causa principal do conflito no início da década de sessenta, já que, à medida que os novos Estados se incorporavam à União, as tensões cresciam.

Sendo assim, como deixou claro Crummell, "nem a filosofia, a lei ou o estadismo, o compromisso ou a política poderiam" resolver tamanha divisão. Em 1861, consequentemente, sete estados sulistas se separaram da União em reação à eleição e à posse de Abraham Lincoln (1809 – 1865) – representante dos estados do norte – e formaram os Estados Confederados, os quais ocuparam os principais fortes militares do sul do país em 1861.[394] Nesses fortes, em abril de 1861, começaram os embates de uma guerra que deixaria o país em ruínas, mas que na interpretação do teólogo em 1882, foram necessários para limpar o pecado dos EUA, da nação.[395]

> E tão doloroso e terrível foi o desastre que houve um grande clamor em toda a terra. 'Pois não havia uma casa onde não houvesse um morto'; e o luto estava em todos os lares. (...) E assim Deus ensinou ao povo que o sangue deve fluir pelo pecado. E assim o pecado da nação desapareceu para sempre.[396]

Como mostramos ao longo desse trabalho, não há como separar a realidade histórica de significados divinos e teológicos em Crummell. Neste trecho, anos depois do período liberiano, o conceito de nação aparecia mais uma vez em uma perspectiva teológica. No caso específico de *The Greatness of Christ*, porém, não era mais o Estado divino liberiano. Suas palavras, na verdade, apontaram para um outro Estado–Nação, no qual Crummell havia retornado e se estabelecido desde 1872: os EUA.

Isso é mais evidente quando, finalmente, adentramos no discurso que fora declamado em 1875, no dia de ação de graças daquele ano (Thankisgiving) e que o teólogo nomeou de "The social principle among a people: and its bearing on their progress and development" (O princípio social entre um povo: e sua influência em seu progresso e desenvolvimento). Esse

---

[393] *Ibid.*, p. 55.
[394] *Ibid.*, p. 110-111.
[395] *Ibid.*, p. 121.
[396] CRUMMELL, 1882, *op.* cit., p. 64. Trad. Livre do autor: "And so sore and terrible was the disaster that there was a great cry in all the land. 'Forthere was not a house where there was not one dead ; and mourning was in every household. (...) And so God taught the people that blood must flow for sin. And so the sin of the nation vanished forever".

discurso, além de “The Assassination of President Garfield” e “The Destined Superiority of The Negro” destoam bastante de seus predecessores. Os três finalizam a obra de 1882 e apontam mais diretamente para a realidade norte–americana de metade do século XIX. Oldfield, por exemplo, utilizou de “The Social Principle” para investigar questões relacionadas às continuidades do pensamento de Crummell no país após deixar a Libéria. Assim também fez Moses, que usou “The social principle among a people” e “The Destined Superiority of The Negro” para desenvolver sua proposta e sua categoria de “nacionalismo negro”, cujas bases principais foram retiradas justamente do discurso. Ademais, o autor também deu destaque à “The Assassination of President Garfield” quando se deteve nas relações do pastor com os rumos da democracia estadunidense. Nossas investigações, claro, dialogam com as interpretações desses autores, no entanto, seguiremos nossos próprios passos e caminhos na busca por elucidar o modo como Crummell articulou suas categorias na interpretação da difícil realidade do país. Voltemos então à “The social principle among a people”.

“Mais de um mês se passou desde que recebemos a proclamação do nosso Magistrado Chefe, nomeando o dia 25 de novembro como um dia de ação de graças pública para Deus Todo–poderoso”.[397] Crummell iniciava já o sermão com uma referência explícita do seu contexto e do presidente do país em inícios dos anos setenta, Ulysses S. Grant (1822 – 1875), que havia proclamado aquela data como um momento de reflexão dos cidadãos estadunidenses.

> Agora, portanto, eu, Ulysses S. Grant, Presidente dos Estados Unidos, recomendo que na quinta–feira, dia 25 de novembro, o povo dos Estados Unidos, abstendo–se de todas as ocupações seculares e de suas ocupações habituais, reúna–se em seus respectivos locais de adoração e, da forma que parecer mais apropriada em seus próprios corações, ofereçam a Deus Todo–Poderoso seus reconhecimentos e agradecimentos por todas as Suas misericórdias e suas humildes orações pela continuação de Seu divino favor.[398]

E Crummell assim o fez. Não apenas declamou o discurso naquele exato dia, mas o inseriu em *The Greatness of Christ*, um compilado de textos ao fiel cristão que desejava seguir os caminhos de Deus. Mais uma vez, o cristão era também um cidadão preocupado com a pátria, mas agora não a Libéria, e sim, os EUA.

---

[397] CRUMMELL, 1882, *ibid.*, p. 265. Trad. livre do autor: “More than a month has passed away since we received the proclamation of our Chief Magistrate, appointing the 25th of November a day of public thanksgiving to Almighty God”.

[398] GRANT, Ulysses S.. Proclamation 226 - Thanksgiving Day, 1875. In.: *The American Presidency Project*. Disponível em: https://www.presidency.ucsb.edu/documents/proclamation-226-thanksgiving-day-1875. Acesso em: 12 out. 2023. Trad. livre do autor: “Now, therefore, I, Ulysses S. Grant, President of the United States, do recommend that on Thursday, the 25th day of November, the people of the United States, abstaining from all secular pursuits and from their accustomed avocations, do assemble in their respective places of worship, and, in such form as may seem most appropriate in their own hearts, offer to Almighty God their acknowledgments and thanks for all His mercies and their humble prayers for a continuance of His divine favor”.

> Especialmente este é o dever de um povo situado como nós neste país; liberto, bendito seja Deus, para sempre, das amarras escuras da servidão e da opressão; mas ainda não tendo alcançado totalmente, estando – apenas à deriva em direção às águas profundas e tranquilas da mais plena liberdade e igualdade. Poucos, comparativamente, em números; limitados em recursos, os herdeiros de desastres prodigiosos; os herdeiros de infortúnios e tristezas ancestrais; sobrecarregado com os deveres e destinos mais manifestos; ansioso por nossos filhos, preocupado com nossa raça; a culpabilidade e a culpa da tintura mais profunda serão nossas, se não considerarmos seriamente os meios e instrumentos pelos quais seremos capazes de avançar e subir. É um dever peculiar neste momento em que há evidentemente um refluxo de indiferença no país, com relação à nossa raça; e quando a ânsia de união neutraliza o interesse pelo negro.[399]

O pastor, neste trecho, não apenas deixa mais explícito o contexto estadunidense, mas retoma definitivamente os termos que investigamos neste trabalho. O povo negro (people) é chamado a se unir. A "raça", livre das amarras da escravidão, ainda sofria as heranças de seu passado escravista e necessitava rapidamente saber os meios e instrumentos para sua elevação e aprimoramento.[400] Esses meios e instrumentos eram diversos, complementava, "mas o texto que escolhi sugere uma linha de pensamento, numa linha distinta e peculiar".[401]

O texto a que se refere Crummell é a epígrafe que abre esse discurso de 1875. Na subseção passada, como chamamos a atenção em nossa análise estrutural do livro, todos os textos de *The Greatness* possuem uma epígrafe bíblica que os antecede. Não foi diferente com "The social principle among a people" e a importância da passagem bíblica foi retomada neste início do discurso, até porque é dela que Crummell retira "o princípio social entre um povo". A passagem inteira é de Isaías, capítulo 41 e versículo 6 e 7: "Ajudavam cada um ao seu próximo, e cada um dizia ao seu irmão: Tem bom ânimo. Então o carpinteiro animou o ourives, e o que alisa com o martelo o que batia na bigorna, dizendo: Está pronto para a solda; e ele o prendeu com pregos para que não fosse movido".[402] Crummell, no texto, retomou a primeira parte da

---

[399] *Ibid*, p. 286. Trad. livre do autor: "Especially is this the duty of a people situated as we are in this country; cut loose, blessed be God, for ever more, from the dark moorings of servitude and oppression ; but not fully arrived at—only drifting towards, the deep, quiet waters of fullest freedom and equality. Few, comparatively, in numbers ; limited in resources the inheritors of prodigious disasters; the heirs of ancestral woes and sorrows; burdened with most manifest duties and destinies ; anxious for our children thoughtful for our race; culpability and guilt of the deepest dye will be ours, if we do not most seriously consider the means and instruments by which we shall be enabled to go forward, and to rise upward. It is peculiarly a duty at this time when there is evidently an ebb-tide of indifference in the country, with regard to our race ; and when the anxiety for union neutralizes the interest in the black man".

[400] Os meios e instrumentos estarão e esse deslocamento da escravidão como um passado unicamente destrutivo serão trabalhados mais a frente, propriamente na subseção "2.2.2. O futuro da raça" e na seção final, "2.3. Os trabalhos que importam (1891 – 1897).

[401] *Ibid.*, p. 287. Trad. livre do autor: "but the text I have chosen suggests a train of thought, in a distinct and peculiar line".

[402] *Ibid.*, p. 284. Trad. livre do autor: "'They helped every one his neighbor, and every one said to his brother, Be of good courage. So the carpenter encouraged the goldsmith, and he that smootheth with the hammer him that smote the anvil, saying, It is ready for the soldering ; arid he fastened it with nails that it should not be moved.'"

epígrafe, para demonstrar que diante de um perigo ou infortúnio, os homens se deram às mãos e seus corações então se uniram.

> A lição é uma que faremos bem em aprender com diligência; o fato de vir dos ímpios não diminui seu valor. O mundo age de acordo com muitos princípios que os cristãos fariam bem em levar a sério. Nosso Salvador nos diz que 'os filhos deste mundo são mais sábios em sua geração do que os filhos da luz'. Portanto, aqui, este princípio de esforço unido e de concordância generosa é digno de ser **imitado** (grifo nosso) pelas pessoas de cor deste país, se elas desejarem ascender à superioridade tanto de caráter quanto de realização. Falarei, portanto, do 'princípio social entre um povo; e sua influência em seu progresso e desenvolvimento!'".[403]

A "imitação" é o conceito central de *The Greatness of Christ*. Não bastasse os significados divinos e cristãos que evidenciamos na primeira parte desta seção, o termo reaparece novamente e em sentidos próximos daqueles que apontamos nos últimos anos de Crummell na Libéria, quando exortou que os africanos imitassem os homens civilizados do mundo em vista de atingirem ao progresso. Neste trecho de 1882, no entanto, o progresso e refinamento viriam por meio da imitação de um princípio. Particularmente, o "princípio social" ilustrado na epígrafe bíblica desse discurso, que as "pessoas de cor" deveriam seguir e imitar neste novo contexto estadunidense. As ideias reaparecem, retornam e, no caso de *The Greatness of Christ*, nos momentos em que voltam, aparecem com outras camadas essenciais para se entender seu livro. "Imitação", "nação" e "raça" se encontram outra vez, em outro território e em projetos políticos estadunidenses que começam a aparecer ao final da obra. Passemos, portanto, para uma análise desses novos sentidos, significados e deslocamentos no pensamento do teólogo.

***

Crummell, logo após a introdução de seu discurso, definiu o que chamava de "princípio social". O homem é um ser social e em "sua constituição mental e moral, Deus plantou certas simpatias e afeições, das quais brotam o desejo de companheirismo". Dentro disso, o pastor compreende a categoria como uma "disposição que leva os homens a se associarem e se unirem para fins específicos; o princípio que cria famílias e sociedades, e que une os homens em unidade e fraternidade, em raças, igrejas e nações".[404]

---

[403] *Ibid.*, p. 288. Trad. livre do autor: "The lesson is one which we shall do well to learnwith diligence ; that it comes from the wicked, does notdetract from its value. The world acts on many a principle which Christians would do well to lay to heart. Our Saviour tells us that "the children of this worldare wiser in their generation than the children of light." So here, this principle of united effort, and of generousconcord, is worthy of the imitation of the colored people of this country, if they would fain rise to superiority of both character and achievement. I shall speak, therefore, of the 'Social principle among a people ; and its bearing on their progress and development!'.

[404] *Ibid.*, p. 289. Trad. livre do autor: "What I mean by the social principle, is the disposition which leads men to associate and join together for specific purposes ; the principle which makes families and societies, and which binds men in unity and brotherhood, in races and churches and nations".

Raça e nação começam a aparecer de forma mais constante no discurso. Neste trecho, os termos aparecem ligados, mas são diferenciados e constituem–se agrupamentos no qual esse "princípio social" atua na vida humana, em busca de unir sujeitos para fins específicos. Na realidade, as "raças" e as "nacionalidades" são os resultados mais amplos desse princípio:

> Todos os frutos e as flores desses organismos vêm da coalescência de diversas faculdades e poderes, tendendo a fins específicos. Pois nenhum homem pode realizar nada importante sozinho. Nunca houve um grande edifício, uma cidade magnífica, um templo nobre, uma grande catedral, um Senado imponente que fosse obra de um único indivíduo.[405]

Nenhum evento nos anais da história humana foi feito individualmente, reitera Crummell. Do Império Romano à conquista da América, da evangelização à abolição da escravatura, o autor demonstra com exemplos a realidade dignificante, histórica e verdadeira desse princípio.[406]

> A aplicação desta verdade aos interesses e ao destino da raça negra (colored race) da América é manifesta. Estamos vivendo neste país, uma parte de sua população, e ainda assim, em diversos aspectos, somos tão estrangeiros para seus habitantes como se estivéssemos vivendo nas Ilhas Sandwich. É esta a nossa separação real da vida real da nação, que nos constitui **'uma nação dentro de uma nação'** (grifo nosso): lançados consideravelmente sobre nós mesmos por muitos dos maiores interesses da vida e por quase todas as nossas vantagens sociais e religiosas.[407]

Uma "nação" "dentro da nação" estadunidense. Esse trecho foi definidor para Moses desenvolver sua ideia de "nacionalismo negro" como uma retórica política presente no pastor. É interessante que o próprio historiador admite, logo após inserir esse trecho em sua análise, que o teólogo "mostrou considerável inconsistência e confusão em seu uso dos termos 'povo', 'raça' e 'nação'" ao longo deste discurso.[408] Ao mesmo tempo, o historiador não deixa de se utilizar deste texto inconsistente para enquadrar Alexander Crummell como um representante e pioneiro dessa retórica nacionalista. Um vocabulário que pela primeira vez delimitava as

---

[405] *Ibid*. p. 289. Trad. livre do autor do trecho todo é: "A wider and more imposing result of this principle is the welding of men in races and nationalities. All the fruit and flower of these organisms come from the coalescence of divers faculties and powers, tending to specific ends. For no one man can effect anything important alone. There never was a great building, a magnificent city, a noble temple, a grand cathedral, a stately senate-house which was the work of one single individual".

[406] *Ibid*., p. 298-290.

[407] *Ibid*., p. 290. Trad. livre do autor: "The application of this truth to the interests and the destiny of the colored race of America is manifest. We are living in this country, a part of its population, and yet, in divers respects, we are as foreign to its inhabitants as though we were living in the Sandwich Islands. It is this our actual separation from the real life of the nation, which constitutes us "a nation within a nation:" thrown very considerably upon ourselves for many of the largest interests of life, and for nearly all our social and religious advantages".

[408] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 208. Trad. livre do autor: "Throughout the address, he showed considerable inconsistency and confusion in his use of the terms 'people' 'race,' and 'nation'

populações negras estadunidenses como uma nação.[409] Uma retórica, lembremos da introdução, que Moses indicava ser uma constante de Crummell já na Libéria, quando o pastor legitimava a colonização do país africano. Uma retórica, por fim, que Moses enquadrou sob a alcunha do "nacionalismo negro", que prega sempre um compartilhamento e um destino racial comum entre as populações negras. Seja na República Liberiana, seja na República estadunidense.

Por um lado, concordamos com o autor que nesse trecho, sem dúvidas, Alexander Crummell realizou essa operação retórica, e raça e nação podem ser lidos quase como sinônimos. Ou melhor, a raça e "uma nação dentro da nação" dividiram o mesmo significado. Por outro lado, acreditamos que se as palavras são iguais neste trecho, é em razão de serem bem distintas do modo como o autor as utilizou na Libéria. Para esclarecer melhor nosso ponto, retomemos o texto de 1882 e lembremos que o "princípio social" era a disposição que estimulava a associação entre os homens para fins específicos, seja nos agrupamentos raciais ou nacionais. Os negros estadunidenses ("um povo", "uma raça", "uma nação dentro de uma outra nação") necessitavam assim imitar este princípio, em busca de fins precisos que Crummell delimitou ao longo do discurso.

Esses fins e propósitos ocorriam em razão da opressão sofrida nos EUA, vinda de uma outra raça que habitava seus territórios: a raça branca. Os negros estadunidenses, nesse sentido, não conseguiam estimular esses princípios sociais para seu aprimoramento, pois estavam "ofuscados por uma raça de pessoas mais poderosas".[410] Assim, em território estadunidense, duas raças conviviam em um mesmo lugar, mas uma sem condições e meios de se aprimorar, além de alijada dos meios para ter ambição e amor próprio, elementos fundamentais para a superioridade pessoal e a elevação da raça.[411]

> Entre um povo, como numa nação, encontramos agricultores, mecânicos, marinheiros, empregados, homens de negócios, comerciantes. Para a vida, a energia e o progresso de um povo, é necessário que todos esses vários departamentos de atividade sejam executados com espírito, habilidade e unidade. É o princípio cooperativo, trabalhando no comércio, nos negócios e na indústria, que é a grande alavanca que está elevando milhões de massas nas grandes nações, e dando a essas próprias nações uma superioridade mais magistral do que jamais conheceram, em todo o seu passado. histórias. Nenhum povo pode descartar este princípio e alcançar a grandeza. (...) O princípio social prevalece na formação de uma nação, como na constituição de uma família. Os homens devem associar e combinar energias para produzir grandes

[409] *Ibid.*, p. 295. Trad. livre do autor: Crummell eventually abandoned all activities on behalf of a black American nation-state and became downright abusive toward those who attempted to revitalize emigrationism after the end of Reconstruction. Nonetheless, he continued to employ a nationalist rhetoric, to refer to black people as "a nation within a nation," and to speak of the destined superiority of the Negro

[410] *Ibid.*, p. 291. Trad. livre do autor: "overshadowed by a more powerful race of people".

[411] *Ibid.,* p. 291. O trecho todo é, de trad. livre do autor: "all the stimulants of ambition and selflove should lead this people to united effort for personal superiority and the uplifting of the race".

> resultados. Da mesma forma que uma família se torna forte, influente e rica ao unir as energias dos pais e dos filhos, também um povo avança para a honra e a glória, na proporção e extensão em que combina os seus poderes para fins definidos e produtivos.[412]

Um povo, uma nação, uma raça, uma família, uma constelação de termos que Crummell coloca sob a operacionalização de uma ideia, de um princípio que lembra aos homens que ninguém está sozinho. Uma ideia que lembra àquele povo alijado dos interesses reais da nação que nenhuma conquista viria sem a imitação desse princípio.

> Os princípios de crescimento e superioridade em uma raça, nação ou povo são os mesmos em todo o mundo. As mesmas grandes agências que são necessárias para formar um povo em um quarto do globo e em um período de tempo são necessárias aqui, neste momento, nesta nacionalidade americana. Nós, filhos da África, nesta terra não somos diferentes de qualquer outro povo nesses aspectos.[413]

Alexander Crummell não definiu todos os sentidos e significados desses termos, pelo menos não aqui. Ora estão separados e distintos, ora estão conectados em sinonímia nesse texto de 1882. Ademais, novas definições surgiram ("filhos da África", "nacionalidade americana") nessa miríade e diversidade de terminologias que Crummell utiliza para mostrar o que vem pensando desde sua introdução: a união das populações negras naquele território, em busca de superioridade e crescimento harmônico. Assim, ao estimular o "princípio social", a mudança nos indivíduos é tão enorme que, "muitas das diferenças de raça" se tornam "leves e incidentais, e muitas vezes são obliteradas pelas circunstâncias, posição e religião".[414] Crummell exemplifica isso a partir dos britânicos que, se eram naquele tempo os mais poderosos da terra, seus ancestrais eram totalmente bárbaros e sua caminhada para a civilização demorou séculos e mais séculos. "As grandes leis gerais de crescimento e superioridade são imutáveis. O Todo–

---

[412] *Ibid.*, p. 291. Trad. livre do autor: "Among a people, as in a nation, we find farmers, mechanics, sailors, servants, business men, trades. Forlife, energy, and progress in a people, it is necessary that all these various departments of activity should be carried on with spirit, skill, and unity. It is the cooperative principle, working in trades, business, andmanufacturing, which is the great lever that is lifting up the million masses in great nations, and giving those nations themselves a more masterly superiority than they have ever known, in all their past histories. No people can discard this principle, and achieve greatness. (...) The social principle prevails in the uprearing of a nation, as in the establishing of a family. Men must associate and combine energies in order to produce large results. In the same way that a family becomes strong, influential, and wealthy by uniting the energies of parents and children, so a people go on to honor and glory, in theproportion and extent that they combine their powersto definite and productive ends".

[413] *Ibid.*, p. 294. Trad. livre do autor: "The principles of growth and mastery in a race, a nation, or people, are the same all over the globe. Thesame great agencies which are needed to make a peoplein one quarter of the globe and in one period of timeare needed here, at this time, in this American nationality. We children of Africa in this land are no waydifferent from any other people in these respects".

[414] *Ibid*., p. 294. Trad. livre do autor: "Many of the differences of races are slight and incidental, and ofttimes become obliterated by circumstances, position,and religion".

Poderoso não as relaxa nem as altera para a conveniência de qualquer pessoa."[415] Por isso, é necessário aos negros estadunidenses conformidade com essa lei, entendendo que é necessário cooperação – o princípio social – que não se via em nenhuma das atividades naquele momento.

Esses trechos anteriores são bem significativos e circunscrevem um novo sentido para as ideias de Crummell. *The Greatness of Christ* era uma tentativa de mostrar a possibilidade de uma vida cristã e espiritual completa ao fiel, bem como uma mudança de posição dos negros no território estadunidense, na "nacionalidade americana". A afirmação anterior é que qualquer diferença de raça seria apagada pelas "circunstâncias, religião e posição". O princípio social, esse espírito de cooperação, deveria objetivar então essa nova posição, esse novo tempo. Um tempo em que as raças não mais existiriam. "O dever especial diante de nós é lutar pela posição e pela superioridade nesta terra, na linha da raça como um expediente temporário, mas necessário, para a extinção final da casta e de todas as distinções raciais".[416]

A raça como um meio, relembrou Crummell, um meio que era produzido pelo próprio sistema de opressão estadunidense.

> Esqueça que você é de cor, nestes Estados Unidos! Torne–se um louco e vá para um asilo para lunáticos, e então, talvez, você pode esquecê–lo! Mas, se você tem algum bom senso ou sensibilidade, como é possível para você, ou eu, ou qualquer outro homem de cor, viver alheio a um fato de tanto significado em uma terra como esta! O único lugar que conheço nesta terra onde você pode 'esquecer que você é de cor' é o túmulo.[417]

Havia, porém, um outro modo que não a sepultura. Esses caminhos, por fim, estavam na incorporação de um caráter moral e civilizado, no evangelho e na grandeza de Cristo, na imitação do princípio social de cooperação entre as pessoas negras dos EUA:

> Raça, cor e todos os seus acidentes têm pouco a ver com o assunto; e os homens falam à toa quando dizem 'devemos esquecer que somos homens de cor'. O que é necessário não é que esqueçamos esse fato, mas que nos elevemos a tal elevação que o povo da terra seja forçado a esquecer todos os fatos e teorias da raça, quando virem nossa total igualdade com eles, em todos os aspectos e todas as linhas de atividade e realização, de cultura e grandeza moral.

Assim, após essas argumentações, entendemos melhor os sentidos de Crummell quando afirmou que os negros eram "uma nação dentro da nação". Veja que raça, nação, povo são condições de um temporário "estado de coisas" pelo qual passam as populações negras

---

[415] *Ibid.*, p. 295. Trad. Livre do autor: "The great general laws of growth and superiority are unchangeable. The Almighty neither relaxes nor alters them for the convenience of any people".

[416] *Ibid.*, p. 302. Trad. livre do autor: "The special duty before us is to strive for footing andfor superiority in this land, on the line of racey as a temporary but needed expedient, for the ultimate extinction of caste, and all race distinctions".

[417] *Ibid.*, p. 297. Trad. livre do autor: "Forget that you are colored, in these United States ! Turn madman, and go into a lunatic asylum, and then, perchance, you may forget it ! But, if you have any sense or sensibility, how is it possible for you, or me, or any other colored man, to live oblivious of a fact of so muchsignificance in a land like this! The only place I know of in this land where you can "forget you are colored" is the grave".

estadunidenses. Dessa maneira, nada "é mais ocioso do que falar da invencibilidade do preconceito. O Evangelho certamente resolverá todos os problemas e resultados da fraternidade, em todos os lugares sob o sol e nesta terra; mas, até que esse dia chegue, somos uma nação, separada, neste país". De forma bem diferente tanto de uma nação divina e jovem na Libéria, quanto de uma raça destinada por Deus a concretizar a evangelização e colonização do "bárbaro" continente africano, esses conceitos aparecem neste trecho como um estágio, um momento temporário dos negros norte–americanos. A raça, em outras palavras, aparece mais como um estado social neste sermão e menos como uma criação eterna, divina e constitutiva da raça humana. O autor não fazia ideia, mas esse significado teria grande ressonância na literatura, na academia e na sociedade estadunidense.

W.E. B. Du Bois, antes de escrever sua obra *Almas da Gente Negra*, fez provavelmente um dos primeiros estudos sociológicos dos EUA, chamado *O Negro da Filadélfia*.[418] Publicado em 1899 e por encomenda da Universidade da Pennsylvania, o autor se propôs a estudar um distrito negro da cidade, a Sétima Região (*Seventh Ward*). Assim, elaborou uma longa pesquisa informativa dos moradores e das moradoras do território, levantando dados estatísticos em vista de mostrar problemas peculiares que afetam o povo Negro ("Negro people") na cidade. Por agora, o que nos interessa é o modo como Du Bois descreveu esse problema no capítulo dois, ou melhor, como descreveu a relação desse território problemático com a cidade da Filadélfia. "Aqui está um grande grupo de pessoas – talvez 45 mil, uma cidade dentro da cidade – que não se integram completamente ao grupo social maior".[419] Uma cidade dentro da cidade, uma nação dentro da nação. Assim, nosso intuito com esse cotejamento de Du Bois é demonstrar os modos como essa concepção e interpretação das populações negras já circulavam na sociedade norte–americana. Uma concepção social da raça, de sua condição, apartada dos interesses reais da nação. Ainda mais ilustrativo da longevidade dessa ideia é o prefácio já citado do livro *O Nascimento da Cultura Afro–Americana* (1976), de Sidney Mintz e Richard Price. Em suas linhas, como evidenciamos, os autores mostram que seu livro era fruto de uma discussão sociológica e política em relação à condição dos negros estadunidenses no século XX. Dentro disso, um dos modos que os autores demonstram essa questão é pela citação do antropólogo

[418] Neste capítulo 2, utilizaremos bastante este livro de Du Bois e propriamente a recém-publicada tradução brasileira do livro. Sua publicação ocorreu no momento em que escrevíamos e foi de grande ajuda para estabelecer processos comparativos com Crummell. Mais que isso, foi relevante para verificar como as ideias do autor circularam e foram apropriadas por outros intelectuais do período. O nome original da obra de Du Bois é *The Philadelphia Negro*.

[419] DU BOIS, W. E. B.. *O negro da Filadélfia*: Um estudo social. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 39. No original, Du Bois utilizou a mesma expressão de Crummell, "a city whithin a city". DU BOIS, W. E. B.. *The Philadelphia Negro*: A Social Study. Nova York: Schocken Books, 1967, p. 4.

Melville Jean Herskovits (1895 – 1963), que destacou que uma das discussões prementes daquele momento era o entendimento dos negros estadunidenses como uma " 'nação' subjugada, cuja verdadeira liberdade e cidadania plena talvez só possam ser alcançadas depois que a criação de uma República negra autônoma, no sul, houver permitido a realização do talento intrínseco desse povo'". [420] Portanto, uma retórica acerca da experiência negra que perdura nos EUA e que pode ser traçada desde essas descrições de Crummell em *The Greatness of Christ*.

Como mostramos na introdução, Wilson J. Moses, sobretudo por essas descrições de *The Greatness of Christ*, definiu Crummell como um dos pioneiros do nacionalismo negro, isto é, um intelectual permeado por uma retórica que entenderia os negros estadunidenses e os africanos unidos racialmente e compartilhando um destino comum.[421] Para Moses, Alexander Crummell teria mobilizado esse discurso tanto em sua experiência liberiana quanto na estadunidense. Na Libéria, embora Crummell tenha utilizado de uma retórcia racial para legitimar o projeto colonial do país, demonstramos que o autor usou de outros vocabulários e outras concepções que definiram as ligações entre os negros estadunidenses e os africanos. Por exemplo, na subseção "1.2.2. Do Centro à Circunferência", demonstramos que o autor legitimou o empreendimento liberiano por meio de uma ligação civilizacional entre os negros estadunidenses e as características específicas do projeto colonial liberiano, ou seja, sem uma retórica do nacionalismo negro de Moses. Já em *The Greatness of Christ*, Crummell realmente mobilizou um sentido de nação e raça de forma quase sinônima, entretanto, os significados desses termos tiveram um conteúdo muito mais social, consideravelmente distinta do que mostramos do autor na Libéria, em que a raça aparecia frequentemente divinizada e até mesmo em termos racialistas do século XIX. Portanto, as continuidades que Moses percebe no pensamento do autor entre esses dois territórios podem ser reconsideradas sob nossa ótica de análise.

Outra diferença que corrobora com isso é que Alexander Crummell definiu destinos bastantes diferentes às populações afro–americanas quando se utilizou dessa concepção – distinto dos seus tempos liberianos e diferente das propostas do século XX que herdaram seu vocabulário. Veja que nos debates que levantamos com Mintz e Price, a busca parecia ser por um território negro e separado, um Estado autônomo. Curiosamente, mais próximo de um "Crummell liberiano". No entanto, o "Crummell estadunidense", em seu livro de 1882 e no sermão que agora analisamos, possuía outra visão de futuro e uma outra concepção de raça,

[420] MINTZ; PRICE, *op. cit.*, p. 13.
[421] Essa discussão mais completa está na introdução, página 13-22.

particularmente uma perspectiva social temporária e terrena que deveria contraposta e superada por um outro tempo: O tempo do Evangelho e de Cristo. Daí a importância de nossa seção anterior e da tradição cristã envolvida no livro de Crummell. O tempo de Cristo é um período em que o povo, a raça, a "nação dentro de uma nação" serão todos superados, pois uma "reconstrução mental e moral" será exibida pela raça por meio do cultivo e da difusão de hábitos e costumes cristãos e civilizados. *The Greatness of Christ* convida, por conseguinte, o leitor a imitar Jesus Cristo e seus ensinamentos, a imitar os hábitos civilizados desse novo tempo e "então, quando isso for alcançado e assegurado, então todos os obstáculos da casta serão quebrados para sempre!". Dito de outra maneira, por meio da imitação de determinados modos de vida, os negros estadunidenses podem atingir, o que bem chamou Gertrude Himmelfarb, de um dos caminhos para a modernidade.[422] Desse modo, este trabalho propõe que *The Greatness of Christ* é, além de um livro inserido em uma tradição teológica e cristã, também uma outra e mais profunda adoção de um iluminismo centrado em valores como a importância dos hábitos e tradições na vida humana.

Nesse sentido, isso seria uma nova forma de adoção dessas ideias pelo teólogo, pois essas concepções já haviam exibido traços e elementos no contexto liberiano. Na subseção "1.2.2. Do centro à circunferência", por exemplo, explicitamos como ele se utilizou de um argumento histórico-civilizacional para legitimar a nacionalidade negra nos EUA, bem como para dizer que, pelos seus hábitos e sua formação histórica, eram os homens e as mulheres negras civilizados que deveriam colonizar a Libéria. Crummell, por isso, nada mais fazia do que novamente se inserir nos passos de uma tradição filosófica ligada fortemente aos britânicos e que possuía como valores principais a preocupação com as tradições na vida humana e, por outro, o ceticismo com o poder da razão.[423] É o caso do já analisado "Lamb of God", que tinha como objetivo central demonstrar que a salvação do homem poderia ser alcançado apenas por sacrifícios e por uma retidão exemplar da vida humana a partir de valores e hábitos disciplinado e retos. Esse objetivo ia de encontro a uma outra escola de pensamento:

> uma escola de pensamento fria, intelectualista e dogmática, que nega a necessidade e a eficácia do sangue para propiciar o pecado; e que afirma, além disso, que apenas com a ajuda da razão pode alcançar a virtude sob os céus. Esta escola opõe–se a todas as tradições, a todas as histórias, a todos os costumes expiatórios do mundo, e recusa–se a permitir–lhes qualquer significado religioso permanente.[424]

[422] HIMMELFARB, G. *Os caminhos para a modernidade*: Os iluminismos britânico, francês e americano. São Paulo: É Realizações, 2011.
[423] *Ibid.*, p. 17.
[424] CRUMMELL, 1882, *op. cit.*, p. 61. Trad. Livre: "a school of thought, cool, heady, and dogmatic, which denies the need and efficacy of blood to propitiate sin; and which claims, moreover, that by the aid of reason alone it can

Uma escola oposta às tradições, aos costumes e a todo significado religioso que desde sempre regeu a história humana. Alexander Crummell junta nessa frase não apenas duas dimensões que sempre o acompanharam, o céu e a terra, mas em seus próprios termos se insere dentro dessa tradição filosófica que também nunca deixou de evidenciar as conexões intrínsecas entre a moralidade e a religiosidade. Como ressaltou Himmefarb, é "interessante, especialmente em se contrastando com a situação na França, ver quão longe alguns dos representantes do Iluminismo britânico podem ir na 'naturalização' da religião sem repudiá–la", sem quase nenhuma desavença por ela.[425] Pelo contrário, intelectuais como Alexander Crummell e Edmund Burke criaram seus conceitos e suas ideias tendo como base as relações intrínsecas entre o campo moral, filosófico e religioso.

Neste novo contexto dos EUA, entretanto, ocorre uma mudança bastante significativa em relação ao momento quando mobilizou essa tradição na Libéria: Alexander Crummell ressaltava mais a ausência desses elementos civilizatórios nos negros estadunidenses do que sua presença. Outra diferença enorme de seu nacionalismo liberiano e outro contraste com as definições de Moses. Tanto é que o 'princípio social' que deveria levar as populações negras a um novo estágio não era, segundo Crummell, cultivado e seu intuito era justamente lembrá–los disso. Lembrar que, para se atingir o mais alto grau da moral e da virtude, era necessário o cultivo de certos hábitos e valores. Eram os negros estadunidenses que necessitavam desses novos hábitos, não mais os africanos pagãos. Era um projeto de superação dos problemas raciais dentro do território americano, em que a raça era um meio, mas não o fim. Era o tempo eterno de Cristo em contraste com o tempo da raça em penúria e em provações. *The Greatness of Christ*, finalmente, era o novo passo para sair dessa época miserável, dessa "nação dentro da nação", por meio do cultivo e da adoção de hábitos, costumes e tradições. *The Greatness of Christ* era, em conteúdo e em forma, um exemplar e um guia para a população negra estadunidense atingir aquilo que lhe faltava: a condição eterna de sua superioridade, parafraseando o sermão que encerra o livro. E esse último discurso não é um discurso qualquer para as conclusões e continuidade de nossas argumentações.

"The Destined Superiority of The Negro" era o discurso que Crummell havia publicado mais de uma década antes, nas páginas do *African Repository*, intitulado *God 's Dealing with the African Race (1867).* Nesta republicação, reapareceram cada palavra, cada ideia. O trato de

attain virtue below the skies. This school sets itself against all the traditions, all the histories, all the expiatory customs of the world, and refuses to allow them any abiding religious significance".

[425] HIMMELFARB, *op. cit.*, p. 71; p. 73.

Deus com as nações; as razões pelas quais o Todo Poderoso destruiu alguns povos, mas poupou outras raças, e, claro, a questão dessas "qualidades da raça", da imitação e das razões do "porquê" acreditar que as populações negras eram destinadas à glória e misericórdia divina. Termos que se imbuíam de contradições com os significados anteriores, já que como mostramos, neste sermão a raça é um atributo humano dos mais profundos e significativos. Uma criação de Deus, não um estado social propriamente dito. Como tudo retorna em Crummell, obviamente retornariam as contradições e as ambiguidades daqueles que decidem mobilizar ideias e conceitos tão contraditórios. E como já observamos, estamos sempre atentos às inconsistências, pois são justamente nessas incompreensões que podemos entender melhor o conteúdo e o que conforma as propostas dos intelectuais. Propostas que, por mais que se utilizem de um vocabulário político semelhante, legitimam novos processos e outros objetivos ou horizontes, como é o caso do retorno desse sermão nas páginas de *The Greatness of Christ*.

Obviamente, é impossível dizer se este discurso era exatamente o mesmo, já que nas páginas do periódico da ACS temos somente o seu final. Porém, isso não é tão relevante para o final desta seção, pois o que nos chama realmente atenção não seriam propriamente os aspectos semelhantes, e sim, as poucas e significativas mudanças entre as duas versões. O exemplo crucial disso é o trecho que finaliza as argumentações do sermão "A discussão desta manhã nos ensina que a raça negra, da qual fazemos parte, e que, até agora, em grande simplicidade e com vastas dificuldades, está lutando **por um lugar e posição** neste país, descobre, mais exatamente, em sua história, o princípio que afirmei" (grifo nosso).[426]

Vinte anos antes, seus termos eram quase iguais, mas Crummell não falou de lutar nos EUA, e sim, que os princípios do sermão ensinavam aos negros estadunidenses e africanos na Libéria que seus destinos eram gloriosos.[427] Eram quase as mesmas palavras, a mesma forma retórica, mas contextos diferentes, projetos e realidades completamente distintas. Após 1872, quando deixou definitivamente a Libéria, os olhos do pastor contemplaram os EUA mais uma vez. Nessa nova realidade, sua interpretação eram que os negros estadunidenses não mais possuíam a civilização e cristianização, pelo contrário, seu chamado em *The Greatness of Christ* era pela busca e imitação desses processos, desses valores e princípios. A imitação, conceito central de *The Greatness of Christ*, encerrava o livro com a promessa agora não mais de um

[426] CRUMMELL, 1882, *op.cit.*, p. 351. Trad. livre do autor: "2. The discussion of this morning teaches us that the Negro race, of which we are a part, and which, as yet, in great simplicity and with vast difficulties, is struggling for place and position in this land, discovers, most exactly, in its history, the principle I have stated".

[427] A citação em 1867 foi: ""II. A discussão desta manhã nos ensina que esta raça negra, da qual fazemos parte, e que, ainda em grande simplicidade, em grande número, e em numerosas tribos nos cerca, descobre exatamente em sua história, esse mesmo princípio."

projeto de um Estado-nação negro, mas de uma qualidade que asseguraria a convivência e a recriação civilizatória das populações negras estadunidenses no próprio território em que nasceram.

A Libéria, seu projeto nacionalista e suas formas de dominação eram deixadas então de vez para trás – pelo menos, do modo como analisamos no primeiro capítulo. Crummell se voltava aos EUA pós-Guerra Civil, ao pós-abolição e ao contexto de reconstrução de um país fraturado e cindido entre negros e brancos em seu território. Sob uma ótica, nossa perspectiva é que essas mudanças não podem ser ignoradas ou analisadas apenas como uma continuidade discursiva em Crummell. Os contextos de ambos os textos eram diferentes, bem como os projetos políticos que o envolveram. Nesse sentido, acreditamos que o conceito de "nacionalismo negro" pode mais dificultar do que delinear os sentidos e os significados dos termos e das palavras mobilizadas por Crummell. Sob outro olhar, também não seguimos os caminhos propostos pela historiografia de Du Bois – desprezar por completo o impacto da Libéria em seus discursos -, pois a experiência liberiana e africana de Crummell continuava a aparecer em seus escritos, mesmo após seu retorno em 1872. No caso desta seção, analisamos como um artigo publicado em 1865 foi reelaborado para o novo projeto estadunidense, entretanto, é em nossas próximas discussões que veremos ainda mais a Libéria e a África nos projetos políticos estadunidenses de Crummell. Em outras palavras, compreenderemos como conceitos e ideias antigas foram refeitos e retornaram para - parafraseando agora o sermão que abre o livro de nossas análises da seção seguinte – suas "novas ideias e novos objetivos para uma nova era".

2.2. – Reconstruções (1882 – 1891)

Africa and America – Addresses and Discourses (1891) é bem mais semelhante ao primeiro livro de Crummell, *The Future of Africa*, do que o antecessor, *The Greatness of Christ.* Primeiro, por haver outros gêneros textuais além de sermões e discursos: um artigo, "A defence of the Negro race in America from the assaults and charges of Rev. J.L. Tucker" e dois eulógios, E*ulogium on the Life and Character of Thomas Clarkson* e *Eulogium on Henry Highland Garnet*. Outra proximidade entre ambos é que os textos estão com todas as datações e todos os seus locais de publicação ou declamação – com a exceção única de "Right–Mindedness", sem data. Por conta disso, sabemos que em *Africa and America* há textos bastante antigos, como o eulógio para Henry Highland Garnet, de 1846 e diversas publicações recentes e logo após *The*

Greatness of Christ, como “The Need of New Ideas and New– Motives for a New Era” de 1885 e “The Race–Problem in America”, de 1888. No entanto, a principal semelhança entre as obras de 1862 e 1891 é, sem dúvida, a distribuição de seus escritos e textos, no qual podemos encontrar mais explicitamente os projetos políticos do pastor para a realidade norte–americana da segunda metade do século XIX. Para ilustrar isso, da mesma forma que fizemos com *The Greatness of Christ*, abaixo apresentamos uma tabela com os títulos dos textos que formam a obra:

Tabela 2 - Amostragem dos textos de *Africa and America*

Gênero	Título	Ano de apresentação	Local de apresentação	Páginas no Livro
Texto 1	The Need of New Ideas and New- Motives for a New Era	1885	Estados Unidos	11-36
Texto 2	The Race-Problem in America	1888	Estados Unidos	37-58
Texto 3	The Black Woman of the South	1883	Estados Unidos	59-82
Texto 4	Defence of the Negro Race in America	1882	Estados Unidos	83-126
Texto 5	The Responsibility of the First Fathers of a Country, (...)	1863	Libéria	127-164
Texto 6	Our National Mistakes, and the remedy for them	1870	Libéria	165-198
Texto 7	Eulogy on Thomas Clarkson, Esq., the Abolitionist, of England	1846	Estados Unidos	199-268
Texto 8	Eulogy on Rev. Henry Highland Garnett	1882	Estados Unidos	269-306
Texto 9	Address before the American Geographical Society	1877	Estados Unidos	307-324
Texto 10	Common Sense in Common Schooling	1886	Estados Unidos	325-342
Texto 11	Excellence, an end of the trained Intellect	1884	Estados unidos	343-354
Texto 12	Right-Mindedness	Ausente	Estados Unidos	355-378
Texto 13	The Dignity of Labour, and its value to a new people	1881	Estados Unidos	379-404
Texto 14	Emigration, an aid to the civilization of Africa	1863	Libéria	405-430
Texto 15	The Regeneration of Africa	1863	Estados Unidos	431 - 454
Texto 16	Address at the Laying of the Corner Stone (...)	1890	Estados Unidos	455-466

Como se pode perceber, os títulos evocam muito mais uma realidade política específica do que ensinamentos e lições atemporais para um cristão fiel – “The Black Woman of the South”, “Our National Mistakes, and the remedy for them”. Obviamente, como reiteramos em quase todas as seções deste trabalho, os elementos políticos estão sempre conjugados com premissas teológicas e religiosas do pastor, mas pela nomeação dos textos, se vê muito mais proximidade com a forma de organização e distribuição com *The Future of Africa*. No entanto, *The Greatness of Christ* possui ao menos uma grande e importante proximidade com *Africa and America*, isto é, no modo como podemos impulsionar a análise das palavras, das ideias e dos conceitos do livro. Isso ocorre porque, assim como ocorre com o livro de 1882, em *Africa and America* também acessamos o prefácio que apresenta a obra. Bem como fizemos na seção anterior, é por meio dos estímulos e dos apontamentos desse texto introdutório que começaremos a entender os vários sentidos das palavras e ideias de Crummell. Nesse sentido, buscamos nesta seção apresentar ainda mais profundamente a realidade social e política estadunidense da segunda metade do século XIX; evidenciar os modos como Crummell articulou ideias e conceitos para intervir nos problemas e desafios desse contexto e, claro,

demonstrar como essas intervenções e interpretações se permearam de ideias e conceitos do período liberiano.

Assim, em "2.2.1. A nação condenada", pretendemos mostrar como "raça" e "nação", conceitos importantes na definição da Libéria, reaparecem para entender o contexto do pós-Reconstrução, período dos mais relevantes do século XIX nos EUA e no qual a questão racial entre brancos e negros perdurava. Nesse sentido, evidenciaremos que Crummell não mais legitimava um processo de emigração à Libéria e que a nação estadunidense teria que resolver esse problema internamente – ou então estaria condenada moralmente perante Deus. Já em "2.2.2. O futuro da raça', para evitar essa condenação, investigamos os projetos de reconstrução e regeneração propostos pelo pastor, particularmente no âmbito da família e moral negra. Ademais, pretendemos mostrar como nesse processo de reconstrução da "raça negra", a Libéria e a África assumiram novas imagens e representações do pastor. Na realidade, o próprio passado e futuro da raça seriam então ressignificados pelo pastor em seus projetos estadunidenses, bem como outros de nossos conceitos relavantes do capítulo passado, como "civilização", "escravidão" e o próprio passado, presente e futuro da raça.

Em resumo, continuaremos a demonstrar as mudanças de sentido nas argumentações do pastor para legitimar seus projetos políticos. Vocabulários semelhantes retornarão em nosso texto – a condenação da nação por Deus; a civilização; a escravidão; a África; o futuro e o passado da raça –, mas agora mobilizados para enfrentar a realidade de um país recém–saído de uma guerra civil e da abolição da escravatura. Ao fim, entre as muitas semelhanças de vocabulário e retórica que encontraremos, provavelmente a maior proximidade com os tempos liberianos estaria na preocupação contínua do autor com uma "raça" em específico. Preocupações que Crummell deixou evidente já no primeiro parágrafo do prefácio de *Africa and America*: "Atrevo–me, com toda a franqueza, a acrescentar que eu mesmo desejei a sua publicação porque pensei que os pontos de vista e opiniões que contém podem ser de valor para a Raça Negra, nesta terra".[428] Vejamos então com mais clareza qual terra ou nação eram estas e quais eram as necessidades e os destinos possíveis para a "raça negra" neste novo contexto estadunidense.

2.2.1. A nação condenada

[428] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. III. Trad. Livre do autor: "I venture, in all candour, to add that I have myself desired its publication because I have thought that the views and opinions it contains may be of value to the Negro Race, in this land".

"O leitor verá que desconsiderei a ordem do tempo na configuração desses discursos. Eles são organizados, principalmente, de acordo com a convicção do autor quanto à sua importância relativa para as pessoas a quem se referem".[429] Como já mencionamos, os textos introdutórios possuem uma enormidade de detalhes para o entendimento de um livro e, frequentemente, isso ocorre em poucas palavras. No trecho anterior, o segundo parágrafo do livro, Crummell deixou claro a forma como pensou sua organização e como decidiu exibir ao leitor a disposição dos textos. Assim, *Africa and America* era destinado às populações negras estadunidenses e suas propostas do livro deveriam ser julgadas por "seus leitores, na esperança de que se mostre um instrumento de influência e progresso entre meu povo".[430] Ademais, o autor também indicou que os primeiros textos eram os mais relevantes na compreensão das propostas e das esperanças do autor na resolução dos desafios e dos problemas da "raça" naqueles tempos. Dentre esses primeiros, podemos ressaltar os quatro discursos iniciais, já que, a partir do quinto, outros sentidos são vislumbrados na obra e deixaremos estes outros significados para um momento posterior da investigação. Por conseguinte, acreditamos que nesta quadrilogia inicial consigamos vislumbrar melhor o que Crummell deixou explícito no prefácio: sua busca por determinar os caminhos e projetos para o progresso e futuro de seu povo.

Todos os quatro sermões que iniciam o livro foram discursados na década de oitenta e todos nos EUA. Declamado em 1885, "The Need of New Ideas and New Aims for a New Era" é o primeiro; o próximo é o "The Race Problem in America", de 1888; "The Black Woman of the South", de 1883, é o terceiro e o quarto texto é "A Defence of the Negro Race in America", que foi proferido em 1882. Nesta subseção, focaremos em apenas um destes, "The Race Problem in America" e em razão de ao menos três aspectos. Primeiro, como o próprio título indica, porque nele somos lançados ao contexto estadunidense e aos desafios daquele período, propriamente ao problema da raça na América. Assim, esse discurso de 1888 é um grande guia para detalharmos os processos históricos e sociais nos quais Crummell buscava intervir, sobretudo os eventos que se seguiram à Guerra Civil. A segunda razão é em vista de nossos objetivos, já que nesse discurso encontramos diversos significados de algund dos conceitos guias de nosso trabalho, como "raça" e "nação. Nesse sentido, conseguiremos estabelecer comparações desses termos com os escritos anteriores do autor, bem como adentrar em outras

[429] *Ibid.*, p. III. Trad. Livre do autor: "The Reader will see that I have disregarded the order of time in the setting of these addresses. They are arranged, mainly, according to the author's conviction of their relative importance to the people to whom they refer".
[430] *Ibid.*, p. VII. Trad. livre do autor: "I submit this volume to the thought and judgment of its readers, with the hope that it may prove an instrument for influence and progress among my people".

contradições e ambiguidades que aparecem neste novo contexto estadunidense. Por fim, a última razão é que, além de possuir um final arrebatador como é característico de Crummell, seu encerramento é também uma indicação dos modos como o autor pretendia solucionar os problemas da América e da nação estadunidense.

***

Neste novo período estadunidense, os panfletos e discursos de Crummell não mais eram republicados em periódicos como da *ACS*, mas seus vínculos e suas ideias continuavam a compartilhar os espaços com outras organizações e entidades. Alexander Crummell, agora um líder paroquial importante em Washington, circulava nos EUA por instituições e eventos eclesiásticos e seculares. Assim, declamava temas diversos para plateias distintas, mostrando não apenas que sua voz ressoava bem em múltiplos cantos, mas também que suas ideias se aproximavam ou se embatiam com projetos políticos e sociais. Um dos principais exemplos disso é o sermão que analisaremos nesta seção, "The Race Problem in America", proclamado na cidade de Buffalo, no estado de Nova York. Suas palavras poderiam ter sido plenamente discursadas em ambientes como o parlamento da Monróvia (como fora com *The Duty of a Rising Christian Church*), mas sua apresentação de 1888 ocorreu em um dos principais eventos episcopais nos EUA: o congresso anual da denominação. Esses encontros episcopais estadunidenses eram realizados desde 1874 e foram criados sob a inspiração dos congressos realizados pela "igreja mãe" dos episcopais americanos: os anglicanos ingleses, que já faziam suas reuniões desde pelo menos 1860.[431]

O evento estadunidense durava alguns poucos dias, nos quais eram declamados e discutidos textos de temáticas sociais, religiosas e políticas, como evidenciam o título de alguns poucos deles: "Mutual Obligations of Capital and Labor" (1874), "Ethics of the Tariff Question" (1882), "Theism and Evolution" (1891), Socialism (1891)[432] e, claro, de "The Race Problem in America" (1888). Assim, por meio desse rápido histórico, não apenas descobrimos que as ideias de Crummell continuavam a compartilhar significados, sentidos e debates com instituições e organizações, mas que novamente as ligações intrínsecas entre as dimensões políticas, religiosas e sociais não eram peculiares apenas do autor. Se em outro momento do tempo, o pastor declamou um sermão de conotações bastante religiosas para parlamentares liberianos, agora suas palavras bastante políticas eram escutadas em um espaço eminentemente religioso.

---

[431] SPIELMANN, R. M.. A Neglected Source: The Episcopal Church Congress, 1874-1934. *Anglican and Episcopal History*, v. 1, n. 58, 1989, p. 54.
[432] *Ibid*., p. 61.

"A residência de várias raças de homens na mesma comunidade nacional é um fato que ocorreu em todos os períodos de tempo e em todos os cantos do globo. Este fato histórico é tão conhecido que a menção de alguns casos especiais será suficiente para esta ocasião".[433] Crummell delimitou já em suas primeiras linhas ou palavras o tema do sermão e universalizou o problema central por que passava os EUA: raças que conviviam em um mesmo território, em uma mesma comunidade nacional. Os casos especiais citados pelo autor eram referências que já apareceram em seus textos anteriores. Temos aí o Egito e o Império Romano, mas juntos de novos exemplos, como a história babilônica e a ocupação mulçumana na Península Ibérica entre os séculos VIII a XVI. "E agora, no século XIX, temos a maior ilustração do mesmo fato na nossa própria República, onde estão reunidos, numa comunidade nacional, sessenta milhões de pessoas de todas as raças e ascendências sob o sol".[434]

"Nação" e "raça" apareceram em significados bem distintos neste início. O primeiro termo claramente se refere à República estadunidense, em sentidos bem próximos daqueles mobilizados por Crummell em seus tempos liberianos. Um Estado–nação, uma comunidade nacional como a Libéria, mas que passava por um problema bastante diferente deste último: o convívio entre raças totalmente distintas. Raça, aliás, será delimitado minuciosamente mais à frente, talvez de maneiras que Crummell nunca havia feito. Por agora, no entanto, basta guardar que suas análises se voltaram então para a nação estadunidense e seu principal desafio: a presença de raças no mesmo território e cada uma com suas próprias características.

A "mais influente" e "poderosa" era a anglo saxã. "Em muitos aspectos, tem sido o elemento mais importante da população americana; na grandeza numérica, na política e no poder civil, na impressão educacional e na influência religiosa".[435] Além deles, Crummell cita também os alemães e os celtas, cada um com sua contribuição e herança à nacionalidade americana e, por último, os responsáveis por uma das "primeiras contribuições para a população americana": o contingente negro.[436] Veja que Crummell pensava em termos de contribuição e responsabilidades dessas raças à República estadunidense, da mesma forma que um dia pensou nas contribuições e deveres das nações para com a humanidade. Mas esse não era o tema do

[433] CRUMMELL, 1881, *op. cit.*, p. 39. Trad. livre do autor: "The residence of various races of men in the same national community is a fact which has occurred in every period of time and in every quarter of the globe. So well known is this fact of history that the mention of a few special instances will be sufficient for this occasion'
[434] *Ibid.* p. 39. Trad. livre do autor: "And now, in the 19th century, we have the largest illustration of the same fact in our own Republic, where are gathered together, in one national community, sixty millions of people of every race and kindred under the sun".
[435] *Ibid.*, p. 42. Trad. livre do autor: "In many respects it has been the foremost element in the American population; in largeness of numbers, in civil polity and power, in educational impress, and in religious influence"
[436] *Ibid.*, p. 44. Trad. livre do autor: "The Negro contingent was one of the earliest contributions to the American population".

sermão, na verdade seu objetivo era discutir como essas raças poderiam viver em harmonia, sem conflito e em paz.[437] Melhor, seu tema central estava totalmente conectado ao contexto estadunidense da segunda metade do século XIX e delimitava como essencial a resolução de um conflito entre duas raças específicas: "Quais são as probabilidades de amizade numa terra onde existe uma divergência racial tão grande como a do Saxão, por um lado, e a do Negro, por outro?"[438]

Alexander Crummell estruturou nessa pequena pergunta um dos conflitos históricos que determinava os rumos dos EUA desde pelo menos o século XVIII e havia assumido novos contornos após a Guerra Civil. Nosso primeiro capítulo é basicamente uma das respostas encontradas por aqueles que imaginavam não haver qualquer probabilidade de sucesso ao convívio entre uma democracia de brancos e negros: era necessário a emigração negra para fora do território americano. Como já evidenciamos, o reassentamento na Libéria era então uma forma de se evitar a guerra civil nos EUA e, para homens como Crummell, um local de promessas de liberdade e de autonomia para o povo negro, longe do racismo e das amarras da escravidão. Entretanto, a trágica guerra ocorreu e as batalhas entre o Norte e o Sul de 1861 a 1865, como dito pelo pastor na seção passada, limparam o pecado escravista estadunidense. Iniciava–se então, a partir do fim da guerra, um dos períodos mais controversos da história estadunidense: a Reconstrução (1865 – 1877).

Segundo os próprios historiadores desse período, as controvérsias e os longos debates interpretativos que cercam esse momento muitas vezes dificultam qualquer explanação didática e concisa.[439] Não apenas a própria cronologia e os marcos temporais dos eventos são contestados, mas também as razões do sucesso ou fracasso de seus objetivos, assim como o legado e as consequências que seus propósitos deixaram. Exemplificativo disso são os debates de W.E.B Du Bois contra a interpretação dos membros da escola supremacista branca, racista

---

[437] Alexander Crummell não fez qualquer menção aos indígenas estadunidenses. Esse silêncio tem muitos motivos e podemos listar a própria ideia de que a extinção completa de seus membros era suposta iminente, concepção que era compartilhada por muitos outros intelectuais do período, brancos ou negros. Tocqueville, por exemplo, em sua obra já havia afirmado que o destino dos habitantes originários era perecer, já que seus valores eram incompatíveis e fracos perante a liberdade e civilização estadunidense (TOCQUEVILLE, *op. cit.*, p. 383). Se rememorarmos, Crummell expressou-se em termos semelhantes aos de Tocqueville, principalmente ao comparar a perpetuidade da "raça negra" mesmo diante de obstáculos e a história de outras "raças" que sucumbiram à civilização e à colonização. No entanto, é bom lembrar que os indígenas não deixaram em nenhum momento de fazer parte da história norte-americana, ainda mais no século XIX e no processo de expansão ao Oeste. Aliás, o século XIX foi um período de muita resistência, luta e embate dos povos indígenas para sobreviver e perpetuar suas culturas nos EUA.

[438] Ibid., p. 50. Trad. livre do autor: "What are the probabilities of amity in a land where exists such wide divergence of race as the Saxon on the one hand and the Negro on the other?"

[439] HARLOW, Luke E.. The Future of Reconstruction Studies. In.: *The Journal of the Civil Era.* Disponível em: https://www.journalofthecivilwarera.org/forum-the-future-of-reconstruction-studies. Acesso em: 12 out. 2023.

e antidemocrática de Dunning. Para esses últimos, simbolizado pela figura do professor que dá nome à escola, William Archibald Dunning (1857–1922), a Reconstrução foi um período de submissão do Sul às políticas do Norte; de perda de importantes valores sulistas e estadunidenses (liberdade, tradicionalismo) e de uma amostragem significativa que os negros libertos eram incapazes de autogoverno, o que legitimava a continuidade de uma segregação pós–Guerra Civil.[440] A Reconstrução, em seus termos, era um fracasso total. Já Du Bois, apesar de reconhecer diversos erros do período, discordou frontalmente que os negros estadunidenses foram incapazes de se aprimorar e educar em liberdade, demonstrando que os erros e fracassos da Reconstrução se deram muito mais pela forma de sua implementação e menos por seus objetivos. Para o autor, ficou claro os avanços políticos, educacionais e culturais que jovens negros e negras tiveram mesmo com a pouca instrução que receberam e com os diversos conflitos em uma sociedade segregada entre brancos e negros.[441] A Reconstrução, se não era um sucesso completo, obteve aprimoramentos importantes e apontou princípios e caminhos que não poderiam ser esquecidos. Visões historiográficas conflitantes e que deram o tom dos debates, revisionismos e novas perspectivas que se estenderam por todo o século XX, representados, por exemplo, nos estudos seminais de Eric Foner.

Foner, além de se contrapor às visões racistas da escola de Dunning, considera que a Reconstrução foi uma conquista dos movimentos políticos e sociais dos negros organizados nos EUA, seja das cidades do norte, seja de grupos organizados no sul.[442] Para o autor, esse processo culminou em uma experiência massiva de democracia inter–racial sem precedentes na história deste ou de qualquer outro país que aboliu a escravatura no século XIX".[443] Não por acaso Foner considera a Reconstrução como uma segunda fundação dos EUA, marcada pela difusão e consolidação de direitos constitucionais dos mais importantes.[444] Esses direitos estão simbolizados pela aprovação da décima-terceira, décima-quarta e décima-quinta emendas à constituição dos EUA. A primeira, ratificada em 1865, aboliu de vez a escravidão em todo o território nacional; a segunda, aprovada em 1868, estabeleceu direitos de cidadania e igualdade perante a lei a todos os cidadãos estadunidenses e a terceira, de 1869, proibiu a discriminação no direito de voto com base na raça, na cor ou na condição pregressa de servidão.[445] Em síntese,

---

[440] GRANT, Susan-Mary; PARRISH, Peter J. (ed). *Legacy of Disunion*: The Enduring Significance of the Civil War. Baton Rouge: LSU Press, 2003.
[441] Du Bois, 2021, *op. cit.*, p. 33-61.
[442] FONER, Eric. Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863 - 1877. Nova York: Harper & Row, 1988, p. 112.
[443] *Ibid.*, p. xxv.
[444] FONER, Eric. *The Second Founding*: How the Civil War and Reconstruction Remade the Constitution.
[445] HARRISON, John. The Lawfulness of the Reconstruction Amendments. *The University of Chicago Law Review*, 2001, v. 68, n. 2, p. 375-462.

Foner considera a Reconstrução como uma revolução incompleta, como aquilo que poderia ter sido um avanço nos direitos sociais estadunidenses, mas que fracassou por embates políticos, raciais e institucionais no país. [446]

Apesar dessas diferentes interpretações, os historiadores do período não deixam de reconhecer certos pontos de concordância na interpretação dos eventos pós–Guerra Civil, o que nos ajuda a apresentar esse contexto importante no qual Crummell esteve inserido e do qual era um herdeiro direto. O início mais consagrado da Reconstrução gira em torno do pós–guerra, propriamente com o fim da Guerra Civil.[447] A partir dessa data, o sul derrotado e os Estados Confederados foram ocupados militarmente por tropas estadunidenses a mando do partido Republicano e dos estados do Norte.[448] Essas tropas buscavam garantir segurança para unificar e integrar o sul nas estruturas econômicas e políticas do país. Outrossim, procuravam também assegurar o progresso e a inserção das camadas populacionais negras e libertas na sociedade estadunidense. É nesse cenário que as já citadas *Reconstruction Amendments* foram aprovados pelo Congresso e tiveram impacto substancial na vida e trajetória dos negros estadunidenses.

Essas foram medidas que, obviamente, geraram reações nas classes políticas e econômicas do sul, em outros setores das populações brancas e no partido Democrata, que pressionavam pelo fim da Reconstrução e da ocupação militar no sul.[449] Com isso, depois de inúmeros conflitos políticos e sociais ao longo de mais de uma década, a Reconstrução teria seu derradeiro momento justamente com o ultimato final dos setores sulistas, em 1877. O episódio, que ficou conhecido como *The Compromise of 1877*, basicamente foi um acordo entre os democratas e republicanos, nos quais os primeiros somente reconheceriam a eleição do presidente eleito em 1876, o republicano Rutherford B. Hayes (1822 – 1893), caso as tropas militares deixassem permanente o sul dos EUA. O compromisso foi então firmado, a Reconstrução deixada à deriva e o sul dos EUA tomado pelo revanchismo branco e retrocessos políticos e sociais nos Estados do Sul. O símbolo principal desse desmantelamento foi a

---

[446] FONER, Eric. *Reconstruction*: America's Unfinished Revolution, 1863–1877. Nova York: Harper Perennial, 2014; PERMAN, Michael. Eric Foner's Reconstruction: A Finished Revolution. *Reviews in American History*, v. 17, n. 1, 1989, p. 73–78; SUMMERS, Mark Wahlgren. The Ordeal of the Reunion: A New History of Reconstruction. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014.

[447] HARLOW, *op. cit.*.

[448] Cabe sempre lembrar que, diferentemente do que ocorre hoje, o partido Republicano era no período aquele que recebia apoio majoritário dos negros estadunidenses, como a luta pelos direitos políticos. A mudança ocorreu somente partir da luta dos direitos civis na segunda metade do século XX, quando o partido Democrata mudou de perfil eleitoral e passou a agregar pautas relacionadas ao fim da segregação racial entre brancos e negros no país. Em contrapartida, os Republicanos modificaram seus quadros políticos e passaram a estar ligados à cultura conservadora e branca do país.

[449] Como símbolo da reação dessas camadas, podemos citar a criação de organização paramilitares e racistas brancas no sul como a *White League*, a *Red Shirts* e, a mais famosa, KKK (Ku Klux Klan). LEMANN, Nicholas. Redemption: The Last Battle of the Civil War. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2007.

promulgação das chamadas leis Jim Crow, que formalizaram a segregação e hegemonia branca nos EUA, ao estabelecer leis civis e políticas que esvaziaram os direitos anteriormente estabelecidos nas *Reconstruction Amendments*.[450] Desse modo, Alexander Crummell, que retornara aos EUA em 1872 e em meio à Reconstrução, seria menos um protagonista desse momento e mais um herdeiro das questões principais que tomaram essa época.

Esses debates, além dessa cronologia canônica, são propriamente o outro ponto comum que os historiadores do período geralmente identificam como característicos da Reconstrução.

> Apesar de todas as suas diferenças de interpretação, a historiografia compartilhava muitas suposições. A principal delas era que a Reconstrução, embora de âmbito nacional, girava em torno de dois binários: a divisão entre o Norte e o Sul emergindo da Guerra de Rebelião Confederada e a divisão entre americanos negros e brancos emergindo da experiência escravizada.[451]

Desse modo, as camadas, os sentidos de seus textos e discursos, principalmente após *The Greatness of Christ*, buscaram intervir e solucionar os dois pontos ressaltados no excerto anterior: a divisão entre as regiões do sul e do norte e a segregação entre os norte–americanos brancos e negros após a escravidão. A Reconstrução poderia ter acabado, mas essas duas questões principais que envolveram o período perduravam em balisar o debate norte-americano. Portanto, a separação e o conflito entre negros e brancos foi o que ensejou e guiou o sermão de 1888: "Quais são as probabilidades de amizade numa terra onde existe uma divergência racial tão grande como a do Saxão, por um lado, e a do Negro, por outro?". Crummell seguia então a pergunta que sempre pairou na sociedade estadunidense antes mesmo do fim da escravidão, mas que agora tomava outros significados pós-Guerra Civil, pós-abolição e pós-Reconstrução. Assim, se um dia seus caminhos levaram a responder por um território negro e separado em África, em *The Race–Problem in America*, veremos que as soluções desse período, embora com termos utilizados na Libéria, buscaram uma solução moral e restrita ao próprio território estadunidense.

***

Alexander Crummell mobilizou argumentos históricos e científicos para responder a essa pergunta central de *The Race Problem in America*. Primeiramente, demonstrou que bastava uma rápida olhada em processos históricos semelhantes para concluir sem hesitações: não

---

[450] KOUSSER, J. M.. *The shaping of Southern politics*: Suffrage Restriction and the Establishment of The One-Party South; 1880-1910. [S.l.]: Yale Univ. Press, 1975.

[451] HARLOW, *op. cit.* Trad. Livre do autor: "For all their differences of interpretation, the historiography shared many assumptions. Chief among them was that Reconstruction, if national in scope, turned on two binaries: the divide between North and South emerging from the Confederate War of Rebellion and the divide between black and white Americans emerging from the enslaved experience".

existia uma "lei histórica fixa pela qual se possam determinar as probabilidades do problema racial nos Estados Unidos. Não podemos encontrar em parte alguma tal invariabilidade de resultados que estabeleça um princípio ou determine o que pode ser chamado de axioma histórico".[452] Crummell volta então aos exemplos que citara, quando proclamou que o problema da raça em uma mesma comunidade nacional era um problema universal. Na Babilônia, em Nimrod e Assur, cada cidade de uma linhagem ("stock") distinta, o problema foi resolvido a partir da fusão ("amalgamation") entre os locais. No Egito, os judeus foram expulsos após quatrocentos anos sob o domínio faraônico. E complementou com outros inúmeros exemplos, como a fusão dos tártaros com os chineses no século X e a absorção ("absorption") dos vândalos e godos na sociedade italiana.[453] Basicamente uma página de casos e situações, que em síntese mostrava seu ponto: "não podemos encontrar nenhum precedente histórico definido ou princípio aplicável ao problema racial na América".[454]

No entanto, o autor logo afirmava que havia maneiras de identificar certas tendências na população estadunidense nos últimos duzentos anos. Tendências estabelecidas, "e que mostram, se não me engano, o destino das raças".[455]

> Quais são, então, as probabilidades do futuro? As indicações apontam para a fusão ou para a absorção como resultado da vida racial na América? Devemos ter a mistura dos nossos povos num só sangue comum ou a perpetuidade de nossas diversas linhagens, com a integridade permanente de raça, sangue e caráter?

A última pergunta desse trecho é o que guia o texto do autor até praticamente suas páginas finais. Para isso, o autor se utiliza mais uma vez de uma base histórica, mas agora em conjunto com teorias científicas da época. Nesse sentido, o autor começa sua resposta estabelecendo sua oposição à teoria do período que, em linhas gerais, estabelecia a fusão como o destino final ao problema racial estadunidense.[456] Crummell dizia, claro, estar a par das leis naturais que estabeleciam a heterogeneidade como destino final e no qual o simples tornava-se complexo e variado.[457] Entretanto, o autor mais uma vez queria sair do abstrato e se voltar ao

---

[452] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 40. Trad. livre do autor: "no fixed law of history by which to determine the probabilities of the race-problem in the United States. We can find nowhere such invariability of result as to set a principle or determine what may be called an historical axiom.

[453] *Ibid.*, p. 41.

[454] *Ibid*., p. 41. Trad. livre do autor: "that we can find no definite historical precedent or principle applicable to the race-problem in America".

[455] *Ibid.*, p. 41. Trad. livre do autor: "and which show, if I mistake not, the destiny of races".

[456] Adiante, investigaremos mais atentamente essas teorias acerca da fusão das raças nos EUA.

[457] Crummell deixa essa ideia entre aspas no texto, mas não coloca as referências no rodapé da página. Infelizmente, ao realizarmos uma pesquisa online, também não foi possível encontrar o possível autor da frase. O trecho como um todo é: "Eu poderia encontrar a teoria que antecipa a amálgama pelo grande princípio manifestado em todas as esferas, a saber: 'Que a natureza está constantemente partindo do simples para o complexo; começando em novas linhas do homogêneo para o heterogêneo; atacando de diversas maneiras em variedade;' (...)". Trad.

concreto da história estadunidense. "Será que uma nova raça misturada, o resultado dos nossos diversos elementos, surgiu do cadinho[458] da nossa nacionalidade heterogénea?"[459], era o questionamento que impulsionava o autor na história norte–americana. É nesse momento que Crummell define aquelas raças que ocuparam o território nesses duzentos anos, às quais chamamos atenção anteriormente. Após a delimitação dos grupos e suas histórias na América – os saxões, os celtas, os alemães e os negros –, sua conclusão era categórica: não houve qualquer tipo de miscigenação ou fusão e cada raça permaneceu separada no território (todas as raças, inclusive os alemães, celtas e saxões). Qualquer forma de miscigenação era fruto de algum incidente ou circunstância, não de um fato científico e histórico que pudesse estabelecer uma tendência no futuro. A miscigenação entre negros e brancos no sul dos EUA era um exemplo disso, já que era fruto de uma violenta ação dos brancos contra as mulheres negras sulistas. A fusão, em seu significado, é justamente o oposto disso, sendo que nesse processo é necessário o consentimento entre as partes.[460] Portanto, tem "havido mistura de sangue – não pela fusão, o que implica consentimento, mas através da vitimização da mulher negra indefesa".[461] Diante disso, a história nacional era composta por raças que, se em algum momento se conectaram, não se deu em condições iguais e harmônicas, mas de miséria e violência.

Neste sermão, Alexander Crummell estabeleceu bem o que chama de "raça" e "nação". Ao contrário de outros de seus discursos, sobretudo em *The Greatness of Christ*, os termos não se confundem e a argumentação é clara: a raça é sinônimo desses grupos sociais que conviveram em um território, em uma nação que tentava se reconstruir após anos de guerras e misérias. Por isso, após essa exposição histórica, o autor retomava a pergunta: "'Uma nova raça, produto de nossos diversos elementos, surgiu aqui na América?'"[462] Essa retomada da pergunta não apenas levou Crummell a estabelecer outros sentidos e significados a seus termos, mas também a

---

livre do autor: "I might meet the theory which anticipates amalgamation by the great principle manifested in every sphere, viz: 'That nature is constantly departing from the simple to the complex ; starting off in new lines from the homogeneous to the heterogeneous; striking out in divers ways into variety;' (...).

[458] O termo "cadinho", como se pode ver na tradução abaixo, foi traduzido de "crucible". Primeiramente, havíamos preferido "cruzamento" ou "mistura", mas cadinho, apesar de soar estranho no português, foi realmente o sentido que Crummell pretendeu nessa frase. Cadinho é um recipiente em que objetos de metal são colocados para serem fundidos em novos elementos ou em uma nova liga metálica. Assim, uma metáfora perfeita para entender a teoria na qual o autor estabelecia uma oposição.

[459] Ibid., p. 42. Trad. livre do autor: "Has a new commingled race, the result of our diverse elements, come forth from the crucible of our heterogeneous nationality?"

[460] *Ibid*., p. 45.

[461] *Ibid*., p. 45. Trad. livre do autor: "Intermixture of blood there has been—not by the amalgamation, which implies consent, but through the victimizing of the helpless black woman".

[462] *Ibid*., p. 45-46. Trad. livre do autor: "'Has a new race, the product of our diverse elements, sprung up here in America?'"

determinar a única resolução possível do problema fundamental estadunidense: o domínio de ideias e princípios. Em vista de compreender melhor essa perspetica, no entanto, continuemos suas argumentações e o que o autor compreende por "raça" neste sermão:

> As raças, assim como as famílias, são os organismos e a ordenação de Deus; e o sentimento racial, assim como o sentimento familiar, é de origem divina. A extinção do sentimento racial é tão possível quanto a extinção do sentimento familiar. Na verdade, uma raça é uma família. O princípio da continuidade é tão magistral nas raças como nas famílias – como nas nações.[463]

O primeiro ponto interessante e fundamental a nossa argumentação é pensar essa conceituação de "raça" à luz do que apresentamos na seção passada, propriamente ao relembrar que Crummell havia definido a categoria como um elemento temporário das populações negras. *The Greatness of Christ* era um chamado aos cristãos negros à imitação dos valores fundamentais da modernidade – civilização, moralidade, cristianismo –, em busca de um novo tempo em que as raças e qualquer diferenciação humana seriam apenas meros acidentes. Em suma, a raça foi qualificada no livro de 1882 em aspectos muito mais sociais que divinos, já que eram os brancos, lembremos, que não deixavam os negros esquecerem que sua condição era de uma "nação dentro de uma outra nação". Portanto, para sair dessa condição, a raça somente servia aos negros como um meio e um meio que utilizariam para superar esse estado de inferioridade. Já em 1891, em "The Race Problem in America", a raça apareceu com outros significados, mais conectado a outros momentos da trajetória do pastor, isto é, permanente, de origem divina, a "raça" era nesses trechos um dado histórico-teológico e uma característica constitutiva da história humana.

Outro ponto comparativo é perceber neste trecho argumentos do contexto liberiano. Alexander Crummell, em sua trajetória em África, frequentemente significou "raça" ou "nação" em termos familiares. Rememoremos que a nação liberiana deveria cumprir seus deveres, pois era parte da humanidade ou da grande família humana. A Libéria também era entendida em torno de um paradigma familiar, isto é, os negros estadunidenses civilizados deveriam retornar a seu lar, a sua casa, para reerguer seus "parentes" "bárbaros" e "pagãos". Além disso, nem propriamente a divinização das origens dessas categorias era inédito, pois Crummell, principalmente em seus últimos dias na Libéria, já havia estabelecido que Deus fez certas relações que obrigaram os homens a se diferenciarem e se juntarem. "As mais aparentes" eram

[463] *Ibid.*, p. 46. Trad. livre do autor: "Races, like families, are the organisms and the ordinance of God; and race feeling, like the family feeling, is of divine origin. The extinction of race feeling is just as possible as the extinction of family feeling. Indeed, a race is a family. The principle of continuity is as masterful in races as it is in families—as it is in nations".

"a FAMÍLIA, a IGREJA, o ESTADO ou NAÇÃO".[464] No entanto, o paradigma familiar e de sangue que conformava sua conceituação de raça era agora determinante não aos rumos liberianos, mas ao futuro nacional estadunidense. Além disso, essa constituição da raça nas estruturas humanas não assumiu neste trecho apenas contornos histórico-teológicos, mas também uma determinação bastante comum ao século XIX: a caracterização científica da categoria.

O pastor estabeleceu essa definição contra o argumento do também clérigo Josiah Strong (1847 – 1916). Este último, em sua obra *Our Country* (1885), escrevera acerca da possibilidade de esquecer qualquer sentimento ou vínculo racial. Crummell rebateu dizendo que era impossível esquecer a raça não por conta das instituições, leis segregacionistas e atos violentos dos brancos estadunidenses – argumento de *The Greatness of Christ* –, mas sim porque o princípio da raça "é um dos mais persistentes de todas as coisas na constituição do homem. É um daqueles fatos estruturais de nossa natureza que possuem um poder fixo, vital e reprodutivo".[465]

> Uma vez que o tipo racial se fixa como uma nova variedade, ele atua precisamente como a vida familiar; pois, em primeiro lugar, ele se propaga por aquele instinto divino de reprodução, vital em todas as criaturas vivas, e em segundo lugar, seu crescimento como uma 'semente segundo sua própria espécie e em si mesmo', por meio do qual o tipo de raça se torna uma perpetuidade, com sua própria forma, constituição, características e estrutura distintas. A hereditariedade é um fato tão verdadeiro nas raças como nas famílias, assim como nos indivíduos.[466]

Esse provavelmente foi o momento em que Crummell mais se utilizou de um vocabulário das teorias racialistas e científicas do século XIX. Apesar de iniciar remetendo a um plano histórico-teológico (instinto divino), na sequência, a raça apareceu próxima de termos biológicos e racialistas do século XIX, como "criaturas vivas", "espécie", "tipo racial", "reprodução", a metáfora vegetal da "semente". O racialismo, que apresentamos no capítulo anterior por meio das sociedades científicas analisadas por Stocking Jr., tinha como suposição que as raças eram qualitativamente distintas entre si e "e que os comportamentos dos indivíduos seriam determinados pelas capacidades, limites e tendências particulares de sua raça, donde se explicaria a heterogeneidade dos hábitos e sociedades humanas".[467] Como a influência da raça

---

[464] CRUMMELL, 1872, *op. cit*, p. 166.
[465] *Ibid.*, p. 46. Trad. livre do autor: "is one of the most persistent of all things in the constitution of man. It is one of those structural facts in our nature which abide with a fixed, vital, and reproductive power".
[466] *Ibid*., p. 47. Trad. livre do autor: "When once the racetype gets fixed as a new variety, then it acts precisely as the family life ; for, 1st, it propagates itself by that divine instinct of reproduction, vital in all living creatures, and next, 2nd, it has a growth asa' seed after its own kind and in itself,' whereby the race-type becomes a perpetuity, with its own distinctive form, constitution, features, and structure. Heredity is just as true a fact in races as in families, as it is in individuals".
[467] MARCUSSI, Alexandre A.. Mestiçagem e perversão sexual em Gilberto Freyre e Arthur de Gobineau. *Estudos Históricos*, v. 26, n. 52, 2013, p. 275–293.

se tornou então um pressuposto no período, uma diversidade de teorias surgiu acerca de suas origens (monogenismo e poligenismo), bem como de suas consequências e ações na vida humana. Uma vida humana que, aliás, parecia exibir uma diversidade dessas linhas raciais. Os livros e os trabalhos de Arthur de Gobineau (1816 – 1882) podem ser resgatados como exemplificativos disso, particularmente o *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humana*s, publicado nos anos de 1853 e 1855.[468] Em uma sequência de seis livros seccionados em quatro volumes, o autor discutiu temáticas semelhantes às que aparecem em Crummell, apresentando argumentos acerca das qualificações da raça e das possibilidades da mestiçagem racial. Ao final, o grande diferencial de Gobineau se deu por sua sistematização da noção de mestiçagem racial que, apesar de não ter exercido tanta influência no século XIX, foi determinante para intelectuais da virada do século XX, Gilberto Freyre entre eles.[469]

Especificamente nos Estados Unidos, de acordo com Luciana da Cruz Brito, debates em termos semelhantes a Gobineau também aconteceram, principalmente na figura do naturalista suíço Louis Agassiz (1807 – 1873).[470] O autor, um partidário da teoria poligenista, defendia, desde a década de 1840, que a mistura de raças distintas poderia levar à degeneração racial e que o resultado dessa mistura, "o mulato", "carregaria as piores características de ambas as espécies.[471] O autor, após a abolição, continuou sustentando essas teses e proclamando a impossibilidade e os perigos para a nação estadunidense do convívio de duas "espécies distintas" no território, ou seja, o convívio entre brancos e negros.[472] Dentro disso, a palavra mais frequentemente utilizada por autores como Agassiz para expressar esse receio de miscigenação era "amalgamation", exatamente os termos utilizados por Crummell neste sermão de *Africa and America*. Como também mostra Brito, esse era um dos conceitos mais usados nos EUA para descrever o processo de miscigenação no país. Como exemplo disso, podemos citar um artigo que Brito menciona em seu livro para demonstrar a circulação das ideias e dos projetos políticos de Agassiz na sociedade norte-americana. O texto se chama "Brazil as seen by Mr. Agassiz" e foi publicado no pós-Guerra Civil estadunidense, do mesmo modo que as obras analisadas neste capítulo:

> A questão da emancipação [no Brasil] é tratada num espírito muito mais moderado do que tem sido nos Estados Unidos. A escravidão está gradualmente morrendo sob um sistema razoável, a emancipação é frequente e o trabalho escravo está paulatinamente sendo limitado aos fins agrícolas. Por outro lado, a mistura de raças parece produzir

[468] *Ibid*., p. 284.
[469] *Ibid*., p. 285.
[470] BRITO, *op. cit*., p. 96.
[471] BRITO, *op. cit.*, p. 97.
[472] BRITO, *op. cit*. p. 98.

> os piores efeitos. Segundo o professor Agassiz, a **amalgamação** das raças do branco, negro e índio está produzindo um 'tipo mestiço indescritível, deficiente em energia física e mental, e sem as boas qualidades de qualquer um dos progenitores (grifo nosso).[473]

Assim, como bem analisou Brito, além de demonstrar uma das representações do Brasil nos debates e discussões raciais do contexto norte-americano, esse trecho evidencia também um dos impasses da sociedade estadunidense naquelas décadas: "o que fazer com a população liberta e como evitar os supostos efeitos extremamente negativos provocados pelo convívio entre negros e brancos, sendo o pior deles a mistura racial?"[474] Crummel, de certa forma, se colocava com esse sermão diante do mesmo dilema, entrento, seus caminhos para a resolução desse dilema seriam outros. Primeiramente, concluiu que a história estadunidense não tenderia para a amalgamação entre as raças, seja por uma questão de análise histórica, seja porque, em termos racialistas, não havia como extinguir os lações sanguíneos de uma raça, pois o elemento racial era um sentimento originário e divino da humanidade.[475] Consequentemente, colocou em outros termos a questão racial no país:

> Na verdade, o problema racial é moral. É uma questão inteiramente de ideias. Sua solução virá especialmente do domínio dos princípios. Como todas as outras grandes batalhas da humanidade, esta será travada com as armas da verdade. O problema racial é uma questão de vida orgânica e deve ser tratado como uma questão ética pelas leis do sistema cristão. 'Assim como as doenças da mente são invisíveis, seus remédios também devem ser.[476]

Ao fim, não apenas este trabalho parece se preocupar com as ideias, mas os próprios projetos de Alexander Crummell aos EUA. Essa preocupação do autor, ao fim desse discurso, pode ser entendida de duas maneiras conectadas e distintas, que nos levam não apenas a retomar a seção anterior, mas aspectos de todo o nosso trabalho.

Um primeiro sentido, mais sutil aqui, nos conecta à seção passada, à centralidade da categoria de imitação. Quando o autor diz que o problema do racismo é um problema moral, de ideias, o autor logo remete ao espírito da época mais uma vez: o cristianismo. Sua entrada no domínio da humanidade trouxe valores, princípios e mudanças na modernidade, obrigando aos homens e mulheres do mundo à adoção desses elementos. A consolidação do cristianismo atingiu "a doutrina do Direito Divino dos Reis e feriu–a mortalmente. Exigiu a extinção do

---

[473] SATURDAY EVENING POST apud BRITO, *op. cit.*, p. 99.
[474] *Ibid.*, p. 99.
[475] CRUMMELL, 1882, *op. cit.*, p. 48.
[476] *Ibid.*, p. 49. Trad. livre do autor: "Indeed, the race-problem is a moral one. It is a question entirely of ideas. Its solution will come especially from the domain ofprinciples. Like all the other great battles of humanity, it is to be fought out with the weapons of truth. The race-problem is a question of organic life, and it must he dealt with as an ethical matter by the laws of the Christian system. " As diseases of the mind are invisible, so must their remedies be".

feudalismo e conseguiu. Exigiu a abolição do comércio de escravos e conseguiu. Exigiu a abolição da servidão russa e conseguiu. Exigiu a educação das massas e conseguiu".[477] O cristianismo era o guia do período, era o que caracterizava e dava força à civilização. Não sem razão Alexander Crummell havia publicado *The Greatness of Christ*, um livro de ideias e ensinamentos para a elevação dos homens e mulheres negras junto ao cristianismo. Diante disso, não era por meio de ebulições sociais ou lutas políticas que ocorreria qualquer mudança no problema da raça naquele país, mas na adoção e incorporação de ideias pelos negros estadunidenses.

Crummell sempre foi um crítico da política estadunidense ou daqueles que exaltavam a democracia como um governo do povo, que podia se utilizar de qualquer método para adquirir seus direitos. O decimo novo sermão de *The Greatness of Christ*, "The Assassination of President Garfield", continha já essas denúncias e esse modo de interpretar o sistema democrático, que retirava todo o elemento de autoridade desse regime político e alijava Deus e sua autoridade de qualquer comando.[478] Sem a autoridade divina, nesses regimes políticos, os cidadãos se entendem no direito de modificar o governo quando este não segue ou se conforma aos seus interesses e desejos. A democracia se torna então um mero instrumento às vontades do povo, como declarado na Declaração de Independência dos EUA:

> A teoria da Declaração é incompleta e enganosa. Os governos, meus irmãos, derivam sua justa autoridade, antes de tudo, da vontade de Deus; e depois, a partir do consentimento dos governados. É por causa da exclusão deste fator primordial neste axioma que os governos da terra estão todos mais ou menos doentes e enfermos.[479]

Neste sermão de 1888, essas ideias voltavam e Crummell reafirmava seu ponto: "Quando falo do espírito da democracia, não me refiro àquele espírito espúrio, fanfarrão e

---

[477] *Ibid*., p. 52. Trad. livre do autor: "It struck at the doctrine of the Divine Right of Kings, and mortally wounded it. It demanded the extinction of Feudalism, and it got it. It demanded the abolition of the Slave Trade, and it got it. It demanded the abolition of Russian Serfage, and it got it. It demanded the education of the masses, and it got it.".

[478] James Abram Garfield (1831 – 1881) foi o 20.º Presidente dos Estados Unidos (1881). Seu mandado, porém, somente durou de março a setembro do mesmo ano. O motivo foi um atendado a bala sofrido em julho, que culminou em uma infecção que o matou meses depois. O perpetrador foi Charles Jules Guiteau (1841-1881), advogado inconformado com a negação de Garfield por um cargo em seu governo. Guiteau seria condenado e executado no mesmo ano. ALTMAN, Max. Hoje na História: 1881 - Morre James Abram Garfield, segundo presidente dos EUA a ser assassinado. In.: *ÓperaMundi*. Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/historia/37898/hoje-na-historia-1881-morre-james-abram-garfield-segundo-presidente-dos-eua-a-ser-assassinado. Acesso em: 12 out. 2023.

[479] CRUMMELL, 1882, op. cit., p. 325. Trad. Livre do autor: "The theory of the Declaration is incomplete and misleading. Governments, my brethren, derive their just authority, first of all, from the will of God; and then next, from the consent of the governed. It is because of the exclusion of this prime factor in this axiom that the governments of the earth are all more or less sick and diseased".

autossuficiente que ridiculariza Deus e a autoridade, por um lado, e esmaga os fracos e indefesos, por outro".[480] Para o teólogo, a verdadeira democracia era aquela que possuía Deus como escudo e figura principal. Era aquela que possuía como fim os direitos dos homens, que deixava o homem e a mulher buscarem seu progresso e sua civilidade. Era assim que o problema da raça poderia ser resolvido nos EUA e, de certa forma, era isso que estava ocorrendo, pois Crummell andava pelas ruas naquele tempo e já vislumbrava a civilização brotando entre as famílias negras. O autor já vislumbrava "dezenas de negros, não apenas versados na sintaxe grega, mas também médicos, advogados, estudantes universitários, clérigos, alguns professores eruditos e um deles autor de uma nova gramática grega".[481] Um futuro vislumbrado no presente, mas que ainda necessitava se difundir por toda a população. Mais uma vez, era a falta de elementos civilizatórios entre os negros estadunidense que preocupava Crummell. O lema desses textos estadunidenses parecia ser a ausência, a falta de civilização entre os negros americanos e que os livros do pastor buscariam sanar. Demonstrar que era possível as populações negras terem propriedades, educação, religião...

> Mas justamente aqui o espírito de casta interfere neste problema racial e declara: 'Vocês, negros, podem aprender; você pode obter propriedades, pode ter igrejas e religião; mas este é o seu limite! Este é um governo de homem branco! Não importa quantos milhões você possa contar, nós, anglo–saxões, devemos governar! Este é o decreto constantemente sibilado nos ouvidos do negro, em uma vasta região do país.

E então, adentramos na segunda, derradeira e arrebatadora razão para o problema de raça ser uma questão moral, de ideias. Como ressaltamos, aqueles eram novos tempos: tempo de Cristo, da democracia, da reconstrução humana. Entre outras das exigências dessa época, houve o chamado pelo fim da escravidão, e a exigência atual, a exigência que a Reconstrução estadunidense bem seguiu ou tentou seguir, era "a igualdade do homem no Estado, independentemente da raça, condição ou linhagem. A resposta a esta exigência é a solução do problema racial".[482] A resposta é fundamental. Melhor, nesta terra, "o teste crucial no problema racial são os direitos civis e políticos do homem negro. A única questão que resta agora entre

[480] *Ibid*., p. 52. Trad. livre do autor: "When I speak of the spirit of democracy I have no reference to that spurious, blustering, self-sufficient spirit which derides God and authority on the one hand, and crushes the weak and helpless on the other".
[481] *Ibid.*, p. 55.
[482] *Ibid.*, p. 53. Trad. livre do autor: "It has demanded the abolition of Negro slavery, and it has got it. Its present demand is the equality of man in the State, irrespective of race, condition, or lineage. The answer to this demand is the solution of the race-problem".

nós para o pleno triunfo da democracia cristã é a igualdade do Negro".[483] Mais que isso, aquele não era um caso específico do negro, "É a nação que está em julgamento. O negro é apenas a pedra de toque. Ao lado deste homem negro ela fica de pé ou cai."[484]

Dessa forma, quando a nação respondia como no trecho anterior, reafirmando o racismo, ela reafirmava também uma mentira. Em sua constituição, esta "nação apostou a sua existência neste princípio da democracia em todos os seus dogmas políticos fundamentais", inscreveu em cada documento e instituição o princípio universal democrático. Seu princípio não era restrito a uma raça, mas um valor que derivava de Deus, das conquistas de Cristo e que fora entregue a todos. Dito de outra forma, o problema moral daquela nação era continuar usufruindo dessa ideia enquanto subjugava homens e mulheres em seu território. "Esquecem–se que as nações já não são governadas pelas raças, mas por ideias" e, pior, esquecem–se que mentir perante Deus era motivo de condenação e de ruínas. Por isso,

> Se esta nação não for verdadeiramente democrática então ela deverá morrer! Nada é mais destrutivo para uma nação do que uma falsidade orgânica! Esta nação não pode viver – esta nação não merece viver – com base numa mentira!
>
> A sua ideia fundamental é a democracia; e se esta nação não se submeter ao domínio desta ideia – se ela se recusar a viver no espírito deste credo, então ela já estará condenada e certamente será condenada.[485]

Muitos anos antes, Alexander Crummell ditara aos seus ouvintes liberianos que o não cumprimento dos deveres e responsabilidades levaria a um só caminho: a morte perante Deus. A nação divina liberiana, construída por meio de uma raça, poderia vislumbrar grandes futuros, mas também as terríveis ruínas para caso falhasse, para caso ousasse não aproveitar os presentes que o Todo–Poderoso os havia concedido. Neste retorno aos EUA, sua retórica teológica e arrebatadora também retornava e a nação estadunidense era posta também em julgamento. A retórica, de novo, é semelhante, mas a condenação da nação se dava agora pela mentira orgânica e histórica gravada em seu seio, em sua constituição. Uma nação que proclamou a liberdade desde suas fundações, mas insistia, mesmo após o fim da escravidão, em restringir os caminhos de um grupo, de um povo, de uma raça. O mundo era governado pelas ideias, não mais pela

---

[483] *Ibid.*, p. 53. Trad. livre do autor: "In this land the crucial test in the race-problem is the civil and political rights of the black man. The only question now remaining among us for the full triumph of Christian democracy is the equality of the Negro."

[484] *Ibid.*, p. 53. Trad. livre do autor: "It is NOT the case of the Negro in this land. It is the nation which is on trial. The Negro is only the touch-stone. By this black man she stands or falls."

[485] *Ibid*., p. 54. Trad. livre do autor: "If this nation is not truly democratic then she must die ! Nothing is more destructive to a nation than an organic falsehood! This nation cannot live—this nation does not deserve to live—on the basis of a lie !/Her fundamental idea is democracy ; and if this nation will not submit herself to the domination of this idea—if she refuses to live in the spirit of this creed then she is already doomed, and she will certainly be damned".

submissão do homem pelo homem, não mais pela submissão das raças. Aos negros, era então necessário conceder liberdade e autonomia para que atingissem a civilização e o espírito da época. Aos negros estadunidenses, portanto, os projetos políticos de Crummell indicariam outros caminhos e outros futuros, que o fizeram não somente dialogar com outras ideias, mas também reconstruir e ressignificar os destinos do continente africano na segunda metade do século XIX. Ao final, tudo isso para mostrar que, aos negros estadunidenses, não era necessário mais atravessar o Atlântico, mas sim encontrar vida e futuro no próprio território em que nasceram e cresceram. Até o fim deste capítulo, portanto, nosso objetivo é desvelar quais futuros, projetos e ideias Crummell articulou para resolver a questão que determinava (ou condenava) a nação estadunidense: o futuro da "raça negra".

2.2.2. O futuro da raça

Antes de *Africa and America*, embora o pastor tenha deixado claro que seu projeto passava por uma difusão civilizatória entre os negros estadunidenses – a imitação de hábitos cristãos e civilizados do período (seção 2.1.) –, nunca houve uma sistematização tão clara de quais seriam esses elementos e aspectos. No entanto, nesta introdução desta subseção, é possível e importante revisitar brevemente algumas das camadas dessa categoria nessa longa trajetória intelectual do autor, ainda mais tendo em vista demonstrar ao leitor os vínculos e a tensão desse termo com um dos elementos mais importante nas ideias do pastor: as representações e significados da escravidão.

Na Libéria, civilização nunca foi sistematizado, mas seus significados estavam próximos de elementos culturais e sociais singulares que os homens deveriam adquirir. Rememoremos: cada nação havia contribuído para a civilização da grande família humana e a Libéria era um de seus membros, o que a obrigava a cultivar e difundir hábitos civilizados em retribuição. Entre esses elementos, o autor qualificou alguns como "tesouros da ciência"[486] e, em outros momentos, os definiu próximo de hábitos cristãos e britânicos, como a própria incorporação da língua inglesa.[487] Na seção em que o conceito de "imitação" aparece pela primeira vez – "1.3. Verdades da colonização" –, outros aspectos aparecem como "comércio, instituições liberais, civilização, arte, um Estado Nacional".[488] Em síntese, aspectos difusos e

[486] "Todos os itens 'da cultura', 'da instrução', 'dos tesouros' da ciência'" está na página 54.
[487] "cultivar (cultivate) um novo homem e uma nova raça por meio de instrumentos como a língua inglesa, o cristianismo, a civilização e cumprir seu destino" também está na página 54.
[488] Página 97.

variados, em um conteúdo que englobava aspectos econômicos, técnicos, culturais e políticos e, concomitantemente, primordiais para a elevação e regeneração africana. Ao mesmo tempo, aspectos que também davam significados morais-religiosos ao conceito, pois era Deus o criador do mundo, das nações e de todos esses instrumentos para a regeneração dos homens. Ademais, na Libéria, essa regeneração tinha um agente principal: os negros estadunidenses civilizados. Esses agentes tiveram seus anos de provação, de miséria e servidão, mas que nos planos de Deus serviram para que tivessem contato com a civilização e os hábitos anglo-saxões. A civilização, portanto, se tornou intrínseca aos negros estadunidenses e era seu dever "retornar" ao continente africano e civilizar seus "parentes" "pagãos".

Esse último ponto é mais importante a nós do que qualquer forma de sistematização do termo.[489] Como mostramos nas investigações deste segundo capítulo, há uma outra maneira de representar as relações entre os elementos civilizatórios e a população negra estadunidense. Em termos gerais, o retrato e as interpretações de Crummell nesse retorno amplificam muito mais a ausência e a falta de instituições e valores civilizatórios entre os negros americanos. Na primeira seção deste capítulo, o termo polissêmico de "imitação" ilustra isso ao mostrar que agora eram os negros cristãos e estadunidenses que deveriam incorporar essa estrutura. Já em nossa última subseção, vimos também as dificuldades para isso, já que os EUA pós-Guerra Civil e pós-Reconstrução eram ainda um país não só dividido, mas que não havia resolvido seu problema moral: a submissão de uma raça pela outra. Essa submissão, no fim, dificultava o acesso das famílias e comunidades negras a instituições, direitos e, claro, à "civilização". Ainda mais porque foram séculos de servidão e escravidão que impediram a evolução e progresso dessa "raça" , a qual somente agora poderia vislumbrar melhores dias e tempos nos EUA.

E com essa última frase adentramos no deslocamento mais importante para a compreensão de *Africa and America*. Diríamos mais, esse é um deslocamento interpretativo para o entendimento de boa parte dos argumentos e projetos desse período entre 1882 até 1897, culminando com a criação da *American Negro Academy*: Nesse anos, não havia mais ambiguidades ou possíveis contradições: a escravidão fora apenas um tempo de atraso e violência na história das populações negras. A escravidão, aquela instituição dolorosa que um dia havia sido representada como veículo da civilização aos colonos liberianos, seria retratada agora como uma instituição cuja herança única foi a ignorância e atraso aos indivíduos. Desse modo, nosso intuito nesta subseção e na seção posterior é demonstrar que os projetos de

[489] Para quem se interessar por uma sistematização melhor acerca desses elementos, pode consultar as obras de Wilson J. Moses que já citamos aqui, no qual o autor consegue apresentar bons resumos das influências de Crummell para o conceito de civilização. MOSES, 1978, *op.* cit., p. 59 – 82; MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 276 – 303.

Crummell incidem nessa mudança interpretativa, ou seja, como seus argumentos e ideias buscaram intervir nas misérias deixadas pela instituição escravista na civilização dos negros estadunidenses.

Ao fim, mostraremos que essa distinta forma de representar a escravidao é também uma outra intepretação do passado, presente e futuro dos negros na modernidade e do próprio significado de regeneração racial. Crummell, argumentaremos, era um filósofo do tempo e esse tempo se adequava às circunstâncias dos seus projetos políticos e sociais. Na primeira parte desta subseção, portanto, expomos com mais clareza esse deslocamento e como isto se relaciona com o problema da raça que expusemos na subseção anterior, um problema de ideias. Já na segunda e última parte, a exposição destrincha essas ideias de Crummell, que tomam boa parte dos textos de *Africa and America* e indicam as soluções que o autor preconizou para o futuro político estadunidense, particularmente no âmbito da família e da moralidade negra.

***

No prefácio, Alexander Crummell nos indicava: a ordem dos sermões segue o tamanho de sua importância aos negros estadunidenses. "The Race–Problem in America", como mostramos, era o segundo, no qual o autor delimitou o problema moral e de ideias que os EUA passavam naqueles tempos. No entanto, é no primeiro entre todos que podemos encontrar as ideias e os projetos do autor, indicados já no título, "The Need of New Ideas and New Aims for a New Era". Datado de 1885, esse discurso foi mais um daqueles declamados diante de uma plateia bem jovem: os graduandos do Storer College, colégio localizado na cidade Harper's Ferry, no estado de West Virgínia. Ao final, esta região era qualquer lugar na história recente dos EUA.

A Reconstrução começou nos idos de 1865 e desde lá, como já explicitado, a preocupação era resolver não apenas a disparidade econômica e social do Sul e do Norte dos EUA, mas também dar condições de desenvolvimento e progresso aos negros libertos. *The Bureau of Refugees, Freedmen, and Abandoned Lands*, conhecido como *Freedmen's Bureau*, foi uma das agências governamentais criadas neste período, cuja função principal era justamente dar apoio e proteção à população liberta. Apesar de vinculada ao departamento de Guerra do país por uma questão de recursos, a agência teve como grande destaque de atuação no campo educacional. A entidade expropriou terrenos para construir escolas, deu recursos e auxílios a professores e mestres e fez parcerias com instituições missionárias que também se preocupavam, desde antes da Guerra Civil, com a educação dos afro-americanos.[490] Entre as

[490] FONER, 2014, *op. cit*.

escolas fundadas à época, estava justamente a *John Storer College*.,um colégio fruto da parceria entre o *Freedmen's Bureau*, missionários batistas do norte e o filantrópico e mercador que deu nome à escola, John Storer (1796 – 1867).[491] Mesmo após o fim do *Freedmen's Bureau* em 1872, não por acaso junto do fim da Reconstrução, a escola perdurou e prosperou, se tornando um ícone aos negros estadunidenses do período. Alguns anos antes de Crummell discursar, por exemplo, Frederick Douglass havia feito o mesmo, em comemorações do aniversário de quatorze anos da instituição.[492] Entretanto, mesmo com esse histórico, ainda não terminamos de mostrar o significado completo do que afirmamos, isto é, a representatividade histórica desse lugar nos EUA. Para completar esse cenário, o primeiro parágrafo do discurso é relevante:

> Tenho como certo que os jovens que hoje encerram seu curso aqui estão pensando não apenas nos seus próprios desejos de vida pessoal, mas, também, nos destinos das pessoas com as quais estão ligados. Num lugar como este, cheio das memórias mais emocionantes da história da nossa raça, parece impossível que qualquer um de vocês possa ignorar tais pensamentos. As próprias colinas aqui parecem repletas de memórias e propósitos do velho John Brown.[493]

John Phillip Brown (1850 –1859) foi um abolicionista radical branco da década de 1850 e do período pré–Guerra Civil, época em que coordenou ataques contra militantes e escravagistas estadunidenses. Sua história encontra a cidade de Harpers Ferry em sua última cruzada contra a escravidão, quando atacou o arsenal da cidade com a intenção de armar a população escrava e promulgar uma nova constituição estadunidense. A pouca adesão dos escravos frustrou seus planos e Brown foi capturado em 1859, sendo julgado por traição contra a comunidade Virgínia, pelo assassinato de cinco homens e pela tentativa de estimular uma rebelião escrava. Em 2 de dezembro de 1859, recebeu a pena de morte e é considerado o primeiro homem a ser executado por traição da história do país. No entanto, seu assassinato gerou longos debates e intermináveis controvérsias e certos historiadores colocam que suas ações influenciaram na escalada de tensões que culminaria na Guerra Civil dois anos depois.[494] Como indicamos, portanto, Storer College e Harper Ferry não era um lugar qualquer na história

---

[491] STORER College. In.: *National Park Service*. Disponível em: https://www.nps.gov/hafe/learn/historyculture/storer-college.htm. Acesso em: 13 out. 2023.

[492] DOUGLASS, Frederick. *John Brown*: An address by Frederick Douglass, at the fourteenth anniversary of Storer College. Dover: Morning Star Job Printing House, 1881.

[493] *Ibid*., p. 13. Trad. livre do autor: "I take it for granted that the young men and women who close their pupilage here to-day are thinking not only of their own personal life desires, but, also, of the destinies of the people with whom they are connected. In such a place as this, full of the most thrilling memories in the history of our race, it seems impossible that any of you could possibly pass over such thoughts. The very hills here seem brezzy with the memories and the purposes of old John Brown".

[494] REYNOLDS, David S.. *John Brown, Abolitionist*: The Man Who Killed Slavery, Sparked the Civil War, and Seeded Civil Rights. Nova York: Vintage, 2014.

e no passado dos EUA. Não por acaso, Crummell evidenciou o peso desses eventos nas mentes negras estadunidenses. Assim, ao rememorar a figura de John Brown, o autor era explícito:

> "Podemos remeter mágoas e arrependimentos para o passado. Podemos, pelo toque mágico da imaginação, convocar as tragédias e comédias de tempos passados; mas o senso de obrigação, as ideias de responsabilidade, tudo pertence ao tempo por vir. É por isso que eu imploro chamar sua atenção hoje, para – 'A NECESSIDADE DE NOVAS IDEIAS E NOVOS OBJETIVOS PARA UMA NOVA ERA'. (grifos do original).[495]

Havia então o passado, mas seu sermão o conjugava com o outro polo da temporalidade moderna, no caso, o futuro, com as responsabilidadades e deveres aos homens e mulheres negros. Em suma, o autor delimitava uma estrutura opositiva entre os dois termos, pois o passado, embora uma esfera importante pelas memórias, poderia exercer um poder paralisador ao futuro dos negros estadunidenses. O pastor denunciava com isso uma tendência que para ele era perniciosa: a rememoração constante do passado escravista. Nas escolas, no congresso, existiam somente falas e documentos acerca das memórias dolorosas escravistas. [496] Os negros estadunidenses, portanto, acabavam no mesmo erro que os judeus após a libertação contra os egípcios que, em vez de pensarem no futuro e em suas responsabilidades, se perdiam longamente em lembranças e rememorações.[497]

"E nada pode ser mais prejudicial para qualquer pessoa do que um hábito como este. Pois insistir em coisas repulsivas, pendurar-se naquilo que é sombrio, terrível e triste, tende, antes de tudo, à morbidez e à degeneração".[498] Veja como Crummell vai estabelecendo problema semelhante ao que investigamos na subseção passada, já que mais uma vez demonstrava o poder das ideias e do pensamento na condição dos homens e na determinação de seu futuro. Se em The Race–Problem in America, as ideias e as mentiras poderiam ruir a nação estadunidense, neste trecho o autor demonstrava como o ato da rememoração paralisava e degenerava os homens. Em ambos os textos, se não houvesse uma mudança de pensamento, o futuro estaria totalmente ameaçado.

---

[495] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 14. Trad. livre do autor: "We can send back sorrows and repentances to the past. We can, by the magic touch of Fancy, summon the tragedies and comedies of by-gone days ; but the sense of obligation, the ideas of responsibility, all pertain to the time to come. It is on this account that I beg to call your attention to-day, to—'The NEED OF NEW IDEAS AND NEW AIMS FOR A NEW ERA'.

[496] *Ibid.*, p. 14.

[497] *Ibid.*, p. 14.

[498] *Ibid.*, p. 15. Trad. Livre do autor: "And nothing can be more hurtful for any people than such a habit as this. For to dwell upon repulsive things, to hang upon that which is dark, direful, and saddening, tends, first of all, to morbidity and degeneracy".

O autor pedia então o fim não da memória, mas da rememoração constante da escravidão. Existe uma ampla diferença "entre memória ("memory) e recordação (recollection). A memória, vocês observarão, é um ato passivo da mente. É a necessária e inevitável entrada, o armazenamento e a recorrência de fatos e ideias ao entendimento e à consciência".[499] Já a recordação "é a busca real dos fatos, é o esforço meticuloso da mente para trazê–los de volta à consciência. A recorrência natural da ideia ou do fato da escravidão é aquilo que não pode ser criticado. O que me oponho é à lembrança desnecessária disso".[500] Em suas próprias palavras, "O que eu gostaria que vocês evitassem, não é a memória da escravidão, mas a lembrança constante dela, como o pensamento dominante de um novo povo, que deveria estar marchando para a mais ampla liberdade de pensamento em um novo e glorioso presente, e um futuro ainda mais magnífico".[501]

Aristóteles é o principal responsável pela distinção dessas duas dimensões no pensamento político de Crummell. Paul Ricœur se utilizou do tratado do filósofo grego, intitulado *Da memoria e da reminiscência*, para realizar sua longa e erudita fenomenologia da memória. Para Ricœur, a principal contribuição do filósofo grego para essa fenomenologia é justamente essa oposição ou diferenciação entre *mneme* (uma simples recordação) e *anamnesis* (o esforço de recordar). Assim, como o próprio Riceur colocou, se a primeira palavra era uma simples lembrança à mente, a recordação consistia em uma busca ativa para Aristóteles.[502] Mesmo que Crummell não tenha citado o filósofo grego neste trecho, o argumento é basicamente o mesmo e sabemos, pelas investigações de Moses,[503] das influências que o pastor recebeu dos escritos tanto de Aristóteles quanto de Platão – aliás, outro autor que Riceur utiliza na edificação de seu esboço fenomenológico da memória.[504] No caso de Crummell, por conseguinte, essa orientação de Aristóteles serviu para demonstrar os males da rememoração da escravidão em relação ao presente e futuro da "raça negra". A escravidão havia acabado e toda a sua miséria eram lembranças terríveis para a mente da população negra. Memória

[499] *Ibid.*, p. 18. Trad. Livre do autor: "there is a broad distinction between memory and recollection. Memory, you will observe, is a passive act of the mind. It is the necessary and unavoidable entrance, storage and recurrence of facts and ideas to the understanding and the consciousness".
[500] *Ibid.*, p. 18. Trad. Livre do autor: "Recollection, however, is the actual seeking of the facts, is the painstaking endeavor of the mind to bring them back again to consciousness. The natural recurrence of the idea or the fact of slavery is that which cannot be faulted. What I object to is the unnecessary recollection of it".
[501] *Ibid.*, p. 18. Trad. livre do autor: "What I would fain have you guard against is not the memory of slavery, but the constant recollection of it, as the commanding thought of a new people, who should be marching on to the broadest freedom of thought in a new and glorious present, and a still more magnificent future".
[502] RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 37.
[503] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 67 – 88.
[504] RICOEUR, *op. cit.*, p. 27 – 34.

terríveis e paralisantes, pois o presente e futuro eram deixados de lado e a condição da "raça" permanecia a mesma.

É sempre interessante verificar como as ideias viajam e adentram contextos e projetos diferentes. Entre 1873 e 1875, um pouco antes do texto de Crummell, Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) escreveu em suas *Considerações Intempestivas* argumentos semelhantes a Crummell em relação à história e o poder aprisionador do passado. Isso está propriamente na *Segunda Consideração*: Da utilidade e desvantagem da história para a vida (1874), em que o autor discute os limites e as possibilidades da história na vida do homem. Entre os limites – ou mesmo inquietações ou problemas da história –, estão o "excesso de história", que pode "degenerar a vida, e esta degenerescência acaba igualmente por colocar em perigo a própria história".[505] Como um dos exemplos do autor, está a "história monumental", que tem sua utilidade quando reverencia os grandes nomes e figuras ilustres do passado, mas que, se utilizada em excesso, pode ocultar ou deixar esquecidos no fluxo cinzento do passado outros fatos e eventos.[506] A história, portanto, é ambígua, já que em seus próprios instrumentos estão os mesmos elementos que podem denegenerá-la. Os argumentos de Nietzche afrontavam naquele período àqueles autores que defendiam a história como ciência, procurando uma total objetividade em seus usos. De forma semelhante, anos depois, Alexander Crummell alertava para os excessos do passado na vida dos homens negros estadunidenses, mas seu receio era não com os prejuízos ao passado e sim, ao futuro dos negros estadunidense ao deixarem-se aprisionar no passado escravista. Não é coincidência, nesse sentido, que em um dos capítulos que Mbembe discute as memórias, os traumas dos discursos e representações negras, ele tenha iniciado com esse trecho e tenha se utilizado de Alexander Crummell. "Quer se trate de literatura, de filosofia, de artes ou de política, o discurso negro foi então dominado por três acontecimentos – a escravatura, a colonização e o apartheid. São a espécie de prisão na qual, ainda hoje em dia, este discurso se encontra".[507] De certa forma, é com esta prisão do discurso, desses elementos, que o pastor lutava em suas argumentações. Sua luta, ao fim, tinha efetivamente uma direção: o futuro e destino da "raça" no contexto estadunidense.[508]

---

[505] NIETZSCHE, Friedrich. II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a Vida IN: Escritos sobre História. RJ: Ed. PUC-Rio; SP: Ed. Loyola, 2005, 81-82.
[506] RICOEUR, *op. cit.*, p. 305-306.
[507] MBEMBE, 2018, op. cit., p. 143.
[508] Cabe falar que a escravidão como um elemento aprisionador não é a única interpretação do evento dentro do discurso negro. Em seu último capítulo no *Atlântico Negro*, Paul Gilroy argumenta em direção contrária e entende o evento como um articulador político das experiências negras. Em outras palavras, o evento poderia mobilizar e articular as experiências do Atlântico Negro, fundamentalizando uma luta política coletiva no presente para a superação do racismo e dos terrores modernos. GILROY, *op. cit.*, p. 351 – 417.

O futuro sempre apareceu nos escritos do autor, desde a Libéria. Em nossa primeira subseção deste trabalho (“1.1.1. Uma Jovem Nação”), investigamos os possíveis destinos e futuros para jovem nação liberiana. Logo depois, mostramos que esse futuro glorioso estava escrito no próprio passado de provações da raça (“1.2.1. O passado da raça”). Já neste capítulo, em nossa primeira seção (“1.2 Novos Passos”), demonstramos por meio da imitação como a raça seria superada e um novo tempo e um glorioso futuro edificado sob as bases do evangelho. Ademais, mostramos como o futuro poderia estar ameaçado caso mentiras orgânicas permanecessem guiando os EUA (“2.2.1. a nação condenada”). Agora mais uma vez o futuro reaparece com toda força e em mais um contraste com o passado. No entanto, o passado e a escravidão, antes ambíguos, não serviam mais como um direcionamento, e sim, como um obstáculo, um lugar de lembranças malditas e perversas. Logo, seguir e olhar à frente era a melhor decisão.

> O meu desejo é que escapemos ‘do limite e da restrição’ tanto da palavra como do pensamento da escravatura. Como povo, tivemos um êxodo dela. Uma graciosa Providência nos permitiu entrar nos novos e exaltados caminhos da liberdade. O pensamento, a rotina, os usos e os cálculos desse velho sistema são coisas mortas; absolutamente alheio às condições em que a vida se apresenta para nós em nosso estado de desencanto e elevação. Temos novas condições de vida e novas relações na sociedade.[509]

Mbembe, por trechos deste discurso, viu em Crummell um filósofo e político do futuro. Na obra *Crítica da Razão Negra*, no capítulo em que discutiu as memórias traumáticas (as prisões) da modernidade, Mbembe mobilizou o pastor para mostrar que o passado não poderia viver para sempre e que o tempo do futuro é o da esperança e o tempo do presente é o do dever.[510] Nessa altura de nossas reflexões, encerraríamos nossa argumentação aqui dizendo mais: Crummell é um filósofo do tempo. A todo momento, o tempo em seus textos é indicativo de uma determinação, de um fato ou de uma ação. A todo instante, passado, presente e futuro se articularam em seus textos, para conformar seus projetos políticos e sociais. Na Libéria, o passado foi convidativo de reflexão, já agora em 1891, porém, era justamente o que impedia uma reflexão mais clara sobre o futuro negro nos EUA. O futuro, então, símbolo de um processo de redenção e reconstrução, é aquele que, senão conformado aos deveres e às ideias basilares do presente, pode revelar a condenação, a morte.

---

[509] CRUMMELL, 1891, *op. cit*, p. 19. Trad. Livre do autor: “My desire is that we should escape 'the limit and restraint' of both the word and the thought of slavery. As a people, we have had an exodus from it. We have been permitted by a gracious Providence to enter the new and exalted pathways of freedom. The thought, the routine, the usages, and calculations of that old system are dead things ; absolutely alien from the conditions in which life presents itself to us in our disenthralled and uplifted state. We have new conditions of life and new relations in society”.

[510] MBEMBE, *op. cit.*, p. 167.

Por isso, a escravidão era agora nos projetos políticos nos EUA apenas um conjunto de lembranças que não passaram, de homens sem túmulos e da presença da morte. Uma ideia de passado que nada criava, só destruía. E as ideias, vimos anteriormente, podem condenar não um indivíduo apenas, mas uma nação, um povo ou uma raça. "Precisamos, portanto, de novos ajustes na vida. A lei da aptidão surge agora mesmo diante de nós com um poder tremendo, e somos chamados, como povo, a mudar as correntes da vida e a deslocá-las para canais novos e mais amplos".[511] Nesse sentido, mostraremos ao longo desta subseção dois de seus projetos e ideias ao futuro dos negros estadunidenses, a regeneração da família e da moral. Por um lado, mostraremos como essa visão da escravidão implicou em projetos de regeneração da família, tendo como horizonte a família burguesa. Ao mesmo tempo, ao falarmos da restituição da moral entre os negros, discutiremos o significado do retorno de textos liberianos e do próprio continente africano em um livro como *Africa and America*. Mostraremos, então, que o projeto de reconstrução dos EUA em Crummell poderia ser entendido de outra forma, particularmente como um retorno a um passado antes da destruição escrava. Em outras palavras, um passado africano que seria permeado pelas insígnias de um grande futuro moral à raça.

***

"Raça", ao longo de todo o livro, parece seguir a definição de "The Race Problem in America". Assim, raça seria um agrupamento e a "raça negra" era uma das tantas que viviam em solo estadunidense, sob a égide de uma nação que tinha necessidade de resolver seus problemas raciais. Os brancos não tinham que fazer nada além de abrir espaço, para que os negros conseguissem se autodesenvolver e incorporar os elementos civilizatórios necessários. Seus projetos de regeneração e reconstrução, em suma, se dirigiam aos negros e somente a eles, que deveriam sanar por si mesmos as fraquezas e as necessidades da raça. Essas fraquezas e necessidades foram expressas no primeiro sermão e regeram basicamente boa parte do livro. "Os três pontos especiais de fraqueza em nossa raça nesta época são, apreendo: 1. A situação da família. 2. As condições de trabalho. e 3. O elemento da moral".[512] Os três elementos, à nossa forma, vão reger também o final de todo este capítulo.

A palavra "família", com diferentes significados, já nos deteve em outras páginas deste trabalho. A Libéria, uma nação negra, era entendida sob um paradigma hierárquico e familiar. A estrutura racial já foi comparada em alguns momentos com uma estrutura familiar e a própria

[511] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 20. Trad. Livre do autor: "We have need, therefore, of new adjustments in life. The law of fitness comes up before us just now with tremendous power, and we are called upon, as a people, to change the currents of life, and to shift them into new and broader channels"

[512] *Ibid*., p. 24. Trad. livre do autor: "The three special points of weakness in our race at this time are, I apprehend: — 1. The status of the family/ 2. The conditions of labor. e 3. The element of morals".

ideia de família já foi conceituada pelo autor como o núcleo primordial de toda a sociedade. Essa última definição voltou nesse texto do pastor e foi articulada com outros elementos:

> Pois a base de todo o progresso humano e de toda a civilização é a família. Despoje a ideia de família, ataque rudemente os seus elementos, a sua estrutura e os seus princípios essenciais, e nada além da degeneração e da barbárie poderá atingir qualquer povo. Justamente aqui, então, temos que começar o trabalho de reconstrução e edificação.[513]

A família era base da humanidade, do progresso humano e da civilização de um povo. Uma sociedade de famílias desestruturadas resultava em barbárie e degeneração. A reconstrução, por isso, deveria começar nesse âmbito, ainda mais porque a escravidão de séculos destruíra os laços familiares da "raça". Ao destruir esses laços, ele destruiu qualidades e características fundamentais à vida humana, como amor, cuidado, afeto, companheirismo, trabalho, civilidade, entre outros tantos.[514]

> Todos estes têm suas raízes na família. Infelizmente! quão amplamente essas características e qualidades foram perdidas pela nossa raça nesta terra! Quão numerosos são os lares onde nunca foram conhecidos ou reconhecidos! Quão deficiente em vários aspectos, mesmo agora, é uma concepção clara da grandeza da ideia de família! E, no entanto, este é o início da verdadeira vida de cada povo. Veja onde o precursor do sistema cristão pretendia plantar os germes da fé ascendente de Jesus — 'E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos pais'.[515]Pois toda sociedade organizada está na família![516]

Quando ressaltamos as diferenças de Crummell com outros momentos de sua trajetória, particularmente na Libéria, o que buscamos é demonstrar que outros projetos e outras ideias passavam a guia-lo e eram guiados por ele neste contexto estadunidense. Assim, em *Africa and America* e em *The Greatness of Christ*, destacamos as modificações em relação à civilização e os negros estadunidenses. Destacamos também, em sequência, como esse processo está ligado a uma reconstrução representativa da escravidão. Representação que, agora, tocava diretamente nessa ideia de regeneração familiar e nos coloca diante de possíveis conexões com outros

---

[513] *Ibid.*, p. 25. Trad. livre do autor: "For the basis of all human progress 'and of all civilization is the family. Despoil the idea of family, assail rudely its elements, its framework and its essential principles, and nothing but degeneration and barbarism can come to any people. Just here, then, we have got to begin the work of reconstruction and up-building. Nothing, next to religion, can compare with the work which is to be done in this sphere".

[514] *Ibid*., p. 25.

[515] A citação bíblica é de Lucas, capítulo 1, versículo 17.

[516] *Ibid.*, p. 26. Trad. Livre do autor: "All these have their roots in the family. Alas ! how widely have these traits and qualities been lost to our race in this land ! How numerous are the households where they have never been known or recognized ! How deficient in manifold quarters, even now, a clear conception of the grandeur of the idea of family ! And yet this is the beginning of every people's true life. See where the forerunner of the Christian system aimed to plant the germs of the rising faith of Jesus — 'And he shall turn the heart of the fathers to the children, and the heart of the children to the fathers.' For the beginning of all organized society is in the family !"

contextos e projetos da época, seja nos EUA, seja em outras ideias que viajavam pelo Atlântico no século XIX. Guiados pelo terceiro sermão de Crummell, "The Black Woman of the South – Her neglects and her needs", podemos delinear finalmente alguns meandros dessas ideias.

Segundo Moses, "The Black Woman of The South" teve quinhentos mil exemplares em sua primeira tiragem e rendeu quase um milhão de dólares para a *Freedman's Aid Society*, a entidade que patrocinou e ouviu o sermão em 1883.[517] A organização fora criada em 1859, no auge da Guerra Civil e seu intuito era justamente um daqueles que já evidenciamos ao falar da Reconstrução: a instrução e educação das populações negras do sul.[518] A continuidade e força dessas organizações é também mais um daqueles indícios de que a Reconstrução como processo específico entre 1865 a 1872 poderia ter acabado, mas não as questões que se colocaram. Além disso, o número de tiragens e a própria força da organização, que perdurou com o mesmo nome até pelo menos a segunda década do século XX, demonstram como os projetos de Crummell compartilhavam e dialogavam com propósitos da época. Termos semelhantes – nação, família, raça –, mas em projetos, instituições e realidades totalmente distintas. O Terceiro Espaço de Bhabha, portanto, volta de novo a habitar nosso texto.

Neste espaço ou discurso de 1883, o intuito de Crummell é focar na situação de negligência da sociedade e governo estadunidense com as mulheres negras do Sul, demonstrar a necessidade da elevação dessas mulheres e listar os principais instrumentos na realização desse aprimoramento. Em relação à primeira parte, é estabelecido uma divisão bem interessante e característica das interpretações do pastor: uma hierarquia na disposição da "African race" no país. "A raça africana neste país está dividida em duas classes, isto é, **as pessoas de cor** e a **população negra**. Nos resultados do censo de 1860, toda essa população foi estimada em 4.500.000" (grifo nosso).[519] O primeiro grupo, apesar de representar um oitavo da toda essa população, detinha mais condições materiais e civilizacionais e ocupava os centros urbanos. Assim, tinha contatos mais afetuosos com os brancos, até mesmo de parentesco. "Geralmente eram empregados domésticos de seus senhores e, assim, colocados em contato com seus superiores, adquiriam uma espécie de educação que nunca chegou aos trabalhadores do campo, vivendo em cabanas rústicas nas plantações".[520] Na outra esfera,

---

[517] Moses, 1989, *op. cit.*, p. 298.
[518] DRAKE, Richard B.. Freedmen's Aid Societies and Sectional Compromise. *The Journal of Southern History*, v. 29, n. 2, 1963, p. 175-186.
[519] *Ibid*., p. 62. Trad. livre do autor: "The African race in this country is divided into two classes, that is —the colored people and the negro population".
[520] *Ibid.*, p. 63. Trad livre do autor: "They were generally the domestic servants of their masters, and thus, brought in contact with their superiors, they gained a sort of education which never came to the field hands, living in rude huts on the plantations".

> A população rural ou de plantações do Sul era composta quase inteiramente por pessoas de puro sangue negro. E isto revela também outro facto desastroso, nomeadamente, que esta grande população negra tem vivido desde o momento da sua introdução na América, um período de mais de duzentos anos, num estado de grosseria analfabeta".[521]

A hierarquia liberiana era entre os civilizados e cristãos estadunidenses e seus parentes africanos. A hierarquia estadunidense se distribuía entre uma população urbana de "pessoas de cor", majoritariamente localizada no norte,[522] e "uma população negra" rural, quase inteiramente assentada no sul. A primeira população, em contato civilizacional com os brancos, teria se desenvolvido e estava em progresso material. Já a segunda população, a terminologia indicava uma separação extrema do mundo civilizacional, que os deixava em um estado de 'grosseria analfabeta". Esse é, sem dúvidas, um trecho bastante ambíguo de Crummell, pois não deixa de saltar aos olhos que essas diferenças civilizacionais são definidas também por uma divisão sanguínea dentro da raça: "colored people" e "negro population", este último classificado como "puro sangue negro". Difícil não ver aqui, portanto, novamente um resquício de discussões racialistas do século XIX, propriamente o que já discutimos com Gobineau, as análises de Brito e as discussões em torno da "mestiçagem" e "amalgamação" nos EUA. Crummell, assim, deixa implícito que o contato com os brancos, até mesmo de parentesco, dava mais condições civilizacionais e materiais aos negros do Norte. Se não era um aceno explícito para uma concepção positiva da mestiçagem (o que diferenciava seu argumento de Gobineau e dos teóricos da degeneração racial nos EUA), pelo menos era mais um indício que essas discussões permeavam o texto do autor.

Nesse cenário, Crummell, alguns anos depois, se envolveu realmente em brigas e debates que tocariam mais explicitamente na questão da mestiçagem na população negra. Porém, diferenças substanciais com essa classificação de *Africa and America*s saltam aos nossos olhos. O autor, nesses embates, na verdade, destratou aqueles que seriam mestiços, se utilizando do termo "*mulatto*" ou mesmo, "*afro-american*".[523] Para Crummell, curiosamente, afro-americano era um termo que servia apenas para esconder sua origem como "negro

[521] *Ibid*., p. 63. Trad. livre do autor: The rural or plantation population of the South was made up almost entirely of people of pure negro blood. And this brings out also the other disastrous fact, namely, that this large black population has been living from the time of their introduction into America, a period of more than two hundred years, in a state of unlettered rudeness".

[522] Crummell não deixa explícito que toda a população negra urbana e civilizada era do norte, mas indícios nos levam a crer nisso. Além da citação anterior, em que delimita um sul majoritariamente composto pelos "puros negros de sangue", sua argumentação final neste sermão, como mostraremos, é que a civilização teria que ser realizada pelos negros civilizados e urbanos do norte do país.

[523] Moses, 1989, *op. cit*. p. 270.

estadunidense". Em relação ao uso do termo "mulato", ele já era usado pelo teólogo desde à Libéria, sobretudo para detratar opositores políticos. Como mostrou muito bem Souza, o termo "mulato" (*mulatto*) nos Estados Unidos enquadrava todos os afro-americanos que possuíam "traços visíveis de mistura com caucasiano, pele mais clara e/ou traços faciais europeizados".[524] Na Libéria, Crummell mobilizou o termo nas brigas que opuseram ele e Blyden ao grupo do presidente Joseph J. Roberts acerca da localização da *Liberia College* em território liberiano.[525] Assim, ambos acusavam que a razão de a universidade se estabelecer na costa era pela hegemonia dos "mulatos" na costa liberiana, que dominariam as redes comerciais da região. Entretanto, as investigações de Souza[526] complexificam esse quadro e apontam ambivalências e contradições nas acusações de Crummell e Blyden, principalmente nessa suposta existência de um "complô mulato" dominante para destruir os "negros puros" da Libéria.

Desse modo, Souza apresenta nos primeiros anos de Libéria um Blyden tão despreocupado com essa questão que se casou com Sarah Yates, membro de uma das ricas famílias "mulatas" da Monróvia. "Porém, suas frustrações com a falta de iniciativa do governo e a explosão do conflito político na capital levaram-no a associar a mistura racial como uma degeneração".[527] Esse perigo da degeneração pode ser ilustrado por carta privada de 1871 e a denúncia de Blyden de que três quartos dos alunos do Liberia College "eram de miscigenados de negros com brancos".[528] Ademais, Edward W. Blyden argumentou que o progresso da Libéria estava nas mãos dos negros da capital e dos nativos, dizendo que até um caucasiano teria mais chances de sobreviver ao clima tropical do que um "mulato". Como observou Souza, Blyden teve suporte para essas afirmações nas crenças racialistas de que os miscigenados eram mais degenerados do que os membros puros de outras raças, mesmo as mais inferiores. Essas influências provavelmente estavam ligadas ao que discutimos anteriormente em relação ao contexto estadunidense e à concepção da mestiçagem como degeneradora da humanidade. Logo, Blyden, Crummell mobilizaram então essa concepção negativa das "raças mestiças", acusando seus membros de "degenerados" e de responsáveis pela decadência da Libéria. Entretanto, esse artifício nada mais era que uma retórica, mobilizada ou omitida para angariar apoiadores em discursos públicos, a depender se a plateia ou os leitores de periódicos eram negros americanos ou brancos – se omitia o "antimulatismo" aos primeiros e se evidenciava

[524] SOUZA, 2021, *op. cit.*,
[525] Ver nota 314.
[526] *Ibid.*, p. 70.
[527] *Ibid.*, p. 71.
[528] *Ibid*. p. 69.

aos segundos.[529] Bem próximo, por fim, do conceito de intencionalidade de Skinner e de sua análise sobre o modo como a linguagem e as palavras são mobilizadas segundo o público e o contexto.

De acordo com Souza, essa descrição foi hegemônica durante todo o período escravista estadunidense e essa mobilização do termo "mulato" se modificaria apenas com o estabelecimento do *one–drop rule*,[530] em 1876, no contexto das *Jim Crow Laws* e do início do regime de segregação racial nos estados do Sul. Como o próprio Moses mostrou, entretanto, esse vocabulário político-racial permaneceria em Crummell e pode ser encontrado em cartas e correspondências de 1895.[531] Fontes distintas das nossas e, consequentemente, tendo objetivos e alvos diferentes. Ilustrativo disso é que, em *The Future of Africa*, *The Greatness of Christ* e *Africa and America*, o pastor nunca utilizou uma vez sequer o termo "mulato", nem em seus panfletos avulsos. O máximo que encontramos, ao final, é essa descrição ambígua desse trecho de 1891 entre "colored people" e "negro population" e de sentidos totalmente diferentes. Nesse trecho, o grupo "mestiço", de parentes brancos, nada teria de degenerado, pelo contrário, eram eles os de condição material melhor do que seus "parentes" do sul, apartados da civilização.

Nosso argumento, portanto, é que nesse trecho o estabelecimento dessas diferenças civilizacionais entre os dois grupos tinha toda a relação com representações e ideias do período no que dizia respeito ao sul dos EUA. A Reconstrução, o próprio nome sempre indicou, visava a reestruturação de uma área, uma região em ruínas. Ruínas pela guerra que assolou seu território e pelo modo como a região prosperou em sua história: por meio da mão de obra escrava e da produção em grandes latifúndios rurais. O papel do Norte, civilizado, industrial, urbano e capitalista, era revitalizar a região e salvaguardar o progresso e desenvolvimento dos recém-libertos. Obviamente, isso era apenas uma imagem, uma forma de representação que resvalou em Crummell e em seus discursos. Porém, uma imagem, uma ideia que impulsionou a Reconstrução e os lucros de uma elite capitalista nortenha, que faturaria bastante com os processos de desenvolvimento desta época.[532]

Como próprio contraponto dessa representação idílica do Norte, podemos mobilizar novamente o texto de Du Bois, *O Negro da Filadélfia*. Nos capítulos III e IV, o estado da

---

[529] SOUZA, 2021, *op. cit.*, p. 63 -64.
[530] *One drop rule é* um princípio legal de classificação racial que era proeminente nos Estados Unidos do século XX. Em síntese, se entendia que qualquer pessoa com pelo menos um ancestral de ascendência negra seria considerada também negra ("uma gota" de "sangue negro").
[531] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 256.
[532] JUNQUEIRA, *op. cit.*, p. 131 – 138.

Pensilvânia, terra dos *Quakers*[533] e de grandes abolicionistas da região, é representado a partir de um histórico grande de violência e racismo contra os negros estadunidenses. Na realidade, segundo Du Bois, boa parte dos direitos dessas populações negras na cidade da Filadélfia só havia sido conquistada com muitos embates e lutas de seus membros.[534] Além do mais, como o próprio escopo do estudo social de Du Bois evidenciava, muitos dos problemas de trabalho e educação eram causadas por preconceitos raciais latentes entre a população branca.[535] Junto a isso, o sistema econômico capitalista do Norte se beneficiava bastante desse preconceito, já que a exclusão dos negros do mercado de trabalho e o oferecimento de baixas condições nos serviços, fazia com que salários mais baixos pudessem ser pagos aos trabalhadoras e trabalhadores.[536] Consequentemente, aumentando os lucros de empresários, donos de indústria e ofertantes de serviços. A violência e o racismo, portanto, estavam bem longe de ser exclusividade somente do Sul do país. Entretanto, essa imagem do Norte como progressista, se consolidava em Crummell e nesse período pós-Reconstrução e estava conectada à legitimidade de um modo de vida, de ser e se posicionar no mundo. No fundo, essa interpretação se relacionou diretamente com o sermão de Crummell: a regeneração da mulher negra e, consequentemente, a formação de uma família burguesa negra.

Nessa interpretação, o atraso na formação dessa família entre os negros do sul tinha um motivo: a escravidão. De acordo com o pastor, por mais que a instituição houvesse acabado, suas marcas permaneciam e a família e a mulher negra continuavam carregando suas misérias.[537] Pode não parecer, mas com essa interpretação Alexander Crummell aponta a longevidade de uma das questões mais caras à historiografia da escravidão norte-americana: as possibilidades de formação da família escrava. As respostas para esse questionamento, pelo menos até a década de setenta do século XX, giraram em dois eixos. Um primeiro influenciado por uma interpretação sulista e escravista, representado pela figura do historiador Ulrich Bonnell Philips e proponente da tese que a escravidão havia proporcionado aos negros estadunidenses o contato com a civilização. Antes do escravismo, nesse sentido, o africano ou descendentes de africanos teriam apenas relações promíscuas e sexuais, sem a construção de

[533] Os Quakers, também chamados de Sociedade Religiosa dos Amigos, é um grupo religioso originado do movimento protestante britânico do século XVII. Desde suas origens, temos relato de filiados da denominação condenando os males da escravidão. Nos EUA, seus membros se estabeleceram na Filadélfia, capital do estado da Pensilvânia e considerado centro do quakerismo americano. O nome do estado, aliás, é uma homenagem ao quaker William Penn (1644 - 1718), que ganhou um território na América do rei Carlos II da Inglaterra como pagamento de uma dívida. O território, assim, seria o futuro estado da Pensilvânia. CARVALHO, J. M de. *Pontos e Bordados:* Escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 36.
[534] DU BOIS, 2023, *op. cit.*, p. 44 – 55; 56 – 70.
[535] *Ibid.*, p. 160.
[536] *Ibid*., p. 165.
[537] CRUMMELL, 1891, *op. cit*, p. 66.

um núcleo sólido. Um segundo de inspirações abolicionistas, bem mais próximo de Crummell,[538] tomaria a figura do escravo e sua família como fruto da degeneração ocasionada pelo sistema escravista.[539] Apesar de teses opostas, ambos os lados concordavam diretamente com algo: a verdadeira e única família era composta por um núcleo entre pai, mãe e seus respectivos filhos. A família burguesa.[540]

Família burguesa, negra e cristã, era isso que se perdera na experiência escrava para Crummell. A mulher, em seu papel, era uma das guardiãs dessa estrutura e seu contínuo estado de degeneração gerava a desestrutura da sociedade e da raça. As performances de gênero, para usar as palavras de Butler,[541] estavam bem delimitadas no modo como Crummell entendia a família. Em textos anteriores, como em *The Greatness of Christ* ou em seu primeiro panfleto nos EUA, "Marriage and Divorce", o homem era autoridade e provedor da casa e a mulher sua companheira, responsável pela criação e educação dos filhos e limpeza do lar. Ao homem, o espaço público, e às mulheres, o espaço doméstico. O futuro da raça dependia disso e, com esse intuito, o autor propôs como uma das principais ações,

> ver um grande número de mulheres cristãs práticas, mulheres de inteligência e piedade; mulheres bem treinadas em economia doméstica; mulheres que combinam sensibilidade delicada e refinamento com conhecimento industrial [...] visitar a 'Cabana do Pai do Tomás; sentar–se com a "Tia Chloe" e suas filhas; mostrar e ensinar–lhes os modos e hábitos de parcimônia, economia, limpeza e ordem; .reuni–las em "Reuniões de Mães" e escolas de costura; e através de palestras e "conversas" orientam estas mulheres e suas filhas nos modos e hábitos de uma limpeza e ordem doméstica.[542]

---

[538] Um dos maiores proponentes dessa tese foi E. Franklin Frazier que, segundo Moses, provavelmente conhecia o trabalho de Crummell. Mesmo que não tenha lido ou citado diretamente Crummell, Moses afirma que, em seus estudos, Frazier chegou a citar seu débito com um ensaio de Du Bois, "The Damnation of Women", cujas teses tem ligação direta com o sermão de Crummell acerca das mulheres negras do sul. MOSES, *op. cit.*, p. 299.

[539] CARLI, Caetano De'. A família escrava entre a esfera historiográfica e antropológica. *Cadernos De Estudos Sociais*, v. 23, n. 1-2, 2011, p. 37-45.

[540] Cabe falar que apenas na década de 70 essas interpretações se modificariam substancialmente. A mudança principal foi justamente na ampliação do que poderia ser considerado família e na pluralidade de relações que homens e mulheres podem construir para além da família composta por pais, mães e filhos. Ver: DAVIS, Angela. O Legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. 1 edição. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 15 – 42; SLENES. Robert W. Na senzala, uma flor, esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

[541] BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 194.

[542] CRUMMELL, 1891, *op. cit*., p. 76. Trad. livre do autor: "I wish to see large numbers of practical Christian women, women of intelligence and piety; women well trained in domestic economy; women who combine delicate sensibility and refinement with industrial acquaintance—scores of such women to go South to enter every Southern State; to visit 'Uncle Tom's Cabin;' to sit down with 'Aunt Chloe' and her daughters ; to show and teach them the ways and habits of thrift, economy, neatness, and order ; .to gather them into "Mothers' Meetings" and sewing schools; and by both lectures and "talks" guide these women and their daughters into the modes and habits of clean and orderly housekeeping".

A ordem doméstica, portanto, era garantiadora do sucesso da raça. Nesse trecho, nessa ideia de família do autor, não estamos vendo apenas as relações de gênero e raça se entrelaçarem, mas o mundo doméstico como garantidor da continuidade e da não degeneração da sociedade. A família era o núcleo primordial da humanidade e a mulher cuidadora a responsável pela limpeza e ordem desse núcleo. Na realidade, um símbolo de limpeza e ordem da própria sociedade. Essas afirmações eram lugar comum na segunda metade do século XIX, propriamente nas representações e imagens da família vitoriana inglesa.[543] Em suas elaborações, McClintok investiga como o trabalho doméstico era motivo de atenção na sociedade vitoriana e de preocupações em momento que a Inglaterra consolidava sua expansão imperial. O cuidado com a limpeza, organização e sujeira era um dos pontos centrais dessas sociedades modernas, pois os resíduos podiam escancarar o fato de que, nas trocas e compras do mercado capitalista, os objetos, na realidade, deixavam rastros da interdependência humana e, principalmente, do trabalho e esforço de energia dispendido por trabalhadores na criação de riqueza. Em suma, "a sujeira era o traço marcante da classe trabalhadora e do trabalho feminino, evidência indecorosa de que a produção fundamental da riqueza industrial e imperial estava nas mãos e nos corpos da classe trabalhadora, das mulheres e dos colonos".[544] É interessante que, se a sociedade vitoriana buscava esconder essas relações, as argumentações de Crummell eram bastante explícitas em destacar como o mundo doméstico e o público estavam intrinsicamente conectados.

> Se você deseja que a civilização de um povo alcance os melhores elementos de seu ser e, depois de alcançá–los, ali permaneça, como um princípio nativo, você deve imbuir a feminilidade desse povo com todos os seus elementos e qualidades. Qualquer movimento que passe[545] pelo sexo feminino é uma coisa efêmera. Sem eles, nenhuma verdadeira nacionalidade, patriotismo, religião, cultivo, vida familiar ou verdadeiro status social é uma possibilidade. Nesta questão, são precisos dois para fazer um — a humanidade é uma dualidade.[546]

A humanidade é uma dualidade, a família é sua condição. McClintok terminou suas argumentações dizendo que a domesticidade era importante, pois era a base e suporte do

[543] Família pela qual Crummell tinha grande apreço. MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 8; 151.
[544] MCCLINTOK, *op. cit*., p. 230.
[545] Acreditamos que houve um erro de impressão aqui e a palavra "não" foi omitida. Sem ela, o parágrafo deixa de ter qualquer coesão e coerência.
[546] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 79. Trad. livre do autor: "If you want the civilization of a people to reach the very best elements of their being, and then, having reached them, there to abide, as an indigenous principle, you must imbue the womanhood of that people with all its elements and qualities. Any movement which passes by the female sex is an ephemeral thing. Without them, no true nationality, patriotism, religion, cultivation, family life, or true social status is a possibility".

império britânico.[547] Para Crummell, em período semelhante, a mulher, o cuidado doméstico e a família eram as bases da raça, de sua perpetuidade e de todos os valores sociais que determinariam sua força – nacionalidade, patriotismo, religião. Por isso, a revolução doméstica e familiar era uma revolução da raça negra do Sul e a regeneração completa desses homens e dessas mulheres que estavam alijados da civilização e das condições materiais do mundo. Ao fim, tudo começaria pela família e "então a semente de uma vida nova e ordenada plantada em algumas cabanas e localidades, logo se espalharia no exterior, através do princípio da **imitação**, e logo, como a figueira-de-bengala, o trabalho benéfico se espalharia por toda parte através de grandes populações".[548] (grifo nosso).

A imitação mais uma vez, mas agora empregada em um novo contexto específico. A regeneração da família negra do Sul passava por uma imitação de valores do Norte. Esse é um dos primeiros componentes do projeto de Crummell, outro projeto que estabeleceria hierarquias e posições bem definidas. Ademais, o autor começa a demonstrar com isso que nem todos os negros estadunidenses necessitavam da civilização, mas aqueles que passaram pelas misérias do sistema escravista.[549] A raça então estava novamente dividida, agora entre o Sul atrasado e o Norte avançado. A Reconstrução tinha como seu principal agente, bem como a colonização liberiana tivera, isto é, o negro civilizado e estadunidense do Norte. Portanto, um sentido de reconstrução, regeneração seria então claro em Crummell: retirar o passado escravista e estabelecer uma civilização do futuro, de valores burgueses. Mas esse não é único sentido possível de Reconstrução que podemos encontrar no autor. Para encerrar essa seção, mostraremos como Crummell, na reconstrução dos EUA, reconstruiu e propôs a imagem de um outro continente africano. Se as ambiguidades da escravidão sumiram, as ambiguidades no passado do continente africano, da raça "pagã" e "bárbara" reacenderam. Reacenderam com um objetivo, argumentaremos, para falar menos de passado, mas trazer uma outra ideia de regeneração ao futuro. Um filósofo da temporalidade moderna, Crummell utilizaria mais uma vez de seus elementos para seus projetos políticos.

***

> Sofremos, meus irmãos, em todo o domínio da moral. Ainda estamos sofrendo como povo nesse aspecto. Consideremos a santidade do casamento, a facilidade do divórcio, a castidade da mulher, a vergonha, a modéstia e a timidez da infância; a aversão à

[547] MCCLINTOK, *op. cit.*, p. 245.
[548] CRUMMELL, 1891, *op. cit*., p. 77. Trad. Livre do autor: "And then the seed of a new and orderly life planted in a few huts and localities, it would soon spread abroad, through the principle of imitation, and erelong, like the Banyantree, the beneficent work would spread far and wide through large populations".
[549] Na seção 2.3., veremos como essa concepção se consolida e toma maior forma por meio da *Americana Negro Academy*.

> ilegitimidade; e não há ninguém nesta terra que, nestes aspectos, tenha recebido ataques tão mortais como esta nossa raça.[550]

Veja que nessa definição de moral, aparecem aspectos discutidos anteriormente, como a importância de uma família estruturada e da posição da mulher como casta. A reconstrução moral, como sabemos por "The New Ideas for a New Era", era outra das necessidades da "raça" para o pastor. Em certa medida, a moral seria um conjunto de valores, princípios e determinações que os povos e as raças deveriam possuir como bases garantidoras de um futuro. O homem, sua virilidade, a mulher, sua excelência moral, a sociedade, virtudes basilares. Lições que nada tinham a ver com privilégios políticos, com estágio avançado culturalmente ou com força bélica ou militar. "Mais de uma são as histórias que podem ser encontradas onde as pessoas tiveram tudo isso; e então, mesmo no auge de sua fama, estavam à beira do abismo, de onde foram precipitados na ruína!"[551] Ao mesmo tempo, outras histórias podem ser encontradas nas quais é possível ver que pessoas simples

> sem formação e sem adornos foram robustas e virtuosas; criaram homens corajosos e verdadeiros e mulheres castas e belas; preservaram cuidadosamente a pureza de suas famílias, a simplicidade de suas maneiras e o respeito pela lei. E essas excelências não apenas demonstraram 'sua sabedoria e compreensão aos olhos das nações', mas também as tornaram imortais.[552]

Crummell não dá exemplos concretos de quais povos simples e virtuosos ele fala, mas temos um palpite de um deles: os povos africanos. É esse palpite que seguiremos e é com ele que encerraremos esta seção. Pode parecer contraditório terminar um livro tão eminentemente voltado para a realidade estadunidense com essa temática, mas é justamente por isso que encerraremos. Seguiremos o que fizemos com *The Future of Africa*, um texto totalmente apologético do destino liberiano, mas que escondia em suas linhas camadas do futuro estadunidense. No caso de agora, mostraremos quais sentidos e representações o continente africano e a Libéria assumiram então nesse momento apologético de projetos voltados aos EUA.

---

[550] *Ibid.*, p. 32. Trad. livre do autor: "We have suffered, my brethren, in the whole domain of morals. We are still suffering as a people in this regard. Take the sanctity of marriage, the facility of divorce, the chastity of woman, the shame, modesty and bashfulness of girlhoodj the abhorrence of illegitimacy; and there is no people in this land who, in these regards, have received such deadly thrusts as this race of ours".

[551] *Ibid.*, p. 33. Trad. livre do autor: "Other histories, however, may be found in which we can see that people simple, untrained and unadorned have been robust and virtuous; have bred brave and truthful men and chaste and beauteous women ; have carefully preserved the purity of their families, the simplicity of their manners and reverence for law. And these excellencies have not only shown "their wisdom and understanding in the sight of the nations," but have also made them imortal".

[552] *Ibid.*, p. 33. Trad. livre do autor: "untrained and unadorned have been robust and virtuous; have bred brave and truthful men and chaste and beauteous women ; have carefully preserved the purity of their families, the simplicity of their manners and reverence for law. And these excellencies have not only shown "their wisdom and understanding in the sight of the nations," but have also made them imortal".

De certa forma, iremos na direção contrária da historiografia representada por Du Bois e Ferris, que pouco se atentaram a importância que a Libéria e África continuava a ter em seus textos nesse período. Ao mesmo tempo, evidenciaremos como essas representações podem dizer respeito mais aos destinos dos EUA do que do próprio continente africano. A raça, seu passado e seu futuro, seria mais uma vez ressignificada pela filosofia temporal de Crummell.

Assim, o pastor bem definiu em nosso texto guia, o prefácio: "Os artigos relativos à África são republicados devido ao interesse do Autor por aquele grande continente e pelos movimentos estimulantes da época para o seu desenvolvimento e evangelização".[553] Crummell então dá uma primeira razão para ter chamado o livro de *Africa and America* e por ter republicado textos da Libéria ou que falam do continente africano: seu interesse na colonização e evangelização do continente. Obviamente, complementava o pastor, os métodos para isso deveriam ser revistos e até mesmo repudiados, entretanto, a África não diferia em nenhum aspecto da "grande família humana. Se algum dia ela for regenerada, as influências e agências para esse fim deverão provir de fontes externas. A civilização é sempre, em seus primeiros frutos, entre os povos rudes, um exótico".[554]

A África era um lugar rude, bárbaro, em visões semelhantes às que vimos no contexto liberiano. Um local que necessitava de um processo ainda de regeneração, pois a civilização nunca "surge, espontaneamente, em qualquer nova terra. Deve ser transplantada de um solo antigo para um novo".[555] É o caso de "Address before the American Geographical Society" (décimo texto), declamado diante da *American Geographical Society*, em Nova York e em 22 de maio de 1877. Seu propósito é elucidar os principais meios de civilizar e evangelizar a África, denotando que o sucesso está naqueles que conseguem trazer tanto vantagens materiais quanto morais ao continente. Para Crummell, a proposta de Leopoldo II era a mais vantajosa nesse sentido, pois conseguia aliar o mundo material e espiritual no processo colonizador.

Leopoldo II foi coroado rei da Bélgica em 1865 e pouco mais de uma década depois, 1876, já possuía em suas mãos a delimitação de um território que se tornaria sua posse privada e particular: a África Equatorial e, propriamente, a bacia do Congo.[556] Assim, logo neste mesmo

---

[553] *Ibid.*, p. V. Trad. livre do autor: "The papers relating to Africa are republished because of the Author's interest in that great continent and in the stirring movements of the times for its development and evangelization".
[554] *Ibid.*, p. V. Trad. livre do autor: "But Africa differs in no respect from all the other sections of the great human family. If she is ever re- generated the influences and agencies to this end must come from external sources. Civilization is always, in its first outgrowths, among rude peoples, an exotic".
[555] *Ibid.*, p. V. Trad. livre do autor: "It never springs up, spontaneously, in any new land. It must be transplanted from an old to a new soil."
[556] MILANI, Martinho Camargo. Estado Livre do Congo: imperialismo, a roedura geopolítica (1885-1908). 2011. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011, p. 118.

ano, o Rei belga criou a Associação Internacional Africana (AIA), entidade que reuniu geólogos, botânicos e outros cientistas para a missão de estudar e conhecer o continente africano. Na reunião inaugural da instituição, outras nações imperialistas foram convidadas e, provavelmente, é por meio desta que Crummell se informou acerca dos projetos do Rei e presidente da organização. Não surpreendentemente as ideias do discurso inaugural, proferido por Leopoldo II, eram bem próximas do vocabulário de Crummel: " 'Abrir para a civilização a única parte do globo ainda infensa a ela, penetrar na escuridão que paira sobre povos inteiros é, eu diria, uma cruzada digna deste século de progresso (...)'".[557] O pastor não chegou a ver o resultado deste "progresso belga", mas sabemos hoje por estimativas que, durante as décadas de colonização belga, o Congo tenha perdido metade de sua população.[558] Massacres, torturas, péssimas condições de vida e trabalho e deslocamentos foram os principais responsáveis por esse decréscimo populacional exorbitante. O processo de colonização belga, o mesmo no qual Crummell enxergou ideias e projetos de regeneração e de vida ao continente, é considerado por isso um dos maiores genocídios do período e da história recente. Outra vez, a vida e a morte em seus escritos e ambiguidades inseparáveis no vocabulário moderno que Crummell dialogava e se inseria.

Mas a ambiguidade que investigamos aqui é outra e resvala nas representações do continente africano e da "raça" que habita o continente. Nesse exato sermão do pastor, em que o continente era visto como o território bárbaro e incivilizado, o autor também enxergou certas potencialidades. Assim, o que esses aspectos morais e espirituais – de homens como Rei Leopoldo II – conseguiriam fazer era direcionar o nativo africano, já que estes eram comerciantes natos, mas lhe faltavam aquele sentimento de busca de coisas maiores junto desse comércio.

> Ele (o nativo africano) é essencialmente um comerciante; ele tem grandes necessidades; ele não é uma criatura impassível, passiva e morta, como muitos supõem, embora seja incivilizado. Ele tem necessidades grandes e indefinidas, um grande desejo por mercadorias, coisas que viu, e uma curiosidade e um desejo, que brotam da imaginação, por coisas que não viu. E isto, na minha opinião, é o germe de uma grandeza marcante no africano nativo no futuro.[559]

[557] HOSCHSCHILD apud *Ibid*., p. 121.
[558] *Ibid.*, p. 172.
[559] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 316. Trad. livre do autor: "He is essentially a trader; he has large wants ; he is not a stolid, passive, dead creature, as many suppose, albeit he is uncivilized. He has large, undefined wants, a great craving for commodities, things which he has seen, and a curiosity and a desire, springing from imagination, for things which he has not seen. And this, as I take it, is the germ of a marked greatness in the native African in the future."

O futuro aparecia outra vez. Seus sentidos, porém, não estavam escritos na imitação da civilização, no progresso da família ou nos projetos de regeneração cristãos e civilizados, mas inscrito na própria composição da parte "bárbara" e "incivilizada" da "raça". Um significado de futuro que nos faz voltar a seu projeto de restauração familiar e da mulher negra, particularmente, segundo o autor, em uma questão primordial: qual vantagem a restauração da mulher negra poderia trazer à nação americana?

> Possivelmente a visão que estou sugerindo nunca antes foi apresentada à mente americana. Mas, Negro como sou, não pedirei desculpas por arriscar a afirmação de que a negra é uma das mais interessantes de todas as classes de mulheres do globo. Estou falando dela, não como uma criatura pervertida e degradada, mas em seu estado natural, com seus instintos e peculiaridades nativos.[560]

Uma mulher, portanto, que foi degradada e retirada de seus princípios pela miserável escravidão do Sul. Assim, se não havia mais ambiguidades nas representações acerca do sistema escravista, a dualidade no modo representativo do continente africano aparecia no autor. Um território de terrível barbarismo em determinados momentos da argumentação, um território de prenúncios maravilhosos da civilização em outros. Crummell já havia adotado essa ambígua representação do continente nos seus últimos momentos na Libéria, em contexto colonial. Na seção "1.3. Verdades da colonização", por meio de Bhabha, demonstramos como isso fazia sentido, já que essas formas de representação são fundamentais nos projetos colonizadores. No entanto, seus projetos deste trecho eram para outra realidade, os EUA.

> Pois, por mais humilde e ignorante que seja, a mulher negra do Sul é uma das rainhas da feminilidade. Se houver alguma outra mulher nesta terra que em qualidades indígenas nativas seja superior a ela, não sei onde ela pode ser encontrada; pois, eu digo, que na ternura de sentimento, na genuína modéstia nativa, no grande desinteresse, na doçura de disposição e profunda humildade, na devoção altruísta e na assiduidade calorosa e maternal, a mulher negra é insuperável por qualquer outra mulher em esta terra.[561]

A feminilidade, a modéstia, a devoção, a domesticidade, características essenciais para os projetos de civilização e futuro do pastor eram agora racializadas em seu discurso. Em

---

[560] *Ibid.*, p. 70. Trad. livre do autor: "Possibly the view I am about suggesting has never before been presented to the American mind. But, Negro as I am, I shall make no apology for venturing the claim that the Negress is one of the most interesting of all the classes of women on the globe. I am speaking of her, not as a perverted and degraded creature, but in her natural state, with her native instincts and peculiarities".

[561] *Ibid.*, p. 71. Trad. livre do autor: "For, humble and benighted as she is, the black woman of the South is one of the queens of womanhood. If there is any other woman on this earth who in native aboriginal qualities is her superior, I know not where she is to be found ; for, I do say, that in tenderness of feeling, in genuine native modesty, in large disinterestedness, in sweetness of disposition and deep humility, in unselfish devotedness, and in warm, motherly assiduities, the Negro woman is unsurpassed by any other woman on this earth".

África, as mulheres exibiriam características nativas que a deixavam insuperáveis. Qualidades "indígenas", tendências africanas que definiriam o continente. Muitos anos antes, em uma das representações ambíguas da escravidão, Crummell perguntou aos liberianos se eles não sentiam uma perda fundamental em seu ser: "Ai de nós, como raça! fomos tão profundamente prejudicados pela opressão que perdemos a força dos intensos princípios nativos e das primeiras afeições naturais".[562] Essa afirmação era de *The Future of Africa* e justamente em momento que o autor criticava e denunciava a escravidão como uma força destruidora e implacável. Um poder que destruíra "intensos princípios nativos" e "afeições naturais" da raça, bem nos termos que a vemos neste contexto estadunidense, mas agora em momento que a escravidão perdeu por completo sua representação ambígua, a qual foi transposta para interpretar o continente africano. Essa forma representativa não era, claro, uma invenção única de Crummell. Como sempre mostramos, suas ideias compartilhavam vocabulários, projetos, planos e tradições na construção de seus argumentos. Nesse mesmo trecho, o autor se utilizou de outros autores e ideias para dar autoridade ao que dizia das mulheres africanas e do continente. O mais interessante e elucidativo desses outros vocabulários provinha das palavras de ninguém menos que Mungo Park (1775 – 1801), explorador escocês que chegou ao rio Níger nos idos de 1797.[563] Sua ação por si só já seria um feito e tanto, já que muitos europeus antes de Park haviam tentado e falhado no século XVIII– de certa forma, ele é considerado o primeiro. No entanto, o autor não se contentaria apenas com a realização e a registraria em um livro, *Travels in the interior districts of Africa (1799)*. Esse de viagem se tornou um verdadeiro best-seller do século XIX e, segundo Pratt, muito por exibir essa nova imagem do continente africano que Crummell utilizava. Um continente receptivo às investidas europeias, exibindo traços de reciprocidade e generosidade com os viajantes e estrangeiros. Foi essa generosidade que fez Crummell lembrar de Park:

> a generosidade da mulher africana para com os viajantes traz à mente o incidente nas viagens de Mungo Park, onde as mulheres africanas o alimentaram, nutriram e salvaram. Os homens o expulsaram. Nem sequer lhe permitiam alimentar–se com o gado; e assim, fraco, cansado e desesperado, ele foi para uma cabana remota e deitou–se no chão para morrer. Uma mulher, tocada pela compaixão, veio até ele, trouxe–lhe comida e leite, e imediatamente ele reviveu. Depois ele nos conta sobre o consolo e a assiduidade dessas criaturas gentis para seu conforto.[564]

---

[562] CRUMMELL, 1862, *op.cit.*, p. 218-219. Trad. livre do autor: "Alas for us, as a race! so deeply harmed have we been by oppression that we have lost the force of strong, native principles, and prime natural affections".
[563] PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999, p. 127.
[564] CRUMMELL, 1892, *op. cit*., p. 73. Trad. livre do autor: "the generosity of the African woman to travelers brings to mind the incident in Mungo Park's travels, where the African women fed, nourished, and saved him. The men had driven him away. They would not even allow him to feed with the cattle; and so, faint, weary, and despairing, he went to a remote hut and lay down on the earth to die. One woman, touched with compassion, came

Para Pratt, esse tipo de representação dos africanos foi fundamental para o imperialismo europeu do século XIX. A autora deu–lhe o nome de "anticonquista", um arcabouço ideológico e cultural organizador dos modos como os europeus compreenderiam sua entrada no continente. Dito de outro modo, essas foram ideias que legitimaram o ímpeto expansionista e capitalista europeu diante do território africano e as futuras missões civilizatórias contra suas populações. Assim, quando Mungo Park evidenciava a reciprocidade das mulheres africanas ao recebê-lo, mistificava a ação invasora e colonial dos europeus.[565] Eram os olhos do autor que viam, descreviam e representavam desse modo. Olhos que ocultavam as verdadeiras intenções como do Rei Leopoldo II. Eram, portanto, os olhos do Império.

Mas como é comum nas ideias, esses olhos e palavras do império e desse mundo colonial se transformaram em significado distintos nas palavras de Crummell. Nesse novo espaço, novo contexto de atuação, essas características "nativas" e intrínsecas da "raça" do continente africano, serviam para delimitar um futuro de sucesso aos negros estadunidenses. Mais que isso, se estamos falando de um contexto de reconstrução, essa palavra assume contornos mais extremos nesses trechos. Reconstruir, regenerar era não apenas vencer os obstáculos criados pela escravidão, mas retomar o que esse modelo econômico havia degenerado e reconstruir o que a "raça negra" sempre exibiu no continente africano: potenciais de civilidade e moral humanos. Em suma, bem nos termos como pastor, no trecho anterior, finalizou seu argumento acerca das mulheres nativas africanas: "Nenhuma outra mulher no mundo jamais recebeu tantos tributos a uma natureza moral elevada, a um amor doce e gentil e a uma devoção inalterada".[566] Crummell porntaot, não falava de construir ou restaurar um império, mas de reconstruir aquilo que um dia, em um passado recente, a "raça" já havia demonstrado.

Este foi um dos argumentos lançados contra o reverendo branco J. L Tucker e seu discurso de 1882, declamado em um dos congressos episcopais daquele ano (intitulado *On the Relations of the Church to the Colored Race*).[567] Um sermão, afirmou Crummell, que atacava veementemente a capacidade de autogoverno, autonomia e aprimoramento dos afro-americanos. Crummell, nesse sentido, mobilizou a mesma imagem nativa africana em "A Defence of the Negro Race in America from the assaults and charges – of Rev. J. L. Tucker",

---

to him, brought him food and milk, and at once he revived. Then he tells us of the solace and the assiduities of these gentle creatures for his comfort."

[565] PRATT, *op. cit.*, p. 147 – 154.

[566] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 72. Trad. livre do autor: "No other woman in the world has ever had such tributes to a high moral nature, sweet, gentle love, and unchanged devotedness. And by the memory of my own mother and dearest sisters I can declare it to be true".

[567] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 236.

o discurso de resposta de Crummell às teses do reverendo.[568] Assim, lembrou ao reverendo de sua estadia por quase vinte anos no território africano e o acusou de fazer uma caricatura do caráter e da moral das populações negras. Crummell havia visto de perto sua personalidade e podia comprovar por uma diversidade de fatores seu estado moral íntegro:

> Ao longo de toda a costa ocidental de África, os laços familiares e o vínculo matrimonial são tão fortes como entre quaisquer outros povos primitivos. (...) A sua virtude virginal, o instinto de castidade, é uma maravilha. Não hesito na generalização de que, na África Ocidental, todas as mulheres são virgens até ao dia do casamento. A classe das prostitutas é desconhecida em todas as suas tribos. Arrisco-me a afirmar que qualquer pessoa que andasse por Pall Mall, em Londres, ou pela Broadway, em Nova York, durante uma semana, veria mais indecência na aparência e na atuação do que poderia descobrir em uma cidade africana em uma dúzia de anos. (...) Todo o continente é uma colmeia. Os mercados são realizados regularmente em pontos importantes. Caravanas carregadas de produtos atravessam constantemente todo o continente; e grandes, e às vezes imensas, multidões são reunidas para venda e troca em seus mercados.[569]

Esse desconhecimento de Tucker de todas essas características foi um dos erros que Crummell apontou ao projeto liberiano. Crummell republicou três textos deste período[570] e disse, no prefácio, que esses textos indicavam seu contínuo interesse na República africana – bem diferente da imagem criada por Du Bois em sua homenagem ao autor. Portanto, uma República, um Estado, diria ele, que era um verdadeiro milagre.

> Se algum homem, do mais simples bom senso, fizer uma pausa e considerar a origem humilde da Libéria; recordará o total analfabetismo de nove décimos dos seus colonos; que esses colonos – meras crianças no conhecimento – foram transferidos, no breve circuito da mudança da lua, das plantações ignorantes da América para as regiões selvagens da África; que durante anos não houve um único estudioso originado deles para guiá–los em sua experiência governamental; que estabeleceram o padrão de nacionalidade na total ignorância da Ciência do Governo e da Economia Política; que seu número nunca, em momento algum, chegou a vinte mil pessoas, e eles, em sua maioria, escravos ignorantes; que a doença e o sofrimento, a pobreza e a morte têm sido os visitantes constantes de todas as emigrações para a sua pátria (...)[571]

---

[568] Discurso também lido em 1882 e declamado em um dos congressos episcopais do mesmo ano.

[569] *Ibid.*, p. 87 – 88. Trad. livre do autor: "All along the West Coast of Africa the family tie and the marriage bond are as strong as among any other primitive people. (...) Their maidenly virtue, the instinct to chastity, is a marvel. I have no hesitation in the generalization that, in West Africa, every female is a virgin to the day of her marriage. The harlot class is unknown in all their tribes. I venture the assertion that any one walking through Pall Mall, London, or Broadway, New York, for a week, would see more indecency in look and act than he could discover in an African town in a dozen years. (...) The whole continent is a beehive. The markets are held regularly at important points. Caravans, laden with products, are constantly crossing the entire continent; and large, nay at times immense, multitudes are gathered together for sale and barter at their markets".

[570] Os textos são os seguintes: "The Responsability of the first fathers of a country for its future life and character", já analisado na última seção do primeiro capítulo; "Our National Mistakes and the Remedy for Them", de 26 de julho de 1870 e *How Shall the Regeneration of Africa be Effected?* (1868), também já analisado anteriormente, mas agora publicado sob o nome de "The Regeneration of África"

[571] *Ibid.*, p. VI. Trad. livre do autor: "If any man, of the simplest common sense, will pause and consider the humble origin of Liberia ; will call to remembrance the utter illiteracy of nine tenths of its settlers ; that these settlers—but children in knowledge, were transferred, in the brief circuit of a moon's change, from the ignorant plantations of

Se alguém fizesse a pausa requerida, não acreditaria que essa é a mesma Libéria que por vinte anos as ideias do pastor descreveram e legitimaram.[572] A escravidão, regime que um dia inscreveu ao menos uma promessa divina e de glória da população negra e da "raça", era descrita no excerto como o regime que atrapalhou a civilização dos colonos liberianos – no texto, "escravos ignorantes". A ignorância deles era um dos temas que Crummell tratou em "Our National Mistakes and the Remedy for Them", sexto sermão do livro e declamado na Monróvia em 1870. Diferente dos outros dois textos liberianos do livro, o discurso nunca fora publicado no *African Repository*. A razão é óbvia, pois o texto apontava falhas e erros na construção nacional liberiana, algo que provavelmente a *American Colonization Society* preferia não publicar em seu periódico. Assim, nunca saberemos se as palavras de Crummell eram as mesmas da Monróvia, mas para nós, isso não é mais tão relevante. Para o próprio Crummell, isso não importava também mais, pois os textos que ali estavam, como ele mesmo disse no prefácio, diziam mais aos EUA e às novas ideias que eram requeridas para a reconstrução e regeneração da "raça" na nação americana. Nação que não podia cometer o mesmo erro liberiano, por exemplo, ao negligenciar um fator especial na construção de sua nação: o trabalho dos africanos.

> O homem nativo não tem apenas capacidade física, mas também o hábito do trabalho. Ele é um TRABALHADOR; (...) O africano nativo trabalha, e com muito prazer, até ao nível do seu cultivo e das suas necessidades; é verdade que não na medida das necessidades do homem civilizado, eu garanto, pois ele é um bárbaro . (...) Suas necessidades são arroz, mandioca, óleo de palma e uma cabana; não torta, suja e prestes a cair, como o de um italiano frugal ou de um irlandês rude, mas perfeita e completa. E essas necessidades são sempre supridas. E, portanto, digo que a nossa população nativa tem o hábito do trabalho e é diligente. Eles são diligentes de acordo com seus hábitos e formação; devemos ensinar–lhes os nossos (grifos do original).[573]

America to the wilds of Africa ; that for years there was not a single scholar of their number to guide them in their governmental experiment ; that they set up the standard of nationality in utter ignorance of the Science of Government and of Political Economy ; that their numbers have never, at any time, reached twenty thousand persons, and they, for the most part ignorant slaves ; that sickness and suffering, poverty and death have been the constant visitants of every emigration to their fatherland".

[572] Como lembrança, podemos colocar aqui trecho do sermão "Hope for Africa, de *The Future of Africa* . No trecho em específico, o autor fala da importância de civilizar a África e, claro, da importância dos negros estadunidenses civilizados neste processo. "Depois de afligidos, por quase três séculos de servidão, Deus chama homens escolhidos desta raça, de todas as terras de sua servidão - homens carregados de dons, inteligência e piedade - para a grande e nobre missão, que só eles podem cumprir , até mesmo para plantar colônias, estabelecer Igrejas, fundar Missões e lançar as bases de Universidades pelo litoral e ao longo das margens dos grandes rios da África". CRUMMELL, *op. cit.*, p. 126.

[573] *Ibid.*, p. 175 – 176. Trad. livre do autor: "The native man has not only physical capacity, but he has also the habit of labour. He is a WORKER; (...) The native African does work, and that most gladly, up to the level of his cultivation and his needs ; not indeed, I grant you, up to the civilized man's needs; for he is a barbarian. (...) His needs are rice, cassada, palm oil, and a hut; not awry, dirty, and ready to fall, like a thriftless Italian's or a rude Irishman's, but perfect and complete. And these needs are always supplied. And, therefore, I say that our native

Mas ensinar o quê? A escravidão nada havia dado aos homens negros estadunidenses, apenas a alcunha de "escravos ignorantes", "homens e mulheres degradados" e toda uma gama de nomes que indicavam apenas a ausência da civilização, não sua presença. Como então explicar esse trecho ou qualquer um dos outros do próprio *Africa and America*, nos quais a escravidão aparece sim como agente civilizatório, bem mais próximo de concepções liberianas de Crummell?[574] Se nossa dissertação mostrou bem até aqui, frequentemente a resposta para esta pergunta está nas contradições e nas ambiguidades que atravessam o trabalho intelectual. Contradições que fizeram Crummell utilizar um vocabulário racialista para demonstrar que o problema da raça somente poderia ser resolvido pelas ideias (2.2.1. A nação condenada). Um vocabulário totalmente incoerente com seus significados anteriores do mesmo termo, em que a raça seria apenas um "estado de coisas" e o negro estadunidense imitaria os aspectos civilizatórios e cristãos do mundo (2.1.1. O Tempo de Cristo, 2.1.2. O Tempo da raça). Incoerências que ajudaram a construir seus projetos políticos de regeneração e reconstrução estadunidense. Por conseguinte, a família e moral deveriam ser restaurados, mas essa restauração tinha pelo menos dois sentidos. Um apontando ao futuro, ao futuro capitalista e burguês da ascendente sociedade estadunidense, mas um também a um passado para antes da escravidão, quando a "raça negra", em sua vida ancestral africana, já exibia características das mais importantes para seu destino – contraditoriamente, características desse futuro capitalista e burguês. A experiência escravista não mais era a experiência garantidora do futuro, mas seu impeditivo. Era na África "incivilizada", nos povos primitivos da terra, nos ancestrais "pagãos da raça", que se encontrava a promessa de um destino glorioso. Ao fim, se o passado escravista era um polo oposto ao futuro capitalista naquele sermão que analisamos de John Brown, agora o passado anterior à servidão se unia outra vez ao futuro, inscrevendo nele promessas ao destino das populações negras.

Destino e futuro de uma "raça" cindida e dividida eternamente entre dois territórios, dois continentes. A cisão fundamental de Crummell, que dividiu e justapôs suas ideias, seus

population have the habit of labour, and are industrious. They are industrious according to their habits and training; we must teach them ours".

[574]*Ibid.*, p. 419. "Deus redimiu este povo ferido e açoitou com medo os seus opressores; dezenas de milhares deles, em todas as terras sob sua escravidão, receberam a iluminação que vem de livros e seminários, da Bíblia e de igrejas e agora, no final de todo este capítulo da providência, Deus está trazendo dezenas e centenas de -los de volta a este continente, como colonos e mercadores; como missionários, catequistas e professores; e com eles 'lança a pérola do evangelho'". *"*God has redeemed this injured people, and fearfully scourged their oppressors ; tens of thousands of them, in all the lands of their thraldom, have received the enlightenment which comes from books and seminaries, from the Bible and churches and now, as the end of all this chapter of providence, God is bringing scores and hundreds of them back to this continent, as colonists and merchants ; as missionaries and catechists and teachers ; and with them 'casts the pearl of the gospel'".

projetos, em uma divisão que trouxe suas mesmas palavras em sentidos quase opostos, contradizendo seus termos frequentemente no mesmo livro, no mesmo texto, no mesmo parágrafo. Raça, nação, civilização, escravidão, passado, futuro, termos da modernidade, que como indicou Bhabha, possuem inúmeros sentidos, por vezes contraditórios entre si.[575] A incoerência, porém, é a força da modernidade. Seu poder está na flexibilidade de seus conceitos, que podem ser ressignificados a todo momento, de acordo com os projetos de dominação e liberdade, de acordo com o território e contexto. Por isso foi possível Crummell avisar aos cidadãos liberianos e, ao mesmo tempo, aos cidadãos estadunidenses que ainda faltava uma última obra do Senhor, um último trabalho ao mundo:

> E devemos nos esforçar para subir à medida mais elevada de nosso ser e de nosso dever. Caros Cidadãos – há grandes épocas na história das raças e dos homens, cheias da mais sublime importância. [...] Estamos nos aproximando, se é que ainda não estamos bem próximos, dos últimos dias do mundo, e a obra do Senhor ainda tem um grande complemento para a plenitude de sua missão – isto é, a regeneração da África.

Crummell mobilizava então toda uma gama de ideias supostamente superiores para regenerar os EUA e a África. A restruturação da família burguesa, a regeneração da moral, mas ainda faltava uma grande obra, obra que os liberianos não souberam aproveitar e que era de grande valia aos EUA daqueles tempos: o trabalho. Escolhemos falar dele numa seção final e especial, já que seus limites extrapolam muito além do livro de 1891 e chegam até o último e grande projeto de Crummell, ou seja, antes de seu fim e do fim dos tempos, faltava a institucionalização de um projeto próprio do pastor: a *American Negro Academy*.

2.3. Trabalhos da civilização (1891 – 1897)

"Volte–se para outro e, em seus aspectos materiais, um assunto afim (ao da Família). Refiro–me às condições industriais da raça negra nesta nação. Nenhum tema desperta mais interesse e ansiedade do que a questão trabalhista".[576] Crummell não falava isso por simples retórica. As condições, as formas e os tipos de trabalho dos negros estadunidenses foram, provavelmente, um dos elementos mais discutidos nesse período nos EUA. Uma evidência disso está no seu próprio livro de 1891, no qual a questão tangencia ou é o assunto principal de vários outros discursos: "A Defence of the Negro Race in America" (terceiro sermão),

[575] BHABHA, *op. cit*.
[576] *Ibid.*, p. 26 -27. Trad. Livre do autor: "Turn to another and, in its material aspects, a kindred subject. I refer to the industrial conditions of the black race in this nation. No topic is exciting more interest and anxiety than the labor question".

"Common Sense in Common Schooling*"* (décimo–primeiro sermão), Excellence, an end of the Trained Intellect (décimo–segundo sermão), "Right–Mindness" (décimo–terceiro sermão) e "The Dignity of Labour; and Its Value to a New People" (décimo–quarto sermão). Ademais, Crummell alertou no prefácio que "Common Sense in Common Schooling" causara uma série de debates e críticas e, provavelmente, em razão de seus apontamentos das formas trabalho na população negra americana.[577]

Ao final, o debate é tão longo e vivo que resvala nos últimos textos de Crummell, particularmente em *Civilization the primal need of the race*: *the inaugural address*, o primeiro discurso anual da *American Negro Academy*, de 1897. Na realidade, a própria criação da *American Negro Academy* é uma intervenção direta no âmbito do trabalho e da instrução dos negros estadunidenses e por isso encerramos e estendemos esse tópico até a sua fundação. Para além disso, mostraremos nesta última seção que a *American Negro Academy* é a consolidação dos projetos políticos e sociais que investigamos neste capítulo como um todo. Sua criação passa muito por como o pastor compreendeu as necessidades dos negros estadunidenses e por qual seria seu papel como intelectual interessado em suprir essas carências da "raça". Nesse sentido, esta seção pretende retornar em conceitos e ideias que já vislumbramos, mas articulando–os com outra parte fundamental desses projetos, o trabalho, simbolizada pela pergunta que inaugurou a *American Negro Academy* em 1897: "Quem serão os agentes para elevar este nosso povo ao grande plano da civilização?"

***

Novamente, a escravidão e seu legado eram a causa primordial desses longos e intermináveis debates acerca do trabalho. O trabalho era o que produzia a riqueza, e muitas teorias da época colocaram os recém–libertos como incapazes de se adequar à nova era, ao novo mundo que pedia trabalhadores e trabalhadoras competentes. Assim, uma das intervenções do pastor foi mostrar que, se o sistema escravista destruíra a família e a moral negra, ele também fora responsável por retirar sua capacidade industrial, requisição primordial na consolidação do capitalismo. Essa é uma das temáticas de "The Dignity of Labour; and Its Value to a New People", discurso declamado diante de trabalhadores da cidade da Filadélfia em 1881. Seu objetivo foi discutir as condições de trabalho do negro estadunidense e verificar como este poderia servir ao aprimoramento da "raça". Segundo o autor, dois perigos ameaçavam o futuro

[577] *Ibid.*, p. VII.

do trabalho entre os negros: o primeiro, eram as condições ainda feudais e servis que muitos viviam. “O atual estado das coisas, em todo o Sul, justifica os meus receios. Há evidentemente uma convicção muito ampla na mente sulista de que a função especial do homem negro é ser um humilde lavrador da terra, um mero funcionário do antigo proprietário de terras”.[578]

Nesse sentido, logo após esse trecho, a interpretação de Crummell era que esse estado da mente do Sul tinha uma causa: o pouco tempo de Emancipação e a forma abrupta como ocorreu. “Foi como a agitação do grande abismo, provocada por um terremoto. Destruiu os alicerces de sistemas que estavam enraizados há dois séculos ou mais. Deixou o caos por todos os lados. Os brancos do sul sentiram e ainda sentem”.[579] Essa seria uma interpretação corrente do pós-Guerra Civil, principalmente para explicar as dificuldades de civilizar o sul e os problemas que envolveram a Reconstrução entre 1865 a 1872. Quando Du Bois analisou historicamente esse período em *Almas da Gente Negra*, suas investigações tocaram em pontos semelhantes, ressaltando as dificuldades de implementar qualquer política social e justa em uma sociedade que ainda vivia sob uma mentalidade escravista e segregada.[580] Bem na linha do raciocínio exibido por Crummell:

> É aqui que reside o perigo para o futuro. O velho proprietário de terras, desnorteado como por um terremoto, preocupado apenas com o passado, incapaz de se instalar nos sulcos do futuro, agarra–se ao solo; mantém suas antigas noções sobre os lavradores adequados do solo; mantém as suas antigas convicções do lugar natural e do destino da raça negra, como lavradores do solo.[581]

O tempo voltava nos escritos de Crummell: o futuro mais uma vez ameaçado e o passado – o sul dos EUA, a escravidão, o racismo – com uma presença paralisante. Permanências que afetavam a mente e o pensamento dos brancos e, claro, dos negros estadunidenses. “Elas nos prejudicaram de duas maneiras diversas e opostas. Pois, primeiro, serviram para estabelecer nas mentes de um grande número de nossa raça a ideia de que a servidão é a condição normal do homem negro”.[582] E, segundo, elas “criaram em outra classe maior a noção de que o trabalho

---

[578] *Ibid.*, p. 385. Trad. livre do autor: “The actual state of things, all through the south, justifies my fears. There is evidently a very wide conviction in the southern mind that the special function of the black man is to be a humble tiller of the soil the mere functionary of the old landed proprietor”.

[579] *Ibid.*, p. 385-386. Trad. livre do autor: “It was like the upheaval of the great deep, by an earthquake. It tore up the foundations of systems which had had the rooting of two centuries and more. It left chaos on every side. The whites of the south felt it, and still feel it”.

[580] Du Bois, 2021, *op. cit.*, p. 33.

[581] *Ibid*., p. 386. Trad. livre do autor: “Herein lies the peril for the future. The old landed proprietor, bewildered as by an earthquake, mindful only of the past, unable to settle in the grooves of the future, holds on to the soil ; holds on to his old notions as to the fit tillers of the soil ; holds on to his old convictions of the natural place and destiny of the black race, as the tillers of the soil”.

[582] *Ibid*., p. 387. Trad. livre do autor: “They have injured us in two diverse and opposite ways. For, first they have served to settle in the minds of large numbers of our race the idea that servitude is the normal condition of the black man”.

é; degradante;– que pessoas superiores não deveriam trabalhar; que assim que alguém se levanta um pouco no mundo, as mãos sujas são vulgares e degradantes".[583] No primeiro ponto levantado, Crummell atacou àqueles que insistiam em limitar a população negra a sua condição escrava. Ele já havia feito isso anos antes na Libéria, no combate à maldição de Cam, e nesse trecho, se limitou a dizer quão falacioso era aquele pensamento. Suas preocupações, nesse período, eram com o segundo ponto e é essa a questão que gerava os principais debates entre intelectuais negros e brancos da época, isto é, a deterioração do trabalho pela escravidão e as reais possibilidades de instrução e aprimoramento da "raça".

"Fomos criados sob um sistema extremamente artificial, no qual, por um lado, toda a glória e beleza da vida foram associadas à facilidade, ao luxo e à maestria; e onde todo o trabalho, o trabalho penoso, a ignorância e o sofrimento foram aliados ao negro e à servidão".[584] O raciocínio aqui é semelhante ao que apresentamos com a família burguesa, mas voltada ao trabalho. O trabalho na escravidão seria vil, penoso, degradante, totalmente oposto ao do regime capitalista moderno, propulsor de um labor supostamente dignificante, libertador e produtor de riquezas. Uma visão que se estenderia em debates posteriores e interpretações historiográficas que discutiriam, entre muitas questões, a comparação entre a produção econômica escravista e as sociedades capitalistas.[585] Além disso, debates que também se voltaram à degradação do trabalho manual e mecânico no sistema escravista e à suposta incapacidade do negro para o trabalho livre fruto de sua degradação na escravidão. [586] Questões que giravam em torno de uma concepção fundamental: uma oposição completa entre a modernidade capitalista e o regime escravista.[587] Se antes analisamos essa perspectiva por meio dos projetos do pastor para a

---

[583] *Ibid.*, p. 387. Trad. livre do autor: "the notion in another larger class, that labour is; degrading;- that superior people ought not to work; that as soon as one gets up a little in the world, soiled or horny hands, are vulgar and debasing".

[584] *Ibid*., p. 388. Trad. livre do autor: "We have been brought up under a most artificial system, wherein on the one hand, all the glory and the beauty of life have been associated with ease, luxury and mastery ; and where all the toil, the drudgery, the ignorance and the suffering, have been allied to the Negro and to servitude".

[585] FOGEL, Robert William; ENGERMAN, Stanley L.. *Time on the Cross*: The Economics of American Negro Slavery. Nova York: WW Norton & Company, 1995; GUTMAN, Herbet G.. Slavery and the Numbers Game: A Critique of Time on the Cross. Chicago; Londres: University of Illinois Press, 1975.

[586] No Brasil, houve debates semelhantes à historiografia estadunidense, já que parece ser uma tônica dos processos de modernização capitalista dos países essa comparação entre os regimes escravistas e capitalista. Tanto é que essas discussões tomam a cena pública e acadêmica brasileira nos anos 30, em meio ao processo de modernização brasileira mais acentuado na Era Vargas (1930 – 1945). Deixamos então nesta nota algumas referências correspondentes ao Brasil, mas que tocam nas mesmas questões estadunidenses. IMPÉRIO e lugares no Brasil. Ciclo de Palestras ILB - Prof. Dr. Fabiano Gomes da Silva. YouTube, 15 set. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vice7M-xKrA. Acesso em: 13 out. 2023; SILVA, Fabiano Gomes da. Introdução. In.: Viver honradamente de ofícios: trabalhadores manuais livres, garantias e rendeiros em Mariana. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017, p. 13 – 36; FERNANDES, F. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

[587] Em estudos mais contemporâneos da modernidade, essa oposição é bastante criticada e sabemos hoje como a escravidão foi essencial para a acumulação do capital nas metrópoles capitalistas. QUIJANO, Anibal.

regeneração da família burguesa negra (tipo familiar oposta à condição escrava), agora nosso olhar está voltado aos projetos para a reconstrução das práticas laborais negras na modernidade (práticas opostas ao trabalho degradado do regime escravista) Desse modo, ao nos restringirmos ao contexto de Crummell, antes dos desdobramentos desses debates, sua intervenção e diálogo eram com outra concepção do período, que afirmava exatamente o contrário: a escravidão havia sido uma escola de civilização e trabalho. Muitos anos antes, quando o cheiro do Atlântico chegava ao pastor pela costa africana, Crummell poderia concordar com isso. Porém, o contexto e projetos agora eram outros. A escravidão agora era símbolo de passado, de destruição da família, da domesticidade e da moral. Então,"Que tipo de escola era esta, para aprender a dignidade do trabalho?", [588] perguntou-se Crummell, ao criticar o já mencionado discurso do reverendo J. L Tucker:

> A menos que eu entenda mal o Dr. Tucker, e também seus endossantes, ele atribui a depravação moral grosseira, a lascívia geral, a desonestidade e a hipocrisia como peculiaridades do negro e, como tal, constitucionais para ele. Mas peço-lhe que diga que estas acusações são injustas. Estes traços de carácter, na medida em que se mantêm no Sul, são características americanas – o resultado legítimo do sistema pernicioso de escravidão que esmagou esta raça durante mais de duzentos anos.[589]

Esse excerto resume bem o que estamos mostrando em relação à escravidão nos argumentos de Crummell nesse período e também ilustra mais o tom dos argumentos que o teólogo deu contra o reverendo em seu sermão de resposta: a escravidão deteriorou o trabalho entre os negros do Sul. As "funções principais da raça, sob a escravidão, eram a 1ª, Luxúria, e a 2ª, trabalho não correspondido. Esta é a característica mais grave de todo o sistema escravista; e sobre ele um volume poderia ser escrito. Mas limito–me à declaração de alguns fatos simples e evidentes".[590] Crummell lista então a degradação da família, o tratamento dos escravizados como animais e uma gama de outros abusos e misérias. Ao fim, evidências que mostravam uma degradação constante da "raça", cujos "frutos mortais ainda sobrevivem".[591]

Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul: São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130; WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo histórico e civilização capitalista. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001; MBEMBE, 2014, op. cit., p. 11 – 27.

[588] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 388. Trad. livre do autor: "What sort of a school was this, in which to learn the dignity of labour?".

[589] *Ibid.*, p. 86. Trad. Livre do autor: "Unless I greatly misunderstand Dr Tucker, and his endorsers also, he attributes gross moral depravity, general lewdness, dishonesty, and hypocrisy as Negro peculiarities, and as such constitutional to him. But I beg to say that these charges are unjust. These traits of character, so far as they maintain at the South, are American characteristics—the legitimate outcome of the pernicious system of bondage which has crushed this race for more than two hundred years".

[590] *Ibid.*, p. 94. Trad. Livre do autor: "that is that the prime functions of the race, under slavery were 1st, Lust, and 2d, unrequited labor. This the most serious feature of the whole slave system ; and upon it a volume might be written. But I confine myself to the statement of a few simple glaring facts".

[591] *Ibid.*, p. 96. Trad. livre do autor: "The slave system is indeed dead, but its deadly fruit still survives".

> Ora, o sistema escravista manteve o homem negro sob treinamento durante duzentos anos e, no entanto, nunca em todo esse período desenvolveu uma comunidade negra de força ou grandeza! Nunca se levantou em parte alguma um campesinato inteligente, econômico e produtivo! (...)! GARNET, Douglass, Ward e Pennington[592] eram homens de grande porte. Mas cada um teve que fugir do Sul para conseguir o desenvolvimento de sua natureza colossal em meio às instituições do Norte![593]

A escravidão era uma escola do atraso. Seu sistema nunca produziu trabalhadores ativos e econômicos e os homens que se tornaram símbolos do progresso somente puderam fazer isso por meio da migração ao Norte desenvolvido. Uma hierarquia de novo bem definida entre as duas regiões e os dois sistemas econômicos: Escravidão e barbárie de um lado, capitalismo e civilização de outro. Seu projeto para a regeneração do trabalho negro, finalmente, partia então dessa divisão e de um estimulo para difusão de hábitos civilizatórios aos negros do Sul. Nesse cenário, era também o modo e a forma de realizar essa difusão e inserção dos sulistas que alimentou ainda mais os longos, famosos e intermináveis debates em torno do trabalho.

Na introdução desta dissertação, começamos nossas investigações propriamente nesse exato ponto, quando mostramos a crítica de Du Bois à Booker T. Washington e a suas concepções materialistas e práticas para ascensão e futuro do negro nos EUA. Du Bois se utilizou de Crummell como um contraponto a Washington, um símbolo pela legitimidade de lutar pela civilização negra para muito além da incorporação de simples habilidades econômicas e mecânicas. As populações negras, pós-escravidão, teriam assim toda legitimidade de buscar instrução e educação política, social e cultural. Ao fim, Du Bois realizava então um ataque direto a Washington e em seu desprezo total pela cultura intelectual e clássica.[594]

Sob determinada visão, Crummell seria realmente um dos críticos de Washington, pois o pastor não poderia aceitar que a o futuro e o destino das populações negras estivesse confinado apenas ao âmbito econômico. Como mostramos durante todo este capítulo, a imitação era a capacidade de incorporar características superiores e elevadas, como os valores cristãos e a civilização humana. Em "The Race-Problem in America", o racismo não seria resolvido no

---

[592] Garnet é Henry Highland Garnet (1815 – 1882), abolicionista afro-americano e amigo pessoal de Crummell. Um dos eulógios de *Africa and America* é destinado a ele. *Ibid.*, p. 270-306. Douglass é o já tão citado Frederick Douglass. Ward provavelmente é uma referência a Samuel Ringgold Ward (1817 – 1866), abolicionista, editor de jornal e autor do influente livro *Autobiography of a fugitive Negro* (1855). Por fim, Pennington parece se referir a James William Charles Pennington (1807 - 1870), abolicionista e também autor do influente *The Fugitive Blacksmith* (1849). Todos homens que eram escravos, mas se libertaram com a fuga e se estabeleceram nos estados do Norte do país.

[593] *Ibid.*, p. 92. Trad. livre do autor: "Why, the slave system has had the black man under training two hundred years, and yet never in all this period has it developed one Negro community of strength or greatness ! Never raised up anywhere an intelligent, thrifty, productive peasantry! (...) GARNET, Douglass, Ward, and Pennington were men of the largest mould. But each had to run away from the South to get the development of their colossal natures amid Northern institutions!".

[594] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 248- 249.

âmbito econômico, mas no campo moral, de ideias. Em "Right-Mindness" (décimo-terceiro sermão de *Africa and America)*, sem data e declamado na Universidade da Pennsylvania, o objetivo era demonstrar que era necessário atrelar as faculdades intelectuais do homem a fontes profundas e verdadeiras para se atingir a superioridade humana. Para a mente, afirmou que a cultura deve ser apenas a matéria-prima na qual a mente do homem se estabelece e atua. O poder não estaria em livros ou revistas, mas no autoconhecimento do homem (a fonte, nesse caso, era a própria consciência). O segundo ponto é ter disciplina no pensamento e imitar aqueles que detêm essa capacidade (a fonte estaria também na imitação de hábitos superiores novamente). O terceiro elemento, atrelado ao segundo, é a elevação das mentes para coisas superiores (morais, espirituais elevadas), em que a própria leitura de *Africa and America* era então um guia seminal (Novas ideias para novas necessidades, era o sermão que abria o livro).[595] Aspectos que, sem dúvidas, pouco se relacionam com alguma conquista material ou econômica dos homens.

A *American Negro Academy*, nesse cenário, é o grande símbolo desses projetos de Crummell no período. O pastor já havia se aposentado como *rector* da *St. Luke Church* em 1894 e desde então não havia realizado nenhum outro trabalho paroquial mais efetivo – e, bom dizer, nunca mais realizaria. Na realidade, era a primeira vez que Crummell, em mais de cinquenta anos, se desvinculava completamente dos episcopais. Talvez por essa razão tenha lançado em 1894 sua autobiografia ministerial, *The Shades and the Lights of a fifty years ministry*, uma forma de rememoração dessas cinco décadas de atividades pastorais e religiosas. Não analisaremos esse texto de 1894, primeiramente, porque sua análise fugiria de nossos objetivos. O gênero autobiográfico enseja outras questões e outras formas analíticas e, desse modo, seu texto é mais interessante para investigar outras dimensões do autor – autorrepresentação, história de vida, trajetória intelectual.[596] Além do mais, em relação aos nossos objetivos, conceitos e ideias, o texto apresenta pouca novidade. A exceção, provavelmente, está na metade do texto, em que ao mencionar a Libéria, o autor de novo ofereceu sua interpretação corrente da escravidão neste novo período estadunidense:

> Todos os povos, na sua primeira passagem da escravidão para a liberdade, necessitam de rigidez moral. A contenção, moral e política, é, e será durante muito tempo, a grande necessidade de um sistema democrático como o da República da Libéria. Tendo experimentado a dolorosa disciplina da escravidão, eles precisam, como corretivo para a licenciosidade, da sóbria 'disciplina da liberdade'.[597]

[595] CRUMMELL, 1891, *op. cit.*, p. 257-278.
[596] Aspecto, aliás, já bem trabalhado por Moses em todo o seu livro. MOSES, 1989, *op. cit.*
[597] CRUMMELL, Alexander. *The Shades and the Lights of a fifty years ministry*. Washington, D.C.: St. Luke's Church, 1894, p. 19-20. Trad. Livre do autor: "All peoples, on their first passage from slavery to freedom, need

A dolorosa disciplina da escravidão não era mais responsável pela elevação liberiana. Como explicitamos neste capítulo, na realidade, a escravidão nada ofereceu aos escravos no âmbito da moralidade e dos valores do mundo moderno. Essa falta, essa carência era, portanto, a necessidade urgente de um povo recém-liberto, o qual buscava sua regeneração familiar, moral e laboral nos EUA do século XIX. Em outubro de 1896, em carta ao negro estadunidense John E. Bruce (1856-1924),[598] o pastor revelou que pretendia criar então uma sociedade para servir à "'coalescência de poderes superiores entre nós como povo (...)".[599] Não era a primeira vez que o autor tentava fundar uma entidade daqueles moldes nos EUA, pois em dezembro 1877, ele e o amigo John Cromwell,[600] já haviam tentado fundar a *Negro American Society*, de objetivos semelhantes a *American Negro Academy*.[601] A entidade dos anos setenta durou poucas reuniões, mas já era evidência dos planos do pastor por uma instituição que promovesse a civilização e a cultura entre os negros estadunidenses. Consequentemente, suas vontades se materializaram então na inauguração da American Negro Academy, em 5 de março de 1897.

"Então, pode–se perguntar, qual é o compromisso especial que temos diante de nós, nesta Academia? Minha resposta é a civilização da raça negra nos Estados Unidos, pelos processos científicos da literatura, arte e filosofia (...)".[602] Esse é um dos primeiros parágrafos do texto de abertura da entidade, proclamada pelo criador e idealizador Crummell, intitulado *Civilization the primal need of the race*: *the inaugural address*. Civilização aparece neste trecho como sinônimo de literatura, arte e filosofia, uma cultura clássica que deveria ser incorporada pelos negros estadunidenses. Por conseguinte, era uma intervenção direta no debate americano do momento: a cultura clássica contra uma cultura materialista de Booker T. Washington.

> Qual é a grande dificuldade da raça negra, nesta época, nesta terra? É que tanto dentro de suas fileiras quanto fora deles mesmos, por grandes escolas de pensamento

moral rigidity. Restraint, moral and political restraint, is, and will befor a long time to come, the great need of such a democratic system as that of the Republic of Liberia. Having experienced the galling discipline of slavery, they need, as a corrective to license, the sober 'discipline of freedom.'"

[598] John Edward Bruce (1856 – 1924) foi um jornalista, historiador e escritor afro-americano, também ligado aos movimentos pan-africanos, sobretudo do início do século XX.

[599] CRUMMELL apud MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 258. Trad. Livre do autor: " 'coalescence of superior powers among us as a people(...)'"

[600] John Wesley Cromwell (1846 – 1927) foi um editor, educador e advogado e que auxiliou Crummell na fundação da *American Negro Society*. Entre outros importantes trabalhos, está seu livro de 1914, chamado *The Negro in American History:* Men and Women Eminent in the Evolution of the American of African Descent.

[601] MOSES, 1989, *op. cit.*, p. 260

[602] CRUMMELL, Alexander. Civilization, the Primal Need of the Race. *American Negro Academy Occasional Papers*, n. 3, 1898, p. 3. Trad. livre do autor: "What then, it may be asked, is the special undertaking we have before us, in this Academy? My answer is the civilization of the Negro race in the United States, by the scientific processes of literature, art, and philosophy, through the agency of the cultured men of this same Negro race".

> interessadas neles, ideias materiais em diversas formas são destacadas, como a principal necessidade da raça e como o caminho mais seguro para o sucesso. Os homens estão constantemente dogmatizando teorias das ideias e da matéria como a esperança salvável da raça. Alguns de nossos líderes e professores declaram corajosamente, agora, que a propriedade é a fonte do poder; e então, esse 'dinheiro é a coisa que impõe respeito.'
>
> Homens cegos! Pois eles falham em ver que nem a propriedade, nem o dinheiro, nem a posição, nem o cargo, nem a linhagem são fatores fixos, em uma coisa tão grande quanto o destino do homem; que não são qualidades vitalizantes nas imutáveis esperanças da humanidade. A grandeza dos povos brota de sua capacidade de apreender as grandes concepções do ser.[603]

Os ataques aos supostos homens cegos e escolas de pensamento eram provavelmente para Booker T. Washington, que até fora convidado para a inauguração, mas decidira, obviamente, não comparecer.[604] Na época, Washington materializava seus próprios sonhos e promessas no *Tuskegee Institute*, universidade fundada em 1881 na cidade homônima de Tuskegee, no estado de Alabama. Na capela do instituto, Washington proclamava seus caminhos ao negro estadunidense, sob palavras tão eloquentes quanto de Crummell, mas voltadas à criação de um indivíduo materialista, eficiente e trabalhador.[605]

O discurso mais famoso de Washington, porém, não fora entre os muros da universidade, mas na cidade de Atlanta, estado da Geórgia, em 18 de setembro de 1895. Sua fala se deu no contexto da feira mundial *The Cotton States and International Exposition*, idealizada para fomentar e apresentar a produção econômica do sul dos EUA ao restante do país e à Europa. Seu discurso na ocasião é considerado um dos mais influentes da história dos EUA e recebeu o nome de *Atlanta Compromise' speech* ("O discurso do compromisso de Atlanta"). A influência e magnanimidade do discurso se dá tanto pelo tema, o trabalho entre os negros estadunidenses, quanto pelas propostas por um trabalhador adequado aos anseios capitalistas do Norte estadunidense e do Sul em processo de redefinição.[606] O trabalhador, assim, não deveria se preocupar em angariar direitos civis e políticos, pois a ascensão dos negros estadunidenses se daria como mão-de-obra industrial e agrícola. A ideia de compromisso

---

[603] *Ibid.*, p. 4-5. Trad. Livre do autor: "What is the great difficulty with the black race, in this era, in this land ? It is that both within their ranks, and external to them¬ selves, by large schools of thought interested in them, material ideas in divers forms are made prominent, as the master-need of the race, and as the surest way to success. Men are constantly dogmatizing theories of sense and matter as the salvable hope of the race. Some of our leaders and teachers boldly declare, now, that property is the source of power; and then, that 'money is the thing which commands respect./ Blind men ! For they fail to see that neither property, nor money, nor station, nor office, nor lineage, are fixed factors, in so large a thing as the destiny of man; that they are not vitalizing qual¬ ities in the changeless hopes of humanity. The greatness of peoples springs from their ability to grasp the grand conceptions of being.

[604] MOSES, 1989, *op. cit.*, p.

[605] *Ibid.*, p. 248.

[606] MOSES, 1978, *op. cit.*, p. 99.

surge então dessa concepção: os negros estadunidenses deixariam de lutar pelos seus direitos e pela elevação por meio da educação e instrução clássica e superior, em contrapartida, os brancos contratariam os negros estadunidenses em suas empresas e serviços.[607] Por conseguinte, Washington, que anos depois consolidou sua visão no livro autobiográfico *Up from Slavery* (1901), se tornaria após Atlanta um dos homens mais importantes dos EUA e, sem dúvidas, o afro-americano mais influente do período.[608] Como exemplo disso, no mesmo ano do lançamento de sua autobiografia, o autor jantaria com ninguém menos do que o presidente Theodore Roosevelt em sua casa.[609]

Portanto, era no combate a essa visão que Crummell criara a *American Negro Academy*. "A grandeza dos povos brota da sua capacidade de compreender as grandes concepções do ser. É a absorção de um povo, de uma nação, de uma raça, em coisas grandes, majestosas e permanentes, que os eleva aos céus".[610] As nações, as raças, os povos não vivem apenas do pão que comem, mas também de toda a palavra de Deus e dos céus.[611] "E a civilização é a palavra secundária de Deus, dada para o alimento da humanidade".[612] Alimento da humanidade dado a Deus, a civilização agora voltava a pender para uma concepção moral-religiosa. Desde os tempos liberianos, apontamos essa oscilação entre uma concepção clássica civilizatória (arte, filosofia) e uma civilização moral e divina. Nos EUA, mostramos que nos discursos e sermões de *The Greatness*, a grandeza de Cristo era também a grandeza civilizatória dos homens, de sua imitação de princípios e valores. "A grandeza dos povos brota de sua capacidade de apreender as grandes concepções do ser", disse Crummell a homens como Washington, que desvalorizavam o trabalho de elevação espiritual, moral e civilizacional da "raça".

> Para fazer homens você precisa de civilização; e o que quero dizer com civilização é a ação de forças exaltadas, tanto de Deus como do homem. Pois a humanidade é a coisa mais majestosa na criação de Deus; e daí a demanda pela arte mais elevada na formação e moldagem das almas humanas.[613]

---

[607] WASHINGTON, Booker T. The Atlanta Compromise Speech. Atlanta, 1895. Disponível em:http://www.africawithin.com/bios/booker/atlanta_compromise. htm. Acesso em: 11 out. 2023.
[608] GLEDHILL, Sabrina. *Travessias no Atlântico Negro*: reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 14.
[609] *Ibid.*, p. 14.
[610] CRUMMELL, 1897, *op. cit.*, p. 5. Trad. Livre do autor: "The greatness of peoples springs from their ability to grasp the grand conceptions of being. It is the ab'sorption of a people, of a nation, of a race, in large majestic and abiding things which liftsthem up to the skies".
[611] *Ibid.*, p. 4.
[612] *Ibid.*, p. 4. Trad. Livre do autor: "And civilization is the secondary word of God, given for the nourishment of humanity."
[613] *Ibid.*, p. 4. Trad. livre do autor: "To make men you need civilization; and what I mean by civilization is the action of exalted forces, both of God and man. For manhood is the most majestic thing in God's creation; and hence the demand for the very highest art in the shaping and moulding of human souls".

Mais uma vez, uma oscilação entre um conceito de civilização eurocêntrico-clássico e uma concepção moral civilizatória. Alexander Crummell nunca resolveu por completo essa duplicidade, mas também nunca deixou de pedir e estimular projetos civilizatórios por onde passou. Portanto, a civilização era primordial para seus planos estadunidenses e sua crítica às concepções de Washington eram totalmente coerentes com seus projetos. Mas nem tudo é tão simples ou coerente ao investigarmos a história das ideias. Assim, se em certa medida Crummell sempre buscou estimular a imitação de um pensamento elevado na "raça", descobrimos, desde *Africa and America*, as restrições e limites para essa elevação. Ao voltamos nas argumentações de "Right–Mindness", logo vislumbramos indícios dos limites a essa ascenção intelectual aos negros estadunidenses:

> Vejo, especialmente nas grandes cidades, em muitos e amplos círculos, uma forte tendência ao cultivo e ao refinamento. Vejo muita acumulação de propriedades e o surgimento de uma nova geração de pessoas instruídas e cultivadas. Os jovens de hoje estão muitos anos à frente de seus pais. Uma peculiaridade marcante e perigosa, porém, revela–se constantemente: a corrente de tendências entre os americanos de cor cultos é exclusivamente estética.[614]

Assim, nas cidades e nas metrópoles, jovens negros e negras se preocupavam apenas com música, livros, teatros, casas decoradas, pinturas, vestuário chamativo e uma quantidade de acessórios artísticos e elementos cultuais que

> se não me engano, descubro em tudo isso aquele elemento tropical permanente que caracteriza todos os povos cujos lares ancestrais estavam nas latitudes meridionais e que podem ser chamados de 'filhos do sol'. Não encontro nenhuma falha nesta tendência. Considero-a uma das consequências mais naturais do solo da nossa natureza africana. Acredite em mim, não há nada mais duradouro, nada mais persistente do que raça e peculiaridades raciais.[615]

Outra vez, certos princípios africanos eram mobilizados na retórica do autor. Agora, porém, esses princípios, essas peculiaridades eram possíveis obstáculos ao futuro. É Sadiya Hartman que nos ajuda a situar esses trechos a partir de suas reflexões não com Crummell, mas ao realizar uma análise de Du Bois. Assim, ao se deter no já citado *O Negro da Filadélfia*, a

---

[614] *Ibid.*, p. 374. Trad. livre do autor: "I see, especially in the large cities, in many and wide circles, a strong tendency to cultivation and refinement. I see much accumulation of property, and the rising of a new generation of educated and cultivated persons. The youth of the present day are very many years in advance of their fathers. One marked and dangerous peculiarity however constantly betrays itself: the stream of tendency among cultivated coloured Americans is too exclusively aesthetical".

[615] *Ibid.*, p. 375. Trad. livre do autor: "and, if I mistake not, I discover in it all, that permanent tropical element which characterizes all the peoples whose ancestral homes were in the southern latitudes and who may be called " children of the sun." I find no fault with this tendency. I regard it one of the most natural outgrowths from the soil of our African nature. Believe me there is nothing more abiding, nothing more persistent than race, and race peculiarities".

autora encontra uma retórica semelhante entre os dois autores para definir os males causados por essa cultura estética em excesso entre os negros estadunidenses. Lembrou então que o jovem Du Bois era um pupilo de Crummell[616] e que ambos denunciaram essa periculosidade da beleza por seu caráter não elevado. Segundo Hartman, Du Bois não acreditava que essa forma de civilização elevaria os negros estadunidenses a um outro patamar humano, pelo contrário, poderia destruí–los , já que "que resultava numa sensualidade destrutiva e encorajava o apetite por experiências sensoriais maiores e mais intensas, guiadas apenas pelo 'instinto embrutecido e poderoso' e 'sem o despertar da imaginação ou do coração'".[617] A "raça", portanto, não somente retornava em Crummell em definições racialistas (peculiaridades raciais, consequências naturais do natureza africana), mas essas características poderiam impedir o processo de erguimento da raça. Além disso, o conceito de civilização, antes primordial nos projetos do pastor, aparecia agora nesses trechos como um possível obstáculo à superioridade negra nos EUA. Nas palavras do próprio Crummell, citado por Hartman," 'Ninguém vive de flores, nem ganha força e solidez com a devoção pela beleza. Ninguém ganha a vida e se edifica com o estilo refinado e a moda deslumbrante, nem com o vício pelas harmonias, cores e delícias que agradam aos sentidos'",[618]

Essa citação de Hartman é do sermão que, como avisado no prefácio de *Africa and America*, causara bastante polêmica e debate: "Common Sense in Common Schooling". Declamado na *St. Luke Church* em 1886, paróquia de Crummell, o autor dizia que aproveitava o fato de que na manhã seguinte as aulas recomeçariam para falar de um tema central: as formas de educação e instrução dos negros no país.[619] Em linhas menos explícitas, seu propósito era discutir a necessidade de uma educação superior e elevada para todos os negros. Assim, o argumento de Crummell era que somente uma educação clássica e refinada não era suficiente, e pior, retirava da "raça" a capacidade industrial, de trabalho, negócios e comércio, provocando sua ruína.

> Não me deixe ser mal interpretado. Não só não me oponho à cultura superior, mas estou extremamente ansioso por ela. Devemos ter uma classe de homens e mulheres treinados e superiores. Devemos ter uma sociedade culta e refinada. Viver num nível

[616] HARTMAN, Saidiya. Vidas rebeldes, belos experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022, p. 135. Como outro indicativo dessa ligação com Crummell, podemos mencionar que Du Bois estava entre aqueles que estiveram na primeira reunião da *American Negro Academy* e escreveu até mesmo um dos *ocasional papers* para a instituição, chamado de "The Conservation of Races".
[617] *Ibid.*, p. 136.
[618] *Ibid*., p. 136.
[619] Uma *common school* era a escola pública nos EUA durante o século XIX.

> mortal de inferioridade, ou ficar satisfeito com o plano da mediocridade uniforme, seria a morte para nós como povo.[620]

Alguns poderiam sim "viver de flores" e receber alta instrução. Alguns seriam sim responsáveis por guiar a raça rumo ao futuro, ao tempo sem racismo, ao tempo de Cristo. Alguns teriam sim a capacidade de civilizar e reconstruir a raça, estimulando a imitação entre os não civilizados. Alguns, poucos, uma elite social, política e econômica negra. As hierarquias eram reestabelecidas em sua argumentação. Na Libéria, a hierarquia era entre os negros estadunidenses civilizados e africanos pagãos. Nos EUA, uma outra hierarquia era delimitada, entre uma elite instruída, intelectual e civilizada e aqueles que deveriam servir, trabalhar mecanicamente. "A cultura é uma grande necessidade; mas a necessidade maior e mais ampla da raça é a indústria e a praticidade. Precisamos especialmente de numerosos artesãos, de labuta produtiva e das grandes realizações do trabalho, caso contrário, nunca poderemos obter respeito ou poder na terra".[621]

A escravidão havia criado entre a população negra uma repulsa a trabalhos mecânicos e servis, mas estes eram fundamentais em qualquer sociedade. Nem todos tinham que receber instrução, já que muitos seriam aptos e nascidos para esses serviços e não havia qualquer problema nisso. Ao retomarmos o sermão que iniciou nossa seção, "The Dignity of Labour; and Its Value to a New People", fica bem claro e suscinto o projeto elitista de Crummell.

> Uma vez que o trabalho de todo e qualquer tipo é em si uma coisa tão importante e valiosa, eu imploro para advertir meus irmãos contra aquele sentimento vulgar que se encontra na sociedade de cor, quero dizer, o desprezo pela vida de servo. Eu chamo isso de sentimento vulgar; primeiro, todo trabalho é honroso; e depois, o serviço aos outros é uma das maiores vocações para as quais qualquer homem pode ser chamado.[622]

Crummell listou nada menos que nove pontos para mostrar a relevância da servidão. Entre eles, trouxe até mesmo a figura de Cristo, homem que decidiu servir e morrer pela salvação da humanidade.[623] "Se eu pudesse chamar a atenção de muitos desses jovens, cujas

---

[620] *Ibid.*, p. 332. Trad. livre do autor: "Let me not be misunderstood. I am not only not opposed to the higher culture, but I am exceedingly anxious for it. We must have a class of trained and superior men and women. We must have cultured, refined society. To live on a dead level of inferiority, or to be satisfied with the plane of uniform mediocrity, would be death to us as a people."

[621] *Ibid.*, p. 332. Trad. livre do autor: "Culture is a great need; but the greater, wider need of the race is industry and practicality- We need especially multitudinous artizans, and productive toil, and the grand realizations of labor, or otherwise we can never get respect or power in the land".

[622] *Ibid*., p. 395. Trad. livre do autor: "Since labour of any and all kinds, is in itself, such a prime and valuable thing, I beg to caution my brethren against that vulgar sentiment one meets in colored society, I mean the contempt of servant life. I call it a vulgar sentiment ; for first, all labour is honourable ; and next, the service of others is one of the grandest vocations to which any man can be called".

[623] *Ibid.*, p. 396.

vãs ambições me cansam, eu diria: 'Jovens não desprezem a posição humilde de seus pais. Todos os ofícios dos homens são honrosos. Dignifique o trabalho de sua família' pelas suas excelentes qualidades pessoais".[624] O destino da raça, portanto, estava nas mãos de seus membros, mas distribuído desigualmente entre aqueles que seriam uma vanguarda intelectual e aqueles que deveriam servir nas atividades laborais e mecânicas do período.[625] Em "The Need of New Ideas and New Aims for a New Era" – o mais importante do livro de acordo com o próprio autor e no qual trabalhamos os projetos do pastor para a família e moral dos negros estadunidenses – suas últimas páginas não poderiam terminar de outra forma:

> E, portanto, quando coloco a questão: Quem serão os agentes para erguer e elevar este povo a um plano superior de ser? a resposta surgirá imediatamente em sua inteligência. Será realizado pelos estudiosos e filantropos que hoje em dia surgem das escolas. Eles serão os estudiosos, pois transformar, estimular e elevar um povo é um trabalho de inteligência; é um trabalho que exige a indução clara de fatos históricos e sua aplicação a novas circunstâncias – um trabalho que exigirá os recursos mais hábeis e a sábia praticidade de homens superiores.[626]

"Quem serão os agentes para elevar este nosso povo ao grande plano da civilização?", perguntaria novamente Alexander Crummell na reunião inaugural da *American Negro Academy* anos depois. Sua pergunta, após nossa exposição, assume então outros significados. Primeiro, o autor podia não concordar inteiramente com Washington que a riqueza material era o único modo de ascensão da "raça", mas era um elemento que não poderia ser completamente descartado. Pelo contrário, grande parte dos negros estadunidenses deveriam perceber que o futuro lhes reservava os postos de trabalho industrial e mecânico. Trabalhos práticos, mas totalmente dignos. Trabalhos que poderiam conter um componente de servilidade, mas agora voltados a um outro contexto, sem mais as amarras e o despotismo escravista. Estes eram trabalhos tão fundamentais e importantes como a elevação cultural e civilizacional da raça. Este último, porém, não era para todos e, sim, para aqueles que tinham destaque no plano intelectual.

---

[624] *Ibid.*, p. 401. Trad. livre do autor: "If I could catch the ears of scores of such young men, whose vain ambition tires me, I would say - "Young men don't despise the humble positions of your parents. All the crafts of men are honourable. Dignify the toil of your family by your fine personal qualities".

[625] Em "Common Sense in Common Schooling", Alexander Crummell pontua aos pais que existe uma idade certa para verificar se o filho é apto a possuir habilidades intelectuais ou não. Essa idade gira em torno dos doze anos e caso ele não apresente nada de especial em tal competência, os pais já devem parar de insistir e estimular a criança nessa área. O filho deve ser então criado e estimulado para a vida prática e o trabalho mecânico. *Ibid*., p. 336.

[626] *Ibid*., p. 36. Trad. livre do autor: "And, therefore, when I put the query: Who are to be the agents to raise and elevate this people to a higher plane of being? the answer will at once flash upon your intelligence. It is to be affected by the scholars and philanthropists which come forth in these days from the schools. They are to be the scholars for to transform, stimulate and uplift a people is a work of intelligence ; it is a work which demands the clear induction of historic facts and their application to new circumstances,—a work which will require the most skillful resources and the wise practicality of superior men".

Por isso, à pergunta que abriu a *American Negro Academy* em 1897, Crummell não hesitou em responder:

> Isso [elevar o povo ao grande plano da civilização] deve ser feito pelos estudiosos e pensadores, que asseguraram a visão que penetra no centro da natureza e varre os círculos do esclarecimento histórico; e que têm uma visão da vida das coisas, e aprenderam a arte pela qual os homens tocam as molas da ação. (...) Nem todo homem em uma raça pode ser um filósofo: não, mas poucos homens em qualquer país, em qualquer época, podem compreender a verdade ideal. Ideias científicas, entretanto, devem ser apreendidas, caso contrário não pode haver progresso, nem elevação. Exatamente aqui surge a necessidade dos homens treinados e eruditos de uma raça de empregar seu conhecimento, cultura e ensino e orientar tanto as opiniões quanto os hábitos das massas grosseiras.[627]

Ao fim, não era mais a Libéria, mas ainda assim uma elite política, social e intelectual, constituía-se como a principal responsável nos projetos políticos do autor. Herdeiro da Reconstrução, de suas representações e imagens, Crummell apontou um destino glorioso, mas de papéis definidos para cada um. O Norte apontava um futuro, o Sul um passado. A escravidão acabara, mas não seus frutos, seu legado na família, na moral e no trabalho da "raça". Para que esses problemas fossem sanados, era necessário o trabalho intelectual dos mais hábeis e superiores. Não era o racismo um problema de ideias? Pois então, o mundo pedia os melhores e mais elevados pensamentos e só quem poderia dá-los eram os homens mais superiores e instruídos. A "raça" tinha um destino a cumprir, mas cada um já tinha um destino posto. Não eram os brancos que definiriam isso, mas o próprio curso natural da Terra, da desigualdade humana. Parafraseando Hartman,[628] homens como Du Bois[629] e Crummell colocaram para si a responsabilidade de educação às pessoas pobres e miseráveis da terra, uma verdadeira vanguarda que conduziria a "massa amorfa". Em nossas palavras, o que vislumbramos mais uma vez nesses projetos políticos de Crummell eram as relações intrínsecas entre liberdade e dominação. Outro dos polos separados e cindidos do autor, mas conectados para sempre em seus escritos e suas ideias.

***

[627] CRUMMELL, 1897, *op. cit.*, p. 6. Trad. Livre do autor: "It is to be done by the scholars and thinkers, who have secured the vision which penetrates the center of nature, and sweeps the circles of historic enlightenment; and who have got insight into.the life of things, and learned the art by which men touch the springs of action. For to transform and stimulate the souls of a race or a people is a work of intelligence. It is a work which demands the clear induction of world-wide facts, and the perception of their application to new circumstances. It is a work which will require the most skillful resotirces, and the use of the scientific spirit. (…) But these reformers must not be mere scholars. They must needs be both scholars and philanthropists. For this, indeed, has- it been in all the history of men"

[628] HAARTMAN, *op. cit*, p. 123.

[629] A décima parte mais talentosa, foi assim que Du Bois nomeou anos depois essa elite negra que deveria se desenvolver e guiar a "raça" ao futuro de civilização e elevação. O autor apresentou essa ideia na obra *Talented Tenth* (1903)[629]

A Libéria, os EUA, assim, dividiram o espaço das ideias e dos projetos de Crummell, cada um com sua particularidade e objetivo. Cabe retornar aspectos desses projetos, em vista de concluir e sintetizar o que abordamos e apresentamos neste segundo capítulo.

Na Libéria, termos como raça, nação, civilização já eram mobilizados pelo autor desde seus primeiros passos no continente africano, visando legitimar o assentamento e a colonização do território liberiano pelos negros estadunidenses civilizados. Na ocasião, a nação liberiana era ainda jovem e recém-independente nos escritos do autor, mas já possuía responsabilidades e obrigações políticas e religiosas com a humanidade. Responsabilidades, cabe dizer, que caso não cumpridas poderiam gerar a condenação da Libéria e seus habitantes por Deus ("1.1. Os primeiros passos 1853 –1860"). Dentro disso, Alexander Crummell também entendeu aquele projeto como um trabalho religioso e divino da "raça negra", que retornaria ao território de seus "parentes pagãos" em vista de evangeliza-los. O passado da raça, então, inscrevia esse projeto em desígnios divinos, já que a escravidão, apesar de seus males e misérias, foi utilizada para incorporar nos negros americanos hábitos e costumes civilizados. A história da "raça", por conseguinte, delimitava nesses homens e nessas mulheres um dever de voltar à África e evangelizar seus habitantes, o que conectava os continentes religiosa e teologicamente. Além disso, Libéria e EUA se conectaram no autor em processos civilizacionais próprios por quais passaram os negros estadunidenses. Assim, duzentos anos de servidão legitimavam as demandas dos negros estadunidenses por uma cidadania plena no território, mas também davam legitimidade aos colonos na Libéria, já que as instituições e condições na Libéria se aproximavam da vida e circunstâncias estadunidenses (1.2. Conexões (1860 – 1863). Por fim, encerramos nossas investigações na Libéria com as últimas verdades coloniais ditas ou escritas por Crummell. Investigamos, por exemplo, como o autor mobilizou o conceito de "imitação" para legitimar a ocupação colonial pelos negros estadunidenses, já que essa característica da "raça" negra de imitar a civilização determinava um melhor sucesso da colonização liberiana ("1.3 As verdades da colonização"). Mais que isso, encerramos demonstrando como esse sucesso da civilização e evangelização do continente africano era um dos últimos trabalhos de Deus na humanidade, mais uma vez indicando a enorme e responsabilidade tarefas dos colonos liberianos.

Grande parte dessas palavras e desses conceitos retornam nos escritos de Crummell em contexto estadunidense, o que possivelmente explica as diferentes interpretações historiográficas das ideias e dos projetos do pastor. Como explicitamos na introdução, uma vertente mais antiga (representada por Du Bois; William Ferris) deu destaque apenas a esse processo de volta do pastor em 1772 ao continente americano, no qual o autor procurou

legitimar a integração dos negros estadunidenses nos EUA. A Libéria, nessa corrente interpretativa, se tornou quase apenas uma curiosidade ou informação biográfica da trajetóroa de Crummell. Por outro lado, uma versão mais recente historiográfica procurou construir uma memória de Crummell que conectasse os dois territórios na trajetória do autor, principalmente pelos escritos de Moses (além dele, podemos lembrar de K. Whale, Oldfield e Appiah). Para este autor, o nacionalismo negro de Crummell, articulado e elaborado nas experiências liberianas, nunca foi esquecido dos horizontes do teólogo. Pelo contrário, Moses identificou que Crummell entendeu a raça como uma "nação dentro da nação", o que indicaria as continuidades de uma ideia nacionalista e racialista nos escritos do autor para a regeneração e soerguimento da "raça" negra. A Libéria e os EUA estariam, nessa visão, ligadas por uma retórica nacionalista do autor.

Com a exposição do capítulo 2, esperamos ter matizado as interpretações das duas correntes historiográficas. Assim, por mais que Crummell tenha se utilizado de um vocabulário semelhante ao período liberiano, sua adoção por essas palavras nesse novo contexto ou espaço possuíam outros objetivos. A "imitação", antes essencial à sua retórica colonizadora, foi empregada em *The Greatness of Christ* com objetivos teológicos e políticos na experiência dos negros estadunidenses dos EUA. Era necessário, desse modo, imitar agora não as características civilizacionais do colono, mas imitar as condutas e vida de Cristo diante da iminente instauração de um tempo divino na Terra. Esse tempo de Cristo e divino superaria os males sociais e políticos da sociedade moderna, como o racismo estadunidense que insistia em ver a população negra como uma "nação dentro da nação", um povo a parte da nação real estadunidense. Nesse sentido, verificamos que essa terminologia de Crummell, embora se utilizasse da palavra "nação", teve significados bem distintos dos seus projetos liberianos. Na realidade, o pastor mobilizou esse termo com um componente bastante social e um sentido que tomaria o debate negro estadunidense em diante. A "raça", logo, não era mais entendida como uma criação divina na constituição humana (vide a seção 1.3.), e sim, um aspecto temporário que homens e mulheres´negros deveriam superar pela "imitação" de Cristo e do princípio social e de cooperação que ajudaria a raça negra a superar suas deficiências sociais e civilizacionais (2.1. Os Primeiros Passos 1872 – 1882).

Essa carência civilizacional dos negros estadunidenses é uma das dimensões que circundam as seções finais do capítulo 2 e é outro aspecto que demonstra as diferenças de Crummell na articulação de seus conceitos e palavras nos EUA. Como demonstramos, houve um deslocamento interpretativo relevante nesse período: os negros estadunidenses não mais incorporaram aspectos civilizacionais sob o regime escravista, o oposto disso. Alexander

Crummell demonstrou que a escravidão deteriorou aspectos civilizacionais daqueles que estiveram em servidão, ao retirar elementos fundamentais para o mundo moderno: as relações familiares, a moralidade dos indivíduos e a dignidade do trabalho. Desse modo, não bastasse essa condição da "raça" após a escravidão, a nação estadunidense pós-Guerra Civil e pós-Reconstrução continuava a não resolver um problema secular de seu território: a questão racial estadunidense. Problema que poderia condenar a nação estadunidense, já que era contraditório e mentiroso um país se autodenominar uma democracia, quando parte da sua população continuava subjugada e submetida à miséria e à violência. A possível condenação de uma nação retornava então nos projetos do autor, mas agora o continente era outro e a solução ao problema racial estadunidense também. Em outras palavras, se Crummell indicara já em tempos liberianos que havia legitimidade na integração negra nos EUA, seus projetos agora apenas se voltavam a essa dimensão e nos modos de articular essa integração no país (2.2.1. A nação condenada).

Nesse cenário, investigamos as necessidades urgentes destacadas pelo teólogo e, como já reiterado, consequências diretas do regime escravista. Primeiramente, Crummell busca o fortalecimento da família burguesa negra, destruída e negada nos anos de servidão e por meio da restauração da "domesticidade" da mulher negra do sul. No vocabulário imperialista britânico, como evidenciado, a mulher era garantidora do lar e do império. Na ressignificação dos termos em Crummell, a mulher negra do Sul seria a responsável pela reconstrução da raça nos EUA e era responsabilidade dos cidadãos negros do Norte reestabelecerem esse elemento civilizacional. Em um segundo plano, o pastor busca também uma reconstrução moral dos negros estadunidenses. A reconstrução, nesse ponto, assumia outros contornos, já que o autor se utiliza também de um vocabulário imperial para ressaltar uma dimensão das potencialidades africanas. Mostramos, assim, que enquanto as ambiguidades da escravidão acabaram nesse período estadunidense, o continente africano retornou em imagens que já haviam aparecido nos tempos liberianos de Crummell, mas agora com o intuito de evidenciar aspectos civilizacionais africanos destruídos pela escravidão. Por essa razão, a Reconstrução poderia ser lida também como uma forma de retorno a aspectos que os africanos já exibiam mesmo no paganismo ou na obscuridade que viviam. O futuro da raça, logo, significava reconstruir também um passado perdido de seus membros no continente africano e essas reelaborações demonstravam as ressignificações de Crummell em relação ao tempo, seus caminhos e seus sentidos (Reconstruções -1882 -1891). Mostrava também, ao final, que Crummell não esquecera por completo o continente africano em suas argumentações – o que destoa da primeira corrente

historiográfica –, mas sim, o reinterpretava em sua economia argumentativa visando a emancipação negra estadunidense.

Por fim, nossa última seção do capítulo é uma espécie de síntese e de conclusão de nossos argumentos do capítulo 2. Em torno da questão do trabalho, mostramos como é nesse momento que Crummell se vincula ainda mais com projetos de integração negra nos EUA, ao fundar a *American Negro Academy* em 1897. Entidade preocupada em difundir valores civilizacionais e intelectuais entre os negros norte–americanos, Crummell deixa claro nesse momento uma das hierarquias fundamentais de seus projetos de integração, isto é, entre aqueles que seriam os preparados para o trabalho manual e mecânico e aqueles que teriam o dever de guiar a "raça" por meio da erudição e do pensamento. A escravidão, no sul do país, havia destruído a capacidade dos negros de terem dignidade do trabalho e era missão do norte civilizado, liderados pela elite negra do território, reestabelecerem essa capacidade entre os libertos e seus descendentes. A hierarquia e a divisão entre o Norte civilizado e o Sul atrasado retornam mais uma vez e a Reconstrução e o modo de inserção das populações negras sulistas se consolidam em um projeto hierárquico e elitista do pastor.

Quadro II – Mapa semântico de termos das seções e subseções do capítulo 2

Palavras	2.1.1 – O tempo de Cristo	2.1.2. – O tempo da raça	2.2.1. – A nação condenada	2.2.2. – O futuro da raça	2.3 – Trabalhos da civilização
Raça	------	A raça aparece com um significado e sentido social, uma fase temporária dos negros estadunidenses e uma condição que seria superada pelo Tempo redentor de Cristo.	A raça aparece em termos bastante racialistas do século XIX, principalmente pela adoção de terminologias biológicas para descrever o conceito e por seu caráter imutável e permanente. Por isso, não havia como resolver as questões raciais nos EUA, a não ser pelo convívio harmônico entre as raças	A raça aparece sem muitas definições, embora mais próxima de um conteúdo racialista, sobretudo pela ideia de "princípios nativos" dos africanos.	A raça aparece em termos racialistas, principalmente ao mobilizar a ideia de certas características da raça no continente africano, como uma certa adoração por "valores estéticos"
Nação	-----.	Aparece para qualificar os negros estadunidenses (uma nação dentro da nação), mas com um caráter transitório e ligado à condição	Nação se torna sinônimo da nação estadunidense, a qual deveria resolver o problema fundamental de seu território, caso não quisesse ser condenada:	-----	-----

		histórico-social de subjugação dos negros estadunidenses	o problema racial.		
Civilização	O conceito aparece mais próximo de uma concepção moral-religiosa, já que a chegada de Deus teria aprimorado os aspectos civilizatórios do mundo.	Aparece sob uma duplicidade conceitual característica em Crummell: uma dimensão eurocêntrica-clássica (adoção de hábitos culturais europeus) e uma dimensão moral-religiosa. Além disso, há um deslocamento interpretativo fundamental: os negros estadunidenses não seriam mais civilizados.	------	A civilização é caracterizada como ausente nos negros estadunidenses do sul, em razão da destruição de seus pilares pelo regime escravista.	Além da duplicidade conceitual, vemos aqui mais claramente sua hierarquia entre os negros civilizados do Norte e o negros do sul incivilizado após anos de servidão. O projeto de Crummell era, portanto, estabelecer uma elite vanguardista para levar a civilização ao Sul
Futuro	------	O futuro seria um lugar sem distinções de raça, somente governado por ideias divinas e de Cristo.	O futuro da nação estadunidense poderia estar ameaçado, caso não se resolvesse o problema racial do país.	O futuro agora está na sociedade capitalista do Norte e em seus valores, ao mesmo tempo, insígnias deste futuro já poderiam ser encontradas na "raça negra"	O futuro dos negros estadunidenses poderia estar ameaçado, caso uma vanguarda intelectual e civilizada negra não guiasse os

				antes do contato com a escravidão, que destruiu muito de seus valores.	destinos de toda a “raça”
Passado	O passado aparece em termos Cristãos, em um sentido teleológico de uma evolução civilizacional a partir do nascimento de Cristo.	-----	----	Existe o passado escravista (sinônimo de terror e atraso aos negros estadunidenses) e um passado mais remoto, um passado em que a raça demonstrava as potencialidades para um futuro próspero e glorioso	O passado remoto africano poderia exibir características que prejudicariam a civilidade negra.
Escravidão	.-----	A escravidão foi um pecado dos EUA, no qual Deus puniu e purificou por meio da Guerra Civil	-----	A escravidão perde sua ambiguidade e o regime é sinônimo de atraso, incivilidade e perversão.	A escravidão perde sua ambiguidade e o regime é sinônimo de atraso, incivilidade e perversão da “raça negra”

“Imitação”	A qualidade de imitar aparece como estruturante do livro *The Greatness of Christ*, cujos leitores deveriam imitar os valores cristãos	-----	-----	As mulheres Negras do Sul poderiam imitar os hábitos domésticos do Norte civilizado, para que assim se desse a redenção da “raça negra”	-----
África/ Libéria	-----	-----	-----.	A África aparece de forma ambígua, ora como bárbara, ora como um lugar onde era possível encontrar valores civilizacionais. Valores que, aliás, foram destruídos pelo regime escravista.	A África aparece como contendo características que poderiam prejudicar o futuro civilizatório negro, principalmente por uma tendência estética das “raças” de climas tropicais.
Família	A família como núcleo da sociedade.	-----	Aparece bem próximo de uma concepção de raça, já que o sentimento racial seria semelhante ao sentimento familiar.	A família negra, além de núcleo da raça, deveria ser reestruturada, após anos de de degradação sob o regime escravista.	-----

Conclusão – Resumos, Realizações e Retornos

As considerações finais desta dissertação pretendem seguir três caminhos, primeiro, uma síntese capitular do que discutimos ao longo do trabalho (Retomadas). Em seguida, gostaríamos de montar uma arquitetura lexical do que investigamos com Crummell (Realizações) e, por último, levantar certas considerações finais, a partir do que foi exposto na síntese e na arquitura lexical, sobre o modo como entedemos as ideias e os projetos do teólogo na modernidade (Retornos).

Retomadas

Nesta dissertação, decidimos dividir sua estrutura do modo como entendemos a trajetória e as ideias de Crummell, isto é, um homem cindido entre dois (capítulos) projetos e processos: a colonização liberiana e o processo de reconstrução estadunidenses. Em relação ao capítulo 1, mostramos como os agentes e os responsáveis por tal processo viriam do outro lado do Atlântico, da América: os negros estadunidenses cristianizados e civilizados no processo de escravização. Portanto, a jovem nação africana (subseção 1.1.1), tendo deveres e responsabilidades perante à raça humana (subseção 1.1.2.), poderia encontrar as promessas de um futuro próspero nesse passado de provações, nessa história de preparação dolorosa ao júbilo final (subseção 1.2.1.). Não seria, claro, uma obrigação dos negros estadunidenses realizar tal ato. Pelo contrário, em seu texto tão apologético da colonização, *The Future of Africa*, Crummell deixou claro que a população afro–americana tinha todos os direitos e deveres na América e nos EUA, país construído por meio do seu suor e sangue. Se a legitimidade da colonização da Libéria se pautaria pela ligação racial e religiosa entre os negros cristãos e seus parentes "pagãos", a legitimidade da população negra na nação americana era pautada pelos hábitos e costumes de sua edificação, já totalmente modificada do "centro à circunferência" pela experiência e vivência negra (subseção 1.2.2.). Bom falar, porém, que Crummell também se utilizou desse argumento civilizacional para legitimar a própria colonização liberiana, pois devido a sua formação nos EUA, os negros estadunidenses seriam os mais aptos a colonizar e ocupar a Libéria. Ao final, apesar então de apresentar suas nuances e suas pontuações, o capítulo 1 é uma amostra de um momento que o pastor legitimava os processos violentos da colonização liberiana, ou as verdades que realmente importavam a Frederick Douglass em sua crítica à Crummell. É assim que encerramos nosso primeiro capítulo, mostrando outras facetas e outras concepções que o teólogo utilizou em seus últimos anos na Libéria (seção 1.3). Ao final, concepções, vocabulários, palavras que retornariam em seus textos posteriormente, mas em momento de retorno de Crummell aos EUA.

Desse modo, entendendo a "raça negra" dividida entre dois territórios, Crummell pôde assim retornar ao país que também era seu "lar" em 1872 (capítulo 2). Nessa sua volta aos EUA, seu foco estava agora nos trabalhos de reconstrução da "raça" no pós-Guerra Civil e pós-abolição. Assim, suas ideias não mais estimulavam a emigração negra, mas um processo de civilização direcionado ao próprio território estadunidense. Nesse sentido, começamos mostrando, por meio de *The Greatness of Christ*, como a civilização e o cristianismo seriam adotados por meio da qualidade da "imitação". Antes um conceito utilizado para defender a colonização liberiana, a categoria seria utilizada para estimular a imitação de um princípio cooperativo entre os negros, tendo em vista a superação do racismo e a entrada a um novo tempo, o tempo do Evangelho e de Cristo (subseção 2.1.1. e 2.1.2). Esse tempo, no fim das contas, não permitia que uma nação como os EUA continuasse em sua maior mentira moral: uma democracia que aceitava a opressão racial de brancos contra negros. Sua condenação seria iminente caso não resolvesse tamanha mentira perante Deus. Dessa forma, se um dia o teólogo havia posto que o futuro da Libéria poderia estar ameaçado caso não cumprisse com seus deveres e responsabilidades, Crummell agora retornava com essa concepção, mas diante da realidade e do futuro estadunidense (subseção 2.2.1). Demonstramos, então, que esse futuro não era mais garantido pelas provações do regime escravista, o oposto disso, nas interpretações de Crummell o sistema aparecia como principal destruidor de pilares da modernidade capitalista: a família, a moral e o trabalho. O futuro estava inscrito agora em outros pilares, seja na restituição da mulher negra e da domesticidade familiar, seja mesmo no retorno aos princípios morais africanos anteriores à escravidão. Esse último, aliás, nos faz discutir o retorno de textos da Libéria e da África, bem como as novas representações recebidas por cada território nesse momento. A África, antes um signo do paganismo e do barbarismo, mostramos, apareceu como uma promessa aos projetos estadunidenses de Crummell em *Africa and America* (subseção 2.2.2 e seção 2.3.). Por fim, seu último grande projeto é justamente o que encerra este capítulo, em que por meio da discussão acerca do "trabalho" entre os negros, apresentamos os objetivos da *American Negro Academy*, fundada em 1897 pelo pastor. Entidade que não somente sintetizou os anseios do pastor, mas consolidou seu componente hierárquico e elitista que já vislumbrávamos anteriormente. Desse modo, a "raça" que um dia havia sido definida pelo pastor entre civilizados americanos e bárbaros africanos, foi dividida novamente entre servos e trabalhadores mecânicos e uma elite e vanguarda intelectual. Se Crummell nunca mais voltou à Libéria, ideias e concepções do período retornaram, mas em um novo espaço, um outro território.

Realizações

A nação, a raça, a Libéria, os EUA deveriam então cumprir suas promessas, é assim que esse trabalho compreendeu Alexander Crummell. Um representante do Atlântico negro e, por isso, em busca do cumprimento das promessas da modernidade. Por essa razão também, entendemos o autor mais próximo daquilo que Gilroy denominou de "Política da Realização" do que a "Política da Transfiguração", no sentido que o pastor não negou essas promessas, nem mesmo seu vocabulário – escreveu e falou em termos de nação, raça, civilização, colonização –, mas sim, a realização dessas ideias, desses projetos. Nesse processo, portanto, podemos delimitar algumas linhas de certos termos e determinadas palavras do autor, demonstrando a arquitetura lexical do autor para legitimar os planos na Libéria e nos EUA e requerer da modernidade suas promessas de igualdade e liberdade.

Em relação à "raça", Crummell definiu o conceito em termos teológicos, racialistas e sociais. O primeiro, ao delimitar um passado de servidão que seria redimido pela civilização de África e pela libertação dos negros escravizados, duas obras interligadas e que ainda teriam que ser cumpridas nos planos de Deus para a humanidade. Este mesmo Deus, ademais, não apenas havia dividido a humanidade em raças desde os tempos antigos, mas também colocou na estrutura humana um sentimento racial (race-feeling) imutável e perpétuo. Essa ideia de "race-feeling" já nos denota um olhar do autor ao racialismo oitocentista, que pregava haver estruturas e características próprias em cada raça. Crummell, porém, assumiu essa postura racialista explícita em outros trechos, ao utilizar termos biológicos para definir as "raças" (criaturas vivas", "espécie", "tipo racial") e ao mobilizar o conceito de "imitação", o qual seria uma característica de toda a raça humana, mas teria sua expressão maior entre os membros da "raça negra". Por fim, houve também um conteúdo social da raça, particularmente em contexto estadunidense e em momento que o autor entendeu os negros estadunidenses como uma "nação dentro da nação". De todos os termos, este último é o mais destoante, pois a raça seria apenas um estágio passageiro (nem tendo um aspecto de Deus, nem um aspecto da biologia humana) causado pela opressão dos brancos contra a população negra nos EUA.

Já na conceituação de "nação", podemos encontrar, primeiramente, a ideia consolidada a partir do século XIX da nação como um Estado e uma República, formada a partir de valores comuns de seus membros. No entanto, vemos também nação se aproximar muitas vezes da ideia de "raça", mesmo quando esta exibiu um conteúdo sócio-histórico, como no caso do termo já citado "nação dentro da nação". Assim, com esse termo em mente, o que Crummell buscava era não um Estado moderno negro, mas uma união temporária para um futuro que seria do Evangelho e de Cristo. Ao final, embora com significados diferentes, o que parece unir cada um desses termos é o discurso arrebatador e apolíptico de Crummell, que sempre lembrava o

leitor ou ouvinte de seus discursos as possíveis consequências para as nações, caso não conseguissem cumprir a missão de Deus.

Este mesmo Deus era responsável direto pelo aprimoramento e incentivo de outro importante termo para o autor, a civilização. Crummell, mostramos em certos momentos, pendia ora para uma conceituação eurocêntrica-clássica do termo (valores, costumes, alta cultura) e ora para significados morais-religiosos da palavra. Entretanto, que pese essas diferenças conceituais, "civilização" talvez seja o termo menos irregular em sua retórica em relação ao conteúdo, sendo sempre um fator primordial dos projetos do autor. Ao mesmo tempo, houve um deslocamento interpretativo fundamental e relacionado com outra de nossas palavras importantes – a escravidão -: na Libéria, os negros estadunidenses seriam civilizados pelo passado escravista, que lhes rendeu contato com a alta civilização inglesa, no entanto, em seus textos nos EUA, esses mesmos agentes foram retratados como tendo um déficit civilizatório em razão da mesma razão: a escravidão. Esse deslocamento, ao final, é talvez o gesto mais fundamental que possibilitou Crummell se utilizar de um vocabulário tão semelhante em seus dois projetos, já que o autor poderia redirecionar seus projetos civilizatórios, segundo os interesses e as hierarquias do autor. Como mostramos, por conseguinte, seu direcionamento ao retornar os EUA se deu para o Sul dos EUA e seu passado de atraso escravista, que deveria receber a civilização dos negros estadunidenses do Norte.

Por fim, já que ressaltamos nestes últimos parágrafos aspectos sobre o futuro e o passado, gostaria de terminar esta pequena parte sobre a arquiturar vocabular em Crummell falando sobre o tempo.[630] O tempo é fundamental em seus escritos, provavelmente por sua ligação com uma tradição iluminista britânica (Burke, entre elas) que entendeu o tempo governado por instâncias divinas e religiosas. Os seres humanos, nessa leitura, eram falhos e incapazes de entender por completo os desígnios de Deus e, por consequência, também o modo como o Criador preparava os deveres, as responsabilidades e os encargos da humanidade. Essa leitura, por consequência, fez Crummell interpretar e reinterpretar o passado e o futuro das populações negras de diversas formas, seja justificando os terrores pelos quais passaram, seja mostrando que esses terrores não eram definidores para seus destinos. Passado e futuro se aproximaram em certos textos, se distanciaram em outros, mas de certa forma, nunca deixaram de indicar a Crummell a proximidade da redenção dos negros na modernidade. Ao final, uma modernidade que Crummell verdadeiramente nunca negou, nos termos da Política da

[630] Poderíamos ressaltar outras palavras, como "família" e "África", mas decidimos trazer aqueles que consideramos os mais fundamentais na retórica de Crummell. Para ver um mapa semântico com outro dos termos, destacamos mais uma vez os anexos I e II, ao final dos capítulo 1 e 2, respectivamente.

Realização de Paul Gilroy, e sim, foi reformulada em tempos gloriosos e arrebatadores na economia argumentativa de Crummell, seja na Libéria, seja nos EUA.

Retornos

Finalmente, essa atuação em ambos os países foi aquilo que dividiu Crummell em sua trajetória, em suas ideias e seus projetos. Em relação a sua trajetória, essa duplicidade, essa cisão são diretamente responsáveis pela discussão historiográfica da qual este trabalho é um herdeiro crítico. Para Du Bois, de um lado, a estadia de Crummell na Libéria são os anos nos quais o pastor "esteve perdido", até encontrar e entender o significado da verdadeira luta nos EUA. Para uma outra tradição historiográfica, bem representada por Moses, o teólogo continuou em seus objetivos e projetos africanos por uma "raça unida", mas agora em um nacionalismo aplicado à realidade dos EUA. Formas distintas de representar a trajetória do pastor, que se contradizem em muitos pontos, mas que se explicam pela separação fundamental da vida de Crummell: um intelectual que se dedicou a "um povo", a uma "raça" que "para sempre" estaria cindida em dois territórios.

Em relação às ideias, essa cisão também é constitutiva de nosso trabalho e é determinada principalmente pela ideia de "retorno". Palavra de inúmeras dimensões em Crummell. Quando o pastor desembarcou na Libéria em 1853, por exemplo, se entendia como um "retornado", já que voltava para o lar histórico de um povo, "de uma raça". A África, em suas representações, era também seu lar, a "casa" de seus pais e legitimamente a sua casa. Ao mesmo tempo, quando deixou o país africano em 1872, retornava mais uma vez à terra também de seus pais, a seu lar, à América. Uma raça entre nações, portanto, compôs o modo como Crummell se articulou e ligou seu próprio *Atlântico Negro*. Atlântico em que ideias atravessam, circulam e, claro, retornam nos textos do pastor, de acordo com seus projetos e planos. O projeto liberiano, por exemplo, necessitava de uma interpretação da escravidão mais ambígua, já nos EUA, a necessidade era por uma representação do sistema como totalmente perverso e destrutivo. A escravidão, suas representações, nesse sentido, retornaram em seu texto na América, mas com objetivos, propósitos e significados totalmente diferentes. Outro exemplo é a civilização, um processo que já estava integrado nas populações negras escravizadas na Libéria, mas que retornou como ausência e falta nestas mesmas populações em seus projetos estadunidenses. Ideias que retornam, mas de uma nova forma, de um novo jeito. O Terceiro espaço de Homi Bhabha retorna também em nossa conclusão. Essa perspectiva que sempre nos indica que as ideias e palavras tomam rumos completamente diferentes quando ditas em distintos contextos. No caso de Crummell, "raça", "nação", "civilização", "escravidão" tiveram certos impactos no projeto colonial liberiano e outros completamente diferentes no projeto de reconstrução dos

EUA. Um mesmo vocabulário para ambos, mas assumindo direções e implicações totalmente distintas. As ideias, portanto, retornam, mas em diferentes espaços.

Esse trabalho buscou então evidenciar os sentidos desses planos, dessas ideias. O modo como o pastor, em seus termos, procurou realizar as promessas em que o mundo se propôs a acreditar a partir do século XIX, seja na Libéria ou nos EUA. Promessas entrelaçadas nas contradições e incoerências que tanto ressaltamos ao longo da dissertação. A Libéria, o lugar de autonomia e liberdade, foi construída nos textos do autor sob um processo de hierarquização e violência contra os africanos do território; ao mesmo tempo, Crummell construiu também um EUA, após 1872, com uma promessa de futuro aos negros estadunidenses, mas novamente sob o signo de hierarquias e submissão. Ao final, liberdade e dominação, outros dos polos separados e conectados para sempre na trajetória de Crummell.

Ao fim, dominação e liberdade, raça e nação, são palavras que não apenas retornaram nos textos de Crummell, mas continuam a reverberar, em outros modos e em outros projetos, em nossa modernidade. Dito de outra forma, em nosso mundo, sob o poder desses conceitos, anos depois do pastor, suas ideias e suas palavras continuam a perdurar e influenciar os destinos de nossas políticas e de nossas ações. Até porque, o poder das ideias não está apenas em seu retorno, mas também, como nos lembrou Edward Said, porque toda e qualquer ideia "existe em algum lugar, mistura-se a circunstâncias históricas, faz parte daquilo que se pode chamar simplesmente de realidade".[631]

[631] *Said*, 2012, *op. cit.*, p. 63.

Referências

ABREU, Mariana. Dimensões metodológicas do Atlântico Negro: revisitando a obra de Paul Gilroy. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 37, n. 109, p. 1-15, 2022.

AKPAN, Monday B.. Libéria e Etiópia, 1880 –1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In.: BOAHEN, Albert Adu. (Ed.). *História Geral da África VII*: África sob dominação colonial. Brasília: UNESCO, 2010, p. 281–318.

ALLEN, William E. Liberia and the Atlantic World in the Nineteenth Century: Convergences and Effects. *History in Africa*, v. 37, 2010, p. 7–49.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALVARADO, Guilherme A. Navarro. *África deve se unir?*: A formação da teorética da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan–negristas e pan–africanos (séculos XVIII – XX). Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2018.

APPIAH, Kwame A. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacob*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ÁVILA, Daiara Suellen Gabriel de. *Direitos civis e ativismo negro feminino nas escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone (1950s – 1960s)*. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BACON, M. H.; LAPSANSKY–WERNER, E. *Back to Africa*: Benjamin Coates and the colonization movement in America. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press, 2005.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BOERSMA, Gerald P.. *Augustine's early theology of image*: A study in the development of pro–Nicene theology. Nova York: Oxford University Press, 2016, p. 89 – 99; p. 218.

BRITO, Luciana da Cruz. *O avesso da raça*: Escravidão, racismo e abolicionismo entre os Estados Unidos e o Brasil. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

BURIN, Eric. *Slavery and the peculiar solution*: a history of the American Colonization Society. Flórida: University Press of Florida, 2005.

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1993.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília, Ed. Da UNB, 1997.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARLI, Caetano De'. A família escrava entre a esfera historiográfica e antropológica. *Cadernos De Estudos Sociais*, v. 23, n. 1-2, p. 37–45, 2011.

CARVALHO, J. M de. *Pontos e Bordados:* Escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CREASY, William C.. *The Imitation of Christ by Thomas a Kempis*: A New Reading of the 1441 Latin Autograph Manuscript. Macon: Mercer University Press, 2015.

CRUMMELL, Alexander. Extract from a letter from the Rev. Alex. Crummell. *African Repository*, Washington, v. 30, n. 4, p. 125-126, abr. 1854.

CRUMMELL, Alexander. Rev. Alexander Crummell's Letter. *African Repository*, Washington, v. 32, n. 8, p. 246-248, ago. 1856.

CRUMMELL, Alexander. *The duty of a rising Christian state to contribute to the world's well–being and civilization, and the means by which it may perform the same*. Londres: Wertheim & Macintosh, 1856.

CRUMMELL, Alexander. *The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa*. Hartford: Press of Case, Lockwald and Company, 1861.

CRUMMELL, Alexander. *The Future of Africa*: Being Adress, Sermons, etc., etc., delivered in the republic of Liberia. Nova York: Charles Scribner, 1862.

CRUMMELL, Alexander. The Responsability of the first fathers of a country for its future life and character. *African Repository*, v. 40, n. 9, p. 257-266, set. 1864.

CRUMMELL, Alexander. The Responsibility of the first fathers of a country for its future life and character. *African Repository*, v. 40, n. 10, p. 289-296, out. 1864.

CRUMMELL, Alexander. God 's Dealing with the African Race. *The African Repository*, Washington, v. 43, n. 9, p. 257–263, set. 1867.

CRUMMELL, Alexander. How Shall the regeneration of Africa be effected?. *African Repository*, v. 44, n. 6, p. 162–172, jun. 1868.

CRUMMELL, Alexander. The Obligation of American Black Men for the Redemption of Africa. *The African Repository*, Washington, v. 48, n. 6, p. 162 – 168, jun. 1872.

CRUMMELL, Alexander. *The Greatness of Christ and other sermons*. New York: Thomas Whittaker, 2 and 3 Bible House, 1882.

CRUMMELL, Alex. *Africa and America*: Adress and Discourses. Springfield: Willey & Co., 1891.

CRUMMELL, Alexander. *The Shades and the Lights of a fifty years ministry*. Washington, D.C.: St. Luke's Church, 1894.

CRUMMELL, Alexander. Civilization, the Primal Need of the Race. *American Negro Academy Occasional Papers*, n. 3, 1898.

DOUGLASS, Frederick. *John Brown*: An address by Frederick Douglass, at the Fourteenth Anniversary of Storer College. Dover: Morning Star Job Printing House, 1881.

DRAKE, Richard B.. Freedmen's Aid Societies and Sectional Compromise. *The Journal of Southern History*, v. 29, n. 2, 1963, p. 175–186.

DU BOIS, W. E. B.. *The Philadelphia Negro*: A Social Study. Nova York: Schocken Books, 1967.

DU BOIS, W. E. B.. *As Almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021.

DU BOIS, W. E. B.. *O negro da Filadélfia*: Um estudo social. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

EGERTON, D. R. "Its Origin Is Not a Little Curious": A New Look at the American Colonization Society. *Journal of the Early Republic*, v. 5, n. 4, p. 1985, p. 463–480.

ESPÍN, Orlando O; NICKOLOFF, James B.. *An Introductory Dictionary of Theology and Religious studies*. Minessota: Liturgical Press, 2007.

FANON, Frantz. *Sociología de una revolución*. Cidade do México: Ediciones Era, 1968.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRIS, William H. *Alexander Crummell*: An Apostle of Negro Culture. Washington: The Academy, 1920.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOGEL, Robert William; ENGERMAN, Stanley L.. *Time on the Cross*: The Economics of American Negro Slavery. Nova York: WW Norton & Company, 1995.

FONER, Eric. *Reconstruction*: America's Unfinished Revolution, 1863–1877. Nova York: Harper Perennial, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. O que é um autor?. In: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264–298.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Vozes, Petrópolis, 2011.

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Lisboa: Gradiva, 1993.

GLEDHILL, Sabrina. *Travessias no Atlântico Negro*: Reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino. Salvador: EDUFBA, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*: Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes; Centro de Estudos Afro–Asiáticos, 2001.

GRANT, Susan–Mary; PARRISH, Peter J. (ed). *Legacy of Disunion*: The Enduring Significance of the Civil War. Baton Rouge: LSU Press, 2003.

GUTMAN, Herbet G.. *Slavery and the Numbers Game*: A Critique of Time on the Cross. Chicago; Londres: University of Illinois Press, 1975.

HABSBURG, Maximilian Von. *Catholic and Protestant Translations of the Imitatio Christi, 1425–1650*: From Late Medieval Classic to Early Modern Bestseller. Abingdon: Routledge, 2011.

HIMMELFARB, G. *Os caminhos para a modernidade*: Os iluminismos britânico, francês e americano. São Paulo: É Realizações, 2011.

HOBSBAWM, E. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFBAUER, A. Dos retornos à África Ocidental: semelhanças e diferenças. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 67, p. 174–246, 2023.

HARRISON, John. The Lawfulness of the Reconstruction Amendments. *The University of Chicago Law Review*, v. 68, n. 2, p. 375–462, 2001.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos*: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.

IMPÉRIO e lugares no Brasil. Ciclo de Palestras ILB – Prof. Dr. Fabiano Gomes da Silva. YouTube, 15 set. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vice7M–xKrA. Acesso em: 13 out. 2023.

ITEMS from the Liberia Herald. *African Repository*, Washington, v. 31, n. 4, p. 90, abr. 1855.

ITEMS from the Liberia Herald. *African Repository,* Washington, v. 31, n. 11, p. 250, nov. 1855

JOHNSON, Ollie A. Explicando a extinção do partido dos Panteras Negras: O papel dos fatores internos. *Caderno CRH*, v. 15, n. 36, 2002.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos*: Estado nacional e narrativa da nação (1776 – 1900). São Paulo: Edusp, 2018.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*: Com reflexões e orações de São Francisco de Sales. Petrópoles: Vozes, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOUSSER, J. M.. *The shaping of Southern politics*: Suffrage Restriction and the Establishment of The One–Party South; 1880–1910. [S.l.]: Yale Univ. Press, 1975.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEMANN, Nicholas. *Redemption*: The Last Battle of the Civil War. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2007.

LIMA E SOUZA, Mônica. Entre margens: o retorno à África de libertos no Brasil, 1830–1870. 2008. 270f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2008.

LIMA e SOUZA, Mônica. Histórias entre margens: Retornos de libertos para a África partindo do Rio de Janeiro no século XIX. Revista de História Comparada, v. 7, n. 1, 2013.

LEGUIN, Úrsula K.. *A curva do sonho*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

MARCUSSI, Alexandre A.. Mestiçagem e perversão sexual em Gilberto Freyre e Arthur de Gobineau. *Estudos Históricos*, v. 26, n. 52, 2013, p. 275–293.

MARCUSSI, Alexandre. *Diagonais do afeto*: Teorias do intercâmbio cultural nos estudos da diáspora africana. São Paulo: Intermeios, 2016, p. 73–130.

MARCUSSI, Alexandre A.. *Cativeiro e cura*: Experiências religiosas da escravidão atlântica nos calundus de Luzia Pinta, séculos XVII–XVIII. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, USP, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845–1846). São Paulo: Boitempo, 2017.

MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2001.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial*: raça, travestismo e o culto da domesticidade. Cadernos Pagu, Campinas, 2003.

MILANI, Martinho Camargo. *Estado Livre do Congo*: Imperialismo, a roedura geopolítica (1885–1908). 2011. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro–americana*: Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas; Universidade Candido Mendes, 2003.

MONTENEGRO, Guilherme Amorim. Enquanto a tempestade não vem: o caso Dred Scott e os diques e os diques rompidos de um conflito irrepresentável. *Revista Ameríndia – História, cultura e outros combates*, v. 4, n. 2, p. 1–16, 2007.

MOREIRA, Ivone. *A Filosofia política de Edmund Burke*. São Paulo Lisboa: São Paulo, 2019.

MOSS, Alfred A.. *The American Negro Academy*: Voice of Talented Tenth. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1981.

MOSES, W. J.. *The Golden Age of Black Nationalism, 1850–1925*. Hamden, Conn.: Archon, 1978.

MOSES, W. J.. *Alexander Crummell*: A Study of Civilization and Discontent. Amherst: University of Massachusetts Press, 1989.

MUDIMBE, Valentin–Yves. *A invenção de África*: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Luanda; Mangualde (Portugal): Edições Mulemba; Edições Pedago, 2013.

OLDFIELD, J. R. *Alexander Crummell (1819–1898) and the Creation of an African–American Church in Liberia.* Wales: Edwin Mellen Press, 1990.

OLIVEIRA, Petrus A.. *Homem, Sociedade e Governo*. In.: VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA, 2019, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: UFMG, 2019, p. 1287–1297.

OLIVEIRA, Petrus A.. Contra-ataque em Angola: o futebol contra a situação colonial. *Revista Espacialidades*, v. 17, n. 2, p. 79–93, 2021.

PAIVA, Eduardo Franca. *Dar nome ao novo*: uma historia lexical da Ibero-America, entre os seculos XVI e XVIII (as dinamicas de mesticagens e o mundo do trabalho). Belo Horizonte: Autentica, 2015.

PERMAN, Michael. *Eric Foner's Reconstruction*: A Finished Revolution. *Reviews in American History*, v. 17, n. 1, p. 73–78, 1989.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*: Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

PRICE, Richard. O milagre da crioulização: restrospectiva. *Estudos Afro–Asiáticos*, n. 3, p. 383–419, dez. 1999.

REIS, Raissa Brescia dos. *África Imaginada*: História Intelectual, Panafricanismo, Nação E Unidade Africana Na Présence Africaine (1947-1966). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

REV. ALEXANDER Crummell, of Liberia; Trade, treaty, etc. *The Africa Repository*, Washington, v. 38, n. 4, p. 127, abr. 1862.

REYNOLDS, David S.. *John Brown, Abolitionist*: The Man Who Killed Slavery, Sparked the Civil War, and Seeded Civil Rights. Nova York: Vintage, 2014.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Max Silva da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Análise retórica do gênero discursivo sermão oral. *Polifonia*, v. 25, n.37.1, p.88–106, jan./abr. de 2018.

RIGSBY, G. U. *Alexander Crummell*: Pioneer in Nineteenth–Century Pan–African Thought. Nova York: Greenwood Press, 1987.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward. *A questão da Palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SHERWOOD, Henry Noble. The Formation of the American Colonization Society. *The Journal of Negro History*, v. 2, n. 3, p. 209–228, jul. 1917.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SKINNER, Quentin. *Visões da política*: Sobre os métodos históricos. Algés: DIFEL, 2005.

SPIELMANN, R. M.. A Neglected Source: The Episcopal Church Congress, 1874–1934. *Anglican and Episcopal History*, v. 1, n. 58, 1989.

SILVA, Fabiano Gomes da. *Viver honradamente de ofícios*: Trabalhadores manuais livres, garantias e rendeiros em Mariana. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SOUZA, Tainá Elis Santos (2017). Os desafios dos expatriados: O estabelecimento do ex–escravo William Douglas e sua família na Libéri (1857 – 1866). *Sankofa*, v. 10, n. 19, p. 131, ago. 2017.

SOUZA, Tainá Elis Santos. Redenção da África; a libertação e elevação da raça africana: Os primeiros discursos de Edward W. Blyden e o estabelecimento da Libéria (1856 – 1871). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2020.

STOCKING JR., George. *Race, culture, and evolution*: Essays in the history of Anthropology. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1982.

SUMMERS, Mark Wahlgren. *The Ordeal of the Reunion*: A New History of Reconstruction. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014.

THORNTON, John K. The Development of an African Catholic Church in the Kingdom of Kongo, 1491– 1750. *Journal of African History*, v. 25, n. 2, p. 147– 167, 1984.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*: Leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WAHLE, K. O. Alexander Crummell: Black Evangelist and Pan–Negro Nationalist. *Phylon*, v. 29, n.4, 1968, p. 388–395.

WASSERMAN, Cláudia. 2015. História Intelectual: Origem e abordagens. In.: *Tempos Históricos*, v. 19, p. 63–79, 2015.

Anexos

Anexo III – Trajetória biográfica de Alexander Crummell (1819 – 1898)

1819	- Nasceu em Nova York, EUA.
1841	- Ordenado *lay reader* da *Christ Church Epischopal* (Providência, Rhode Island).
1845	- Tornou-se *rector*[632] da segunda igreja episcopal negra de Nova York, a *Church of the Messiah.*
1848 – 1853	- Viveu na Inglaterra, onde adquiriu o grau de *Bachelor Arts* na Universidade de Cambridge.
1853 – 1858	- Já na Libéria, assumiu os trabalhos da *Trinity Church*, congregação da capital liberiana, Monróvia.
1858 – 1861	- Professor em Cape Palms, em escola de missão episcopal, *Mt Vaughan High School*.
1861 – 1863	- Viagem aos EUA
1863 – 1866	- Professor de professor de filosofia moral, literatura e língua inglesa, lógica, retórica e história *Liberia College*
1866 – 1872	- Líder paroquial de congregação em Nova Geórgia, noroeste do país.
1872	- Retornou definitivamente aos EUA.
1873 – 1879	- Diácono da *St. Mary's Chapel*, em Washington D.C..
1879	- Ergueu um novo e grande prédio para sua congregação em Washington D.C., denominado de *St. Luke's*.
1879 – 1894	- Estabeleceu-se como líder paroquial de St. Luke's.
1895	- Viagem no sul dos EUA.
1896	- Fundou a *American Negro Academy*.
1897	- Viagem à Inglaterra.
1898	- Faleceu em Nova York, EUA.

[632] Dentro de uma unidade eclesial dos episcopais, existe uma hierarquia bem definida e dentro do que podemos considerar o *staff*, os administradores diretos, há uma ordem crescente de importância de determinados cargos administrativos: *deacon, curate; vicar* e por fim, *rector*, a principal liderança da paróquia.

Anexo IV – Publicações de Alexander Crummell (1853 – 1891)

Título	Data	Suporte	Formato
"Extract from a letter from the Rev. Alex. Crummell"	Abril de 1854	*African Repository*, volume 30 número 04	Carta
"Rev. Alexander Crummell's Letter"	Agosto de 1856	*African Repository*, volume 32 número 08	Carta
"The duty of a rising Christian state"	1856	Panfleto	Sermão (republicado em "The Future of Africa")
"Oration on the Duty of a Rising Christian Church"	Outubro de 1857	*African Repository*, volume 33 número 10	Sermão (trechos)
"The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa"	1861	Panfleto	Carta (republicada em "The Future of Africa")
"The Relations and Duties of Free Colored Men in America to Africa"	Abril de 1861	*African Repository*, volume 37 número 14	Carta (trechos)
"The Future of Africa"	1862	Livro	8 sermões; 1 carta; 1 artigo
"The Responsability of the first fathers of a country for its future life and character"	Setembro de 1864; Outubro de 1864	*African Repository*, volume 40 número 9 e 10	Sermão (republicado em "Africa and America")
"God 's Dealing with the African Race"	Setembro de 1867	*African Repository*, volume 43 número 9	Sermão (trecho final) (republicado integralmente em "The Greatness of Christ" e sob o

			nome de “The Destined Superiority of the Negro)
“How Shall the Regeneration of Africa be Effected?”	Junho de 1868; julho de 1868	*African Repository*, volume 44 número 6 e 7	Sermão
“The Obligation of American Black Men for the Redemption of Africa”	Fevereiro de 1872; junho de 1872; agosto de 1872.	*African Repository*, volume 48 número 2, 6 e 8	Sermão
“Marriage and Divorce: a sermon preached in St. Luke's Church, Washington”	1881	Panfleto	Sermão
“The Greatness of Christ: and other sermons”	1882	Livro	20 sermões
“A defence of the Negro race in America from the assaults and charges of Rev. J.L. Tucker	1883	Panfleto	Artigo (republicado em “Africa and America”)
“The Race-Problem in America”	1889	Panfleto	Sermão (Republicado em “Africa and America”)
Africa and America - Addresses and Discourses	1891	Livro	14 sermões/2 eulógios
The Shades and the lights of a fifty years ministry	1894	Livro	Texto Memorialístico
"Incidents of Hope for the Negro Race in America”	1895	Panfleto	Sermão
Civilization the primal need of the race	1897	Panfleto	Discurso